WORLD OF WARCRAFT

CREPÚSCULO DOS ASPECTOS



CHRISTIE GOLDEN

GALERA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Outras obras da Blizzard Entertainment publicadas pela Galera Record:

World of WarCraft – Marés da guerra
World of WarCraft: A ruptura – Prelúdio de Cataclismo
World of WarCraft: Vol'Jin – Sombras da horda
World of WarCraft – Alvorada dos aspectos
World of WarCraft – Crimes de Guerra
World of WarCraft: Thrall – Crepúsculo dos aspectos

Diablo III – A ordem
Diablo III – Livro de Cain
Diablo III – Livro de Tyrael
Diablo III – Tempestade de luz

StarCraft II – Ponto crítico
StarCraft II – Demônios do paraíso

WORLD OF WARCRAFT®

THRALL

CREPÚSCULO DOS ASPECTOS

CHRISTIE GOLDEN

Tradução de
Bruno Galiza
Rodrigo Santos
Yuri Riccaldone

1ª edição

Galera
Rio de Janeiro
2014

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G566w

Golden, Christie, 1963-

World of warcraft: crepúsculo dos aspectos [recurso eletrônico] / Christie Golden ; tradução Bruno Galiza , Yuri Riccaldone , Rodrigo Santos. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Galera, 2014.

recurso digital (World of warcraft ; 6)

Tradução de: World of warcraft : twilight of th e aspects

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-01-10294-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Galiza, Bruno. II. Riccaldone, Yuri. III. Santos, Rodrigo. IV. Título. V. Série.

14-17748

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:
World of Warcraft: Thrall – Twilight of The Aspects

Copyright © 2011 by Blizzard Entertainment, Inc.

World of Warcraft: Dawn of The Aspects, Diablo, StarCraft, Warcraft, World of Warcraft, e Blizzard Entertainment são marcas ou marcas registradas de Blizzard Entertainment, Inc. nos Estados Unidos e/ou em outros países. Outras referências a marcas pertencem a seus respectivos proprietários. Edição original em inglês publicada por Simon & Schuster, Inc. 2013 Edição traduzida para o português por Galera Record 2014.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Composição de miolo da versão impressa: Abreu's System

Coordenação de Localização
ReVerb Localização

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-10294-2

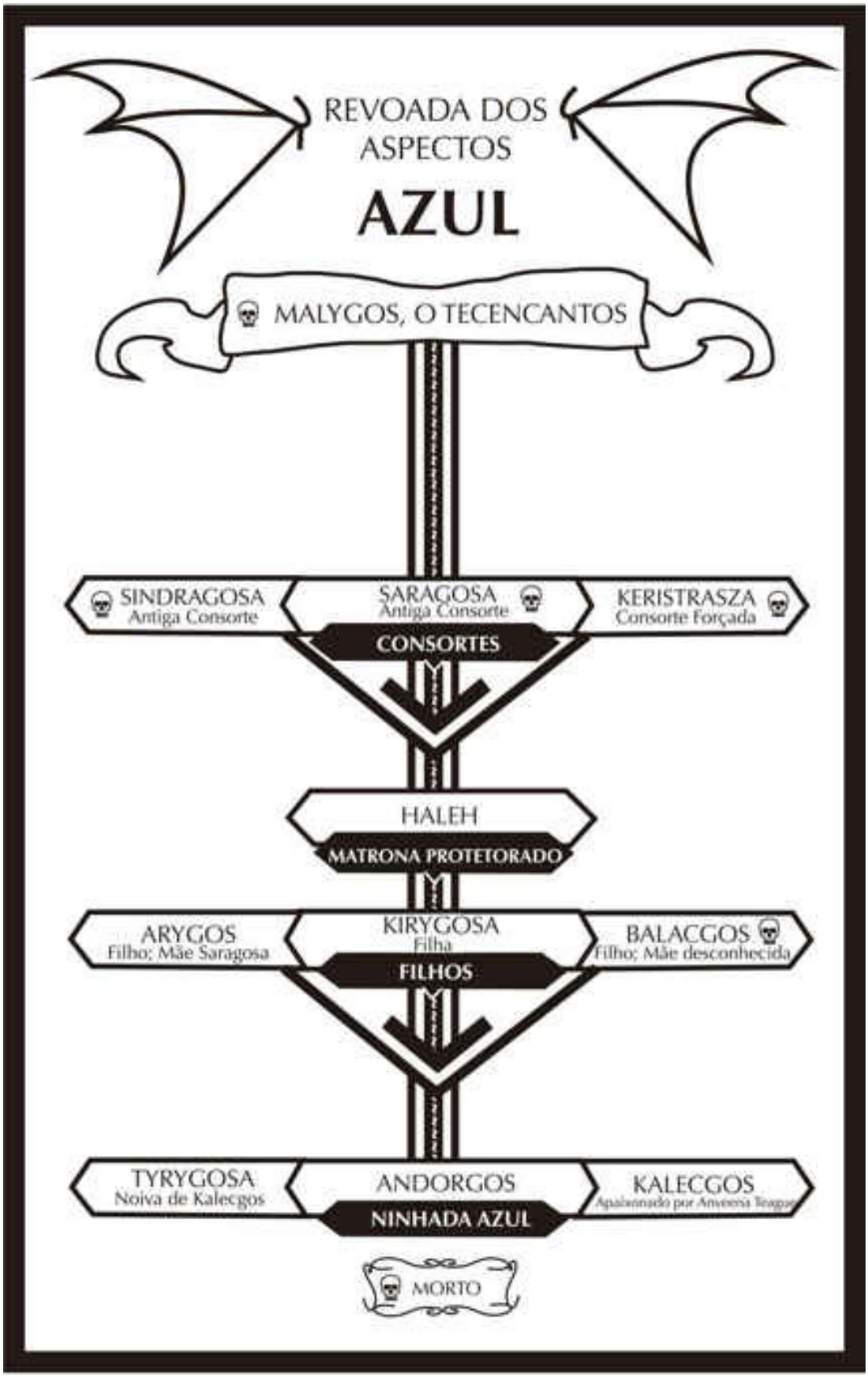
Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

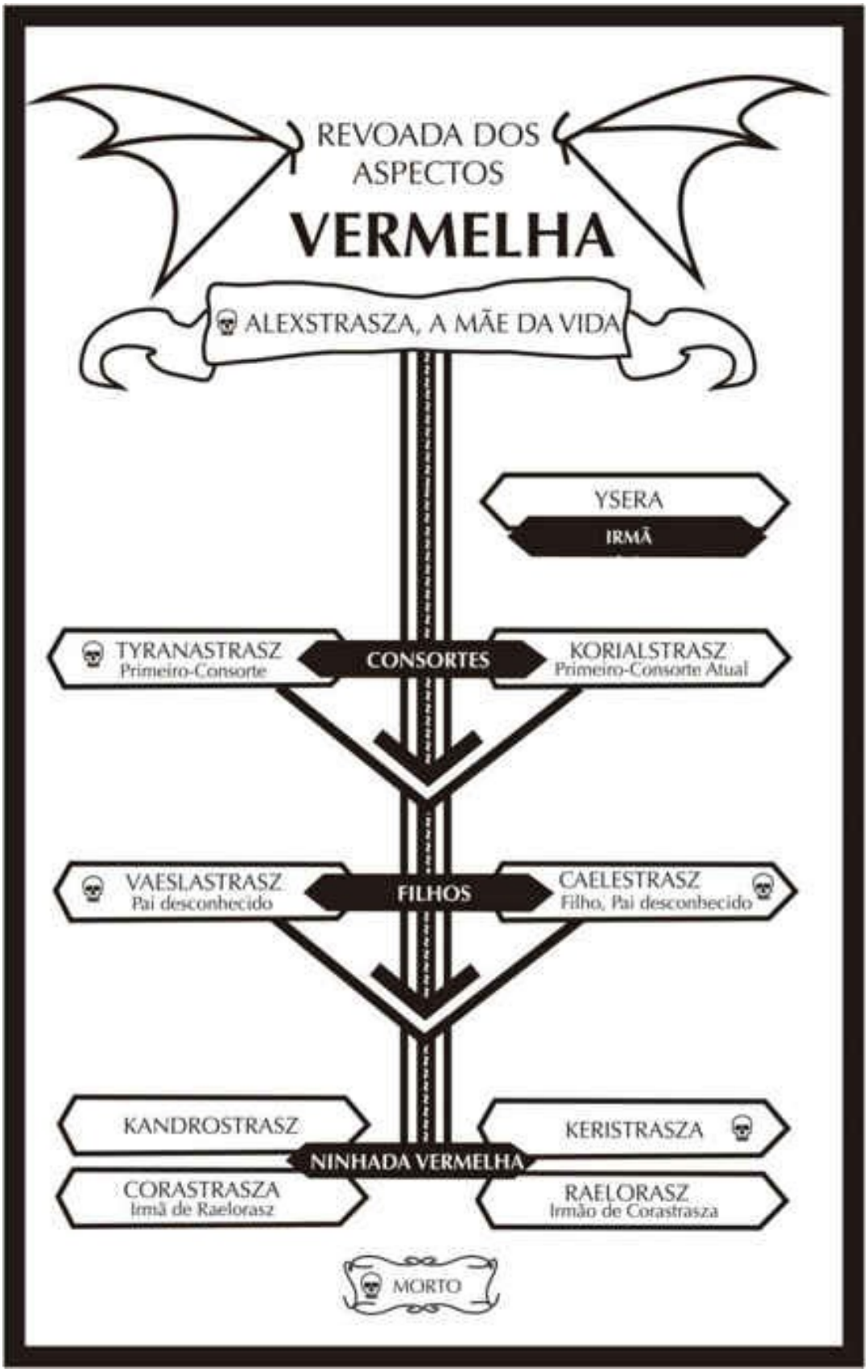
Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

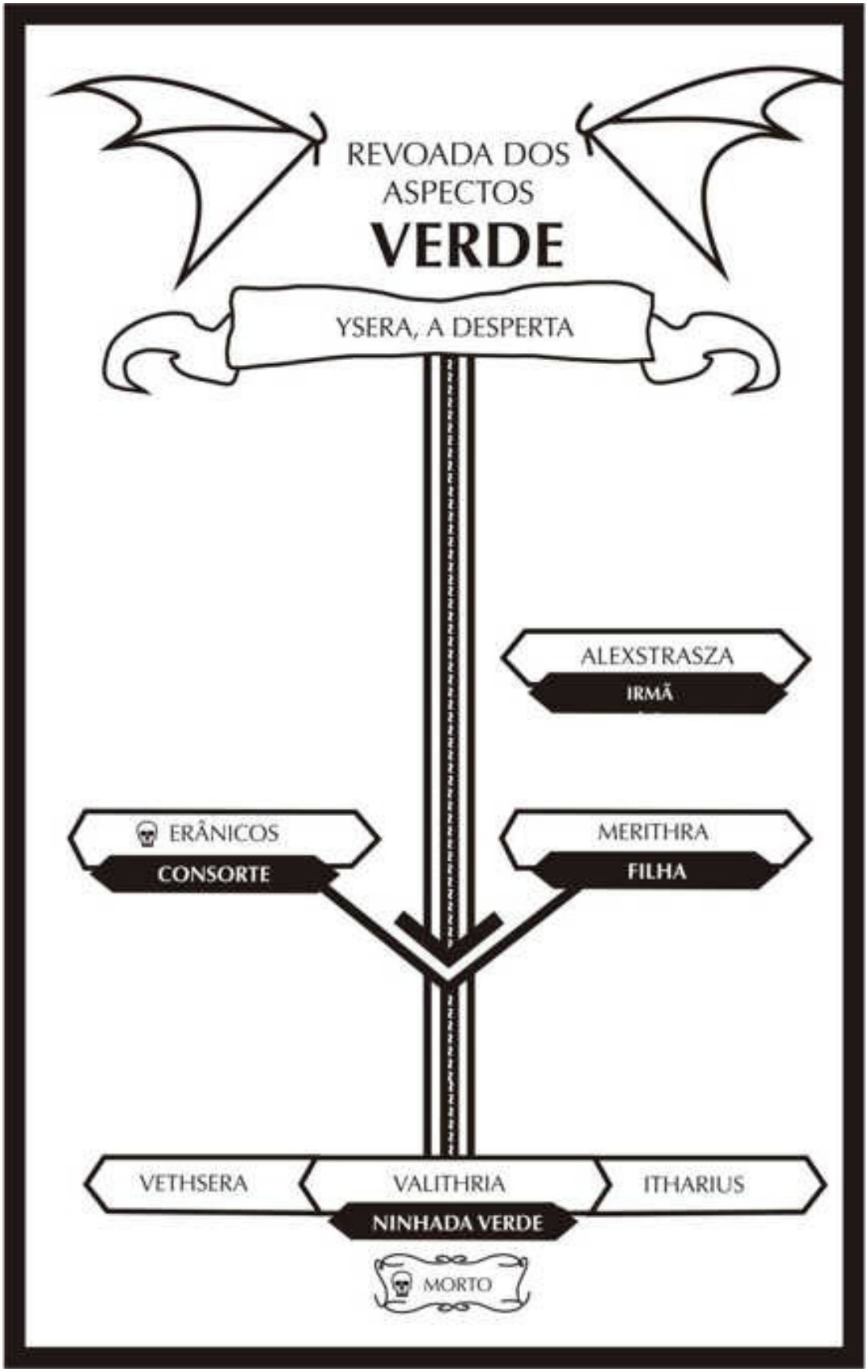
Uma vez que esta história fala sobre o processo de cura de um mundo ferido, eu gostaria de dedicá-la a alguns dos professores e curadores que doaram parte de si para curar nosso mundo ferido.

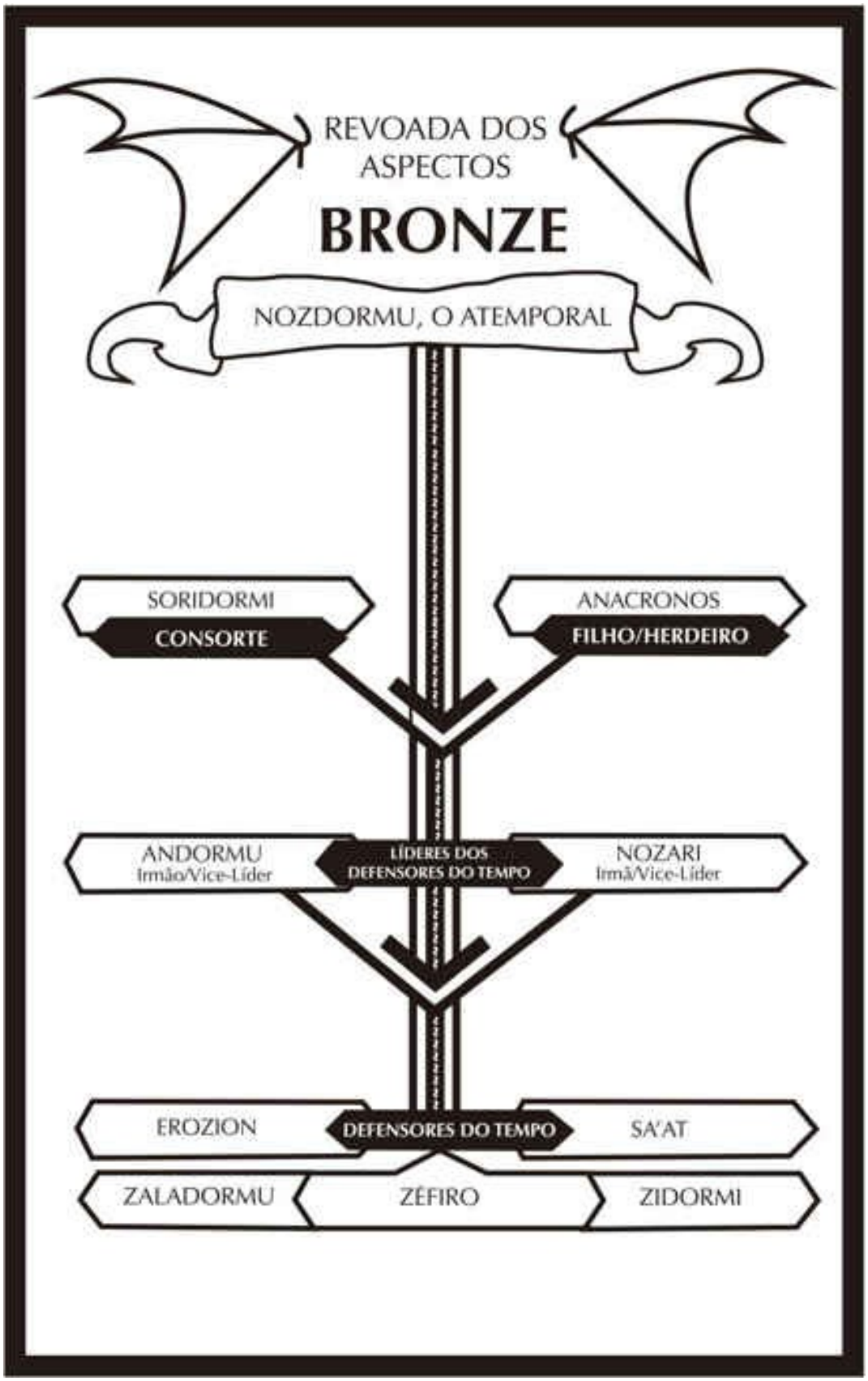
Jeffrey Elliott
Greg Gerritsen
Kim Harris
Peggy Jeens
Anne Ledyard
Mary Martin
Anastacia Nutt
Katharine Roske
Richard Suddath
David Tresemer
Lila Sophia Tresemer
Monty Wilburn

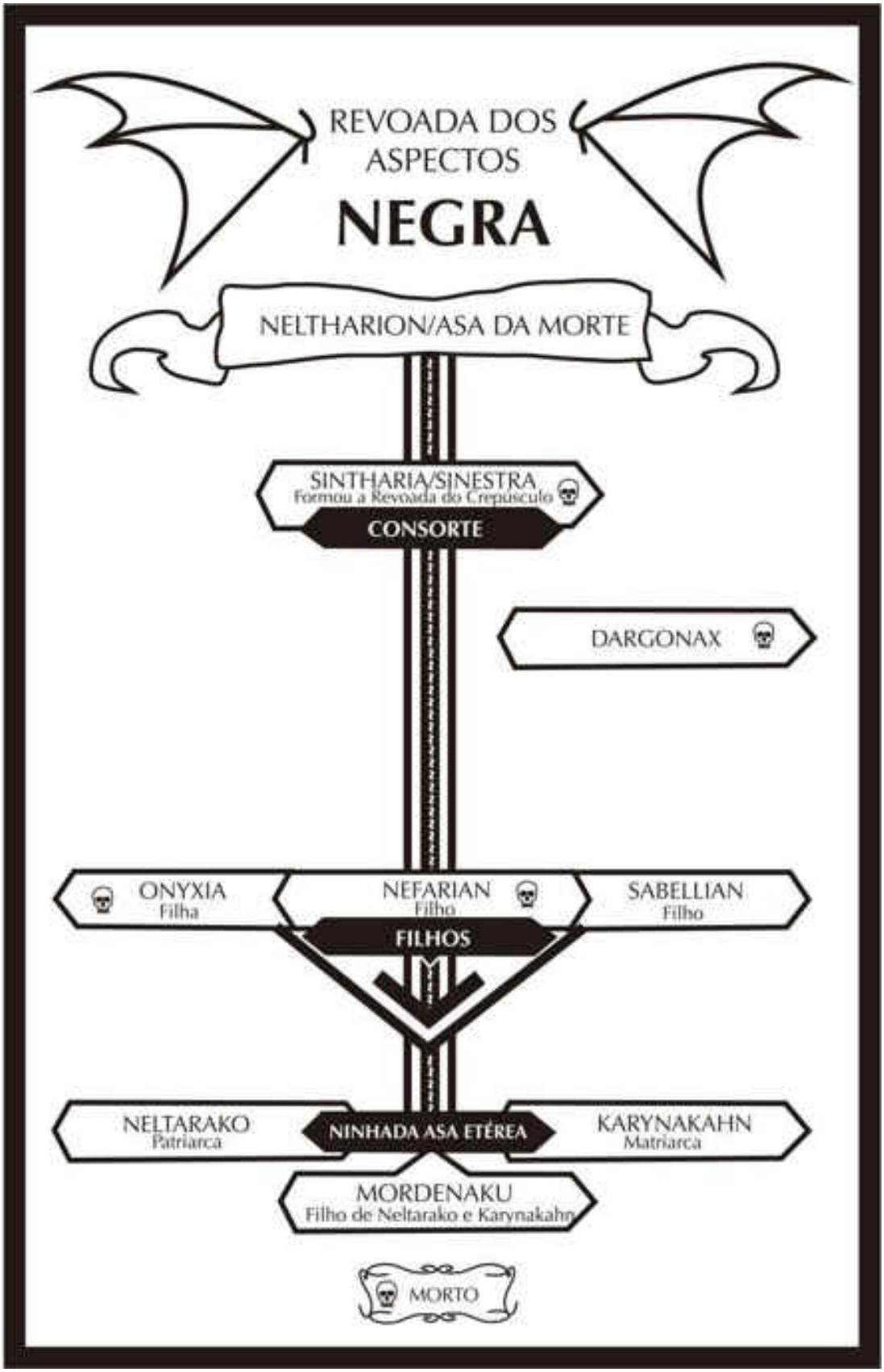

A JORNADA DE THRALL
NORTÚNDRIA
NEXUS
KALIMDOR
A VORAGEM
DESOLAÇÃO
FERALAS
TANARIS


REVOADA DOS ASPECTOS
AZUL
MALYGOS, O TECENCANTOS
SINDRAGOSA
Antiga Consorte
SARAGOSA
Antiga Consorte
KERISTRASZA
Consorte Forçada
CONSORTES
HALEH
MATRONA PROTETORADO
ARYGOS
Filho; Mãe Saragosa
KIRYGOSA
Filha
BALACCGOS
Filho; Mãe desconhecida
FILHOS
TYRYGOSA
Noiva de Kalecgos
ANDORGOS
KALECGOS
Apaixonado por Anveena Teagu
NINHADA AZUL
MORTO


REVOADA DOS ASPECTOS
VERMELHA
ALEXSTRASZA, A MÃE DA VIDA
YSERA
IRMÃ
TYRANASTRASZ
Primeiro-Consorte
CONSORTES
KORIALSTRASZ
Primeiro-Consorte Atual
VAESLASTRASZ
Pai desconhecido
FILHOS
CAELESTRASZ
Filho, Pai desconhecido
KANDROSTRASZ
KERISTRASZA
NINHADA VERMELHA
CORASTRASZA
Irmã de Raelorasz
RAELORASZ
Irmão de Corastrasza
MORTO


REVOADA DOS
ASPECTOS
VERDE
YSERA, A DESPERTA
ALEXSTRASZA
IRMÃ
ERÂNICOS
CONSORTE
MERITHRA
FILHA
VETHSERA
VALITHRIA
ITHARIUS
NINHADA VERDE
MORTO


REVOADA DOS ASPECTOS
BRONZE
NOZDORMU, O ATEMPORAL
SORIDORMI
CONSORTE
ANACRONOS
FILHO/HERDEIRO
ANDORMU
Irmão/Vice-Líder
LÍDERES DOS DEFENSORES DO TEMPO
NOZARI
Irmã/Vice-Líder
EROZION
DEFENSORES DO TEMPO
SA'AT
ZALADORMU
ZÉFIRO
ZIDORMI


REVOADA DOS ASPECTOS
NEGRA
NELTHARION/ASA DA MORTE
SINTHARIA/SINESTRA
Formou a Revoada do Crepusculo
CONSORTE
DARGONAX
ONYXIA
Filha
NEFARIAN
Filho
SABELLIAN
Filho
FILHOS
NELTARAKO
Patriarca
NINHADA ASA ETÉREA
KARYNAKAHN
Matriarca
MORDENAKU
Filho de Neltarako e Karynakahn
MORTO

1



Thrall, antigo chefe da grande e poderosa Horda, agora um xamã tão grandioso quanto todos aqueles que o cercavam, esfregou os olhos e lutou para permanecer de pé. A terra tremia. Era uma ilhota patética, cercada pelas águas furiosas do oceano, cuja dor provocava violentas convulsões.

Não havia muito, um Aspecto Dragônico ensandecido adentrara Azeroth, rasgando a terra por onde passava. O insano Asa da Morte estava livre uma vez mais, e seu violento retorno deixara feridas profundas no mundo. Nas mentes nas quais ainda perseverava a esperança, havia crença na salvação de Azeroth, mas ela jamais voltaria a ser o que fora.

No centro do mundo, num lugar chamado Voragem, uma ilha havia muito soterrada fora cuspida de volta à superfície. Ali se reunira um grupo que se esforçava desesperadamente para restaurar as terras dilaceradas.

Eram poderosos xamãs, membros da Harmonia Telúrica, que deixaram para trás deveres e responsabilidades das mais importantes para se reunirem ali. Sozinhos, não seriam capazes de muita coisa. Unindo toda sua experiência e sabedoria, conseguiriam muito mais.

Eles eram muitos. Sozinhos, aos pares ou em pequenas agrupações, todos se esforçavam para não cair dos escorregadios e tremebundos recifes. Seus braços se erguiam em gestos de comando e prece. Embora não se tocassem, estavam unidos espiritualmente, com os olhos fechados, imersos na conjuração de um feitiço de cura.

Os xamãs tentavam apaziguar os elementos da terra. Embora estivessem feridos, os elementos eram muito mais poderosos do que os xamãs. Se a terra fosse acalmada, ela poderia absorver o próprio vasto poder. Mas a terra, as rochas, o solo e os próprios ossos de Azeroth amargavam outra dor: a traição. Asa da Morte, o Aspecto Dragônico negro, outrora conhecido como Neltharion, fora o Guardião da Terra. Ele fora encarregado de protegê-la e guardar seus segredos. Agora, ele a desprezava, indiferente à dor e ao caos causados pelos seus rompantes de destruição.

A terra estremecia, aos prantos.

— Aguentem firme! — ressoou uma voz que de alguma forma se fez ouvir em meio aos rugidos da terra e o rebentar das ondas que tentavam derrubá-los de seus precários apoios. A voz pertencia a Nobambo, o primeiro entre seu povo, os Degradados, a se tornar xamã. Era a sua vez de conduzir o ritual e, até então, ele o fizera com maestria.

— Abram-se a seus irmãos e irmãs! Sintam-nos, contemplem a chama gloriosa do Espírito da Vida que arde em seu peito!

Ao lado de Thrall, em uma das ilhotas recém-formadas, estava Aggra, uma Mag'har, descendente do clã Lobo do Gelo, a qual o orc conhecera em Nagrand e a quem se afeiçoara. Ela tinha a pele castanha e os cabelos acaju raspados na fronte e amarrados num rabo de cavalo atrás. Segurava a mão de Thrall com força. Aquilo não era uma conjuração sutil e delicada: era uma prova.

Eles se postavam, sobranceiros, à beira do abismo. O vento açoitava o mar, erguendo ondas que rebentavam num estrondo contra as rochas escarpadas. Era uma decisão arriscada, mas eles teriam que acalmar a natureza antes de iniciar o processo de cura.

Thrall sentiu os músculos enrijecidos, tentando manter-se firme. Eram

coisas demais com o que se preocupar: manter o equilíbrio para não despencar no oceano e nas pedras pontiagudas, e ainda buscar a paz interior que lhe permitiria se conectar profundamente aos seus companheiros. Somente um xamã bastante hábil e experiente pode receber o Espírito da Vida, a energia que os permite entrar em comunhão e interagir com os elementos e com outros xamãs.

Ele sentiu a essência de seus companheiros transcender, formando um oásis de tranquilidade em meio ao caos, e se esforçou para imergir dentro de si mesmo. O orc se concentrou na respiração, obrigando-se a inalar e exalar lentamente o ar marejado, de modo a se livrar de todas as suas preocupações.

Puxar pelo nariz... soltar pela boca... sinta a sola dos pés na terra, transcenda com o coração. Segure a mão de Aggra, mas não se apoie nela. Feche os olhos para abrir o espírito. Encontre o centro e, no centro, encontre a paz. Encontrada a paz, entre em comunhão com o grupo.

As mãos de Thrall gotejavam de suor. Suas pernas vacilaram e ele escorregou. Recompôs-se rapidamente e retomou a respiração lenta e o ritual de centralização. Mas era como se seu corpo possuísse consciência própria e não respeitasse suas instruções. O corpo queria lutar, fazer algo, não ficar parado, respirando. Ele...

De repente, um clarão cortou o ar, tão forte que o orc pôde vê-lo mesmo com as pálpebras cerradas. Um raio caíra muito perto, causando um estrondo terrível. Ouviu-se outro estrondo e a terra tremeu com ainda mais força. Thrall abriu os olhos a tempo de ver um pedaço de terra, devastada pelo raio, desmoronar sob os pés de um goblin e um anão. Eles gritaram de susto e se agarraram aos xamãs que estavam ao lado, ficando suspensos sobre as ondas vorazes e as rochas pontiagudas.

— Segure firme! — gritou o tauren que segurava o goblin pela mão, enquanto puxava com força. O draenei que segurava o anão imitou o gesto. Aos arquejos, ambos foram puxados de volta à superfície.

— Recuar, recuar! — gritou Nobambo. — Aos abrigos, depressa!

Um dos recifes se desfez em pedaços, tornando desnecessários os apelos do

Degradado. Orcs, taurens, trolls, goblins, anões e draeneis corriam às suas montarias, enquanto os céus se abriam e despejavam uma chuva cortante feito faca sobre suas cabeças. Eles se empoleiraram nas feras e correram de volta aos abrigos, que estavam armados numa das ilhas maiores. Thrall esperou Aggra montar e só então levantou voo com sua mantícora.

Os abrigos não passavam de tendas improvisadas, armadas o mais longe possível do mar e protegidas por feitiços. Cada indivíduo ou casal possuía a própria tenda. Elas estavam dispostas em círculo, em volta de uma área aberta para realização de rituais. Os feitiços protegiam os xamãs das manifestações destrutivas dos elementos, como os raios, mas ainda havia o risco da terra se abrir sob seus pés. Tais perigos acompanhavam os xamãs aonde quer que eles fossem.

Thrall chegou primeiro e segurou o toldo de couro até que Aggra entrasse, só então amarrando-o para selar a tenda. A chuva caía sobre o toldo, como quem bate à porta com força, querendo entrar, e as rajadas de vento faziam tremer as tendas. Mas elas resistiriam.

O orc despiu as roupas encharcadas, tremendo de frio. Aggra imitou o gesto, em silêncio. As roupas molhadas os matariam tão certo, e talvez tão rápido, quanto o golpe de um raio. Secaram a pele molhada, uma verde, a outra castanha, e vestiram roupas limpas e secas, que guardavam num baú. Thrall se pôs a acender um fogareiro.

Ele sentiu os olhos de Aggra sobre si. Palavras não ditas pairavam no ar. Finalmente, ela rompeu o silêncio.

— Go'el — disse ela, num tom preocupado, com sua voz profunda e rascante.

— Não diga nada — interrompeu Thrall, enquanto se ocupava em ferver água para preparar uma bebida quente para eles dois.

Olhou para ela e viu seus olhos rolarem nas órbitas, as palavras entaladas na garganta, numa expressão de profundo desgosto. Não gostava de lhe tratar assim, mas não tinha ânimo para discutir o que acabara de acontecer.

O feitiço falhara e Thrall sabia que a culpa era dele.

Ficaram sentados num silêncio canhestro, enquanto a tempestade e a terra rugiam lá foram. Então, como uma criança que adormece após tanto chorar, a terra se acalmou. Thrall podia sentir que ela ainda não estava em paz e continuava muito ferida, mas, pelo menos, estava quieta.

Por enquanto.

Quase que imediatamente, as vozes recomeçaram a surgir do lado de fora da tenda. Thrall e Aggra emergiram no dia cinza e sentiram o chão molhado sob seus pés. Os outros estavam se reunindo na área principal e em seus rostos via-se um misto de cansaço e determinação.

Enquanto se aproximavam, Nobambo os fitava. Ele já fora um draenei. Sua forma não era orgulhosa e altiva, mas curvada e deformada pela exposição a energias malignas. Muitos Degradados eram maus e corruptos, mas não Nobambo. Ele fora abençoado, seu nobre coração se abrira aos poderes xamânicos e fora ele quem levara o poder xamânico ao seu povo. Ao seu lado, postavam-se vários draeneis, suas formas puras e limpas. Ainda assim, na opinião de muitos, Nobambo os ofuscava por suas admiráveis qualidades.

Quando os olhos do sumo xamã e os de Thrall se encontraram, o orc sentiu vergonha. Thrall respeitava Nobambo — assim como todos os xamãs ali reunidos — profundamente, e gostaria de jamais tê-lo desapontado. Mas o desapontara.

A mão gigantesca de Nobambo acenou:

— Aproxime-se, meu amigo — falou baixinho, olhando o orc com ternura.

No entanto, a ternura não era compartilhada por todos e Thrall sentiu vários olhares raivosos sobre si enquanto se aproximava. Outros chegavam, em silêncio, para se juntar à reunião informal.

— Você conhece o feitiço que estávamos conjurando — disse Nobambo, calmo — para apaziguar e reconfortar a terra. É uma conjuração difícil, reconheço, mas todos nós sabemos fazê-la. Pode nos dizer por que...?

— Chega de rodeios — grunhiu Rehgar. Tratava-se de um orc gigantesco e coberto de cicatrizes. A última palavra que alguém pensaria ao vê-lo seria "espiritual". Ledo engano. A vida de Rehgar o havia levado de gladiador a senhor

de escravos, amigo leal e conselheiro de Thrall, e a jornada ainda estava longe do fim. Naquele instante, qualquer orc teria se encolhido diante de sua ira, exceto o antigo chefe da Horda. — Thrall... O que está havendo com você? Todos sentimos que você não estava concentrado!

Thrall cerrou os punhos involuntariamente e tentou relaxar.

— Só permitirei que fale assim comigo porque somos amigos, Rehgar — respondeu Thrall em tom calmo, mas firme.

— Rehgar tem razão, Thrall — observou Muln Terrafúria, com sua voz profunda e retumbante. — A conjuração é difícil, mas não impossível e nem mesmo nova para você. Você é um xamã e já passou por todos os ritos de seu povo. Drek'thar o proclamou salvador dos orcs, porque os elementos falaram consigo após anos e mais anos de silêncio. Não é uma criança inexperiente para receber colo e piedade. É um membro da Harmonia, deste círculo honrado e forte, ou então não estaria aqui. Ainda assim, fraquejou num momento crucial. Podíamos ter silenciado os tremores, mas você perturbou a conjuração. Tem que nos dizer o que o está distraindo para que possamos ajudá-lo.

— Muln — disse Aggra, mas Thrall ergueu a mão, interrompendo-a.

— Não é nada — disse ele a Muln. — A conjuração é pesada e cansativa, e eu estou com a cabeça cheia. Nada de mais.

— Está com a cabeça cheia — repetiu Rehgar, cuspindo logo em seguida. — Nós todos estamos. Cheia de coisinhas bestas como *salvar o mundo antes que ele se faça em pedaços*!

Por um instante, Thrall esboçou um olhar de fúria e iria responder, mas Muln tomou a palavra antes:

— Thrall era o líder da Horda, Rehgar, e não você. Você não sabe o fardo que ele carregou e ainda carrega nos ombros. E como quem até pouco era senhor de escravos, você não está em posição de fazer julgamento moral de ninguém! — Então se virou para Thrall e prosseguiu: — Não quero ofendê-lo, Thrall. Só quero saber como podemos ajudá-lo para que você possa nos ajudar também.

— Sei o que está fazendo — resmungou Thrall —, e não gosto disso.

— Talvez — retomou Muln, diplomaticamente —, você precise descansar

um pouco. Nosso trabalho exige muito, e até os mais fortes se cansam.

Thrall nem sequer respondeu o companheiro. Limitou-se a concordar com a cabeça e se dirigiu à sua tenda.

Havia muito tempo que ele não sentia tanta raiva assim. E a pessoa de quem mais sentia raiva era si mesmo. Sabia que havia sido o elo fraco da corrente, e que fracassara em se concentrar no momento crucial. Ainda não estava em condições de imergir dentro de si mesmo e tocar o Espírito da Vida. Não sabia se jamais seria capaz de fazê-lo. E devido à sua incapacidade, o feitiço falhara.

Estava infeliz consigo mesmo, com a conjuração, com as brigas mesquinhas, com tudo. Então, subitamente, percebeu que carregava aquela infelicidade havia um longo tempo.

Meses atrás, tomara uma difícil decisão: abandonara o posto de chefe da Horda para se dirigir à Voragem. Seguiria o caminho de xamã, e não de líder. A princípio, achou que seria uma situação temporária. Cedera o posto de comando a Garrosh Grito Infernal, filho do falecido Grom Grito Infernal, e viajou a Nagrand para estudar com sua avó, a Grande Mãe Geyah. Isso fora antes do grande Cataclismo abalar Azeroth. Thrall sentira a inquietude dos elementos e esperou conseguir fazer algo para acalmá-los e impedir a tragédia que se sucedera.

Em Nagrand, estudou com uma linda, mas irritante xamã de nome Aggra. Ela o motivou a ir bem fundo pelas respostas que procurava e os dois se apaixonaram. Então, regressou a Azeroth e, com a tragédia do Cataclismo, decidiu seguir para a Voragem com sua amada.

Àquela altura, parecera-lhe a coisa certa a se fazer. A melhor decisão, a mais difícil. Deixar sua terra e seu conforto para trabalhar por um bem maior. Mas agora estava em dúvida.

Enquanto viajava por Nagrand, Garrosh matara um amigo muito querido por ele, o chefe tauren Caerne, num combate ritualístico. Depois, Thrall soube que Magatha Temível Totem, uma antiga rival de Caerne, convencera Garrosh a lutar com uma lâmina envenenada. Ele não conseguia tirar da cabeça a ideia de que, se não tivesse deixado Azeroth, Caerne não teria refutado a liderança de

Garrosh e ainda estaria vivo.

Ele estava esperando algo diferente de Aggra... mas não sabia o quê. No mínimo, um relacionamento diferente do que estavam tendo. A princípio, sentira-se repelido por sua franqueza e arestas grosseiras, mas aprendera a aceitá-las e até mesmo a amá-las. Agora, no entanto, parecia que, em vez de ter encontrado uma companheira para apoiá-lo e encorajá-lo, só havia encontrado mais alguém para criticá-lo.

Não estava sendo bem-sucedido sequer em ajudar a Harmonia Telúrica a acalmar os elementos, como bem demonstrava o fiasco daquele dia. Ele se desfizera do manto de chefe e amargara a morte de um amigo para vir ajudar a Harmonia. E isto nem sequer estava dando certo.

Nada estava dando certo. Nada estava acontecendo conforme planejara, e Thrall, antigo chefe da Horda, xamã e guerreiro, sentia que não havia nada que pudesse fazer para melhorar a situação.

Não era uma sensação à qual estava acostumado. Liderara a Horda com sucesso por muitos anos. Era bom estrategista e diplomata, sabia quando um líder devia ouvir, quando falar e quando agir. Esta incerteza que lhe embrulhava o estômago... era uma sensação nova e estranha, e ele já a detestava.

Ele ouviu o toldo sendo aberto, mas não se virou para olhar.

— Eu teria dado um tapa na orelha de Rehgar pelo que disse — veio-lhe a voz forte e rascante de Aggra — se eu não tivesse desejado falar a mesma coisa mais cedo.

— Você sabe bem como me reconfortar — grunhiu Thrall. — Está ajudando *bastante*. Agora, sim, vou sair lá fora e transcender na maior facilidade. Acho que você deveria ter liderado a Horda em vez de mim. Com certeza, a Horda e a Aliança estariam bem mais unidas, e crianças de todas as raças brincariam pelas ruas de Orgrimmar e Ventobravo.

Ela riu e falou com uma voz calorosa, assim como a mão que depositou no ombro do orc. Ele resistiu ao ímpeto de repeli-la, mas continuava nervoso. Quedou imóvel, em silêncio. Ela lhe afagou o ombro e pôs-se face a face com ele.

— Observo-o desde que nos conhecemos, Go'el — disse ela, seus olhos

procurando os dele. — Primeiro, por ressentimento, depois, por amor e preocupação. E é com amor e preocupação que o observo agora. E o que vejo perturba meu coração.

Ele ouviu com atenção, mas não respondeu. A mão dela acariciou sua face, percorrendo as rugas em sua fronte enquanto falava:

— Apesar de todo o sofrimento por que passou, estas rugas que acaricio não estavam aqui quando nos conhecemos. Estes olhos, azuis feito o céu e o mar, não eram tristes. Este coração... — Ela depositou a mão sobre o peito largo do orc. — Não pesava tanto. Há algo aí dentro que está lhe fazendo mal. Mas você não sabe como confrontar o inimigo, porque ele está dentro de você.

Os olhos dele se estreitaram, confusos.

— E então? — fez ele, pedindo que prosseguisse.

— Você desperdiça... não seu corpo, que continua forte e poderoso, mas seu espírito. É como se parte de você se fosse a cada sopro do vento, a cada gota de chuva. Há uma ferida aqui que vai destruí-lo, se você deixar. Mas eu... — Então sua voz ficou firme e seus olhos castanhos reluziram. — Não o permitirei.

Ele resmungou e desviou o olhar, mas ela o perseguiu.

— É a sua alma que está doente, não seu corpo. Você ficou tão imerso no papel de líder da Horda que, quando o deixou, acabou se perdendo.

— Não quero ouvir mais — alertou Thrall.

Mas ela o ignorou.

— É claro que não. Você não gosta de ser criticado. Todos devem lhe ouvir e, se discordarem, que o façam com respeito. Sua palavra sempre tem que ser a última, Chefe. — Não havia sarcasmo na voz dela, mas as palavras o machucaram.

— Como assim, não aceito ser criticado? Eu me cerco de vozes discordantes. Convido todas a questionarem meus planos. Já consultei até meus inimigos para melhor servir meu povo!

— Não disse que isso era mentira — continuou Aggra, calmamente —, mas isso não quer dizer que você lide bem com críticas. Como você reagiu quando, à sombra da armadura de Mannoroth, Caerne veio lhe dizer que você estava

errado?

Thrall se assustou. Caerne... sua mente o levou de volta a última vez em que vira o amigo vivo. Caerne viera até ele, porque recebera a notícia de que Garrosh lideraria a Horda em sua ausência. O amigo lhe disse, sem meias palavras, que ele estava cometendo um erro grave.

Eu... estava contando com você, Caerne. Preciso do seu apoio, não da sua desaprovação, dissera-lhe Thrall.

Você pede por sabedoria e bom senso. Só tenho uma resposta para lhe dar. Não dê poder a Garrosh. Eis minha sabedoria, Thrall, respondeu-lhe Caerne.

Então não temos mais nada a dizer um ao outro.

E Thrall se foi.

Foi a última vez que viu Caerne vivo.

— Você não estava lá — disse Thrall, a voz embargada pela dor da lembrança. — Você não entende, eu tive que...

— Bah! — interrompeu Aggra, balançando as mãos como quem ouve um despautério ou espanta uma mosca incômoda. — A conversa em si não importa. Talvez você tivesse razão, mas isso pouco me importa agora. O que importa é que não o ouviu. Impôs uma barreira, como quem fecha a tenda à tempestade. Talvez não o tivesse convencido, mas você sequer deu-lhe a chance de falar?

Thrall não respondeu.

— Você não deu ouvidos a um velho amigo. Talvez Caerne não tivesse sentido a necessidade de desafiar Garrosh se percebesse que você o ouviria. É impossível saber. Agora ele está morto e jamais terá outra chance de ser ouvido.

As palavras atingiram o orc como um murro. Ele chegou a cambalear, literalmente, com o impacto. Era algo que nunca havia dito em voz alta, mas sempre pensara em segredo, tarde da noite, enquanto o sono não vinha. No fundo, sabia que tinha que ir a Nagrand e que tomara a melhor decisão, naquelas circunstâncias. Mas... se tivesse ficado e conversado com Caerne... o que teria acontecido? Aggra tinha razão... embora fosse difícil admitir.

— Sempre dei ouvidos a todos que discordaram de mim. E quanto às reuniões que tenho com Jaina? Ela nem sempre concorda comigo, e não me fala

com meias palavras.

— Uma humana. Como pode saber o que machuca um orc? Jaina Proudmore não é páreo para você — desdenhou Aggra, o cenho cerzido. — E tampouco o era a sua Taretha.

— É claro que não era páreo. Ela era minha amiga! — Thrall começava a se irritar por Aggra meter Taretha Volpe naquela estranha briga que insistia em levar adiante. Taretha era uma garota humana e fora amiga de infância do orc. Quando adultos, ajudou-o a fugir da vida de gladiador e escravo do fidalgo humano Aedelas Pantanegro. E pagara com a própria vida. — Poucos neste mundo sacrificaram tanto por mim, e ela era humana!

— Talvez este seja o seu problema, Go'el, e o problema dos outros com você. As mulheres mais importantes da sua vida foram todas humanas.

Os olhos dele se estreitaram.

— Cuidado com a língua.

— Mais uma vez, prova que estou certa: não aceita que discordem de você. Em vez de me ouvir, quer que eu me cale!

Novamente, a verdade daquelas palavras o machucou. Com dificuldade, Thrall respirou fundo e tentou refrear a raiva.

— Então fale: o que quer dizer?

— Faz pouco que estou em Azeroth e já ouvi os rumores. Sinto-me ultrajada do fundo do meu âmago, e imagino que você se sinta também. Boatos sobre você e Jaina, às vezes Taretha, dependendo do nível de embriaguez dos maledicentes. — A voz dela transbordava raiva e desprezo, e Thrall não sabia se por ele ou pelos boatos, mas também não se importava.

— Cuidado com o que diz, Aggra — grunhiu Thrall. — Jaina Proudmore é uma mulher forte, corajosa e inteligente que arriscou a vida para me ajudar. Taretha Volpe também e, inclusive, *perdeu* a vida. Não vou tolerar que você as insulte simplesmente porque não nasceram orquisas!

Thrall avançou contra Aggra, ficando a apenas a alguns centímetros de seu rosto. Ela não hesitou, e só fez erguer a sobrancelha.

— Você não está me ouvindo, Go'el. Eu só repeti os rumores. Não disse que

acreditava neles. Nem disse nada sobre essas mulheres, senão que elas não sabem como criticar um orc. Inclusive, admito que elas me mostraram que os humanos são capazes de inspirar respeito. Mas não são orquisas, Thrall, e você não é humano e não aceita ser desafiado por uma mulher da sua própria raça. Aliás, por *ninguém*.

— Não acredito no que estou ouvindo.

— E eu não acredito que, até agora, você não me deu ouvidos!

Os dois se exaltavam, e Thrall se deu conta de que as paredes rústicas da tenda não conteriam suas vozes e todos ouviriam a briga. Mas Aggra insistia em continuar.

— Você usava o manto de chefe para se esconder e é por isso que não consegue se livrar dele. — Ela chegou o rosto ainda mais perto do dele e sibilou: — Você carrega seu nome de escravo, porque continua escravo da Horda. Escravo daquilo que pensa que é o seu dever. E usa esse dever como escudo, uma barreira entre você e a escuridão, entre você e a culpa, o medo e a incerteza. E não se abre para si mesmo, nem para os outros. Sempre planeja à frente, e não vê quão longe já chegou, ou o dom maravilhoso que foi a sua vida. Planeja o amanhã, mas e o agora? Este momento... as pequenas coisas...? — A raiva se dissipava de sua voz e de seus olhos e, carinhosamente, ela estendeu a mão para o orc. — E esta mão forte entre as suas?

Irritado, Thrall afastou a mão de Aggra. Já tivera o bastante. Primeiro, da Harmonia Telúrica, agora de Aggra, que deveria ficar ao seu lado e apoiá-lo. Ele deu as costas a ela e dirigiu-se para fora da tenda.

As palavras de Aggra o seguiram:

— Você não consegue se encontrar fora da Horda, Go'el. — Como sempre, ela usou o nome que seus pais lhe deram, um nome que ele mesmo nunca usara, escolhido por uma família que nunca conhecera. E embora ela já o tivesse chamado assim milhares de vezes, naquele instante, o nome lhe causou raiva.

— Não me chamo Go'el — grunhiu. — Quantas vezes terei que repetir que não me chame assim?

— Viu? — disse ela, impassível, a voz triste. — Se você não sabe sequer

quem você é, como pode saber o que fazer?

Ele não respondeu.

2



– A reunião — disse Alexstrasza, a Mãe da Vida, o grande Aspecto Dragônico vermelho —, não vai ser nada agradável.

— Você tem um dom para o eufemismo, querida — riu-se Korialstrasz.

O Grande Aspecto e seu último consorte restante, Korialstrasz, optaram por formas élficas, em vez de dragônicas, para conversar no Santuário Rubi. Todas as revoadas dragônicas possuíam uma dimensão mágica, fora do tempo e do espaço, como refúgio. A forma do santuário refletia a da revoada. Outrora, o Santuário Rubi fora como as terras élficas antes da chegada do Flagelo. As folhas das árvores possuíam um tom carmesim e a paisagem era ondulada por colinas de relva macia. O único meio de entrar e sair daquele lugar secreto era através de um portal, que, após o ataque recente da revoada dragônica negra e um inimigo solitário que se dizia membro da revoada crepuscular, estava mais guardado do que nunca. O santuário fora bastante danificado, mas começava a se recuperar.

O casal estava rodeado por seus filhos: centenas de ovos deles e de outros dragões. No entanto, nem todos os dragões vermelhos botavam os ovos no Santuário Rubi. O mundo inteiro lhes servia de lar. Não só a eles, mas a todas as

revoadas. Mas ali era onde estava seu coração, no santuário, um lugar seguro e só deles.

— Os azuis estão angustiados com a morte de Malygos, e não os culpo, mesmo nessas circunstâncias — continuou Alexstrasza.

Malygos, o Aspecto Dragônico da Magia e patriarca da revoada azul, levara uma vida trágica. Asa da Morte o ensandecera e assim ele passou vários milênios. Não havia muito, ele finalmente recobrara o juízo, para grande júbilo não só da sua, mas de todas as revoadas, salvo a odiosa revoada negra. No entanto, o alívio e a felicidade suscitados por sua recuperação durou pouco. As outras revoadas logo souberam que ele empreendera um estudo sobre o papel da magia em Azeroth e chegara a conclusões horríveis. Malygos concluíra que a magia arcana espalhava o caos sobre o mundo, e que isso acontecia devido aos excessos das raças mortais.

Então, ele dera início a uma guerra.

O dragão desviara as correntes subterrâneas de poder mágico de Azeroth para seu trono, o Nexus. As consequências foram violentas, perigosas e mortais. A crosta do mundo se partira, e as fissuras trespassaram os limites da dimensão mágica conhecida como Espiral Etérea. A empreitada equívoca de Malygos para "corrigir" o que tomava por mau uso da magia arcana tinha que ser impedida a qualquer custo.

Dragões matando dragões. Assim fora a trágica Guerra do Nexus. E fora a própria Mãe da Vida que chegara a angustiante conclusão de que Malygos, havia pouco recuperado de milênios de loucura, devia ser destruído.

Alexstrasza e sua revoada se aliaram aos magos do Kirin Tor. Tendo em vista tudo que estava em jogo, as revoadas restantes concordaram em se juntar aos vermelhos na amarga tarefa. A aliança dos dragões ficou conhecida como a Aliança do Repouso das Serpes. Juntos, eles mataram Malygos, e a guerra chegou ao fim. Agora, a revoada azul estava em luto e sem líder.

A reunião da aliança dragônica no Templo do Repouso das Serpes, para qual Alexstrasza se preparava, seria a primeira desde a queda do Aspecto Dragônico azul. Com o fim do conflito, a aliança se tornara ainda mais preciosa

para as revoadas. Preciosa e tênue.

— Para ser sincero, não creio que a revoada esteja pronta para falar. Digo, para falar algo que faça sentido — disse Korialstrasz.

— Esta sua língua é o *segredo* da sua popularidade nas últimas reuniões, querido. — Ela sorriu, acariciando o queixo do companheiro e olhando-o com carinho.

— Não nego. Nunca fui o mais popular dentre seus consortes, e agora que sou o único, receio que eriço mais escamas do que nunca. Mas só falo daquilo que vejo. Este é o meu dever, e é como posso melhor servi-la — respondeu ele, aceitando a carícia.

— E é por isso que eu o amo tanto. De fato, sua franqueza não é bem quista pelas outras revoadas. Quanto à sua opinião: foi Malygos quem tomou a decisão, não a revoada inteira. Não pode usar esse argumento contra eles. Todas as revoadas suspeitam que eles nos trairão a qualquer instante só pela cor de suas escamas. Já sofreram o bastante.

— Eu... você sabe que eu gosto de Kalecgos — disse ele, hesitante. — Alguns deles conseguem ver a situação com a cabeça limpa. Mas a maioria não consegue superar a perda... e a necessidade de culpar alguém por ela. E nós somos a revoada da qual eles guardam mais rancor.

Alexstrasza franziu o cenho, perturbando a perfeição de seus traços, e sua voz melodiosa assumiu um tom firme:

— Embora aprecie sua franqueza, agradeço pelo resto da revoada não pensar como meu consorte.

— Você tem o coração mais puro de Azeroth. Mas, às vezes, a pureza do coração cega os olhos...

— Você acha que eu não vejo com clareza? Eu? Eu liderei minha revoada contra um Aspecto amigo para salvar seres cujas vidas não passam de um piscar de olhos para nós. Só porque gosta de se misturar aos mortais, Korialstrasz, não pense que é o único a ver as coisas com clareza.

Ele abriu a boca para retorquir, mas decidiu se calar.

— Eu me preocupo com você.

— Eu sei — disse ela, mais calma. — Mas acho que sua... preocupação não será bem recebida na reunião.

— Nunca é — reconheceu ele, com um sorriso. — Ou seja, voltamos ao ponto de partida. — Ele ergueu as mãos delicadas da companheira, depositando um beijo em cada. — Vá sem mim, amor. O Aspecto é você. É a sua voz que querem ouvir. Não passo de um espinho alojado entre as escamas, um incômodo e nada mais.

— Os ânimos estarão exaltados na primeira reunião. Nas próximas, quando começarmos a discutir os planos, suas reflexões serão bem vindas. Hoje, creio que nos ocuparemos de reatar os laços e curar as feridas — assentiu ela.

Alexstrasza se inclinou para ele. Seus lábios se encontraram num beijo doce e macio. Um dos grandes prazeres da forma élfica era a sensibilidade da pele às carícias, muito melhor que as duras escamas. Eles se afastaram sorrindo e já haviam esquecido a discussão.

— Voltarei logo e, espero, com boas notícias.

Ela deu um passo para trás. Seu sorriso se transformou num focinho brioso, de um carmesim intenso, projetando-se sob enormes olhos dourados. Mais rápido do que os olhos podiam acompanhar, a donzela élfica assumiu a forma de glorioso dragão vermelho.

Korialstrasz também se transformou. Gostava de ambas as formas, mas sua natureza era aquela: reptiliana, colossal e poderosa. E foi assim que, num piscar de olhos, dois enormes dragões vermelhos surgiram na vastidão do Santuário Rubi.

Alexstrasza acariciou seu parceiro com o focinho numa demonstração de graça e delicadeza insuspeitadas numa criatura tão imponente. Então, lançou-se aos ares e, com poucas batidas de suas poderosas asas, desapareceu na distância.

O dragão a acompanhou com um olhar afetuoso, então se virou para os ovos espalhados ao seu redor. Ao ver sua prole, sentiu orgulho e amor. Lembrou-se de um costume humano, dos quais tanto gostava, e sorriu.

— Que tal uma historinha de ninar?

Alexstrasza voou sobre o santuário, livrando-se das apreensões e deixando o coração se nutrir da beleza daquele lugar. Havia ovos de dragão aninhados por todo lado: em tocas, sob a copa vermelha das árvores e ninhos construídos sobre rochas gigantescas. Nos dois extremos do portal do santuário, postavam-se os seus guardiões: draconídeos poderosíssimos cujo trabalho era proteger os filhotes inocentes que dormiam em seus ovos. Seu coração se alegrava, pois o futuro estava ali, guardado com amor, o futuro que estava prestes a ser construído, a partir daquele instante, com a reunião das quatro revoadas.

A revoada negra, outrora firme e verdadeira, tal como a terra que deveria proteger, seguira seu patriarca louco, Asa da Morte, e permitira que o mal adentrasse seus corações. Os dragões negros nem sequer fingiam interesse pelas outras revoadas. Nem mesmo Nalice permanecera no templo, com seus sorrisos esguios. Alexstrasza acreditava que jamais veria outra reunião de dragões com vermelhos, azuis, verdes, brônzeos e negros. Isto a entristecia, mas já era uma dor antiga, que estava acostumada a levar, e não minguava a esperança de que a reunião pudesse ter resultados positivos.

Atravessou veloz o portal que mantinha o Santuário Rubi a salvo e ergueu-se ao topo do Templo do Repouso das Serpes, local sagrado para as revoadas dragônicas havia milênios. Linhas esbeltas e elegantes se erguiam aos céus, arcos e torreões cobertos de neve se desenhavam na amplidão. O templo se erguia às alturas, cada andar menor do que o anterior. Acima pairava a abóbada celeste azul-acinzentada de Nortúndria, pontilhada de nuvens esfumaçadas. Abaixo, a brancura da neve doía aos olhos, de tão pura.

No pináculo do templo, havia um terraço circular adornado por entalhes florais e geométricos. Vários metros acima do chão, flutuava um lindo orbe de tons cambiantes entre azul e branco. Ele servia a um propósito muito importante: era o símbolo da Aliança do Repouso da Serpe.

Sob o Orbe da União, Alexstrasza viu dezenas de formas reptilianas. Vários de sua revoada aguardavam, assim como azuis e verdes. Os negros, é claro, não estariam ali — se estivessem, sangue seria derramado —, mas causou-lhe espanto constatar que não havia nenhum dragão brônzeo presente, nem mesmo a alegre

e poderosa Crona.

Seu Aspecto, Nozdormu, o Atemporal, estava desaparecido havia algum tempo. As linhas temporais estavam sob ataque de um grupo misterioso que se autodenominava revoada dragônica infinita e buscava a destruição da linha temporal verdadeira, embora seus motivos fossem desconhecidos. Alexstrasza concluiu, então, que Nozdormu e sua revoada já tinham muito com o que se preocupar.

Enquanto se preparava para pousar, vozes furiosas chegaram aos seus ouvidos.

— Um Aspecto! — gritou alguém.

Ela conhecia a voz. Era Arygos, um membro vigoroso, porém falastrão, da revoada azul, filho de Malygos e de sua consorte favorita, Saragosa. Arygos se aliara ao pai na Guerra do Nexus, apoiando-o leal e ostensivamente. E tudo indicava que seguia advogando a causa do pai.

— A revoada vermelha e um grupo de magos, não dragões!, decidiram matar um Aspecto. Uma em cinco. Quatro se não contarmos Asa da Morte, o Destruidor. Como pôde se virar contra os seus? Quem será o próximo alvo? A gentil Ysera? O estoico Nozdormu? Se a culpa é de alguém, este alguém é Alexstrasza. A chamada *Mãe* da Vida parece não ter escrúpulos em espalhar a morte quando lhe convém.

Enquanto Arygos falava, os olhares se voltavam para a Mãe da Vida, que se aproximava. Graciosamente, Alexstrasza aterrissou perto do jovem dragão e se dirigiu a ele:

— Meu dever é proteger a santidade da vida. A decisão e os atos subsequentes de Malygos colocaram a vida em perigo. Lamento por seu pai, Arygos. A decisão foi dolorosa. Mas ele estava prejudicando muitos e poderia ter arruinado o mundo.

Arygos afastou-se, estreitou os olhos e balançou a cabeça em gesto de desafio.

— Após muito refletir sobre as informações que agora temos, ainda não se pode dizer que as *motivações* de meu pai para guerrear eram infundadas. O uso,

ou melhor, o uso impróprio e excessivo da magia é muito grave, e tenho dito. Se discordava de seus atos, os quais talvez fossem, de fato, desarrazoados, devia tê-lo confrontado por outras vias!

— Você mesmo disse: ele era um Aspecto — retomou Alexstrasza. — E não possuía mais a desculpa da insanidade para mitigar o que fizera. Se estava tão preocupado com ele, Arygos, que nos ajudasse a encontrar as tais vias para detê-lo.

— Mãe da Vida — soou uma voz jovem, masculina e calma na mesma medida da raiva de Arygos. Outro azul se apresentou, fazendo uma cortesia respeitosa, mas não subserviente. — Arygos fez o que acreditava que era certo, assim como muitos outros da revoada azul. Tenho certeza de que anseia, como todos nós, por seguir em frente, reerguer sua revoada e assumir as consequências de seus atos — disse Kalecgos.

Alexstrasza ficou feliz com a presença de Kalecgos. Era ele o dragão azul sensato a que seu parceiro se referira e de quem tanto gostava. De fato, suas palavras eram prova de sua sensatez.

— Eu falo por mim mesmo — grunhiu Arygos, lançando um olhar irritado sobre Kalecgos.

Muitos dos azuis se sentiam perseguidos pelas outras revoadas. Na opinião de Alexstrasza, Arygos era ainda mais elitista do que a maioria de seus iguais. Ela suspeitava que isso tivesse alguma coisa a ver com a história pessoal do jovem dragão azul, cuja linhagem inspirava confiança às outras revoadas. Não pela primeira vez, Alexstrasza lamentou a perda de Kirygosa, irmã de ninhada de Arygos. Seu companheiro morrera e ela desaparecera durante a guerra. A conclusão triste, porém realista, era que a jovem azul, prenha de seus primeiros ovos, morrera em batalha. E por sempre ter confrontado Arygos e ter se juntado aos poucos azuis que se voltaram contra Malygos, havia uma camada extra de tragédia: provavelmente havia sido morta por um membro de sua própria revoada.

— Admito que o plano de meu falecido pai trouxera consequência negativas — continuou Arygos, relutante.

— Ainda estamos sentido as consequências — disse Afrasastrasz, correligionário declarado de Alexstrasza. — O *mundo* inteiro está sentindo. Consequências causadas diretamente pelas decisões do Aspecto da revoada azul, as quais você e muitos outros apoiaram. Admitir seus erros não bastará, jovem Arygos. *Conserte-os*.

— Consertar os erros? *Você* vai consertar os seus, Afrasastrasz? E você, Alexstrasza? Você tirou meu pai de mim. Deixou toda uma revoada sem seu *Aspecto*. Você o trará de volta? — Replicou Arygos, os olhos estreitados. Sua voz transbordava raiva, afronta e uma dor sincera e profunda.

— Arygos! — interveio Kalec. — Malygos não estava louco quando escolheu esse caminho. Poderia ter desistido dele em várias oportunidades, mas não o fez.

— Matá-lo em nada me agradou, Arygos — confessou Alexstrasza. — Sua perda ainda dói em meu coração. *Todos* perdemos muito. Todas as revoadas, todos os Aspectos. Agora é hora de remediar, de nos unirmos, e não nos separarmos.

— Sim — soou uma voz que, embora suave, findou imediatamente a briga. — Temos que nos unirmos e logo. A Hora do Crepúsculo se aproxima e temos que estar preparados.

Uma dragonesa verde, dona da melodiosa voz, deu um passo contido à frente. Os outros dragões recuaram para lhe dar passagem. Ela não caminhava com o passo forte e firme dos seus, mas com uma graça dançante. Seus olhos, que haviam ficado cerrados por eras, estavam abertos agora. Eles traziam as cores do arco-íris e adejavam de um lado para o outro como se vislumbrassem algo novo a cada instante.

— O que é esta Hora do Crepúsculo de que nos fala, Ysera? — perguntou Alexstrasza à irmã.

Ysera despertara, após milênios vagando no Sonho Esmeralda. O Aspecto vermelho e muitos de seus irmãos tinham a impressão de que a dragonesa ainda se encontrava parcialmente naquele estado alterado da mente, pois Ysera parecia desancorada do mundo, à deriva. Mesmo os membros de sua própria revoada,

que visitavam amiúde o Sonho Esmeralda e eram também guardiões da natureza, não sabiam como lidar com ela. A integração de Ysera ao mundo desperto era, no mínimo, questionável.

— É algo que você viu no Sonho? — insistiu Alexstrasza.

— Tudo eu vi no Sonho — respondeu Ysera.

— Isso pode até ser verdade, mas não ajuda muito — interveio Arygos, aproveitando-se da distração do Aspecto verde. — Embora seja um Aspecto, Ysera, você não é mais a Sonhadora. Se tudo viu no Sonho, viu também coisas que não existiam.

— Ah, sim, isso é verdade — concordou Ysera prontamente.

Alexstrasza estava perplexa. Nem mesmo ela sabia como lidar com Ysera, a Desperta. Estava sã, sem dúvida, mas tendo bastante dificuldade em ordenar a multidão de coisas que testemunhara de forma minimamente coerente. Não seria de muita ajuda naquele dia.

— Seria ótimo estarmos unidos novamente, mesmo antes da tal Hora do Crepúsculo. — Alexstrasza fitava Kalec e Arygos. — Os azuis devem eleger um novo Aspecto e se restituir, provando-nos que são dignos de nossa confiança novamente. Decerto compreendem a situação.

— Devemos? — ecoou Arygos. — Por que nós "devemos", Alexstrasza? Quem é você para determinar o que a revoada azul deve ou não fazer? Para nos julgar? Conquanto seja a culpada de termos que eleger um novo Aspecto, não nos oferece restituição alguma. O que fará para provar que podemos confiar em você?

Os olhos da dragonesa se arregalaram com o insulto, mas Arygos seguiu em frente:

— Como saberemos que não me matará? Se eu for eleito Aspecto, digo — acrescentou ele às pressas. — E seu companheiro, Krasus, como ele gosta de ser chamado, não é amigo dos azuis. Muitas vezes se pronunciara contra nós. Não posso deixar de notar que não está presente na reunião. Talvez você não desejasse a presença dele...

— Korialstrasz salvou a sua *vida*, Arygos — lembrou-lhe Kalecgos. —

Quando seu pai estava tão perdido em meio à loucura que o abandonou.

Tratava-se de um episódio sórdido para Arygos, e poucos tinham coragem o bastante para lembrar-lhe do ocorrido. Enlouquecido, Malygos de fato abandonara a ninhada que continha Arygos e Kirygosa. Fora Korialstrasz quem descobrira os ovos indesejados e os levara a Nozdormu, para que cuidasse deles. Depois, a ninhada foi entregue à revoada vermelha. Era um exemplo flagrante de cooperação entre três revoadas diferentes com uma causa comum: zelar pelos ovos e filhotes indefesos, fossem vermelhos, azuis, verdes ou brônzeos.

— E muito embora eu e ele tenhamos nos desentendido várias vezes, isso jamais me impediu de respeitá-lo. Sempre o achei sábio e ponderado — continuou Kalec, os olhos de Arygos se estreitando. — Ele nunca criticou nada em nossa revoada que eu próprio já não tenha criticado.

— Deveras? E o que será que isso quer dizer sobre você, hein, Kalecgos? — retorquiu Arygos.

— Basta! — asseverou Alexstrasza. Ela imaginou que a reunião não seria fácil, mas esperava algo melhor do que aquela briga mesquinha. — As revoadas já possuem inimigos o bastante para desperdiçar tempo brigando entre si! Asa da Morte voltou mais forte do que nunca, e quase desfez Azeroth em mil pedaços. Agora, possui aliados além da própria revoada: a seita do Martelo do Crepúsculo. O que quer que seja a Hora do Crepúsculo de que Ysera nos fala, os *dragões* do crepúsculo apresentam uma ameaça imediata. O Santuário Rubi ainda não se recuperou do último ataque. Se não pusermos de lado nossas diferenças mesquinhas e...

— Você *assassinou meu pai*! Como ousa chamar isso de mesquinho?!

Alexstrasza não se irritava com facilidade, mas agora marchava contra o dragão mais jovem e declarava:

— Basta! Temos que seguir em frente, e tenho dito. O passado é passado. Estamos em perigo *agora*. Não está me ouvindo? Não compreende? *Asa da Morte voltou!*

Ela estava com o focinho quase encostado no de Arygos, as orelhas estavam eriçadas.

— Nosso mundo nunca esteve tão fragilizado! Nos dragões somos poderosos, deveras, mas até *nós* devemos temer o que está por vir. Vivemos neste mundo, Arygos. Devemos protegê-lo e curá-lo, ou até os dragões, inclusive os azuis, serão destruídos! Devemos achar...

Os pescoços sinuosos e os olhares se voltaram aos céus. Alexstrasza imitou o gesto. Então, ela os viu.

Dragões.

Por um breve momento, a dragonesa teve esperança de que fosse a revoada brônzea, mas, um instante depois, observou a coloração das escamas e se deu conta, com horror, de que revoada se tratava.

— Os dragões do crepúsculo — ofegou ela.

Eles avançavam contra o Templo do Repouso da Serpe.

3



Não foi como Alexstrasza desejara, mas a presença súbita da revoada do crepúsculo provocou a união imediata das outras revoadas. Sem desperdiçar sequer uma palavra a mais naquela briga, ergueram-se aos céus, lançando-se contra o inimigo para proteger o templo sagrado.

A violência do combate fora de uma beleza sem par. Silhuetas poderosas, matizadas de rubi, esmeralda e safira, cortavam os céus. Seus inimigos possuíam os tons do cair da noite: roxo, violeta, índigo. Graça e brutalidade combinavam-se numa batalha sangrenta.

Enquanto se digladiavam, uma voz ecoava em seus ouvidos.

— Quanta gentileza terem reunidos tantos de sua fraca estirpe num mesmo lugar, para que eu os destrua tão facilmente.

Alexstrasza voou contra um bloco de três dragões, mergulhando sob seu hálito mortal, roxo como suas escamas. Do canto dos olhos, viu um azul pairar no ar, conjurar um feitiço e mergulhar no vazio e, então, desviou-se da tempestade de estalactites que se formou de súbito. Um dos dragões inimigos se desincorporou, mas os outros dois não foram rápidos o bastante. Aproveitando a

oportunidade, a dragonesa cerrou suas imensas mandíbulas na garganta de um deles. Pego em sua forma corpórea e sem forças para se transformar, o dragão do crepúsculo emitiu um grito estrangulado e bateu as asas desvairadamente, tentando se livrar da agressora. Suas garras negras sulcaram o ventre da dragonesa. Embora as escamas a tenham protegido, uma dor abrasante atravessou seu estômago. Ela mordeu com mais força e a dor cessou. Descerrou a mandíbula, abandonando o corpo inerte ao vazio.

— Quem é você? — gritou ela, a voz amplificada pelo céu vasto e frio. — Apareça, diga-nos seu nome, ou nós o tomaremos por covarde e bravateiro.

— Não sou covarde, tampouco bravateiro — respondeu a voz. — Meus seguidores me chamam de Patriarca do Crepúsculo. Eles são os meus filhos e eu os amo.

A Mãe da Vida sentiu um arrepio percorrer seu corpo. Se o nome fosse verdadeiro e ele fosse o patriarca daquelas criaturas...

— Então apareça e proteja seus filhos, Patriarca do Crepúsculo, ou veja-os morrer um por um!

Dois inimigos investiram contra ela de direções opostas. Estava tão concentrada em localizar a fonte da voz que quase não percebera a tempo. Retraiu as asas e deixou-se cair feito uma pedra, virando de cabeça para baixo. Os dragões do crepúsculo assumiram a forma sombria um instante antes da colisão e os dois corpos se atravessaram incólumes.

— Mãe da Vida, você não passa de uma garotinha tola. Será um prazer vê-la desmoronar diante das provações que estão por vir. — Uma gargalhada rude e complacente preencheu o ar.

Um rugido cortou os tímpanos da dragonesa, e seu coração encolheu ao ver um dos seus cair, as imensas asas vermelhas, embora estraçalhadas, ainda tentando em vão sustentar o combatente. Ela avançou contra os assassinos de seu camarada, urrando e cuspindo fogo. Um deles desencarnou imediatamente, desviando-se do caminho das chamas. O outro era mais corajoso — ou mais tolo — e optara por lançar adagas afiadas de magia negra contra Alexstrasza antes de se transformar. A arrogância custara-lhe a vida. Ela escancarou as presas e lançou

um jato de chamas sobre seu corpo, antes que pudesse concluir a transformação. Mais poderosas do que o hálito de um dragão vermelho comum, as chamas da dragonesa derreteram as escamas do inimigo, retorcendo-as sobre a carne torrada até os ossos. O dragão caiu, metade do corpo queimado até se tornar irreconhecível, a outra metade alheia à existência física, mas inteiramente em agonia.

Do canto do olho, Alexstrasza viu a gentil irmã, Ysera, lutando ferozmente. Suas mandíbulas se abriam, exalando um hálito que poderia ser doce como o perfume de uma flor, mas, naquele instante, era verde e tóxico. Dois dragões do crepúsculo se contorceram, ofegando, as asas vacilantes e a atenção dissipada, dando tempo a Ysera — que estendia as garras e escancarava os dentes — de conjurar um feitiço breve. Eles urraram, aterrorizados, e começaram a lutar um contra o outro, convencidos de que enfrentavam o inimigo. Em poucos segundos, fizeram o trabalho de Ysera por ela.

Alexstrasza se desviou de outro ataque, mergulhando e desenhando um círculo sobre o inimigo, de modo a partir seu pescoço com um golpe letal de seu rabo. Enquanto o corpo inerte caía, ela se deu conta de duas coisas.

Primeiro, havia dois Aspectos presentes e em plena forma para lutar. Havia poucos dragões do crepúsculo para derrotá-los, especialmente agora que os draconídeos de elite que guardavam a entrada dos santuários haviam deixado seus postos para se juntar à luta. Embora não pudessem voar, despachavam rapidamente os dragões do crepúsculo forçados a pousar pela gravidade de seus ferimentos. A luta estava fácil demais.

Segundo, a luta estava toda concentrada num só lugar.

Por quê?

Teria sido uma tática melhor atrair os dragões para longe dos guardiões e cercá-los, usando a própria arquitetura do templo como uma arma. No entanto, os dragões do crepúsculo estavam amontoados sobre o ápice do templo, como uma nuvem densa de abelhas, tornando-se alvos fáceis para Ysera e Alexstrasza.

Um medo indescritível perpassou a dragonesa vermelha, embrulhando seu estômago. Havia algo muito errado.

— Afastem-se do inimigo! — gritou ela, a voz traindo o terror que sentia. — Afastem-nos do templo e ataquem-nos um por um!

Assim que ouviram as ordens, seus irmãos se espalharam em todas as direções. Os dragões do crepúsculo continuaram agrupados numa nuvem impenetrável, e apenas alguns abandonaram a formação que Alexstrasza tentava, em vão, decifrar.

Foi então que ela compreendeu. Eles não vieram atacar. Vieram distrair...

A explosão fora física e metafísica, e o impacto lançou Alexstrasza girando pelos ares, como um filhote desajeitado apanhado por um ciclone. Assustada, ela emitiu um grito agudo de dor e estendeu as asas, que pareciam querer se desprender do corpo, e conseguiu se estabilizar. Era como se seu corpo tivesse sido atingido por uma montanha. Durante alguns instantes, não conseguia ouvir nada.

Conseguia ver, mas desejava o contrário. A dor era dilacerante.

O Templo do Repouso da Serpe mal se sustentava. Vários dos graciosos arcos haviam desmoronado, e as ruínas pareciam cera derretida. Uma energia mágica vermelha se erguia da base do templo.

Na base do templo, justamente onde se encontravam...

— Os santuários! — gritou alguém. — Nossos filhos!

Vários dragões abandonaram a luta e mergulharam no vazio. Durante um instante terrível que durou toda uma eternidade, Alexstrasza não encontrou a voz no seu peito.

O Santuário Rubi... as crianças... *Korialstrasz*...!

Quando finalmente conseguiu falar, não acreditou nas palavras que proferiu.

— Esperem! — gritou. — Não podemos perder mais ninguém! Expulsemos o inimigo! Não deixemos que nos causem ainda mais danos!

Não só os dragões vermelhos atenderam ao seu chamado. Canalizaram toda a raiva, sofrimento e terror que lhes assaltavam no ataque. Os dragões do crepúsculo se espantaram com tamanha ferocidade e logo fugiram.

Alexstrasza não os perseguiu. Ela mergulhou rumo ao santuário, o coração

encolhido e assustado ante o temor do que encontraria.

O Patriarca do Crepúsculo se postava no topo de uma das muitas montanhas que se erguiam sobre o Ermo das Serpes. Segurava o capuz de seu manto, indiferente ao vento frio. Na outra mão, tinha uma corrente de prata. Os elos pequenos e delicados certamente eram trabalho de um artesão talentoso. O capuz ocultava um rosto acidentado, de olhos fundos, e barba grisalha. Ele assistia à batalha com prazer, provocando a Mãe da Vida num êxtase quase infantil.

Mas a explosão que devastara as revoadas também lhe causara surpresa e espanto.

Ao lado do homem robusto, havia uma moça muito bela. O vento fazia balançar seus cabelos azul-petróleo e enrubescia suas faces pálidas. A corrente fina do Patriarca do Crepúsculo culminava num círculo ao redor do seu pescoço, como se fosse um colar. Ela também parecia impermeável ao frio, embora houvesse em seu rosto lágrimas congeladas. Então, ela sorriu, trincando as lágrimas, que caíram aos seus pés.

Lentamente, a figura encapuzada se virou para a moça.

— Como conseguiu se comunicar com eles? Como? *Quem a ajudou*?

O sorriso da moça se alargou.

— Seus seguidores são leais demais para me ajudar. Não me comuniquei com eles. Parece que alguém é mais esperto do que você... *Patriarca do Crepúsculo*. — Ela pronunciou o título não com a reverência dos cultistas, mas com menosprezo. — O seu plano fracassou.

Ele se aproximou dela, e também começou a rir.

— Como você é estúpida. Sempre há outras opções. E um homem sábio sempre tem mais de um plano.

Então, ele apertou a corrente. A moça ofegou e levou as mãos à garganta, enquanto a corrente se agitava, queimando a sua pele. O cheiro de carne queimada abriu um sorriso no rosto do homem. E, como se não fosse nada, ele a libertou do feitiço.

Ela não chegou a cair, mas tremia e ofegava e isto bastou para abrandar a

raiva de seu algoz.

De fato, eles sofreram um tremendo contratempo. Mas o que dissera à prisioneira era verdade. Um homem sábio sempre tem mais de um plano. E o Patriarca do Crepúsculo era um homem bastante sábio.

Ele estava longe de ser derrotado.

Eles se foram.

Os santuários, todos eles, haviam desaparecido como se nunca tivessem existido. Cinco dimensões em miniatura, locais sagrados para as revoadas, obliteradas. E junto dos santuários se foram os tesouros de valor inestimável que abrigavam: as crianças. Milhares de vidas foram dizimadas antes que eles pudessem dobrar suas asas.

Alexstrasza acompanhou os guardiões. Não havia nada para investigar. De alguma forma, os dragões do crepúsculo implodiram os santuários, deixando para trás apenas os rastros da energia que usaram para destruí-los. Descobrir como e por que o fizeram seria trabalho para outro dia, quando as cabeças tivessem esfriado e os corações estivessem calmos. Agora, as revoadas se uniam na dor da perda.

Alexstrasza nutria falsas esperanças. Buscou com seu coração, sua magia e seu amor infinito algum traço daquele que amava. O laço entre eles era tão forte que, se ele ainda estivesse vivo, ainda que descarnado, ela sentiria a sua presença. Sempre fora assim.

Korialstrasz?

Silêncio.

Meu amor?

Nada.

Korialstrasz desaparecera junto dos santuários, dos ovos e da esperança de futuro para os dragões.

Estupefata, Alexstrasza caiu de joelhos sobre a neve. Torastrasza, senescal do Conselho Regente da Aliança, postou-se às suas costas, tentando reconfortá-la ante aquela experiência tão horrível, cuja dor demoraria tanto para passar. Se é

que um dia passaria.

Tariolstrasz aproximou-se de Torastrasza.

— Posso ter uma palavra com você?

— Volto logo — disse Torastrasza, acariciando a amiga com o focinho.

Alexstrasza a fitou com um olhar distante, como se não compreendesse o que dissera.

— Ah, sim... claro — aquiesceu ela.

Meu amor, meu coração, minha vida... por que pedi que ficasse? Se tivesse me acompanhado, talvez tivesse sobrevivido...

Vozes ecoavam ao seu redor, erguendo-se num misto de ira, angústia, medo e fúria. A única coisa impedindo Alexstrasza de perder o juízo era o torpor que lhe causava aquele pesadelo. Mas mesmo o torpor esvanecia lentamente. Ela sentiu algo roçar em seu pescoço e se deparou com o olhar compassivo dos olhos arco-íris de Ysera. O Aspecto Dragônico verde permaneceu em silêncio, pois sabia que não havia nada que pudesse ser dito, e se limitou a ficar ao lado da irmã, reconfortando-a com seu toque.

— Mãe da Vida — disse Torastrasza, após alguns instantes. Alexstrasza fez um esforço para erguer a cabeça e fitou a outra dragonesa. —, Korialstrasz... — fez ela, mas não teve forças para continuar.

— Eu sei — disse Alexstrasza. A admissão fez ruir ainda mais seu coração, como se as palavras tornassem a situação mais real. — Ele... estava lá. No santuário. Meu amor se foi.

Estranhamente, Torastrasza negou com a cabeça. Uma esperança súbita e irracional invadiu Alexstrasza.

— Ele sobreviveu?

— Não, não, eu... parece-me que foi uma empreitada suicida.

O Aspecto vermelho fitou a senescal como se ela dissesse uma tolice.

— Suas palavras não fazem sentido! — disse ela, esmurrando o chão.

— Foi ele... quem *causou* isso. O pouco que resta carrega a marca de sua energia. Uma energia verde... viva.

— Está dizendo que o consorte de minha irmã destruiu os santuários? Que

destruiu os ovos e a si mesmo? — perguntou Ysera, a voz sempre aérea e calma.

— É... não há outra explicação.

— Não é possível — asseverou Alexstrasza, fitando a senescal, a voz dura como pedra. — Você *conhece* Korialstrasza. *Sabe* que seria incapaz disso.

— Não se estivesse trabalhando para o Martelo do Crepúsculo! — A voz de Arygos era de fúria. — Ele insistiu que você matasse meu pai. Que atacasse o Nexus. Este tempo todo, ele estava planejando o extermínio da nossa espécie!

O sangue de Alexstrasza ferveu de raiva, como se corresse fogo por suas veias. Ela se ergueu, encarando o dragão azul, e avançou contra ele.

— Enquanto seu pai definhava na loucura, eu e Korialstrasz lutamos por Azeroth. Unimo-nos a todos os aliados que encontramos. Mudamos o próprio tempo. Arriscamos a morte e sofrimentos ainda piores por este mundo. Ele sempre esteve ao meu lado, e seu coração era forte e verdadeiro. Amava você, Arygos, salvou sua vida, a de Kiry e de muitos outros. Várias e várias vezes salvou nosso mundo e nossa raça. E agora você quer nos fazer crer que ele se aliaria a Asa da Morte? A uma seita que só busca o fim de todas as coisas?

— Arygos — urgiu Kalec —, deve haver outra explicação.

Deveria haver... havia... tinha que haver, Alexstrasza acreditava nisso. E ainda assim...

— A estratégia empregada pelos dragões do crepúsculo foi manter-nos lutando no céu, acima do templo — continuou Torastrasza, com um tom gentil, porém determinado. — Era uma distração para nos manter ocupados... e atrair os defensores do Repouso da Serpe, de modo a... — A dragonesa baixou a cabeça, incapaz de olhar para sua adorada Mãe da Vida, pois sabia que suas palavras dilaceravam o coração da Rainha dos Dragões.

— Alexstrasza — falou Kalec, gentil —, diga-nos, por que Krasus decidiu não vir hoje? Ele certamente... não tenho certeza, mas imagino que tenha pedido a ele que ficasse, não? — Seu tom era de súplica.

Ela fitou o dragão e sentiu o coração se partindo mais e mais à medida que recordava a conversa que tivera com o consorte — a última que jamais teriam.

Vá sem mim, amor. O Aspecto é você. É a sua voz que querem ouvir. Não

passo de um espinho alojado entre as escamas, um incômodo e nada mais.

Ele que pedira para ficar.

— Não — balbuciou ela, respondendo a Kalec e, ao mesmo tempo, negando desesperadamente o que tudo indicava ser a verdade: que Korialstrasz planejara aquilo tudo.

— Eu... mesmo com tantas evidências, mesmo que tudo indique que sim, não creio que Krasus cometeria um genocídio! *Não* o Krasus que eu conheço!

Kalec a fitava com uma expressão de angústia.

— Parece que a loucura não é exclusividade dos Aspectos — zombou Arygos.

Alexstrasza chegou ao limite.

Lançou a cabeça para trás, urrando de dor, um som agudo que cortou o ar, através dos campos gélidos. Ergueu-se no ar, as asas batendo no ritmo do coração acelerado, os olhos fixos no Orbe da União.

E voou direto até ele.

A dragonesa abaixou a cabeça no último segundo possível, como um carneiro que avança os cornos contra o inimigo. Seus chifres imensos colidiram contra o delicado orbe. Num estampido agudo e luminoso, o Orbe da União se despedaçou em milhares de cacos que caíram como gotas de chuva sobre os dragões abaixo.

Ela precisava fugir dali. Tinha que fugir daqueles dragões que, por tão pouco, pensariam o pior de quem sempre lhes quisera o bem. Não só os azuis, mas também os verdes e sua própria revoada fariam um julgamento leviano...

Será que *ela* não estava sendo leviana? E se fosse verdade?

Não. Não, ela não podia, se recusava a carregar uma centelha de dúvida sequer no coração, ou trairia aquele que sempre lhe fora digno de confiança.

Torastrasza, Ysera e Kalecgos voaram atrás dela. Disseram algo, mas ela não compreendeu. Então, Alexstrasza deu um giro no ar e os atacou.

Assustados, eles se desviaram. Ela não os perseguiu. Não desejava matá-los. Só queria que a deixassem sozinha. Queria fugir daquele lugar que se tornara um terror inefável e inimaginável. Jamais conseguiria pôr os olhos no templo

novamente sem reviver aquele momento. E, agora, não tinha condições de suportar a dor.

Não tinha condições de suportar nada.

Em seu quebranto, Alexstrasza só pensava em uma coisa: voar o mais rápido que pudesse para, assim, deixar a lembrança para trás.

O ataque de Alexstrasza fora motivado por raiva e medo, e não um desejo genuíno de matar. Ysera, Torastrasza e Kalec se desviaram com facilidade. A dragonesa verde compartilhava da dor. Muitos dos ovos destruídos na explosão pertenciam à sua revoada e ao seu próprio ventre, mas ela sabia que isso não era nada comparado ao que a irmã estava sentindo.

Alexstrasza perdera seu amado, seus filhos e sua esperança, tudo de uma vez só.

Ysera voltou ao templo entristecida, o coração pesado, a mente remoendo, como sempre, pedacinhos e mais pedacinhos de enigmas e mistérios.

Os dragões partiam aos montes. Angustiados e furiosos, parecia que ninguém queria permanecer naquele lugar que lhes era tão caro.

A Aliança do Repouso da Serpe se rompera, assim como seu monumento, e o templo perdera o seu significado.

Ysera, no entanto, permaneceu. Ela voou lentamente ao redor do templo, observando-o e, então, pousou em forma de elfo noturno para caminhar pelo templo. Havia cadáveres por todos os lados: vermelhos, azuis, verdes e crepusculares. A energia vital da magia que Korialstrasz conjurara para destruir os santuários se infiltrava no solo. Plantas irrompiam da crosta branca de neve.

Ysera balançou a cabeça, com tristeza. Como podia a força da vida causar a morte? Ela se curvou para acariciar uma folha verde e longa, e prosseguiu a caminhada sem rumo.

Seus olhos estavam abertos, mas ela não prestava atenção no que via. Tentara da melhor forma que pôde comunicar aos outros dragões sua visão incompleta. Era praticamente impossível: o único jeito de entender seria passar dezenas de milhares de anos sonhando, para então acordar e tentar colocar as

coisas no lugar. Ysera sabia que não estava louca e sabia que seus irmãos tinham consciência disso, mas sentia certa empatia pela loucura agora.

A Hora do Crepúsculo. Ela falara na reunião, tentara avisar aos outros, mas o aviso se perdera. Alguma coisa... um fragmento brilhante... havia sido varrido, como um caco de cerâmica sob uma vassoura industriosa. Fora...

Ela mordeu o lábio, pensativa.

Era o maior desafio que as revoadas jamais enfrentaram, mas ela não sabia quem era o inimigo. Talvez acontecesse em breve... talvez daqui a eras. Teria algo a ver com o retorno de Asa da Morte? Devia ter... talvez. O Cataclismo fora uma das piores que coisas que já acontecera a Azeroth.

Como poderia persuadir seus irmãos da gravidade da situação se ela própria não conseguia articulá-la? Ela estalou a língua em frustração.

De uma coisa estava certa: faltavam muitas peças naquele quebra-cabeça, mas havia uma peça fundamental para que as outras pudessem se encaixar. Uma peça, no mínimo, estranha e inusitada, e ela não sabia como faria para encaixá-la. Mas teria que fazê-lo.

Ysera o vira várias vezes no sonho. Achou que tivesse compreendido o seu papel, mas, agora, por mais peculiar que fosse, alguma coisa — e ela tinha certeza disso — a levava a crer que ainda não vira sua contribuição total a Azeroth.

Não se tratava de um dragão, embora carregasse o interesse das revoadas dragônicas no coração, estivesse ou não ciente disso. Trafegava entre vários mundos, sem querer governá-los, tampouco destruí-los. Ele era único.

Ela inclinou a cabeça, deixando que o vento brincasse com suas longas mechas verdes. Talvez fosse por isso que ele se encaixasse no quebra-cabeça. Nem mesmo os Aspectos eram seres singulares, embora cada um possuísse habilidades únicas. No início, quando os titãs vieram compartilhar seu poder pelo bem de Azeroth, não havia um, mas cinco Aspectos. Agora eram quatro, mas logo seriam cinco novamente, assim que os azuis elegessem um líder.

Mas só havia um ser como aquele.

Só havia um Thrall.

4



Thrall não conseguia dormir. Aggra cochilava ao seu lado, sob o cobertor de pele. Sua mente não se aquietava. Deitava de costas, fitando o couro que cobria a tenda. Então, ergueu-se, vestiu umas roupas, um manto e saiu da tenda.

Respirou profundamente o ar úmido e ergueu os olhos para o céu noturno. Pelo menos, as estrelas e as duas luas — a Alva Dama e a Donzela Azul — estavam em paz, e não haviam sido afetadas pela violenta ressurreição de Asa da Morte. Naquele instante, os elementos da Voragem estavam o mais calmo possível. Não graças à ajuda de Thrall. Ele tinha consciência disso e fez uma expressão de desaprovação para si mesmo.

Começou a andar, sem destino em mente. Ele só queria andar em meio ao silêncio e à solidão e ver se conseguia acalmar as ideias e dormir.

O que transcorrera durante a conjuração do feitiço e depois, tanto na reunião da Harmonia, quando com Aggra, em particular, havia o abalado. Questionava-se se eles não teriam razão. Se estava realmente ajudando. Não abandonara tudo para vir até aqui e não só não ajudar, como atrapalhar. Ficara para trás, naquele dia, “descansando”, enquanto os outros trabalharam o dia

todo. Era humilhante e doloroso. Ele resmungou baixinho e apertou o passo.

Não queria acreditar que Aggra estava certa, que se escondia por trás do manto de chefe e era um escravo do dever. Se assim fosse, por que não conseguia cumprir seu dever ali?

— O que há de errado comigo? — balbuciou, batendo um dos punhos, cerrados, na palma da outra mão.

— Para esta questão — soou uma voz melodiosa —, ainda não tenho resposta. Mas talvez a consiga, em algum momento.

Ele se virou, assustado. A alguns passos, postava-se uma figura alta e esguia, oculta por um manto. A silhueta revelava formas femininas, mas a face se ocultava sob a sombra do capuz. Thrall não reconheceu a voz e ficou imaginando quem poderia ser, com o cenho franzido.

— Talvez eu a obtenha também — disse ele. Inclinou a cabeça e saudou a figura: — Sou Thrall.

— Eu sei. Vim vê-lo. — A voz era hipnotizante.

— Veio me ver? Por quê? Quem é você?

— É... difícil explicar — respondeu ela, inclinando a cabeça, como se ouvisse algo que Thrall não podia ouvir.

— É difícil explicar seu nome?

— Ah, isso... não. É a outra pergunta que é complicada. Pois bem... eu tenho uma tarefinha para você, Thrall.

Ele sentia-se mais curioso do que irritado.

— Uma tarefa? Algo para a Harmonia?

— Não, algo para uns camponeses.

— Camponeses?

— Em Feralas. É um acampamentozinho chamado — ela riu, como se aquilo fosse uma piada interna — Repouso do Sonhador, onde se abateu o sofrimento. A terra sofre, e também um antigo bosque, que vira muitos anos, e os druidas que vivem nele. Os elementos estão fora de controle, assim como em várias partes deste pobre mundo enfermo, e vão destruir a vila, se algo não for feito. Somente um xamã poderá apaziguar os elementos e restaurar a harmonia.

A curiosidade de Thrall esvanecera. Começava a suspeitar de que aquilo fosse uma piada. E não estava gostando.

— Então deixe que os xamãs da vila cuidem disso — disse ele, algo irritado.

— Não há xamãs lá. É uma vila pequena, só há druidas — limitou-se a dizer a estranha, como se isso explicasse tudo.

O orc respirou fundo. O que ela lhe pedia era trivial. O tipo de coisa que um xamã iniciante poderia fazer. Por que ela viera até ele por uma tarefa tão simples? Ele não conseguia entender, e tampouco se importava.

— Decerto há outros que podem cuidar disso — continuou ele, sofreando a irritação e tentando manter-se cortês.

Caso aquilo fosse algum tipo de teste bizarro da Harmonia Telúrica, ele não poderia explodir de raiva, não importa quanto aquela mulher o irritasse.

Ela negou com um gesto enfático e se aproximou dele.

— Não — insistiu ela, com um tom bem sincero. — Não há *outros*. Não há ninguém como você.

A situação estava se tornando ridícula.

— Quem é você para incumbir tal tarefa a mim?

A face da mulher permanecia oculta pelas sombras, mas o brilho radiante de seus olhos iluminou um sorriso doce.

— Talvez isto clarifique as coisas.

Antes que ele pudesse responder, ela saltou aos ares, subindo mais alto do qualquer elfo poderia subir. Estendeu os braços, despindo-se do manto, e ofereceu a face aos céus. Num piscar de olhos, seu corpo se transformou. Onde antes havia uma elfa noturna, agora havia uma dragonesa imensa. Ela voltou ao chão, fitando o orc.

— Sou Ysera... a Desperta.

Thrall deu um passo para trás, assustado. Ele conhecia o nome. Ysera fora a Sonhadora, a guardiã do Sonho Esmeralda. Mas, agora, não mais sonhava.

O Cataclismo trouxera, de fato, muitas mudanças.

— Faça o que lhe digo, Thrall — disse Ysera. Sua voz continuava agradável, mas soava mais profunda e ressonante na forma de dragonesa.

Ele quase respondeu *sim, é claro*. Mas seus fracassos recentes o assombravam. O que ela lhe pedia parecia trivial, mas considerando de quem se tratava, devia ser algo muito importante. E ele não sabia se podiam lhe confiar tarefas importantes naquele momento.

— Ó, poderosa Ysera... meditarei sobre suas palavras.

— Eu estava esperando que você aceitasse. — Ela parecia desapontada.

— É... é um acampamento pequeno, não é?

— É, um acampamento pequeno e uma tarefa pequena. — O desapontamento aumentava.

— Ainda assim, rogo-lhe: volte pela manhã e eu terei uma resposta para lhe dar. — A vergonha enrubescia suas faces.

A dragonesa suspirou, melancólica. Seu hálito cheirava a grama fresca e neblina. Então, ela fez que sim, lançou-se aos ares e desapareceu com algumas batidas de suas asas.

Thrall sentou-se, estupefato.

Um Aspecto Dragônico acabara de lhe pedir algo e ele lhe dissera que voltasse amanhã. No que estava pensando? E além disso...

Descansou a fronte nas mãos e massageou as têmporas. Coisas que deveriam ser fáceis se tornavam difíceis. Difíceis demais. Sua cabeça não estava leve, nem o seu coração. Ele se sentia... perdido e indeciso.

Desde a briga com Aggra, Thrall ficara muito introspectivo. Mas, sentado à companhia das luas e das estrelas, percebia que precisava da parceira. Apesar de contrariá-lo com frequência, ele reconhecia que a orquisa era sábia. E ele certamente não estava em condições de tomar uma decisão sozinho, ou então teria simplesmente dito "sim" ou "não" ao Aspecto.

Ele se levantou com calma e voltou à tenda.

— As luas lhe indicaram o caminho? — perguntou Aggra, em meio à escuridão. Ele já devia saber que ela acordaria, por mais que fosse silencioso.

— Não, mas... — respondeu ele —, este xamã quer se consultar com você. — Thrall achou que Aggra o responderia com sarcasmo, mas ela se limitou a se sentar sobre os cobertores e lhe dizer:

— Sou toda ouvidos.

O orc se sentou ao lado dela e contou-lhe do encontro, e ela o ouviu sem interromper, demonstrando surpresa em alguns momentos.

— É... um insulto — disse Thrall, por fim. — Trata-se de uma tarefa banal. Tirar-me daqui, onde precisam de minha ajuda, para salvar um vilarejo em Feralas... — O orc balançava a cabeça. — Não sei se é um teste ou uma armadilha, ou o quer que seja. Não estou entendo nada.

— Tem certeza de que era Ysera?

— Era uma dragonesa grande e verde — grunhiu Thrall. Então acrescentou, mais calmo: — E... eu *senti* que era ela.

— Não importa se é um teste ou uma armadilha. Não importa se é uma tarefa trivial. Se é Ysera quem está pedindo, então você deveria ir, Thrall.

— Mas minha ajuda aqui...

Aggra segurou a mão do orc e disse:

— Não é necessária. Não agora. Você não é capaz de fazer nada para nos ajudar. Viu isso ontem. Todos vimos. Você não será útil a ninguém aqui, neste momento. Nem à Harmonia Telúrica, nem à Horda, nem a mim e muito menos a si mesmo.

Thrall contorceu o rosto, boquiaberto, mas não havia raiva, nem desdém na voz de Aggra. Na verdade, fazia tempo que ela não era tão gentil.

— Go'el, querido — continuou ela —, faça o que ela lhe diz. Obedeça o Aspecto e não se preocupe se é algo grande ou pequeno. Vá e traga de volta o que aprendeu. — Sorriu ela, provocante. — Você não aprendeu nada na sua iniciação?

Thrall se lembrou da sua iniciação em Garadar. Parecia tão distante. Recordava-se de ter recebido vestes simples e de terem lhe dito que um xamã deve encontrar o equilíbrio entre orgulho e humildade.

Definitivamente, *não* seria humilde de sua parte recusar o pedido de um Aspecto.

O orc respirou fundo e foi soltando o ar aos poucos.

— Aceitarei a tarefa — decidiu ele.

O Patriarca do Crepúsculo se desapontara com quão facilmente os dragões vermelhos, azuis e verdes fugiram. Esperava que eles fossem lutar mais ferrenhamente. Entretanto, aquilo facilitava sua tarefa e aumentava a devoção dos cultistas por ele. Isso era bom, ainda que faltasse o gosto doce de uma vitória difícil.

Ele e a garota assistiram aos dragões fugirem, sozinhos ou em pequenos grupos. Os únicos dragões que ficaram estavam mortos, exceto pelos que estavam sob seu comando.

Incumbira os tenentes de convocar seus seguidores, e agora eles se reuniam no sopé do promontório e tremiam de frio. Seus rostos eram dos mais diversos, pertencendo a orcs e trolls, humanos e elfos noturnos, enfim, quase todas as raças de Azeroth, mas todos compartilhavam uma expressão de adoração e zelo.

— Eis que a jornada nos trouxe, não ao destino final, mas, ao menos, a um lugar para descansarmos e recuperarmos nossas forças. Outrora, o Templo do Repouso da Serpe fora o símbolo do poder inconquistável das revoadas dragônicas unidas. Dizem que foi construído pelos próprios titãs, e os dragões o consideravam um lugar inviolável e sagrado. Hoje, nós os vimos abandoná-lo, incluindo dois Aspectos. É o nosso lar agora, e assim será enquanto desejarmos. Esta antiga estrutura de poder, assim como todas as outras, há de cair!

Vivas irromperam das centenas de gargantas. O Patriarca do Crepúsculo ergueu as mãos para acolher a onda de adoração que se formava na multidão.

— É conveniente que o lugar esteja em ruínas — continuou ele, após o alarido de contentamento. — Nosso triunfo está no fim das coisas. Agora... apropriemo-nos das ruínas para servir a nossa causa.

Um dos dragões do crepúsculo que sobrevoava a área pousou. Como se fosse um cãozinho treinado, deitou-se diante do homem, pressionando o ventre roxo contra a pedra fria, de modo que ele não tivesse dificuldades para subir às suas costas. O Patriarca deu um passo à frente, mas a corrente que prendia a garota chegou ao limite de sua extensão. Virou-se, surpreso.

A garota não se moveu. Fitava o dragão num misto de desprezo e piedade.

— Ora, ora, minha cara — disse ele, num tom zombeteiro, rindo sob o

capuz —, não hesite. Imagino que não era assim que se imaginava voltando para casa, não é?

Kirygosa, filha de Malygos e irmã de Arygos, olhou do dragão para o Patriarca do Crepúsculo, os olhos azuis se estreitando com rancor, num silêncio gélido.

Enquanto se dirigiam ao Templo do Repouso da Serpe, Kirygosa percebeu que, lá embaixo, um trenó, puxado por cervos nevados e grande o suficiente para acomodar dezenas de humanos, deslizava na paisagem, indo na mesma direção. A dragonesa viu um dos cervos sucumbir ante o peso da tarefa. O trenó se deteve. Quatro acólitos do Martelo do Crepúsculo desceram, soltaram a criatura patética e a substituíram por outro cervo. Puxaram o animal exausto e cambaleante pelas rédeas, afastando-o de seus companheiros. Ele caiu à neve mais uma vez e ergueu a cabeça, suplicante. Um dos acólitos fez um gesto. Vários orcs desmontaram de seus lobos grandes e negros. As feras aguardaram, obedientes, os olhos fixos nos mestres, pelo comando. Então, numa velocidade surpreendente, lançaram-se todas ao mesmo tempo sobre o cervo indefeso. A neve branca e macia revolvia sob os espasmos do cervo e, subitamente, foi tingida de carmesim, ao som dos urros da presa abafados pelos grunhidos selvagens.

A dragonesa desviou os olhos. Sem dúvida, tal sina ainda era melhor e mais misericordiosa do que deixar o cervo congelar até a morte, e os lobos precisavam se alimentar. Eles, ao menos, eram criaturas inocentes da natureza, ao contrário de seus mestres.

Ela se virou novamente para o trenó. Só então percebeu que ele carregava alguma coisa enorme, coberta por um pano. A forma pareceu familiar a dragonesa...

— Curiosa, minha cara? — perguntou o Patriarca do Crepúsculo, falando alto, devido ao barulho das asas do dragão. — Tudo se revelará na hora certa. É para isso que estamos aqui. Lembra-se do que lhe disse: um homem sábio sempre tem mais de um plano.

O tom da sua voz causou calafrios à dragonesa. O dragão do crepúsculo os levou direto ao Templo do Repouso da Serpe. Ela olhou por cima dos ombros e avistou o trenó sumindo à distância. Se a carga consistia no "outro plano" do Martelo do Crepúsculo, ela não queria nem saber do que se tratava.

O Patriarca do Crepúsculo desceu do dragão para o piso do Templo do Repouso da Serpe, agora tingido de vermelho do sangue dos dragões e coberto dos cacos e lascas reluzentes que restavam do Orbe da União. Kirygosa o acompanhou num silêncio de pedra.

Ele confiou a corrente da dragonesa a um acólito. Todos sabiam como controlá-la: bastava um puxão firme para causar dores excruciantes. A corrente também a impedia de assumir sua forma verdadeira, a qual seria muito mais difícil de controlar do que uma mera humana.

— Certifique-se de que fique quieta, mas não a machuque à toa — acrescentou ao troll, que pareceu desapontado. Se Kirygosa fosse torturada demais, ela se tornaria insensível à dor, e isso causaria problemas. O troll levou a dragonesa a um pilar, empurrou-a ao chão e ficou a espera de novas ordens do mestre.

O Patriarca do Crepúsculo sacou um pequeno orbe por baixo do manto e o depositou com reverência sobre o chão ensanguentado. O objeto começou a emitir uma pulsação e parecia conter dentro de si uma neblina escura e espessa. Subitamente, como se fosse pequeno demais para conter algo tão poderoso, o orbe se rompeu e a neblina densa, acre e com pontos luminosos de cor laranja-avermelhado, se espalhou no ar, formando uma nuvem mais negra do que a noite, com um aspecto nefasto. Por fim, espiralando num redemoinho furioso, a fumaça tomou forma: olhos alaranjados, feito fogo líquido, perfuravam o Patriarca do Crepúsculo; mandíbulas de mamute, feitas de um metal negro, abriram-se num sorriso insano. Kirygosa encolheu-se de pavor.

Asa da Morte!

O Patriarca do Crepúsculo ajoelhou-se perante o orbe.

— Meu mestre — proferiu humildemente.

— A empreitada foi bem sucedida? — perguntou o dragão, sem rodeios. Sua voz profunda estremecia o templo e a alma do que os ouviam, como se ele estivesse ali presente.

— De certa forma... — respondeu o servo, esforçando-se para não gaguejar. — Expulsamos os dragões do Templo do Repouso da Serpe, incluindo Alexstrasza e Ysera. Tomei posse do templo, em nome do Martelo do Crepúsculo, para que faça dele sua fortaleza, ó Grande.

Os olhos imensos e insanos se estreitaram.

— Não era este o plano — sibilou o dragão. — O *plano*, o qual você fracassou em executar, era destruir os dragões, e não só capturar o templo!

— Verdade... meu senhor. Um imprevisto... impossibilitou o plano de ser levado até o fim — explicou ele, às pressas.

Asa da Morte ouvia num silêncio mais assustador do que seus gritos. Embora a imagem fosse feita de fumaça, seus traços eram nítidos e, em um dado momento, foi possível ouvir o som de suas asas. Quando o Patriarca terminou, fez-se uma pausa longa e inquietante. Asa da Morte inclinou a cabeça, como que considerando a questão.

— Isto não muda nada. Você fracassou.

O Patriarca começou a suar, apesar do frio.

— Foi um contratempo, ó Grande, nada mais. Não foi um fracasso. E ainda pode gerar consequências positivas. Os dragões foram expulsos e a Mãe da Vida, sua pior inimiga, está arruinada.

— Isto é irrelevante — grunhiu Asa da Morte. — Encontre um jeito de cumprir o objetivo que lhe impus, ou eu o substituirei por um general que não vá fracassar no momento crucial.

— Compreendo... ó Grande. — O Patriarca olhou para Kirygosa, pensativo e, então, voltou-se para Asa da Morte novamente. — Deixe comigo. Está tudo encaminhado. Agirei imediatamente.

— Não me interrompa, criatura desprezível — rosnou o dragão.

— Eu jamais faria tal coisa, ó Grande. Apenas anseio por servi-lo. — O Patriarca empalideceu, sob o capuz.

— Você agirá quando eu lhe disser, nem um segundo antes. Fui claro?

O Patriarca só conseguiu responder com um meneio da cabeça. Mas, apesar da raiva que sentiu por ter sido interrompido, Asa da Morte demorou um longo tempo até retomar a palavra.

— Talvez... haja um novo obstáculo. Eu *esperava* que as revoadas não resistissem aos seus esforços combinados aos do Martelo do Crepúsculo e daquele que desejamos ajudar. Eu *esperava* uma vitória. Você disse que Ysera fugiu. Isto não é bom.

— Como? — O homem engoliu em seco.

— Ela está viva, por culpa sua — rugiu o dragão. — E por ainda estar viva, teve a oportunidade de falar com aquele que está destinado a me enfrentar. Sua interferência pode alterar o equilíbrio.

A novidade e suas implicações inquietaram o Patriarca do Crepúsculo. O que a Sonhadora Desperta havia feito? Quem, ou que grande poder, ela havia evocado? Asa da Morte estava muito preocupado, e isto aterrorizava o Patriarca.

A garganta seca, esforçou-se para dizer:

— Com que tipo de criatura ela se aliou?

— Uma criatura inferior — retorquiu Asa da Morte, rancoroso.

— O quê? Mas certamente... — O Patriarca não sabia se ouvira corretamente.

— Um orc!

Ambos permaneceram em silêncio. Duas meras palavras comunicaram ao Patriarca tudo o que precisava saber. Tempos atrás, Asa da Morte fora avisado de que um orc — a mais baixa das criaturas — se ergueria para enfrentá-lo e, possivelmente, derrotá-lo. Ninguém deu ouvidos ao aviso, muito menos o Patriarca.

Ele tentou desconversar:

— Meu senhor, essas profecias são demasiado enigmáticas. Você é o poderoso Asa da Morte, aquele que dilacerou o mundo. Nós subjugamos dragões e os próprios Aspectos, criaturas poderosas! O que é um reles orc? Mesmo um orc poderoso não é páreo para você.

— Esse é diferente. Sempre foi. Ele possui uma história muito peculiar. Não pensa como os dragões... e justamente por isso, talvez possa salvá-los.

— Revele-me a identidade deste inimigo, meu senhor, para que eu possa destruí-lo. — O Patriarca estava inseguro, mas não deixou transparecer.

— Destruí-lo não será o bastante. Você terá que obliterar aquele que carrega o nome de Thrall, ou ele arruinará *todos os nossos planos*!

— Tem minha palavra de que assim será feito.

— Que assim seja — concordou o dragão. — O seu tempo se esgota — ele abriu um sorriso macabro, escancarando as fileiras intermináveis de dentes metálicos —, *Patriarca*. Mas não se desespere. Talvez eu possa lhe ajudar. Posso ser velho, mas minha paciência tem limites. Quando nos falarmos de novo, quero notícias boas.

A fumaça que formara a imagem de Asa da Morte perdeu a solidez, tornando-se novamente uma neblina escura. Lentamente, a neblina baixou e se transformou em uma esfera negra. Pouco depois, as trevas se dissiparam, e o artefato voltou a ser um orbe pequeno e cristalino. O Patriarca do Crepúsculo o recolheu e se levantou.

— Você achou que seria fácil — disse uma voz feminina e límpida. — Você e seus planos complicados. Eis que seu mestre lhe diz que o tempo para matar esse Thrall está se esgotando. A maré está virando, Patriarca do Crepúsculo, e os seus cabelos já estão brancos. Está se fazendo de tolo. Se continuar a serviço dele, não vai durar muito. Você jamais triunfará.

Ele se virou para a dragonesa escravizada e encurtou a distância entre eles. Ela o encarou, em tom desafiador, e assim permaneceram por um longo tempo.

— Verme estúpido — disse ele, por fim. — Você só conhece uma pequena parte de meus planos. Thrall não passa de uma pulga que logo será esmagada como merece. Venha cá — prosseguiu ele, puxando a corrente. — Vou lhe mostrar algo... e aí verá se sou eu ou você quem está sendo tolo.

Ele a levou ao beiral do piso circular e apontou para o trenó misterioso, que se aproximava da entrada do Templo do Repouso da Serpe. Os cervos nevados haviam cumprido seu papel e não eram mais necessários. Os homens os soltaram

e os deram de comer aos lobos. Os predadores famintos fizeram bem o seu trabalho: só restaram os ossos. Os acólitos olhavam para cima, aguardando o sinal de seu adorado Patriarca; o qual ergueu a mão e, com um floreio, os cultistas arrancaram o tecido que ocultava a carga do trenó.

Kirygosa arquejou, levando a mão à boca, horrorizada.

No trenó gigante, jazia o corpo de um dragão. Mas não um dragão qualquer: ele era enorme, bem maior do que um Aspecto Dragônico; era deformado, e possuía escamas arroxeadas; e o mais perverso, mais aterrorizante é que não possuía apenas uma cabeça, mas *cinco*.

Embora a luz fosse fraca e Kirygosa estivesse em sua limitada forma humana, conseguiu discernir que cada cabeça era de uma cor: vermelho, preto, dourado, verde e azul.

Ela sabia exatamente do que se tratava.

— É um dragão cromático — ofegou ela.

Os dragões cromáticos eram abominações, uma violação da natureza. Nefarian, filho de Asa da Morte, fora quem os criara. Um dragão negro tão maligno quanto o pai, Nefarian tentara criar uma espécie que combinasse os poderes das cinco revoadas. Um dragão que seria capaz de destruir todas elas. Os experimentos foram um fracasso. Muitos filhotes morreram antes dos ovos chocarem. A maioria dos que chocaram eram instáveis, voláteis e deformados de diversas maneiras. Os poucos que atingiram a maturidade foram auxiliados por processos mágicos malignos.

O dragão que jazia na carroça com certeza já era adulto. Mas estava completamente imóvel.

— Achei que dificilmente chegassem à maturidade. Mas... ele está morto. Por que eu deveria temer um cadáver?

— Ah, sim, tecnicamente, Cromatus *está* morto — disse o Patriarca do Crepúsculo, num tom distraído. — Por enquanto. Mas vai voltar a viver. Foi o último experimento de Nefarian. Houve muitos fracassos, como você deve saber. Mas é assim que se aprende, não é mesmo? Errando é que se aprende.

Sua barba se partiu num sorriso avuncular, diante do olhar enojado da

dragonesa.

— Cromatus exemplifica o pináculo de tudo que Nefarian aprendeu com seus vários experimentos — continuou o Patriarca. — Mas Nefarian foi assassinado, tragicamente, antes de dar a centelha da vida a Cromatus.

— Sua morte foi a melhor coisa que já aconteceu a este mundo — resmungou Kirygosa.

— Você ficaria surpresa ao saber que não é só a criatura sob seus olhos que será ressuscitada. Seu criador já saboreia o gosto da vida. É isso mesmo, Nefarian regressou... de certa forma. Está morto-vivo, mas bem ativo. Para Cromatus... tenho outros planos. — A expressão do Patriarca era de grande prazer.

— Então esta... *coisa*... é a razão de ter feito tudo isto? — Kirygosa não conseguia desviar os olhos e falava aos arquejos. — Dar vida a um monstro que nem sequer tinha o direito de existir em primeiro lugar?

— Por favor, Kirygosa! — repreendeu-lhe o homem, zombeteiro. — Demonstre mais respeito. Você pode se mostrar muito importante nesta tarefa.

Os olhos dela se arregalaram.

— Não, chega de experiências...

Ele se inclinou para ela e devolveu a corrente ao acólito troll.

— Veja só, minha cara — disse num tom afável —, o tempo, de fato, se esgota... para você.

5



A jornada da Voragem para Feralas era longa e árdua. Assim como prometera, Thrall se levantara e fora dar a resposta a Ysera, mas não encontrou nem sinal do Aspecto Dragônico verde. A princípio, ficara surpreso e irritado, mas depois sentiu vergonha de sua reação. Ysera certamente possuía obrigações mais importantes do que ficar esperando a resposta de um simples xamã. Ele fora incumbido da empreitada, a aceitara e a cumpriria, mas gostaria que Ysera tivesse deixado um de seus dragões verdes para facilitar a viagem. Ela não deixara, então o orc percorreu a distância sobre mantícora, navio e lobo.

Ysera não lhe informara que o Repouso do Sonhador estava aninhado em um dos Colossos Gêmeos. Sobre o dorso de seu leal lobo do gelo, Nevecanto, o orc enfrentava as trilhas e o calor úmido — tão diferente do clima temperado de Lordaeron, onde crescera, e do calor seco de Orgrimmar —, que sugava suas energias.

Sentiu o cheiro e viu a fumaça ao longe. Acelerou o passo do lobo. O odor azedo não condizia com o cheiro de mato, típico de Feralas.

Ao se aproximar, Thrall sentiu o ressentimento e a irritação perante a tarefa

de Ysera se dissiparem. Aqueles druidas estavam em grandes dificuldades. Precisavam de ajuda. E, por algum motivo, o Aspecto Dragônico verde quisera que ele os ajudasse.

E assim o faria.

Ao transpor uma curva, o acampamento surgiu de súbito à sua frente. Thrall estacou diante do que via.

Estátuas de corujas... ruínas antigas... um poço lunar.

— Elfos noturnos — murmurou ele. Ysera só lhe falara de "druidas". Parece que ela esquecera um pequeno detalhe: o Repouso do Sonhador não era habitado por druidas *taurens*, mas por elfos noturnos que, possivelmente — e provavelmente —, lhe seriam hostis. Seria uma armadilha? Certa vez, fora aprisionado pela Aliança, transportado como uma carga qualquer e resgatado pelos tipos mais inesperados. Não permitiria que isso acontecesse de novo.

Thrall desmontou de Nevecanto e fez um gesto para que ficasse à espera. Lenta e cuidadosamente, aproximou-se do acampamento para vê-lo melhor. O Repouso do Sonho era bem modesto, assim como Ysera lhe dissera. O lugar estava deserto. Talvez estivessem todos lutando contra o incêndio, que se aproximava cada vez mais.

Ao fim do acampamento, além dos pavilhões arroxeados, viam-se muitas árvores. Mais uma vez, o que a Desperta lhe dissera se confirmava: o bosque parecia, de fato, muito antigo.

O orc sentia a raiva e a inquietação dos elementos pairando no ar. A fumaça irritava seus olhos. Se algo não fosse feito bem rápido...

Uma coisa pontuda espetou sua nuca. Thrall quedou completamente imóvel.

— Fale devagar, orc. Por que veio perturbar os Druidas do Gadanho? — A voz era feminina e o tom, inflexível.

Thrall amaldiçoou a si mesmo. A dor dos elementos o distraíra e ele se descuidara. Ao menos a elfa lhe dera a oportunidade de se explicar.

— Fui enviado para ajudá-los — respondeu ele. — Sou um xamã. Olhem na minha bolsa, se quiserem, e encontrarão meus totens.

— Um orc veio ajudar elfos noturnos? — Zombou ela.

— Um xamã veio remediar e apaziguar a fúria da terra — retorquiu o orc. — Trabalho para a Harmonia Telúrica. Juntas, Horda e Aliança estão buscando um meio de salvar o mundo. Os druidas possuem uma organização semelhante no Círculo Cenariano. Em minha mochila, há uma bolsa cheia de totens. Podem olhar se quiserem. Tudo que peço é que me deixem ajudar.

O objeto pontudo foi removido de sua nuca. Seria tolice tentar lutar. A elfa não estaria sozinha. O orc ficou em estado de alerta ao sentir o Martelo da Perdição, que carregava às costas, ser removido, mas não reagiu. Mãos correram por sua mochila, removendo-a.

— São totens mesmo — disse uma voz masculina. — E ele carrega um terço no pescoço. Vire-se para nós, orc.

Thrall se virou lentamente. Dois elfos noturnos o fitavam. Uma sentinela de cabelos verdes e pele violeta; e um homem sem barba, de cabelos verdes amarrados num coque, a pele num tom rico de roxo escuro, e olhos brilhantes e dourados. Ambos estavam suados e cobertos de cinzas, certamente por estarem lutando contra o incêndio. Mais elfos se aproximavam, curiosos, mas com cautela.

A mulher perscrutou o rosto do orc e, então, o reconheceu.

— Thrall — disse, incrédula. Olhou para o Martelo da Perdição que jazia no chão e de volta ao orc.

— O chefe da Horda? — disse outra voz.

— Não, não mais. Ao menos é isso que dizem os rumores — retomou a mulher. — Disseram-nos que ele desaparecera, que abandonara o posto de chefe. Para onde fora, as Sentinelas não foram informadas. Sou Erina Orissílex, uma Sentinela, e este é Desharin Verdessil, um dos Druidas do Gadanho. Uma vez, fui a Orgrimmar numa comitiva diplomática. — Erina, que até então segurava a glaive numa postura defensiva, abaixou a arma. — Você é uma figura importante demais para vir a este modesto acampamento. Quem o enviou?

Thrall suspirou. Ele desejava não entrar em detalhes a respeito de sua empreitada.

— Os rumores são verdadeiros. Deixei Orgrimmar para ajudar a curar Azeroth das feridas causadas pelo Cataclismo. Eu estava na Voragem, trabalhando com os outros membros da Harmonia Telúrica, quando Ysera, a Desperta, veio falar comigo. Ela me contou dos tormentos do Repouso do Sonhador. Disse-me que aqui não havia nenhum xamã que pudesse interceder junto aos elementos e que vocês precisavam de ajuda.

— Espera realmente que eu acredite nessa história? — Questionou-lhe Erina.

— Eu acredito — interveio Desharin. Erina olhou para ele, surpresa. — Thrall tem fama de ser um chefe ponderado. E agora que serve a Harmonia Télurica, é possível que o tenham enviado aqui.

— Por um dragão — disse Erina, sarcástica. — Aliás... não é qualquer dragão, mas Ysera do Sonho Esmeralda. E portando o Martelo da Perdição.

— Quem mais do que ela desejaria ajudar os druidas? — rebateu Desharin. — E o Martelo é dele, não é? Pode levá-lo para onde bem entender.

A Sentinela ficou sem resposta, e se virou para outro elfo que se aproximava. Ele também possuía os cabelos verdes, os quais levava soltos, e uma barba curta. A expressão em seu rosto demonstrava sabedoria, e ele fitava Thrall, pensativo.

— O acampamento é seu, Telaron — disse-lhe Erina, reverente. — Diga-nos o que fazer. Ele é orc e nosso inimigo.

— É também um xamã e, portanto, amigo dos elementos — retorquiu Telaron. — E os elementos estão tão perturbados que não podemos lhes negar a presença de um amigo. Você será posto à prova, Thrall, da Harmonia Telúrica. Acompanhe-me.

Thrall seguiu Telaron morro acima, rumo às chamas. As árvores ao redor do acampamento ainda estavam incólumes, e o orc percebeu que os elfos haviam jogado bastante água nelas. Toda a vegetação rasteira havia sido removida e só restavam as plantas mais antigas.

Seu coração doeu ao contemplar a cena.

Muitas das árvores já estavam queimadas demais e não teriam salvação.

Outras começavam a queimar, mas o fogo, violento e primitivo, espalhava-se rapidamente. Thrall se recordou do incêndio que assolara Orgrimmar e, sem demora, tirou o totem de fogo da bolsa. Deu um passo à frente, tocando a terra com os pés descalços e ergueu as mãos aos céus. Fechou os olhos e abriu a mente e o coração.

Espíritos do fogo, o que os inquieta? Deixem-me ajudar. Permitam-me que eu os demova de danificar coisas antigas, raras e insubstituíveis, e os leve para onde poderão aquecer e reconfortar os seres vivos.

O elemental que respondeu possuía uma essência sombria, similar à ira da centelha que ameaçara destruir Orgrimmar havia várias luas, mas sua natureza era bastante determinada:

Estou cumprindo o meu papel. O fogo purifica. Você sabe disso. O fogo destrói as impurezas para que voltem à terra e reiniciem o ciclo. Este é o meu dever, xamã!

De olhos ainda fechados, Thrall retraiu-se, como se tivesse levado uma pancada.

Seu dever? Apenas a você cabe escolher seu dever, Espírito do fogo. E o que se sucedeu a estas velhas árvores para haver necessidade de purificá-las? Estão doentes? Empesteadas? Amaldiçoadas?

Não é nada disso, admitiu o elemental do fogo, falando ao coração de Thrall.

Então o que é? Conte-me. Eu gostaria de saber, se possível.

O fogo não respondeu de imediato, e queimou com ainda mais força durante alguns momentos. Thrall teve que desviar o rosto daquele inferno.

Elas estão... confusas. Há algo errado com elas. Elas não sabem o que sabem. Devem ser destruídas!

O orc ficou confuso com a resposta. Ele estava ciente de que todas as coisas possuíam um espírito. Até as pedras, que não eram seres "vivos", e o fogo, que naquele exato instante, falava-lhe ao coração e à mente. Mas não conseguia entender a mensagem.

O que elas sabem?, perguntou-lhe Thrall.

O errado!

"Errado" no sentido de "antinatural" ou "errado" no sentido de "incorreto"?

Incorreto.

Thrall buscava uma solução.

Elas seriam capazes de aprender o correto?

Por algum tempo, achou que tivesse perdido a atenção do espírito. Ele se comportava de modo imprevisível e estava profundamente transtornado. Se não lhe desse ouvidos...

Elas o souberam, outrora. Podem aprender novamente.

Então, Espírito do fogo, não as destrua. Suplico-lhe que pare. Se o fogo deve queimar, que seja a tocha para iluminar a escuridão, ou a lareira para cozinhar e aquecer aqueles que sentem frio. Não mais machuque estas árvores, ou destruirá para todo o sempre a habilidade delas de, algum dia, aprender aquilo que é correto!

Thrall aguardou, os músculos tensionados. Ele esperava estar no caminho certo. O único jeito de saber seria se o fogo o obedecesse. Por um longo tempo, nada aconteceu. O fogo estalava e queimava, e as chamas lambiam as árvores carbonizadas.

Por fim: *Certo. Elas devem aprender o que é verdadeiro. Alguém deve ensiná-las. Caso contrário, as árvores vão queimar. As árvores vão arder.*

Lentamente, o fogo se dissipou. Thrall cambaleou, e arregalou os olhos, sentido-se exausto. Mãos fortes o acolheram e urros de exaltação se ergueram no ar.

— Muito bem, xamã — disse Telaron, sorrindo. — Muito bem! Aceite nossa gratidão. Por favor, faça-nos companhia esta noite. Você será o convidado de honra.

Cansado da viagem e da conjuração intensa, assim como os elfos, que normalmente dormem durante o dia, Thrall aceitou. Aquela noite, ele e Nevecanto sentaram-se à companhia dos druidas e sentinelas noctiélficos, e juntos comeram, beberam e gargalharam. Recordou-se da recente reunião em que dez druidas — cinco elfos noturnos e cinco taurens — se encontraram para

negociar pacificamente rotas de comércio. Eles foram emboscados e assassinados. O arquidruida taurino Hamuul Runa Totem fora o único sobrevivente. O acontecimento inflamara tanto a Horda quanto a Aliança. Os rumores diziam que Garrosh Grito Infernal armara a emboscada, mas nunca conseguiram provar nada. E, apesar do temperamento esquentado de Garrosh, Thrall não acreditava nos rumores.

Se a reunião tivesse sido bem sucedida, imaginou o orc com tristeza, talvez noites como aquela, feitas para cantar e contar histórias, não fossem tão incomuns entre as duas facções. Talvez houvesse mais união e, portanto, a partilha de um mundo com menos mazelas.

Quando o orc foi dormir, seus anfitriões noctiélficos ainda cantavam para as estrelas, e os sons da natureza eram como música para os seus ouvidos, aquecidos por um cobertor de pelos e usando a mão como travesseiro.

Pela primeira vez em muito tempo, dormiu profundamente.

Acordou de madrugada com alguém o cutucando gentilmente.

— Thrall — veio-lhe a voz musical de um kaldorei. — É o Desharin. Acorde. Quero lhe mostrar algo.

Após tantos anos de guerra, Thrall se acostumara a se despertar rápido e em estado de alerta. Ele se levantou em silêncio e seguiu o elfo, caminhando com cuidado entre os companheiros que dormiam. Transpuseram o poço lunar e os pavilhões, e adentraram a floresta.

— Espere aqui e não faça barulho — murmurou Desharin. — Ouça.

As árvores que haviam sido poupadas das chamas se moviam e suspiravam, os galhos estalando, as folhas sussurrando. Thrall aguardou um momento, e então se virou para o companheiro, balançando a cabeça.

— Não ouço nada.

— Thrall — murmurou o elfo, sorrindo —, não há vento.

Subitamente, Thrall percebeu que o kaldorei tinha razão. As árvores balançavam, como se soprasse uma brisa leve, mas não havia vento.

— Olhe para as árvores com atenção.

O orc olhou, concentrado. Viu os nós e protuberâncias dos troncos... os

galhos espinhentos...

Seus olhos se arregalaram e, de súbito, compreendeu o que — ou quem — estava vendo. Já ouvira falar daquilo, mas nunca vira com os próprios olhos.

— São ancientes — ofegou ele. Desharin aquiesceu. Thrall contemplava maravilhado, surpreso por não ter se dado conta antes. Então, balançou a cabeça e disse: — E eu achando que estava vindo salvar uma simples floresta. Eles pareciam... árvores.

— Estavam adormecidos. Você os despertou.

— Despertei? Como?

Thrall não queria desviar os olhos dos ancientes. Tratavam-se de criaturas muito, muito antigas, guardiões da sabedoria de eras passadas. Eles se moviam, estalando e pareciam estar... conversando?

O orc esforçou-se para entender e, depois de alguns instantes, conseguiu decifrar as vozes profundas e suaves.

— Sonhando estávamos. Sonhos confusos que nos fizeram reféns da incerteza. O fogo veio e não despertamos. Somente ao ouvirmos o antigo ritual, de xamã para elemento, fomos despertados. Você nos salvou.

— O fogo me disse que estava os purificando. Que vocês estavam... maculados — disse Thrall, tentando se recordar o que o elemental ígneo lhe dissera. — Disse-me que estavam confusos. Que não sabiam o que sabiam, e o que sabiam era incorreto. Perguntei-lhe se seriam capazes de aprender o correto e o Espírito do fogo pensou que sim. Foi por isso que concordou em não queimá-los.

Thrall percebeu, agora que o fogo não era mais uma ameaça, que alguns dos ancientes aninhavam pequenas criaturas em seus galhos. Elas se pareciam dragõezinhos de asas delicadas e coloridas, como as de uma borboleta, e antenas felpudas adornavam suas cabeças. Uma delas ergueu voo, adejou ao redor, e então pouso no ombro de Desharin, acariciando-o com o focinho.

— O nome dessa criatura é dardejante — disse o elfo, acariciando o bichinho. — Não são dragões, mas são os defensores mágicos do Sonho Esmeralda.

De súbito, Thrall compreendera tudo. Olhou para os ancientes, para seu pequeno guardião mágico e para os cabelos verdes de Desharin.

— Você é um dragão verde — murmurou ele.

Desharin assentiu.

— Minha tarefa era observá-lo.

Thrall franziu o cenho, irritando-se novamente.

— Observar-me? Eu estava sendo testado? Meu desempenho satisfez as expectativas de Ysera?

— Não se tratava disso — disse o elfo. — Não era uma avaliação das suas habilidades. Fui incumbido de observar suas motivações, sua maneira de abordar a tarefa. Você tem uma viagem a fazer, Thrall, filho de Durotan e Draka. Precisávamos saber se estava preparado.

Os ancientes voltaram a falar em sua estranha língua crepitante:

— Há muito guardamos as memórias do mundo. Há muito cuidamos de um saber esquecido por todos. Mas o Espírito do fogo estava com a razão. Há algo de errado. As memórias que carregamos estão se borrando e se confundindo... se perdendo. Há algo de muito estranho afetando o tempo.

Elas devem aprender o que é verdadeiro. Alguém deve ensiná-las. Caso contrário, as árvores vão queimar. As árvores vão arder.

— Era isso que o Espírito do fogo estava tentando dizer — disse o orc. — Ele sabia que as memórias estavam erradas. Mas achava que podiam reaprender as memórias corretas. Isso significa que há esperança.

Desharin concordou e pensou em voz alta:

— Há algo de errado com as memórias dos ancientes. Eles não são como nós. Suas memórias não podem ser alteradas, a menos que *as próprias coisas* de que se lembram tenham sido alteradas. Isso significa que alteraram o tempo. — Ele se virou para Thrall, solene. — Esta será a sua jornada. Você viajará às Cavernas do Tempo para descobrir o que aconteceu e consertar as linhas do tempo.

— As linhas do tempo... então elas *existem*. Eu achava que... — Thrall olhava para o elfo, estupefato.

— Existem. Nozdormu e o resto da revoada brônzea cuidam delas. Você deve falar com ele para obter as informações necessárias.

— Eu? Por que eu? Não seria melhor enviar outro dragão?

A ideia era inconcebível: viajar de volta no tempo para alterar ou ajustar a história. O orc estava assombrado. O que a princípio parecera uma viagem trivial agora tomava dimensões assustadoras.

— Posso acompanhá-lo, se assim quiser — ofereceu-se Desharin. — Mas o Aspecto foi adamantino ao dizer que seu papel era vital. Não se ofenda, mas estou tão perplexo quanto você em relação a isso. — De repente, ele abriu um sorriso que lhe fez parecer bem mais jovem do que era. — Pelo menos sua pele é verde.

Thrall achou que fosse se irritar, mas se pegou rindo no fim das contas.

— Toda ajuda e iluminação que puder me oferecer será bem-vinda, e é uma honra que Ysera me tenha em tão alta estima. Farei tudo o que puder para ajudar. — Então se virou para os ancientes. — Para ajudar todos vocês, se eu puder.

Os ancientes agitaram os galhos, e o orc ouviu o som de algo caindo ao chão. A coisa rolou até os pés de Thrall.

— É um presente para você — disse Desharin.

Thrall curvou-se para apanhar o objeto. Era uma esfera, aos seus olhos, igual a todas as outras. Mas sabia que devia ser algo mais e sentiu um calafrio ao envolvê-la com as mãos, como se a protegesse. Então, ele a guardou com cuidado na bolsa.

— Cuide bem dela — proferiu o elfo num tom muito solene. — Esta esfera contém toda a sabedoria de sua árvore mãe, e todo o conhecimento da mãe de sua mãe… e assim por diante, de volta ao início de todas as coisas. Plante-a onde ela possa crescer.

Thrall assentiu, engolindo em seco diante do presente e da tarefa.

— Assim será — assegurou ele aos ancientes.

— Agora, amigo orc — disse Desharin, fitando o céu que clareava —, viajemos às Cavernas do Tempo.

6



A viagem seria bem mais rápida no dorso de um dragão, disse Desharin, e Thrall foi obrigado a concordar. Nevecanto fora deixada para trás. Telaron assegurara ao orc que tomariam conta dela.

— Todos sabem da amizade entre você e a Grã-senhora Jaina — disse o elfo noturno. — Tomaremos conta da sua loba até que ela possa ser enviada de volta em segurança. Nevecanto é um animal nobre e merece muito mais.

Evidentemente, eles eram druidas e cuidariam do bem-estar de qualquer animal, e Jaina providenciaria uma viagem pacífica. Nevecanto não poderia estar em melhores mãos. Thrall afagou o cocoruto da loba uma última vez e se voltou para Desharin.

O dragão assumira sua forma verdadeira e fitava o orc que se aproximava.

— É um honra ser levado por você — declarou o orc ao dragão verde.

— Você recebeu uma missão de Ysera — replicou-lhe Desharin. — A honra é toda minha. Nada tema. O voo será suave e seguro. Tem minha palavra. Eu preferira perder a vida a desapontar meu Aspecto.

— Ela é terrível quando enfurecida?

— Ysera sabe ser terrível quando lhe enfurecem. É um Aspecto. Seu poder é tremendo. Mas seu coração é gentil — disse Desharin. — Não a servimos por medo, mas por amor. Eu ficaria arruinado se lhe causasse qualquer tipo de sofrimento. — A voz do dragão estava infundida de respeito e admiração, e Thrall ficou tocado pela lealdade profunda que Ysera inspirava à sua revoada.

O orc estava feliz por ter aceitado participar daquela aventura, por mais estranha que ela fosse.

Subiu com cuidado na grandiosa criatura e, então, com mais facilidade do que qualquer criatura que Thrall já houvesse montado, o dragão se ergueu aos ares.

Thrall perdeu o fôlego diante da magia e do poder que emanavam de Desharin. Suas asas batiam com força, a brisa acariciava a pele do orc e o dragão ascendia sem parecer fazer esforço algum. Quando conseguiu respirar normalmente de novo, o xamã quis rir. Ela já montara várias criaturas voadoras. Mas agora sentia como se ele próprio voasse.

— Você se importaria em me falar sobre você e seus irmãos dragões? — perguntou Thrall. — Sei alguma coisa, mas, sendo bem franco, não sei o que é mito e o que é verdade.

— Perfeitamente, meu amigo, mas lembre-se de que passei os últimos tempos no Sonho Esmeralda e acabo de despertar. Posso compartilhar o que sei. Uma coisa é certa: os Aspectos raramente intervêm na história das raças mortais. Quanto ao resto de meu povo, muitos ficam intrigados pelas "raças inferiores", como lhes chamam os mais arrogantes. Às vezes, gostamos de assumir suas formas.

— Como a forma de um kaldorei.

— Exatamente — confirmou Desharin. — Em verdade, posso assumir a forma que quiser, mas somos indivíduos e cada um de nós possui uma forma preferida. As revoadas costumam ter cada uma as suas preferências. Por exemplo, nós, os dragões verdes tendemos a preferir os kaldorei, por causa de nossa relação com o grande druida Malfurion Tempesfúria, que passou muito tempo no Sonho conosco.

Thrall assentiu. Fazia sentido.

— Notei que os vermelhos preferem os sin'dorei, e os azuis costumam optar pela forma humana. Já os brônzeos, embora variem mais devido à natureza de seus deveres, parecem preferir... a forma gnômica.

Thrall riu.

— Talvez fiquem cansados de sua forma original e gostem de parecer pequeninos e inofensivos.

— Talvez. Por que não pergunta a eles?

— Hum... acho melhor não.

— Você é sábio.

— A vida me ensinou algumas coisas... — disse o orc. — Vocês por acaso... — Como dizer aquilo? Ele deu de ombros e foi direto ao ponto: — assumem posições de poder entre as raças mortais?

— Geralmente não, apesar de Asa da Morte ter tentado e da sua filha, Onyxia, ter conseguido — grunhiu Desharin. — E Krasus é... era... um membro poderoso do Kirin Tor.

— Era?

— Ele teve seu fim. — Foi tudo o que Desharin disse. Estava claro que se tratava de uma questão delicada.

Thrall mudou de assunto.

— Ouvi dizer que há outros tipos de dragões além das cinco revoadas.

— De fato. Eles são inimigos de todos nós, exceto dos negros, a quem eles servem — explicou Desharin. — O filho de Asa da Morte, Nefarian, tentou criar um novo tipo de dragão, chamado dragão cromático. Ele usou experimentos mágicos para combinar qualidades de todas as revoadas dragônicas. Felizmente, os filhotes resultantes saíam deformados e não viviam muito tempo. Nenhum deles sobreviveu. Os dragões do crepúsculo têm uma origem parecida, salvo que a sua criadora, Sinestra, usou antigos artefatos dragônicos e poderes dos dragões etéreos. Eles se mostraram mais estáveis e longevos... e também possuíam a vantagem de assumir uma forma incorpórea quando quisessem.

— Um inimigo perigoso — ponderou Thrall.

— Deveras — concordou Desharin —, especialmente quando controlados pela revoada negra.

O orc viu o verde de Feralas dar lugar à vasta amplitude de água que era Mil Agulhas. Ele fitava as dezenas de ilhotas que antigamente foram pináculos de rochas pontiagudas e deram nome àquele lugar. O mundo mudara tanto. Ele sabia disso, é claro. Ouvira todos os relatos. Mas ver aquilo tudo lá do céu... indagou-se se os outros membros da Harmonia já haviam visto o que ele estava vendo e, caso contrário, se deviam ver.

Logo, Thrall e Desharin voavam suavemente sobre o deserto de Tanaris. O orc contemplava as rochas e colinas que se erguiam, como uma fileira de dentes afiados, e as numerosas e estranhas ruínas que ali se espalhavam. Havia uma torre angular, uma estrutura abobadada, algo que parecia uma cabana órquica e... o velame esfarrapado de um navio? Adiante, Thrall viu dois dragões brônzeos voando em círculos.

— Esta área — disse Desharin, solenemente —, serve de pátio às Cavernas do Tempo. Vou pousar e entrar a pé. Eles vão querer saber o que nos traz aqui.

— Estou certo de que sim.

Desharin aterrissou, mas permaneceu em forma de dragão. Thrall começou a apear, mas o dragão lhe disse:

— Fique onde está, meu amigo. Não faz sentido cansar suas curtas pernas desnecessariamente.

O dragão se dirigiu ao arco de um prédio abobadado, caminhando sobre a areia macia. A construção parecia estar metade dentro, metade fora de uma das rochas pontiagudas que haviam vislumbrado antes. Quase que imediatamente, um dos dragões pousou perto deles.

— Este não é o seu reino, dragão verde — disse o dragão brônzeo, num tom raivoso. — Vá embora e rápido. Você não tem nada o que fazer aqui.

— Irmão brônzeo — interpelou-o Desharin, respeitosamente —, estou aqui em nome de meu Aspecto.

Os olhos enormes se estreitaram e o dragão brônzeo fitou o orc montado nas costas de seu interlocutor. Ele pareceu surpreso. Então, voltou o olhar para

Desharin.

— Diz que está aqui em nome da dama Ysera — continuou com a voz um pouco menos intimidante. — Sou Cronalis, guardião dos portões das Cavernas do Tempo. Diga-me o que traz aqui e talvez eu o deixe passar.

— Meu nome é Desharin e estou aqui para ajudar este orc. Ele se chama Thrall, era o antigo chefe guerreiro da Horda, atual membro da Harmonia Telúrica. Ysera, a Desperta, gostaria que ele se encontrasse com Nozdormu.

— Ah, eu sei quem é Thrall — riu o dragão. E dirigiu-se ao orc: — E pelo que sei, é uma personagem considerável para um ser mortal. Mas não creio que possa encontrar Nozdormu, se nem sua própria revoada pôde fazê-lo.

Tendo sido chefe guerreiro da Horda, Thrall não ficou surpreso ao saber que era conhecido pela revoada dragônica brônzea. O que o surpreendera foi a revelação de que Nozdormu estava desaparecido.

— Pode ser que ele seja capaz do que nós não somos — ponderou Desharin, num tom afável.

— Ela foi falar consigo? Ysera, a Desperta? — perguntou Cronalis a Thrall, curioso.

Thrall assentiu e contou-lhe de sua conversa com Ysera. Como não queria se gabar, admitiu que havia achado a tarefa a princípio banal, mas depois de perceber que o bosque era o lar de ancientes, compreendera sua importância. Também contou a Cronalis a resposta que o Elemental do fogo lhe dera quando suplicara que não queimasse as árvores. Cronalis aquiesceu, ouvindo atentamente.

— Não sei como poderei encontrar Nozdormu, quando tantos outros fracassaram — admitiu o orc. — Mas dou minha palavra de que darei o melhor de mim.

— Já deixamos que outros entrassem nas Cavernas para nos ajudar a preservar a verdade nas linhas do tempo — considerou Cronalis. — É uma grande ironia. Pode acompanhá-lo se quiser, Desharin. Venham comigo.

— Qual é ironia? — perguntou Thrall, enquanto os dois enormes dragões percorriam um caminho de areia que parecia levar a um dos prédios, mas logo

revelou se dirigir ao coração da montanha.

Olhando para o orc por cima das asas, Cronalis explicou:

— Como eu já disse, às vezes permitimos que alguns mortais nos ajudem a restaurar as verdadeiras linhas do tempo. Recentemente... elas foram atacadas por um grupo misterioso chamado revoada dragônica infinita. A revoada brônzea e, especialmente, Nozdormu têm o dever de preservar a integridade das linhas do tempo. Se elas forem danificadas ou alteradas, o mundo que conhecemos deixaria de existir. Por razões que ignoramos, a revoada dragônica infinita infectou várias linhas do tempo, tentando alterá-las para seus próprios fins. E a sua fuga do Forte do Desterro, Thrall, foi um dos eventos que tentaram alterar.

— O quê? — perguntou Thrall, encarando o dragão.

— Se você não tivesse escapado do Forte, o mundo não seria como é hoje. Você jamais teria reerguido a Horda, nem libertado seu povo dos campos de concentração, de modo que não teria como prestar auxílio na batalha contra a Legião Ardente, quando os demônios vieram. Azeroth poderia ter sido destruída.

Desharin fitou Thrall com ainda mais respeito.

— Não me surpreende que o Aspecto tenha lhe dado tanta importância — disse ele.

— Eu poderia até inflar minha opinião acerca de mim mesmo, mas, em vez disso... sinto-me lisonjeado. Por favor... agradeça àqueles que lutaram para preservar a minha linha do tempo. Para me ajudar. E... — o orc perdia a voz — se encontrarem Taretha, peça-lhes que sejam gentis com ela.

— Se encontrarem Taretha e tudo correr bem, você fugirá com ela, assim como fizeram originalmente — disse Cronalis.

Eles adentraram nas profundezas da montanha. Thrall sentia-se como se tivesse bebido de uma poção mágica e sofresse alucinações, mas sua mente estava límpida. De um lado, via uma casa pela metade, projetando-se da parede da caverna. Outra casa pairava num ângulo estranho, e, acima dela, o céu — céu? Em uma *montanha?* — estava roxo e magenta, enlaçado por estranhas energias. Colunas sustentavam o espaço vazio sobre si e árvores floresciam num lugar sem

água e luz solar. Passaram ao lado de um cemitério. Thrall não perguntou a ninguém, mas imaginou quem estaria enterrado ali. Do outro lado, via pedregulhos de formas variadas flutuando no ar. Lá, via uma torre órquica, acolá, um navio...

Havia também vários seres que, imaginou ele, deviam ser dragões brônzeos. Havia muitas crianças e adultos de quase todas as raças, dragomorfos de seis patas e escamas douradas patrulhando os corredores, e, é claro, dragões brônzeos voando pela caverna.

Em um dado momento, Thrall olhou sobre os ombros e percebeu que as pegadas dos dragões desapareciam.

— Não se trata de uma areia qualquer — disse Cronalis. — Sua presença não deixa traços. Olhe com atenção.

Os olhos de Thrall se arregalaram.

Pairava no ar, diante dele, uma geringonça digna de um gênio gnômico ou goblínico. Era uma ampulheta, mas diferente de todas que já vira. Três caixas enormes despejavam a areia para baixo sem parar.

E três outras caixas despejavam a areia para *cima* sem parar.

Ao redor das seis caixas havia uma estrutura entrelaçada e rodopiante que as envolvia sem as tocar. Ela girava lentamente e as areias do tempo — àquela altura, Thrall já compreendera do que se tratava — subiam e desciam.

— Isto é tão... — ele buscava as palavras, mas não conseguia encontrá-las, e só conseguiu balançar a cabeça, maravilhado.

Desharin estacou e Thrall entendeu que aquela era a deixa para descer do dragão. Então, o dragão verde assumiu a forma de elfo e pôs a mão no ombro de Thrall.

— É difícil para alguém que não seja um dragão entender... — hesitou ele, e então acrescentou, com um sorriso: — É difícil até para os dragões que não são brônzeos. Não se preocupe. Sua tarefa não é compreender os caminhos do tempo.

— Não — fez Thrall, deixando uma nota de sarcasmo transparecer em sua voz. — Só tenho que encontrar o Atemporal, aquele que compreende os

caminhos do tempo e que, aparentemente, ninguém consegue localizar.

Desharin deu um tapinha nas costas do orc.

— Exatamente — disse ele, gargalhando.

Seus olhos se encontraram e Thrall abriu um sorriso. Gostava do dragão verde. Tendo em vista o comportamento excêntrico de Ysera e o distanciamento clínico de Cronalis, Desharin lhe pareceu um dragão simples e franco.

— Não sei como desejam proceder... — disse Cronalis.

Thrall se virou para Desharin, que disse:

— Acho que seria bom termos um tempo para organizarmos nossa cabeça antes de começarmos. É na paz que encontramos a luz, e é bem provável e compreensível que Thrall esteja exausto depois de tudo que viu.

— Como quiserem. Vocês podem ir aonde desejarem, mas tenham em mente que não se deve adentrar as linhas do tempo levianamente. Façam-no sob pena de encontrar sua ruína. Sob nenhuma circunstância devem adentrá-las sem nos consultar. Estou certo de que são capazes de compreender a razão disto — advertiu o dragão, balançando a cabeça dourada.

— Perfeitamente. Obrigado por me deixar entrar, Cronalis. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para ajudar — aquiesceu Thrall.

— Quanto a isso, não tenho dúvidas — afirmou Cronalis e, logo em seguida, saltou ao ar e desapareceu num borrão.

— Mas como...? — fez Thrall, e, então, entendeu o que havia acontecido. Cronalis era um mestre do tempo. Devia ter acelerado o seu próprio tempo para voltar mais rápido ao seu posto. O orc balançou a cabeça, impressionado.

Eles começaram a se afastar dos dragões brônzeos, que pareciam todos atarefadíssimos — até as crianças. Era fácil ver que não eram crianças de verdade, pois traziam no rosto e na postura a sobriedade de seu dever. Árvores cresciam aqui e ali: perenifólias, enraizadas na areia. Aquilo era apenas mais uma das esquisitices daquele lugar, e Thrall não teve escolha senão aceitar. O odor dos pinheiros era doce e suave e lançou o orc de volta à sua juventude, no Forte do Desterro. Quando recebia permissão para sair e treinar, era aquele o cheiro que sentia. Era estranho o quanto um simples cheiro podia despertar memórias tão

intensas, tanto boas, quanto ruins: uma garota que sacrificara tudo para ajudá-lo, um "mestre" que quase o espancara até a morte, num furor embriagado... fora em Eira dos Montes que Thrall vislumbrara pela primeira vez outro orc, e acreditou que seu irmão fosse um monstro.

— Você está inquieto. E, se não me engano — arriscou Desharin —, não é só pelo que viu.

Thrall foi obrigado a concordar.

— Vieram-me lembranças do lugar onde cresci. E elas nem sempre são agradáveis.

— Venha, amigo. Encontremos um lugar para meditar, antes de tentar navegar pelas linhas do tempo. Ao contrário dos dragões brônzeos, para nós, o passado é passado, e não deveria ser um fardo. Creio que já teremos provações o bastante sem levarmos conosco pensamentos inquietadores — disse o dragão.

Eles caminharam em silêncio por alguns instantes, e, então, Desharin estacou.

Este lugar parece tranquilo — disse ele, olhando à sua volta. — Não seremos perturbados aqui. — Ele se sentou entre árvores altas como torres e pôs as mãos nos joelhos. Thrall o imitou.

Ele estava tenso, não só por tudo o que vira e aprendera recentemente e pelas lembranças que o cheiro das árvores lhe trouxe, mas porque da última vez que tentara se imergir num estado meditativo com outras pessoas, ele fracassara miseravelmente. O dragão percebeu.

— Você já é xamã há bastante tempo — disse Desharin. — Deveria estar acostumado com isso. Por que tem tanta dificuldade?

— Ora, você é um dragão verde. Acostumado a passar mais tempo dormindo do que desperto — retrucou Thrall.

Desharin não se ofendeu e limitou-se a ajeitar os cabelos enquanto Thrall se preparava. O dragão verde fechou os olhos e respirou profundamente.

Thrall repetiu o gesto. Desharin tinha razão. É claro que ele estava acostumado. Observou o dragão por um momento, pensando não em imergir num estado meditativo, mas em tudo que transcorrera em tão pouco tempo.

Deixara a liderança da Horda. Viajara a Nagrand e conhecera Aggra. A morte de Carne. O Cataclismo que despedaçara o mundo e o virara de cabeça para baixo. Sua irritação e incapacidade de se concentrar. A missão de Ysera e o encontro com os ancientes... e aquele dragão sentado diante dele, que não parecia em nada com um dragão, e sim com um elfo meditando.

Aquele lugar era, ao mesmo tempo, enervante e inspirador. Thrall não queria fechar os olhos e explorar seu eu interior. Ele queria explorar as Cavernas do Tempo.

Mas sabia que logo, logo o faria. Teria que embarcar naquela missão o mais preparado possível. E foi por isso que, relutante, ele fechou os olhos e começou a respirar calma e profundamente.

Tudo aconteceu tão rápido que, quando o assobio da lâmina no ar o alertou do perigo e ele abriu os olhos, a cabeça de Desharin já havia sido decepada dos ombros.

Thrall deu uma pirueta no ar e aterrissou já de pé. Ele nem sequer olhou para o cadáver de seu novo amigo. Desharin estava morto e, se não tomasse cuidado, logo se juntaria a ele. Empunhou o Martelo da Perdição, girando-o no ar com a fluência e agilidade que só a experiência traz. Enquanto desferia os golpes, tinha os olhos fixos no inimigo: era grande, mas não tão grande quanto um orc, e envergava uma armadura negra, da qual se projetavam espinhos dos cotovelos, ombros e joelhos; vestia manoplas e brandia uma espada larga e brilhante de duas mãos. O orc desferiu um golpe que esmagaria aquela armadura como se fosse de lata, mas tudo que encontrou foi o ar.

O adversário recuou, escapando do Martelo da Perdição por um dedo. Surpreso, Thrall perdeu preciosos segundos tentando deter o movimento do martelo e refazer-se para um segundo golpe. O oponente já havia se recomposto e investia com a imensa espada, a qual brilhava magicamente. O golpe fora muito mais rápido do que Thrall esperava, dado o peso da armadura de seu adversário. O orc sentiu-se apreensivo. Quem *seria* o misterioso inimigo? Impetuoso, veloz, forte...

Por instinto, ele deixou que o peso do martelo, ainda suspenso no golpe, o

levasse para longe da trajetória da investida inimiga. O orc liberou uma mão e a ergueu para evocar uma rajada concentrada de vento. O humano — pelo tamanho e estilo da armadura, Thrall pressupôs que fosse humano — cambaleou e quase caiu na areia macia. Outro pedido aos espíritos do ar e um punhado de areia se ergueu no ar e se atirou contra o elmo, cuja proteção não fora suficiente: a areia, comandada por Thrall, penetrou a viseira, cegando temporariamente seu inimigo. Um grito de agonia e raiva ressoou dentro do elmo, uma voz de homem. Ele ergueu a espada, não para atacar, mas para proteger o rosto.

A aura da espada pulsava, vermelha, tão enfurecida quanto seu mestre. Então, ela desceu sobre Thrall.

Foi aí que o orc se deu conta de que enfrentava um inimigo que, além de incrivelmente ágil e forte, empunhava uma arma talvez tão poderosa quanto o Martelo da Perdição.

Desharin fora pego desprevenido — mas não deveria. Como aquele homem conseguira ocultar sua presença de um dragão verde e do antigo chefe guerreiro da Horda? Onde estavam os outros dragões brônzeos? Thrall pensou em gritar por eles, mas deviam estar longe, afinal, Desharin e ele buscaram um lugar afastado para meditar — o que, em retrospecto, pareceu-lhe uma imensa tolice.

Espíritos da terra, ajudem-me!

Um buraco se abriu sob os pés do homem de armadura negra. Ele tropeçou e caiu de joelho, toda sua graça e poder transformadas num esforço desesperado para soltar a perna. Num grunhido, Thrall ergueu o Martelo da Perdição, trazendo-o abaixo para esmagar...

... mas o martelo retiniu na lâmina da espada. O homem a empunhava com uma só mão. A magia crepitava na lâmina e o humano brandiu a arma com tanta força que Thrall foi lançado para trás como se empurrado pela mão de um gigante.

O homem estava de pé agora, pairando sobre Thrall, a espada erguida para, logo em seguida, descer de encontro ao chão.

Thrall rolou de lado, mas não foi rápido o suficiente. A espada não chegou a trespassar seu torso, mas rasgou-lhe a costela. O orc se levantou o mais rápido

que pôde.

Naquele instante, foram cobertos por uma sombra imensa. Antes que pudesse se dar conta do que acontecia, Thrall fora apanhado por garras gigantescas. O dragão não fora nem um pouco delicado.

— Nós cuidaremos do intruso! — gritou o dragão. — Sua missão é encontrar Nozdormu! — De fato, Thrall viu que o dragão se dirigia a um dos portais espiralados que se abriam para as linhas do tempo. Qual delas, não saberia dizer.

Antes que pudesse dizer qualquer coisa — ou mesmo recuperar o fôlego comprimido em seus pulmões — o dragão brônzeo pairou rente à terra e arremessou o orc portal adentro.

Antes de desaparecer no portal, Thrall ouviu seu adversário gritar numa voz que lhe pareceu estranhamente familiar:

— Você não escapará tão facilmente, Thrall! Não pode se esconder aí para sempre e, quando sair, eu o encontrarei! Eu o encontrarei e o matarei! *Está me ouvindo?!*

7



Numa corrida desembalada, Thrall sentiu a areia se transformar, abruptamente, em terra e grama sob seus pés. Acima, em vez do afresco celestial bizarro das Cavernas do Tempo, viu pinheiros, um céu negro e o brilho das estrelas. O orc estacou e se recompôs.

O cheiro familiar dos pinheiros e da terra, intensificados pela neblina e pelo ar fresco, confirmaram o local onde o xamã se encontrava. Um córrego passava ao lado, e o orc vislumbrou brevemente um tufo branco de pelo, o rabo de uma raposa. Thrall nunca estivera naquele local especificamente, mas conhecia a região. Crescera ali.

Estava em Eira dos Montes, nos Reinos do Leste.

Pois bem, sei onde estou. Mas a pergunta mais importante é... em que época?

Ele estava fazendo algo que pouquíssimos haviam feito, algo que, pouco tempo atrás, nem sequer sabia se era possível.

Em que época estava?

Escorou-se numa árvore, soltou o Martelo da Perdição no chão e se deu conta. Ele estava abalado demais pela morte súbita de Desharin e pela violência

do ataque para perceber a magnitude do que estava acontecendo.

O corte na sua costela requeria cuidados. Thrall colocou uma mão sobre a ferida e clamou pela cura. Sua mão emitiu um brilho suave e quente, que fez com que a ferida se fechasse. Despiu-se do manto e limpou as manchas de sangue na água do córrego. Em seguida, guardou-o na bolsa. Mal havia se enfiado numa roupa limpa quando ouviu vozes se aproximando.

Vozes de orc.

Sem demora, cobriu o Martelo da Perdição com o manto sujo e o guardou na bolsa para que não fosse reconhecido. Ele queria ver quem eram os orcs, e teria que pensar rápido numa história plausível. Os olhos de Thrall se arregalaram e ele ficou muito feliz por saber que o Martelo da Perdição estava protegido de olhares inconvenientes. Reconheceu a montanha negra contra o fundo vermelho: o estandarte do clã da Rocha Negra. Aquilo podia significar duas coisas, dependendo da parte em que estivesse da história do mundo. A maioria dos membros do clã da Rocha Negra eram indivíduos por quem Thrall não nutria respeito algum. Ele se lembrou de Mão Negra, tirano e cruel, e de seus filhos, Laceral e Mútilo, que haviam ido viver na Montanha Rocha Negra.

Mas havia um Rocha Negra que, na opinião de Thrall, redimia todo o clã. O nome deste orc era Orgrim Martelo da Perdição. O coração de Thrall acelerou só de pensar que talvez tivesse voltado a um ponto do tempo em que seu mentor e amigo ainda estivesse vivo. O orc que comprara briga com ele quando estava disfarçado de simples andarilho. Que o provocara a atacar com toda a sua boa e honesta fúria órquica... e que ficara feliz em ser derrotado por ele. Que o ensinara as táticas de guerra órquicas e que, com seu último suspiro, o nomeara chefe guerreiro da Horda e lhe dera sua famosa armadura... e o Martelo da Perdição.

Orgrim. Thrall fora invadido por um desejo intenso de ver o poderoso orc — seu amigo — uma vez mais. E aquilo seria possível, ali... e agora.

O orc que se aproximava empunhou um machado.

— Quem está aí? — inquiriu ele.

— Th... Thra'kash — respondeu Thrall, depressa. Ele não podia se anunciar como xamã, não ali, não naquela era. Como poderia? — Sou bruxo.

— Com um gosto bem estranho para roupas... Onde estão seus crânios e mantos bordados? — inquiriu o orc, olhando-o de cima abaixo.

Thrall se endireitou e deu um passo à frente, de modo ameaçador.

— O propósito de operar nas sombras é não ser notado. Confie em mim, somente os inseguros anunciam seu poder com roupas negras e ossos. O resto de nós *sabe* o que é capaz fazer, e não precisa blefar.

O guarda se afastou e olhou à sua volta com cuidado.

— Você veio... para nos ajudar a levar a missão a cabo?

Thrall não gostou do tom da voz dele, mas não podia levantar suspeitas, de modo que assentiu, dizendo-lhe:

— É claro. Por que mais estaria aqui?

— Estranho enviarem um bruxo — ponderou o guarda, apertando os olhos para inspecionar Thrall. Então, deu de ombros e acrescentou: — Pois bem, meu trabalho não é fazer perguntas, e sim cumprir minhas ordens. Meu nome é Grukar. Tenho que resolver algumas coisas antes da missão. Vou levá-lo à fogueira, perto da tenda. A noite está fria.

— Tem minha gratidão, Grukar.

Thrall acompanhou o guia pelos morros de Eira dos Montes, até chegarem a uma pequena tenda vermelha e preta. O toldo da entrada estava fechado e dois orcs montavam guarda, um de cada lado. Eles lançaram um olhar curioso sobre Thrall, mas como vinha acompanhado de Grukar, logo perderam o interesse nele.

— Espere por mim aqui — falou Grukar, em baixo tom. — Não vou demorar.

Thrall assentiu e aproximou-se da fogueira. Vários outros guardas se agrupavam em volta do fogo, estendendo as mãos para as chamas. Thrall os imitou, tentando chamar o mínimo de atenção possível. Então, ouviu uma voz.

Thrall não conseguia distinguir todas as palavras, mas sabia que estava falando de Gul'dan. O orc se concentrou para ouvir melhor. Gul'dan havia traído os orcs. Havia se aliado aos demônios para aumentar seu poder e formado o Concílio das Sombras para sabotar os clãs. O pior de tudo era que havia

persuadido os orcs mais nobres de Draenor a beber sangue demoníaco. Aquela era a mancha que os perseguira por tanto tempo. Mesmo aqueles que não haviam bebido acabaram desenvolvendo uma sede por sangue insaciável, e sua pele se tornou verde com a mácula, até que o amigo de Thrall, Grom Grito Infernal, finalmente libertou os orcs ao matar o demônio Mannoroth, cujo sangue fora a causa de tanto tormento.

Mas aquele ato heroico estava a anos de distância, no futuro, e Thrall sabia disso. Naquela linha do tempo, a traição de Gul'dan ainda era novidade. E alguém viera persuadir Orgrim Martelo da Perdição a enfrentar Gul'dan.

Finalmente, a história macabra se encerrou. Por alguns instantes, tudo o que se ouvia era o silêncio.

Então Thrall ouviu uma voz que nunca achou que fosse ouvir de novo. Estava mais jovem e alta do que em suas lembranças, mas Thrall a reconheceu imediatamente, sentindo um nó na garganta.

— Acredito em você, velho amigo.

Era Orgrim Martelo da Perdição.

— E que fique claro: não aceitarei os planos que Gul'dan tem para nosso povo. Nós enfrentaremos as trevas ao seu lado.

Subitamente, Thrall foi assaltado por uma dúvida: será que já havia nascido no momento em que se deu aquela conversa? Quem teria tido a coragem de vir tratar com Martelo da Perdição daquele assunto...

Quando se deu conta de quem poderia ser, ficou completamente sem fôlego.

— Um de meus guardas pessoais escoltará vocês para um lugar seguro. Há um córrego aqui perto e muitos cervos na floresta, nesta época do ano, de modo que não passaram fome. Farei tudo o que puder por vocês, e, quando chegar a hora, nós enfrentaremos e derrubaremos o traidor Gul'dan juntos.

Mas não foi isso que aconteceu. O que aconteceu foi que...

O toldo se abriu e três orcs saíram. Um deles era Martelo da Perdição, que tinha um aspecto jovem, forte e orgulhoso, e Thrall reconheceu em seu rosto as marcas que carregaria mais tarde, quando já fosse velho. E apesar do desejo

intenso que sentira havia pouco de rever Orgrim, Thrall deu por si observando os outros dois orcs.

Era um casal, e trajavam peles que pareciam pesadas demais para aquele clima. Um grande lobo branco os acompanhava. Thrall conhecia a criatura, um Lobo do Gelo. Envergavam uma postura altiva. Tanto o orc quanto a orquisa eram fortíssimos e certamente os dois eram guerreiros.

A orquisa carregava uma criança nos braços.

Thrall a conhecia.

Era ele... e os orcs diante de seus olhos eram seus pais.

Ele os fitou, tomado por um misto de alegria, choque e horror.

— Venham, Durotan, Draka — disse Grukar. — Eu e Thra'kash os escoltaremos até seu acampamento.

O bebê se agitou. A orquisa...

Mãe...

... olhou para a criança, e seus traços fortes e orgulhos de guerreira se abrandaram. Então, ela se virou para Thrall. Seus olhos se encontraram.

— Tem olhos estranhos, Thra'kash — disse ela. — Os únicos olhos azuis que vi até hoje foram os deste pequeno.

Thrall tentou encontrar as palavras, mas Grukar o interrompeu com um olhar estranho.

— Apressemo-nos — disse ele. — Poderemos conversar sobre a coloração dos olhos quando estivermos a salvo em nosso destino.

Thrall nunca se sentira tão perdido em toda sua vida. Emudecido, ele e seus pais seguiram Grukar de volta ao lugar onde a linha do tempo o trouxera. Infinitas possibilidades passavam-lhe pela cabeça.

Ele poderia salvar seus pais.

Poderia salvar a si mesmo de ser capturado e criado como gladiador pelo patético e cruel Aedelas Pantanegro. Poderia ajudá-los no ataque a Gul'dan e talvez libertá-los da mácula demoníaca décadas antes de Grito Infernal. Poderia salvar Taretha.

Poderia salvar a *todos*.

Certa vez, contara a Orgrim sobre o assassinato de sua família. As palavras daquela conversa voltavam-lhe à memória — memórias distantes para ele, embora só fossem acontecer no futuro daquele tempo.

Meu pai lhe encontrou?, perguntara-lhe Thrall.

Certamente, respondera-lhe Orgrim. *E muito me arrependo de não tê-los mantido perto de mim. Achei que estava fazendo o melhor por meus guerreiros e por Durotan. Eles vieram, e traziam você, jovem Thrall, e me contaram da traição de Gul'dan. Acreditei neles...*

Sabia que estava os olhando de um jeito indiscreto, mas não conseguia parar. Sempre desejara ter aquela visão — uma visão com a qual deveria ter crescido, uma visão que lhe seria tomada pelos acontecimentos que estavam prestes a se desdobrar caso não tomasse alguma providência.

Eles acabaram percebendo. Durotan pareceu intrigado, mas não foi hostil, ao passo em que Draka demonstrou sua curiosidade abertamente:

— Você parece muito interessado em nós, estranho — disse ela. — Nunca viu Lobos do Gelo antes? Ou é o bebê de olhos azuis que o intriga?

Thrall ainda não conseguia encontrar as palavras. Durotan o poupara do esforço. Olhou à sua volta e julgou que o local onde estavam era bom. Era recluso e verdejante. Virou-se para Draka, sorrindo e disse-lhe:

— Sabia que podíamos confiar em meu velho amigo. Não vai demorar para podermos...

Então, de súbito, Durotan abandonou a frase no meio, e ficou muito quieto. Antes que Thrall percebesse o que se passava, o chefe dos Lobo do Gelo bradou seu grito de guerra e empunhou seu machado.

Tudo aconteceu rápido demais.

Eram três deles, e cada um investiu em uma direção diferente: um contra Durotan, outro contra Draka o último contra o lobo que saltara à frente, em defesa de seus companheiros. Thrall lançou um brado no ar e empunhou o Martelo da Perdição, determinado a ajudar a família.

Uma mão forte o segurou pelo braço.

— O que está fazendo? — grunhiu o guarda.

Naquele instante, Thrall compreendeu duas coisas relacionadas à conversa que tivera com Martelo da Perdição e que, aos poucos, lhe retornava à memória.

Não tenho certeza, mas acho que foi o guarda a quem confiei a escolta de Durotan que convocou os assassinos que o emboscaram.

O guarda fazia parte da emboscada e, evidentemente, supôs que Thrall também fizesse.

A segunda coisa que Thrall compreendeu era bem pior.

Ele não podia deter o que estava prestes a acontecer — não se quisesse preservar a verdadeira linha do tempo.

Seus pais tinham que morrer. Ele, por sua vez, teria que ser encontrado por Pantanegro e ser treinado na arte da guerra para que pudesse libertar seu povo dos campos de concentração. Somente assim impediria que o seu mundo fosse destruído.

Agonizado, estacou. Cada fibra de seu ser urgia-lhe que lutasse, que destruísse os assassinos para salvar seu pai e sua mãe. Mas não poderia fazê-lo.

Draka depositara o jovem Thrall no chão e lutava bravamente para defender o filho e a si mesma. Ela lançou a Thrall um olhar de fúria, desprezo e ódio. O orc soube, então, que carregaria a dor daquele olhar ao túmulo. Voltando-se para a luta, ela amaldiçoou Thrall e seus agressores por terem os traído. Perto dali, o sangue jorrando de um corte brutal na perna, Durotan tentava estrangular aquele que em breve o mataria. Ouviu-se um uivo agudo, interrompido por um baque surdo. O lobo caíra. Draka persistia na luta.

O jovem Thrall, que jazia impotente sobre a terra enquanto os pais lutavam, chorava aterrorizado.

Thrall assistia a tudo tomado pela náusea, incapaz de alterar a história. Seu pai, já moribundo, lutava com forças renovadas e conseguiu partir o pescoço de seu inimigo.

Naquele instante, o assassino que matara o lobo investiu contra Grukar. O traidor, surpreso pela virada inesperada dos eventos, não teve sequer tempo de pensar em sacar a própria arma.

— Não! — gritou ele, a voz elevada pela surpresa e pelo medo. — Não, eu

estou com vocês. O alvo são eles...

Uma enorme espada de duas mãos atravessou o pescoço de Grukar. A cabeça decepada voou pelos ares, jorrando sangue nas vestes de Thrall. Então, o assassino se voltou para ele.

Foi um grave erro.

Isto, ao menos, Thrall podia fazer: podia se defender. Seu dia chegaria, certamente. Mas não seria hoje. O orc canalizou todo seu sofrimento, horror e ira, num ataque e num grito de guerra que assustaram seu adversário. Ainda assim, tratava-se de um assassino profissional. A luta foi feroz. Thrall golpeava, se esquivava, saltava e chutava. O assassino talhava, rugia e fintava.

Embora empenhasse toda sua concentração em sobreviver, o coração de Thrall se encolheu ao ouvir o grito de dor que Durotan soltou ao ver o corpo dilacerado de Draka. Mas o lamento não lhe enfraqueceu o ânimo. Em vez disso, sentiu suas forças se renovarem. Intensificou o ataque, fazendo recuar o oponente que, já muito alarmado, tropeçou e caiu.

Thrall veio com tudo sobre o inimigo, prendendo-o no chão com o pé e erguendo o Martelo da Perdição. Estava prestes a rebentar o crânio do inimigo quando congelou.

Não podia alterar a linha do tempo. E se aquela criatura vil devesse viver por algum propósito que lhe escapava à imaginação?

Thrall grunhiu e escarrou na cara do orc, então saiu de cima dele. Pisou na espada de seu adversário e disse-lhe:

— Vá e nunca mais apareça na minha vista. Entendeu?

O assassino não quis questionar a virada da sorte, limitando-se a fugir em disparada. Ao se certificar de que havia realmente ido embora, Thrall se voltou para os seus pais.

Draka estava morta. Seu corpo havia sido dilacerado e em seu rosto estampara uma expressão de raiva. Thrall se virou para o pai a tempo de ver o assassino arrancar-lhe cruelmente ambos os braços, negando-lhe a possibilidade de segurar o filho no colo antes de morrer. O xamã testemunhara muitas atrocidades, mas o horror daquela cena o paralisara completamente.

— Leve... a criança — arquejou Durotan.

O assassino se ajoelhou ao seu lado e lhe disse:

— Deixaremos a criança para as criaturas da floresta. Quem sabe você não possa vê-la sendo devorada antes de morrer?

Mais tarde, Thrall não conseguiria se recordar de como passara de um lado ao outro da clareira. Quando deu por si, estava urrando tão alto que sua garganta doía, e o Martelo da Perdição se movia tão rápido que só se via um borrão. Também poupou a vida daquele assassino, muito embora queimasse em seu peito o desejo de esmagá-lo até que se tornasse uma massa amorfa de sangue. Com as mãos nos joelhos, respirando com dificuldade, o orc voltou a si.

— Meu filho... — sussurrou Durotan.

Ainda estava vivo!

Thrall se arrastou até a criança e a ergueu nas mãos. Fitou seus próprios olhos azuis e tocou sua face pequena e delicada. Então, ajoelhando-se ao lado do pai, rolou-o sobre o dorso. Durotan grunhiu de dor. Thrall depositou o bebê, enrolado em uma manta que levava o emblema dos Lobo do Gelo, no peito de seu pai.

— Você não tem braços para segurá-lo — disse Thrall, numa voz espessa, os olhos azuis cheios de lágrimas, assim como os do bebê, que chorava. — Então, deposito-o sobre seu peito.

— Quem é você? Você nos trai... deixa eu e minha parceira morrermos... e ataca nossos assassinos... — indagou Durotan, numa expressão de tormento que Thrall não seria capaz sequer de imaginar.

— Você não acreditaria em mim, Durotan, filho de Garad. Mas imploro-lhe... pelos ancestrais, imploro-lhe que acredite nas minhas palavras: *seu filho viverá* — disse Thrall, balançando a cabeça.

A faísca da esperança reluziu nos olhos opacos.

Thrall falou rápido, antes que fosse tarde demais:

— Ele viverá e se tornará forte. Ele se lembrará do que significa ser orc, e se tornará um guerreiro e um xamã.

O ar vinha-lhe aos ofegos, cada vez mais rápidos, mas Durotan agarrava-se

à réstia de vida, escutando atentamente.

— Nosso povo triunfará contra as trevas de Gul'dan. Nossas feridas serão curadas. Nós nos tornaremos uma nação orgulhosa e poderosa. Seu filho conhecerá seu nome e o de sua brava mãe, e batizará uma terra em sua homenagem.

— Como... sabe isso tudo?

Thrall segurou as lágrimas e pôs a mão sobre o peito do pai, ao lado de seu alter ego infantil. Seu coração estava quase parando.

— Confie nas minhas palavras — limitou-se a dizer Thrall, a voz trêmula de emoção. — Seu sacrifício não será em vão. Seu filho viverá e mudará o mundo. Dou-lhe a minha palavra.

As palavras despejavam-lhe pela boca, mas Thrall sabia que tudo o que dizia era a mais pura verdade. De fato, ele *vivera* e *mudara* o mundo, libertando seu povo, enfrentando os demônios, e dando um lar aos orcs.

— Dou-lhe a minha palavra — repetiu.

A expressão no rosto de Durotan se apaziguou e um sorriso tímido se desenhou nos seus lábios.

Thrall pegou o bebê no colo, sentindo-o sobre seu coração por um longo tempo.

Finalmente, o bebê dormiu. Thrall o embalou noite adentro, sentindo a cabeça com mil pensamentos e o peito quase explodindo de emoção.

Uma coisa era ouvir que seus pais morreram para protegê-lo. Outra era testemunhar tamanha devoção. Enquanto bebê, fora amado profundamente sem ter que fazer nada em troca. Não salvara vidas, não lutara em nenhuma guerra, tampouco matara demônio algum. Era amado simplesmente por ser quem era, com todas as lágrimas e pirraça, sorrisos e risadas.

Mais do que tudo na vida, Thrall queria ter salvado seus pais. Mas as linhas do tempo eram impiedosas. Tudo o que acontecia tinha uma razão de ser, e os dragões da revoada brônzea se encarregavam de corrigir os desvios.

Eis a "correção": deixar gente boa morrer. Gente inocente. Era cruel,

devastador, mas era como tinha que ser. E Thrall sabia disso.

Estremecendo, ele desviou o olhar da cena de sua família chacinada. Um brilho o forçou a fechar os olhos. Havia algo refletido na água... alguma coisa dourada e com escamas...

O orc tentou identificar a origem do reflexo. Não havia nada. Só as árvores, a terra e o céu. Não havia nenhum dragão, conforme esperava. Ele se ergueu, segurando o bebê, e fitou a água novamente.

Um olho enorme o fitou de volta.

— Nozdormu?

O rio era pequeno demais para abrigar o dragão. Tinha que ser um reflexo... mas não era.

Subitamente, uma choradeira irrompeu na floresta, arrancando o orc de seu estado de compenetração. Pelo visto, o bebê Thrall havia despertado. E estava faminto. Thrall se voltou para ele e, falando baixinho, tentou acalmá-lo. Então, voltou-se para a água novamente.

O reflexo desaparecera. Mas Thrall tinha certeza de que o havia visto. Olhou ao seu redor. Nada.

Uma voz humana rompeu o silêncio da floresta.

— Pela Luz! Que barulheira!

A voz era de um timbre cortês e sofisticado, muito ao contrário do choro do bebê Thrall.

— É melhor dar meia volta, tenente. Essa barulheira com certeza assustou todos os cervos.

— Você não aprendeu nada do que eu tentei lhe ensinar, Tammis? A caçada não serve só para botar comida na mesa. Ela também serve para tirar a gente daquela maldita fortaleza. Deixe a criatura chorar e espernear o quanto quiser.

Thrall conhecia aquela voz. Já fora até elogiado por ela. Mas estava mais habituado a ouvi-la num tom baixo e repleto de desprezo, amaldiçoando-o. Aquele homem ajudara a moldar seu destino. Aquele homem era a razão pela qual carregava o nome de Thrall, um nome de escravo para que todos soubessem de onde vinha e quem era.

Aquela voz pertencia a Aedelas Pantanegro.

A qualquer momento, Pantanegro e seu companheiro — que só podia ser Tammis Volpe, servo de Pantanegro e pai de Taretha Volpe — adentrariam a clareira. Pantanegro iria encontrar o bebê Thrall nos braços do Thrall adulto e o levaria consigo. Ele criaria Thrall para lutar e matar, e ser um estrategista. Então, um dia, Thrall o mataria.

Com cuidado, o orc depositou o bebê no chão e deteve a mão sobre os seus cabelos negros, acariciando a manta que mais tarde se tornaria rota e puída.

— Que momento singelo e, no entanto, tão bizarro.

Então, empunhando o Martelo da Perdição, Thrall se pôs entre o bebê e o dono daquela voz.

O assassino misterioso que o atacara nas Cavernas do Tempo postava-se a alguns passos de distância. O orc achou que os dragões brônzeos cuidariam dele, mas parecia que, apesar das palavras de frustração que proferiu ao ver Thrall escapar, ele conseguira ludibriar os dragões e encontrar um jeito de entrar na linha do tempo. Não bastasse isso, encontrou Thrall lá dentro.

Mais uma vez, o estranho sentimento de familiaridade inquietou o orc. Aquela armadura... aquela voz...

— Conheço você — disse Thrall.

— Então diga meu nome. — A voz era profunda e tinha um tom agradável, bem-humorado até.

— Não sei seu nome. Ainda não. Mas tem algo em você... — grunhiu o orc.

— Na verdade, tenho que agradecê-lo — continuou o assassino. — Meu mestre me incumbiu de uma tarefa: matar o poderoso Thrall. Você já escapou por entre os meus dedos uma vez. E talvez escape de novo. Mas se esqueceu... de uma... *coisinha*...

A cada intervalo o assassino dava um passo à frente. Subitamente, Thrall entendeu a insinuação. Ele cerrou o punho em volta do Martelo da Perdição e se empertigou inteiro. Seu rival era alto para um humano, mas estava longe de ter o tamanho de um orc.

— Você não tocará neste bebê! — rosnou Thrall.

— Ah, acho que vou, hein!? — Disse a figura da armadura negra. — Pois então... eu sei de alguém que está prestes a chegar aqui. E este alguém é a última pessoa contra quem você quer lutar. Do contrário, a linha do tempo seria tão violada quanto se você tivesse salvado seus pais. Você sabe que Aedelas Pantanegro vai chegar aqui e pegar esse bebezinho verde para criar e transformar num gladiador. Com certeza absoluta você não vai querer participar da reunião.

O desgraçado tinha razão. Thrall não podia ser visto. Não podia lutar contra Pantanegro e correr o risco de feri-lo ou até de matá-lo.

Não agora.

— Você tem que sair daqui. Mas também precisa proteger seu eu do passado. Porque se o meu trabalho é matar você... é muito mais fácil partir um bebê no meio do que um orc adulto. Apesar de, modéstia à parte, eu ser muito bom em matar orcs. E agora, o que fazer...?

— O choro não para por nada — reclamou Pantanegro. Ele estava mais perto. Mais um pouco e chegaria à clareira.

— Deve ser uma criatura ferida, senhor. Ela não deve estar conseguindo andar — sugeriu Tammis.

— Então vamos encontrá-la e dar fim ao seu sofrimento.

O estranho riu e, subitamente, Thrall entendeu qual era o seu plano.

Em silêncio, embora quisesse bradar seu grito de guerra com toda sua alma, ele se lançou contra o assassino. Não usou o martelo, apenas seu imenso corpo. O humano não estava esperando pelo ataque e sequer teve tempo de erguer a arma antes que Thrall viesse de encontro a ele. Com a força do impacto, ambos foram propelidos para dentro do rio.

— Que barulho de *tchibum* foi esse? — perguntou o tenente Aedelas Pantanegro, sorvendo um gole sedento da garrafa que carregava consigo.

— Deve ser uma daquelas tartarugas enormes que vivem por aqui, senhor — disse Tammis. O tenente, que já estava alto e dava os primeiros passos rumo à embriaguez, concordou. Noturcanto, seu cavalo, estacou abruptamente. Pantanegro fitou os corpos dos três orcs e do imenso lobo branco.

Um movimento atraiu seu olhar e, de repente, Pantanegro entendeu qual era a fonte daquele barulho insuportável. Era a coisa mais feia que ele já havia visto: um bebê órquico, enrolado num trapo que, sem dúvida, passava por manta no meio daquelas criaturas.

Ele desmontou do cavalo e se aproximou do bebê.

8



Muitos dias se passaram desde a derrocada do Templo do Repouso da Serpe. Kalec acreditou — ingenuamente, talvez, mas com sinceridade — que a morte trágica, porém necessária, de Malygos pudesse promover a paz e a união entre as revoadas dragônicas. Ele comparecera à reunião com o peito cheio de esperança, mas tudo o que viu foi a ruína de seus sonhos e do templo.

A perda dos ovos de todas as revoadas, de uma só vez — exterminados por um dos seus, ainda por cima —, foi um golpe devastador, o qual Kalec receava que jamais superariam por completo. Korialstrasz já era seu amigo havia bastante tempo, era alguém em quem confiava plenamente... ele balançou a cabeça e baixou os olhos, sôfrego.

Ysera havia despertado, mas continuava dispersa e enigmática e, segundo o que ouvira de sua revoada, havia partido numa viagem. Nozdormu estava desaparecido havia algum tempo. Alexstrasza, devastada pela traição de Krasus, também desaparecera. Malygos estava morto e Asa da Morte, à solta pelo mundo, urdindo a destruição de todos eles.

Mesmo os dragões mais velhos diziam que, desde a traição de Asa da

Morte, nunca houvera um tempo de tanto caos e dor.

As revoadas se isolaram umas das outras. Kalec tinha amigos em quase todas, mas mesmo entre amigos o clima estava carregado de tensão. Embora as revoadas verde, vermelha e brônzea desconhecessem o paradeiro de seus Aspectos, ao menos eles estavam vivos. O dos azuis, não e, nos últimos dias, eles fizeram questão de enfatizar isso.

Os azuis se encerraram no Nexus, onde sempre haviam habitado. Naquelas cavernas frias, muito se conversou, analisou, teorizou e discutiu sobre os protocolos da magia. Mas muito pouco se fez.

Kalecgos achava que sua revoada estava muito mais interessada na teoria de como criariam ou escolheriam um novo Aspecto do que na necessidade urgente de fazê-lo. Mas isso não o surpreendia. Os azuis adoravam desafios intelectuais. O desprezo que sentiam pelas "raças inferiores" era a única coisa que os demovia de — assim como o falecido Krasus — adotar formas diferentes para se misturar aos outros usuários de magia, tais como os magos do Kirin Tor. A magia Arcana — fria e intelectual — pertencia a eles por direito, graças à decisão dos titãs de tornar Malygos o Aspecto da Magia daquele mundo. De acordo com os que partilhavam desta opinião, as raças mais jovens não tinham nada que se meter a mexer com magia. E, para satisfação de Kalec, muitos pensavam assim.

Parecia haver tantas propostas diferentes para criar ou escolher um novo Aspecto quanto havia dragões azuis no mundo. Aliás, pensou Kalec, bufando fogo de tão irritado, tantas propostas quanto as *escamas* de cada dragão.

Um dos mais jovens perguntou, assustado:

— E se não puder existir um novo Aspecto? Os titãs fizeram de Malygos o Aspecto da Magia. E se somente os titãs puderem fazer outro, e se as outras revoadas tiverem nos condenado a viver para todo sempre sem Aspecto?

Mas seu medo foi rapidamente apaziguado. Os dragões mais velhos balançaram a cabeça, despreocupados.

— Todos sabemos que os titãs foram muito poderosos e muito sábios — proferiu um deles. — Podemos presumir que eles previram que isso aconteceria algum dia. Nossos eruditos estão certos de que, pesquisando, descobrirão o que

devemos fazer.

Kalecgos acreditava naquilo. Acreditava na sabedoria dos titãs, que haviam criado todos os Aspectos muito tempo atrás. No entanto, havia os azuis que acreditavam mais na superioridade e nas capacidades da própria revoada azul. Jamais fracassariam em encontrar uma solução para o problema. Uma coisa era certa: não lhes faltavam teorias.

Reza a lenda que, quando os Aspectos foram criados, as luas se encontravam numa conjunção rara. O mesmo alinhamento, que não acontecia havia séculos, se repetiria em alguns dias. Uma das teorias mais populares, que beirava o reino da arte dramática, era de que o evento celestial seria de importância para o cumprimento de sua tarefa. Alguns diziam que "seria crucial para a execução adequada da magia necessária para facilitar a transformação de um azul normal em Aspecto; outros achavam que era só uma coincidência fortuita.

Havia outros que queriam que a maioria dos azuis estivessem presentes na cerimônia.

— Teremos um Aspecto, de um jeito ou de outro — disse um dos eruditos mais pragmáticos. — Se a conjunção das duas luas não operar nenhuma mudança física, ao menos podemos decidir, enquanto uma revoada, quem acreditamos que seria o melhor líder.

— Além disso, Malygos não partiu sem deixar filhotes — acrescentou Arygos. — Eu mesmo sou filho de Malygos com sua primeira consorte. Pode bem ser que a habilidade para se tornar um Aspecto esteja no sangue. Não podemos deixar de considerar esta possibilidade.

— Não há nada que indique isso — interveio Kalecgos. — Nem todos os Aspectos eram da mesma linhagem originalmente.

Ele desaprovava a conduta de Arygos e sabia que o filho de Malygos se sentia ameaçado por alguém que via como um arrivista. Se havia divisões entre as revoadas dragônicas, também havia divisões dentro da revoada azul. O fantasma de Malygos pairava sobre todos. Havia aqueles que, como Arygos, prefeririam seguir os passos do Aspecto e extrair o máximo possível do mundo; e

aqueles que, assim como Kalec, pensavam que estar no mundo e se unir às outras raças e revoadas só servia para fortalecer e enriquecer a revoada azul.

Antes do ataque dos dragões do crepúsculo, a divisão era tênue. Agora, era um abismo enorme e escancarado, do qual Kalec não gostava, mas sabia que não podia ignorar.

Ele desaprovava a ideia de votar, reduzindo o título do Aspecto a isto: um título vazio, sem os verdadeiros poderes de um Aspecto. O poder dos Aspectos testemunhou os primórdios do mundo, quando não havia nada, nem ninguém, exceto, talvez, os ancientes. Transformá-lo num prêmio de concurso, dá-lo ao dragão mais popular ou mais influente da revoada...

Ele balançou a cabeça, irritado, e se afastou do local da discussão. Arygos percebeu e chamou por ele:

— Kalecgos! Aonde está indo?

— Vou pegar um ar — respondeu Kalec por sobre os ombros. — Aqui dentro está muito abafado pra mim.

O humano afundou feito pedra, com sua armadura pesada, embora resistisse bravamente. Ele soltou a enorme espada e se agarrou ao manto de Thrall com uma mão. Eles afundaram juntos. Thrall tentou fincar uma lâmina no braço do homem, mas a água retardava seus movimentos. Em vez disso, agarrou a mão dele e abriu à força.

Soltando bolhas pelo elmo, o humano tentou agarrar Thrall com a outra mão, mas o orc o chutou com força e nadou para longe.

Foi então que percebeu que o rio era muito mais profundo do que aparentava, que possuía uma profundidade impossível. Do canto do olho, viu algo reluzir e virou-se para ver o que era.

Era o brilho dourado das escamas de um grandioso dragão brônzeo, a mesma imagem que tinha visto na água anteriormente. De repente, Thrall se deu conta de que a queimação em seus pulmões, desesperados por ar, havia cessado. Ele sabia que aquilo só podia ser a magia das linhas do tempo, e aceitou o estranho fato. Manteve os olhos fixos nas escamas douradas e nadou na direção

delas.

Um calor estranho envolveu seu corpo, a água ao seu redor reluzia. As escamas desapareceram. Ele subiu à superfície...

... do mar. Olhou à sua volta, tentando se localizar e avistou vários navios. Ou o que restava deles, ao menos.

Eram os navios que ele, Grom Grito Infernal e o resto dos orcs haviam roubado dos humanos para seguir o conselho de um estranho profeta, um profeta que lhes rogara que partissem dos Reinos do Leste rumo a Kalimdor.

Thrall e os outros orcs venciam as águas para chegar à costa, e contemplavam os escombros flutuantes. Ele carregou uma caixa até a praia. Ao depositá-la no chão, alguém o chamou.

— Chefe guerreiro! — Fazia quanto tempo que não respondia àquele título? Virou-se para atender ao chamado e viu que o interlocutor caminhava na direção de outra pessoa.

— Sou eu... — constatou Thrall. Assim como vira a si mesmo bebê, havia pouco, agora via outra versão de si. Escutou a conversa, tomando cuidado para não perceberem que estava olhando para o Thrall daquela linha do tempo. Aquela situação era muito mais estranha do que quando vira outras versões de si na missão das visões. Desta vez, estava fisicamente a poucos passos de distância.

— Nosso navio sofreu danos graves quando passamos pela Voragem — reportou o orc.

Novamente, foi tomado por um estranho incômodo. A Voragem... o lugar do qual havia partido. O lugar de onde Asa da Morte havia saído: o lugar que a Harmonia Telúrica tentava desesperadamente curar. Balançou a cabeça, espantado com a profundidade das mudanças transcorridas nos últimos anos.

— Não tem salvação — continuou o bruto.

— Eu sabia... E quanto à nossa localização? Chegamos a Kalimdor?

— Navegamos rumo ao oeste, conforme nos instruiu. Imagino que sim.

— Certo.

Thrall observava a cena discretamente. Ele se lembrou daquele momento, oito anos antes, e recordou-se de suas prioridades naquele instante.

— Algum sinal de Grom Grito Infernal e dos outros navios? — perguntou o Thrall daquela linha do tempo.

— Não, chefe guerreiro. Nenhum sinal desde que nos separamos.

— Hum... Prepare os homens para a partida. Se nossos camaradas tiverem sobrevivido à viagem, vão estar em algum lugar da costa.

Thrall se virou para contemplar a longa faixa de areia.

Avistou uma luz dourada e breve, que logo sumiu. Talvez não passassem de um raio de sol refletido na areia. Mas Thrall sabia que não era isso.

Os orcs estavam ocupados limpando as embarcações danificadas e descarregando os suprimentos na praia. Logo, armariam o acampamento. Thrall deixaria isso para seu eu do passado.

Rumou para o oeste, seguindo as escamas reluzentes.

Desta vez, encontrou um buraquinho na terra, do tamanho de uma toca. E, em volta dele, a luz já familiar dos portais do tempo.

Nozdormu estava mesmo preso?, perguntava-se o orc, dando um passo à frente. Ou será que estava o conduzindo numa espécie de caçada? De repente, o buraco cresceu e ele caiu lá dentro, mas, antes que tivesse tempo de se assustar, emergiu do outro lado do portal. Ao sair, deparou-se com um pássaro negro pousado na relva. O pássaro inclinou a cabeça e o encarou com seus olhinhos vermelhos e abriu o bico para dizer:

— Saudações, filho de Durotan. Eu sabia que encontraria o caminho.

Medivh! O grande mago viera a Thrall num sonho e lhe dissera que o acompanhasse. Thrall obedeceu e Medivh recompensou sua persistência. Mas... ele não estava em forma humana quando tiveram aquela conversa?

Thrall tentava se lembrar do que dissera ao mago.

— Era você que estava na minha visão. Quem é você? Como me conhece?

— Eu sei de muitas coisas, jovem chefe guerreiro, sobre você e seu povo. Por exemplo, sei que, neste instante, está procurando Nozdormu — disse o corvo, inclinando a cabeça negra feito ébano.

Thrall ficou boquiaberto.

— Você ainda não encontrou os caminhos do tempo. Saiba que eu vi o

futuro e nele vi as sombras flamejantes que vieram para engolir o mundo. E ao vislumbrar o futuro, vi vários outros. Preste atenção no que vou dizer, pois é você quem terá que encontrar o caminho.

O orc riu ao se dar conta de que não devia estar surpreso. Tratava-se de Medivh, afinal. Ele era uma criatura misteriosa. Viajar no tempo não devia estar fora do seu alcance.

— Quando eu lhe dei ouvidos pela primeira vez, fui recompensado — ponderou o orc. — Não tenho motivos para crer que desta vez será diferente.

— Conhece a arte da tecelagem, Thrall?

— Eu... já a vi sendo executada, mas não é uma técnica que domino — respondeu o orc, surpreso pela pergunta.

— Não é necessário dominar a técnica para compreendê-la — disse o corvo-que-não-era-corvo. — A urdidura e a trama. O padrão. O manuseio da naveta. A compreensão de que algo que não existia está sendo criado e de que o tear é um mundo em miniatura. E estar ciente de que para desfazer parte da peça, basta puxar um fio solto.

— Mago, suas palavras são confusas. Hoje, testemunhei o assassinato de meus pais; lutei contra um assassino misterioso que provavelmente foi enviado pela revoada infinita; estou tentando encontrar o Atemporal, que parece me conduzir numa caçada estéril e o melhor conselho que você tem para me dar é uma conversa sobre tecelagem?

O pássaro fez um sinal de desinteresse, meneando a cabeça e agitando as asas.

— Ouça o que lhe digo, ou não. Eu sei o que você está caçando. Tome cuidado para não caçar a coisa errada. Este lugar está cheio de ilusões. Só há um jeito de encontrar o que está buscando, só há um jeito de encontrar a si mesmo. Adeus, Go'el, filho de Durotan e Draka.

O pássaro bateu as asas e, em poucos segundos, desapareceu nos céus.

Thrall estava completamente perdido. Ficou surpreso ao se dar conta das palavras que balbuciava:

— Nada disso faz sentido, mas os espíritos me dizem... que devo confiar

nele.

Foram exatamente as mesmas palavras que disse ao fim de seu primeiro encontro com Medivh. Foi então que ele percebeu que devia confiar nelas, pois deviam ser tão verdadeiras quanto da primeira vez. Os espíritos estavam lhe dizendo para confiar no mago. Ele fechou os olhos e, depois, abriu-os para os espíritos da terra, do ar, do fogo, da água e do último elemento, a vida, que levava sempre no coração.

Ainda não havia entendido aonde o mago queria chegar. As palavras pareciam não ter sentido. Mas Thrall estava mais calmo e sabia que, de alguma forma, quando a hora chegasse, ele compreenderia.

Guiem-me, pediu aos espíritos elementais. *Quero ajudar, juro que quero, mas não consigo encontrar este ser grandioso que me incumbiram de procurar. Vejo sua figura, pistas, mas toda vez recaio sobre diferentes episódios da minha vida e não consigo me aproximar dele.*

Abriu os olhos.

Nozdormu estava bem diante dele. Ou melhor, uma imagem translúcida do dragão. A grandiosa criatura abriu a boca para dizer algo, mas Thrall não ouviu nada.

— O que você deseja, Atemporal? — gritou ele. — Estou tentando encontrá-lo!

Nozdormu estendeu a pata, a palma virada para cima, e fez um sinal para que Thrall se aproximasse. O orc correu rumo ao dragão.

E mais uma vez, a luz do sol reluziu nas escamas brônzeas de Nozdormu. Aparentemente, Thrall ainda não havia encontrado o lugar certo no tempo.

Ele se recordou de algo que Caerne lhe dissera havia muito, muito tempo. *O destino... se dá na hora certa.*

Mas qual é a hora certa? Era o que Thrall queria gritar. Ele estava cansado, sua alma estava cansada de procurar aquela ilusão misteriosa que parecia desaparecer só para ludibriá-lo e provocá-lo e, então, lançá-lo em outra linha do tempo.

A cada vez que seguia a figura do Atemporal, ela o levava a um momento

diferente da sua vida. Alguns eram agradáveis de relembrar; outros, longe disso. Mas todos eram momentos significativos, marcas profundas no tempo. E em todos aqueles momentos Thrall havia visto Nozdormu. Ficou alerta a uma possível reaparição do assassino misterioso, mas não havia sinal dele. Thrall esperava que tivesse se afogado, afundado com o peso da armadura estranhamente familiar naquele riacho que estava muito além de ser um simples riacho. Mas a esperança de não reencontrá-lo não diminuiu seu estado de alerta.

Ao sair do novo portal, Thrall se deu conta de que estava havia muito sem comer, nem dormir. Adentrou uma floresta iluminada pela luz do crepúsculo. Ela lhe era familiar... muito familiar.

— Estou em Eira dos Montes de novo — resmungou para si mesmo, esfregando os olhos. Desta vez, pelo menos conhecia o lugar. A floresta mudara desde a última vez em que estivera lá. Quanto tempo fazia? O ronco do estômago e o corpo cansado lhe disseram que já fazia quase um dia. As árvores aparentavam estar mais velhas, o que o fez pensar que já haviam se passado alguns anos desde... desde a morte de seus pais. Além disso, era outra estação: estava em pleno verão. Isto significava que haveria muitos cervos e frutas silvestres para colher, de modo que não ficaria morrendo de fome enquanto esperava o momento de sua vida passada que iria reviver.

Sem demora, armou um laço para pegar coelhos e foi apanhar frutas, desfrutando do crepúsculo demorado e silencioso. Uma das armadilhas funcionou. Thrall fez uma fogueira para assar o animalzinho — embora a maioria dos orcs gostasse de carne crua, ele preferia a carne assada — e se estendeu ao lado do fogo para dormir.

Acordou algum tempo depois, em estado de alerta. Não se moveu. Algo frio e metálico pressionava sua garganta.

— Malditos orcs — disse alguém. A voz era feminina e rouca, dando a impressão de que não era usada fazia algum tempo. — Se não fosse pelo dinheiro que está prestes a me dar, eu o mataria deitado aí mesmo.

Dinheiro? Ela devia estar falando de alguma recompensa. Será que havia uma recompensa pela sua cabeça, nas terras da Aliança, e ela o identificara,

assim, tão rapidamente e naquela escuridão? Não, se fosse o caso, teria dito, e não feito um insulto generalizado a todos os orcs.

— Não vou lhe machucar — assegurou-lhe Thrall, mantendo o tom de voz o mais calmo possível.

A arma que ela pressionava contra sua garganta era um bacamarte. Ele calculou qual era a chance de conseguir se mover rápido o bastante para empurrar a arma para longe antes que ela atirasse e suspeitou que não conseguiria.

— Ah, mas não vai mesmo, e se tentar vou estourar os seus miolos. Levante-se agora, e bem devagar. Você vale mais para mim vivo do que morto, mas não pense que eu não aceitaria a recompensa menor, caso você comece a me causar problemas.

Ele obedeceu, levantando-se lentamente, conforme havia sido ordenado, e mantendo as mãos bem visíveis.

— Vá até a árvore à sua esquerda e fique de frente para mim — ordenou ela.

Thrall resmungou e virou-se bem devagar...

Ao ver a mulher, engasgou.

Ela era magra, chegava quase a ser esquálida. Os cabelos eram bem curtos e claros. Parecia ter 30 e poucos anos e estava vestida com uma camisa, calça e botas. A luz da lua conferia-lhe um aspecto macilento, projetando sombras sob os olhos e as faces, mas Thrall não achou que a luz do dia lhe faria grandes favores. Talvez já tivesse sido uma mulher bonita. Na verdade, havia sido e Thrall sabia disso.

— Taretha — ofegou ele.

9



Taretha estreitou os olhos e ergueu o bacamarte, mirando bem no peito de Thrall.

— Não vou errar — disse ela. — Como sabe o meu nome?

Por um instante, Thrall ficou completamente desnorteado. Então, compreendeu. Ele devia ter caído em uma das linhas do tempo erradas, que precisava ser consertada pelos dragões brônzeos. Porque, por mais doloroso que fosse, ele sabia que Taretha Volpe, sua única amiga de infância, vivera somente até a casa dos vinte anos.

— O que vou dizer vai parecer estranho, mas, por favor, imploro que acredite em mim — rogou ele, tentando parecer tão calmo e são quanto possível.

— Você até que fala bem... para um pele-verde nojento.

Era doloroso ouvir Taretha, que sempre fora como uma irmã para ele, dizer-lhe coisas tão duras, mas ele não retrucou.

— É porque fui educado... por humanos — explicou ele. — Fui treinado pelo Senhor Aedelas Pantanegro para ser um gladiador. Ele se certificou que eu aprendesse a ler e escrever para que pudesse melhor entender a arte da guerra.

Sua mãe, Clannia, salvou minha vida, Taretha. Ela cuidou de mim quando eu era criança. Meu nome é... Thrall.

Taretha hesitou, mas somente por um instante. Pelo jeito que manuseava a arma, era possível perceber que era uma artilheira experiente.

— Mentira — bradou ela. — Aquele orc morreu poucos dias depois.

Thrall ficou em choque. Então ele *havia* existido naquela linha do tempo... mas morrera na infância. Era tudo muito difícil de aceitar. Ele tentou de novo.

— Já ouviu falar em dragões, Taretha?

— Não me insulte. É claro que já. Minha paciência está se esgotando, orc. O que os dragões têm a ver com isso? — grunhiu ela.

O tom dela era tão duro e amargo. Ainda assim, Thrall insistiu:

— Então você deve saber que existe um grupo de dragões chamado revoada brônzea. O líder deles é Nozdormu. Eles são encarregados de fazer com que o tempo transcorra corretamente. Em outra linha do tempo, como lhe disse, eu sobrevivi e me tornei um gladiador, assim como queria Pantanegro. Você me mandava bilhetes escondidos em livros. Nós nos tornamos amigos.

— Eu, amiga de um orc? — A descrença fez subir o tom de voz de Taretha. — Pouco provável.

— É — concordou ele —, *muito* improvável. E é por isso que é maravilhoso. Lembra-se do bebê de que sua mãe cuidou, e de que você gostava dele? Era eu. E você tinha ódio do que fizeram comigo. Acabo de conhecê-la, mas acho que já consigo entendê-la um pouco. Parece-me que você não gosta quando agridem alguém que não pode se defender.

Taretha hesitou novamente e desviou os olhos por alguns instantes. Thrall enchia-se de esperança. Não importa que desgraça tivesse recaído sobre a moça gentil que conhecera para torná-la tão fria e dura, parecia-lhe que, no fundo, ela continuava a mesma. E, caso o fosse, talvez conseguisse tocar seu coração. Ao contrário do que acontecera na sua linha do tempo, talvez ali ele pudesse ajudá-la de alguma forma.

— Você me ajudou a fugir — continuou ele. — Eu libertei meu povo dos campos de concentração. Derrotei Pantanegro e derrubei o Forte do Desterro.

Depois, humanos, orcs e outras raças se uniram para derrotar uma força demoníaca chamada Legião Ardente que atacou nosso mundo. Tudo graças a você, Tari. A minha linha do tempo deve muito a você.

— É uma bela história. Bem mais criativa do que eu esperaria de um orc — fez Taretha. — Mas é tudo mentira. O mundo não é assim. E este é o único mundo que conheço.

— E se eu pudesse provar a você?

— É impossível!

— E se eu provar?

Taretha continuava em guarda, mas já demonstrava sinais de curiosidade.

— Como? — perguntou ela.

— Você conheceu o orc bebê — disse Thrall. — Lembra-se de que cor eram seus olhos?

— Azuis — respondeu prontamente. — Ninguém nunca tinha visto um orc com olhos azuis antes.

Thrall apontou para os próprios olhos.

— Meus olhos são azuis, Taretha. E eu também nunca vi outro orc de olhos azuis.

— Até parece que vou chegar perto o bastante para olhar nos seus olhos, no meio da noite — disse ela. — Bem jogado. — Fez um sinal com a cabeça. — Vai andando, pele-verde.

— Espere! Tem outra coisa... para provar que estou dizendo a verdade.

— Chega, eu já me cansei dessa história — asseverou ela.

— Na bolsa — insistiu o orc. — Olhe na bolsa. Tem um bolso lá dentro. No bolso... acho que você vai encontrar algo familiar.

Ele rezou para que não tivesse se enganado. O bolso continha um punhado de itens. Seus totens. A esfera que lhe fora dada pelos ancientes, é claro. A imagem de um altar, representando cada um dos elementos. E... algo bastante precioso. Algo que ele perdera, mas conseguira encontrar novamente... algo que guardaria consigo até o dia de sua morte.

— Se estiver tentando me enganar, vou abrir um buraco tão grande em você

que... — resmungou ela. E, no entanto, indo contra o bom senso, ajoelhou-se com cuidado e começou a vasculhar a bolsa. — O que estou procurando?

— Acho que você saberá quando vir.

Ela resmungou de novo, passou a arma para a mão direita e largou a bolsa. Remexeu os objetos, não encontrando nada que lhe dissesse respeito.

— Aqui só tem uma pedra, uma pena e...

Taretha se calou. Ela contemplou a joia sob a luz da lua. Parecia ter se esquecido completamente de Thrall, enquanto segurava, trêmula, o colar de prata. Uma lua crescente adornava a corrente. Boquiaberta, olhou para Thrall e, no lugar da raiva, do medo e do ódio que distorciam seus belos traços até pouco tempo atrás, havia uma expressão de espanto... e maravilhamento.

— Meu colar — fez ela, num tom baixo e suave.

— Você o deu para mim — disse Thrall —, quando me ajudou a fugir. Disse para eu me esconder numa árvore derrubada. Perto de um rochedo com forma de dragão.

Lentamente, sem sequer olhar para o orc, ela abaixou a arma. Levou à outra mão à camisa puída e puxou um colar idêntico.

— O colar tem um rachadinho que eu fiz quando era pequena. Bem aqui.

Ambos os colares possuíam exatamente a mesma deformação: uma leve fissura na ponta inferior da lua crescente.

Ela olhou de volta para ele e, pela primeira vez, Thrall reconheceu a Taretha de suas lembranças. Aproximou-se dela lentamente e se ajoelhou ao seu lado.

Taretha cerrou o punho em volta do segundo colar. Então, estendeu o braço e soltou o colar, que caiu suavemente na palma da mão enorme do orc. Olhou para Thrall, sem medo, e sorriu-lhe.

— Seus olhos são mesmo azuis.

Thrall ficou feliz por Taretha ter acreditado nele. A história era absurda, mas ele lhe apresentou provas incontestáveis. A Taretha que conhecera jamais duvidaria de tais provas. E a mulher diante dele continuava sendo Taretha, embora fosse muito diferente da moça gentil e sincera de que se lembrava.

Eles tiveram uma longa conversa. Thrall lhe contou do seu mundo, mas não mencionou que ela havia morrido. Se ela perguntasse, não teria mentido, mas ela não perguntou. Contou-lhe a sua história e a missão que recebera de Ysera.

E Taretha contou a ele, enquanto cutucava o fogo com uma vareta, detalhes e informações sobre esta linha do tempo deturpada na qual havia vindo parar.

— Ah, Pantanegro também está nesta linha do tempo — disse ela, amargurada, quando tocaram no assunto. — Mas acho que gosto mais do Pantanegro do seu mundo.

— E aqui também é um bêbado egocêntrico e muito engenhoso tentando criar um exército de orcs para usar contra seu próprio povo?

— Nesta linha do tempo, é um general egocêntrico, engenhoso e sóbrio que não *precisa* de um exército de orcs para usar contra seu próprio povo. Pelo que você me contou... — ela se voltou para observar o porte físico de Thrall — você é um forte guerreiro. E eu acredito. Parece que Pantanegro ficou muito dependente de você e do plano secreto que tinha. Quando você morreu, ele teve que fazer tudo sozinho.

— Normalmente, isto costuma ser uma qualidade admirável.

— Normalmente sim. Mas ele não é muito... normal — lamentou ela, desviando o olhar.

Thrall percebeu algo em sua expressão. Raiva e... vergonha, talvez?

— Ele... você era amante dele nesta linha do tempo também... Sinto muito — disse ele, recebendo uma gargalhada como resposta.

— Amante? Uma amante vai a festas, Thrall. Ganha joias e vestidos, e vai à caçadas com seu senhor. Sua família é bem cuidada. Eu nunca tive o *respeito* de uma amante. — Ela respirou fundo e continuou: — Eu era só um brinquedo. Ele se cansou de mim rápido. Ainda bem, aliás.

— E os seus pais... o que aconteceu a eles?

— Foram punidos... — sorriu ela, embora estivesse com um olhar sério — por "deixarem" você morrer, pouco depois de termos perdido meu irmão, Faralyn. Meu pai foi rebaixado ao mais baixo dos cargos: limpar o estábulo. Minha mãe morreu quando eu tinha 8 anos. Pantanegro não deixou sequer que

ela recebesse a visita de um médico, naquele inverno. Meu pai morreu alguns anos depois. Peguei nossas escassas economias e parti sem olhar para trás. Pantanegro não deu a mínima. Estava ocupado demais conduzindo seu governo.

— Governo? — Perguntou Thrall, boquiaberto.

— Não há ninguém que reconheça sua ascensão ao trono de Lordaeron, mas também não há ninguém que ouse derrubá-lo.

— Prossiga — pediu ele, abismado, tentando entender tudo aquilo.

— Ele era muito popular. Quando começou, só tinha os seus próprios homens. Ele os treinou até o estágio da perfeição.

Thrall se lembrou das infindáveis lutas que foi forçado a enfrentar, quando era gladiador. De fato, por mais estranho e bizarro que fosse, a história condizia com Pantanegro.

— Então, contratou soldados mercenários e os treinou da mesma maneira. Depois da Batalha do Pico da Rocha Negra já não havia como detê-lo.

— O que aconteceu na batalha?

— Ele matou Orgrim Martelo da Perdição num duelo — disse Taretha, como quem não diz nada de mais, enquanto pegava um punhado das frutas que Thrall havia colhido mais cedo.

Thrall não acreditou no que ouvia. Pantanegro? Aquele bêbado covarde e melindroso? Desafiou Orgrim Martelo da Perdição, chefe guerreiro da Horda, num duelo? E *venceu*?

— A derrota deixou os peles-ver... perdão, os orcs — corrigiu-se Taretha às pressas — completamente desalentados. Eles se tornaram escravos. Estão arruinados, Thrall. Não são sequer aprisionados em campos, como você disse. Os selvagens são comprados pelo reino e reduzidos à servidão, ou, quando se mostram muito rebeldes, mortos.

— É por isso que você me queria vivo — concluiu Thrall, em voz baixa.

Ela assentiu.

— Se eu entregasse um orc selvagem, poderia viver da recompensa por mais de um ano. Este... é o meu mundo, Thrall. E ele sempre foi assim. Mas... — Taretha franziu o cenho. — ... eu sempre senti... bom, que havia algo de *errado*.

Não só moralmente, mas... — a voz dela sumiu.

Thrall entendeu o que ela estava tentando dizer.

— Parece errado, porque está errado — afirmou o orc. — Esta linha do tempo está errada. Pantanegro está morto, os orcs têm suas próprias terras, e eu possuo vários amigos humanos. — Sorriu ele. — A começar por você.

Ela também sorriu de volta e balançou a cabeça.

— É estranho, mas... isto parece normal para mim agora. — Hesitou ela. — Por que você não mencionou o que aconteceu comigo na sua linha do tempo?

Thrall estremeceu.

— Tive esperanças de que não me perguntaria. Mas eu já devia saber que isso ia acontecer.

— Eu, hã... imagino que não me saí tão bem quanto essa tal de Jaina Proudmore, de quem você falou com tanta reverência — disse ela, tentando ser engraçada e fracassando miseravelmente.

Ele a olhou nos olhos, pensativo e, por fim, perguntou bem sério:

— Você realmente quer saber?

Taretha franziu as sobrancelhas, enquanto esgaravatava a fogueira. Então, colocou o graveto no chão e endireitou a postura.

— Sim, eu quero saber.

É claro que a resposta seria essa. Taretha não tinha medo do desconhecido. Thrall esperava que o que estava prestes a lhe dizer não a pusesse contra ele, mas seria errado lhe dizer qualquer coisa que não fosse a mais pura e absoluta verdade.

— Você morreu — revelou o orc, enfim. — Pantanegro descobriu que você estava me ajudando. Ele mandou alguém segui-la. Nós nos encontramos e, quando você voltou... mandou que a matassem.

Ela não disse nada, limitando-se a contrair levemente o rosto. Então, numa voz estranhamente calma, falou:

— E o que mais? Como eu morri?

— Não sei ao certo. Mas... — O orc fechou os olhos por alguns instantes. Primeiro, teve que testemunhar o assassinato de seus pais, e agora aquilo. — Ele

cortou sua cabeça e pôs num saco. Quando voltei ao Forte do Desterro e pedi a ele que soltasse os prisioneiros órquicos... ele jogou o saco para mim.

Taretha levou as mãos ao rosto.

— Ele achou que isso fosse me deixar arrasado. E, de certa forma, deixou mesmo... mas não da forma que ele queria. — À medida que recordava o episódio, a voz de Thrall se tornava mais e mais profunda. — Aquilo me deixou furioso. Por tê-la matado, pelo tipo de homem que mostrara ser, eu não teria mais piedade. No fim, sua morte causou a dele. Eu já revivi esse momento incontáveis vezes. Sempre me pergunto se há algo que eu podia ter feito para salvá-la. Sinto muito por não ter sido capaz, Taretha. Sinto muito mesmo.

Ela manteve as mãos sobre a face. Por fim, falou num tom abafado:

— Diga-me uma coisa. Eu fiz alguma diferença?

Thrall não conseguiu acreditar no que ela estava perguntando. Será que não entendera tudo o que ele acabara de lhe dizer?

— Taretha, foi por causa da sua bondade que aprendi que alguns humanos eram dignos de confiança, e só por isso considerei me aliar a Jaina Proudmore. Foi graças a você que acreditei que era mais do que um... um monstro de pele-verde. Que eu e meu povo, todos os orcs, merecíamos algo mais do que sermos tratados como animais.

O orc pôs a mão no ombro de Taretha, que ergueu o rosto, às lágrimas.

— Taretha, minha amiga querida — disse ele, a voz trêmula —, minha irmã de espírito. Você não fez *alguma* diferença. Você fez *a* diferença.

Para seu espanto, ela respondeu com um sorriso.

— Você não está entendendo — interveio ela. — Eu nunca fiz diferença alguma. Ninguém nunca se *importou* comigo. Nunca fiz nada que afetasse ninguém.

— Seus pais...

— Meus pais parecem mais bondosos no seu mundo do que no meu. Eu sou mulher, não tinha serventia para eles. Estavam ocupados demais tentando sobreviver. A educação de que você falou... nunca a recebi. Não sei *ler*, Thrall. Não sei *escrever* — confessou ela.

Thrall não conseguia imaginar uma Taretha iletrada. Foi graças aos livros que se tornaram amigos. Sem os bilhetes dela, talvez nunca tivesse fugido. Ele achava que o destino dela havia sido cruel, na linha do tempo verdadeira, uma sina injusta para uma pessoa tão boa e generosa. Mas a vida que levava ali chegava a ser quase pior.

Aggra o acompanhara na jornada da visão xamânica e, de certa forma, "conheceu" Taretha.

Ela não devia ter morrido, foi o que Thrall dissera, naquela missão espiritual.

Como você sabe? E se ela já tiver cumprido seu destino? E se já tiver feito tudo o que nasceu para fazer? Respondeu-lhe Aggra. *Só ela pode saber.*

Então, Thrall percebeu, com uma dor no coração, que, em ambas as linhas do tempo, Taretha de fato sabia.

— Ouvir você dizer que a minha vida importava para alguém, quanto mais para nações inteiras... para a história do mundo... não sabe o que isso significa para mim. Não faz mal eu ter morrido. Não faz mal *como* morri. Pelo menos a minha vida importava!

— Importava e ainda importa — reafirmou Thrall, num tom urgente. — Você não fez nenhuma diferença... por enquanto. Mas isso não significa que não possa vir a fazer.

— Se eu entregasse um orc selvagem, poderia viver da recompensa por mais de um ano. Este... é o meu mundo, Thrall. E ele sempre foi assim. Mas... — Taretha franziu o cenho. — ... eu sempre senti... bom, que havia algo de *errado*. Não só moralmente, mas... — a voz dela sumiu.

— É, você falou — fez Thrall. Havia sido uma reflexão importante, mas ele não entendeu por que ela havia repetido justamente agora.

— Falei o quê? — Perguntou ela, erguendo as sobrancelhas.

Havia algo estranho no ar. Thrall se levantou e apanhou o bacamarte do chão. Taretha, que possuía a admirável qualidade de nunca entrar em pânico, logo se pôs de pé, ao lado do orc, tentando identificar algum perigo em meio às árvores.

— Você ouviu alguma coisa?

— Importava e ainda importa — reafirmou Thrall, num tom urgente. — Você não fez nenhuma diferença... por enquanto. Mas isso não significa que não possa vir a fazer...

Thrall parou no meio da frase. Foi então que ele entendeu o que se passava.

— Esta linha do tempo está errada — disse ele. — Disso nós já sabemos. Mas tem algo *tão* errado, tão desajustado, que ela não está nem fluindo corretamente mais. As coisas estão... se repetindo. É possível que a trama do tempo esteja se desfazendo.

— Quer dizer, então, que este mundo vai *acabar*? — indagou Taretha, empalidecendo.

— Não sei o que vai acontecer — admitiu Thrall. — Mas precisamos descobrir como consertar a situação e como vou sair desta linha do tempo. Ou então o seu mundo e o meu, e sabe-se lá quantos outros, serão destruídos.

Taretha estava assustada. Ela fitou a fogueira, mordendo o lábio, pensativa.

— Preciso da sua ajuda — disse Thrall, gentil.

Ela olhou para ele e sorriu.

— Pode contar comigo. Quero fazer a diferença... mais uma vez.

10



O silêncio pairava sobre o mundo.

Não se ouvia um grito, fosse de raiva, dor ou júbilo. O som de alguém respirando. O bater das asas e dos corações. O som imperceptível dum piscar de olhos, ou mesmo uma raiz se entranhando na terra.

Mas nem tudo era silêncio. Os oceanos rugiam, as ondas rebentavam sobre a costa e voltavam às profundezas, onde não havia mais nada. Os ventos sopravam, balançando as calhas de casas vazias, ondulando a grama amarelada.

Ysera era o único ser vivo naquele lugar e aquilo a inquietava. A preocupação, o medo e o horror a invadiam.

A Hora do Crepúsculo havia chegado.

As patas da dragonesa pousaram numa terra que já não nutria mais vida. E *nunca mais* voltaria a nutrir. Nunca mais um sopro seu despertaria o verde. Ela andou por todos os continentes, na esperança de que ao menos algum lugar tivesse sido poupado.

Morto. Estava tudo morto. Nenhum dragão, nenhum humano, elfo, orc, peixe, pássaro, árvore, grama ou inseto. Com passos amargurados, Ysera

caminhava sobre um grande túmulo.

Por que ela estava viva?

Fugia da pergunta, temendo a resposta, e seguia em frente.

Angra do Butim, Orgrimmar, Penhasco do Trovão, Vila Sombria, Desolação... havia cadáveres por toda parte, pútridos, ignorados pelos animais carniceiros, que também apodreciam, mortos pelo chão. Ysera sentiu uma fisgada de loucura diante da enormidade da tragédia, mas resistiu bravamente.

Nosso templo...

Não queria, mas teria que ver...

E lá estava ela, postada na base do templo, com os olhos bem abertos, após tanto tempo adormecidos.

Ali, ouvia-se o bater de asas. O sopro dos dragões e gritos de vitória, cheios de ódio. Os dragões do crepúsculo, os últimos seres vivos naquele mundo morto, cortavam os ares. Ao sopé do Templo do Repouso da Serpe, jaziam os corpos dos poderosos Aspectos: Alexstrasza, queimada viva, com as costelas carbonizadas, projetando-se aos céus. Um Aspecto azul, cujo rosto não conseguia discernir, congelado num espasmo de agonia. Nozdormu, o Atemporal, paralisado no tempo, imóvel como uma rocha. E o seu próprio corpo, coberto por videiras, outrora verdes e cheias de vida, e que agora jaziam mortas, após terem-na asfixiado. Cada um dos Aspectos havia sido morto pelos seus próprios poderes.

Mas não foi isso que fez a dragonesa gelar de medo.

Ysera, a Desperta, fitou o corpo colossal. A luz mortiça do céu crepuscular de Nortúndria iluminava a figura imóvel.

Contra o sol imenso e rubro que se punha, sofregamente, jazia um corpo, empalado pelo torreão do Templo do Repouso da Serpe.

Trêmula, a dragonesa foi ao fundo do poço, e desejou arrancar os próprios olhos.

— Asa da Morte — balbuciou.

Ao voltar à realidade, enquanto limpava sua mente e com o corpo ainda tremendo, sob efeito da visão, balançou a cabeça e sussurrou:

— N*ão, não, não...*

Aquilo fora uma visão do futuro, mas ainda seria possível mudá-lo... e só havia um orc capaz de fazê-lo.

Thrall, não sei qual é o seu papel nesta história, mas eu lhe imploro... por favor, eu lhe imploro, não fracasse.

Não deixe que este mundo seja dominado pelo silêncio.

A questão era... como consertariam a linha do tempo?

— Conte-me tudo o que aconteceu depois que morri — pediu Thrall.

— É muita coisa... mas tudo bem — respondeu Taretha. — Como disse, Pantanegro se dedicou aos seus objetivos. Treinou seus homens e contratou mercenários. Após a Batalha do Pico da Rocha Negra, não desmantelou o exército particular. Assim que os orcs se renderam, fez um acordo secreto com eles... Um acordo que deixou toda a Aliança horrorizada. Se se juntassem ao exército particular de Pantanegro e ajudassem a matar o Rei Terenas e seus seguidores, suas vidas seriam poupadas. Adivinhe o que fizeram.

— É claro que aceitaram. Tudo que estavam fazendo era continuar lutando contra seu inimigo. E, então, Terenas caiu.

Taretha aquiesceu e retomou a fala:

— Assim como Uther, o Arauto da Luz, e Anduin Lothar.

Na linha do tempo de Thrall, Lothar morrera lutando contra Martelo da Perdição, na Batalha do Pico da Rocha Negra.

— E o que aconteceu ao Príncipe Varian?

— Tanto Varian, quanto Arthas, filho de Terenas, eram jovens demais para lutar. Fugiram para um local seguro e sobreviveram.

Arthas. O Paladino decaído... o Lich Rei.

— Por acaso, a terra foi atacada por doenças estranhas? Houve pestes e grãos envenenados?

— Não, não houve nada disso — negaceou Taretha.

O impacto daquela notícia atingiu o orc como um murro. Naquele mundo, Pantanegro estava vivo, e isto lhe causava desprezo. Mas Taretha também estava viva... assim como incontáveis inocentes que jamais se tornariam Renegados,

tampouco Flagelados.

— Você já ouviu falar em Kel'Thuzad? — perguntou ele.

Kel'Thuzad fora um antigo membro do conselho regente de Dalaran. Na linha do tempo de Thrall, sua sede por poder o levara a explorar a fronteira entre a vida e a morte. Com tais interesses, era mais do que adequado que Arthas o ressuscitasse no corpo de um lich.

— Ah, já — concordou a mulher, com uma careta. — É o conselheiro chefe de Pantanegro.

Então Kel'Thuzad havia sucumbido à tentação do poder naquela linha do tempo também. Salvo que, ali, o poder que o seduzira não era um mal antigo, mas um poder mortal e político.

— Antônidas e Dalaran cortaram todos os laços com ele — continuou ela. —Tentam parecer imparciais, mas dizem os boatos que são mais leais a Ventobravo do que a Lordaeron, embora estejam geograficamente mais perto de nós. — Então, ela deu de ombros e ponderou: — Não sei se isso é verdade, mas são esses os rumores que correm na Costa Sul.

Dalaran continuava de pé, então, e Antônidas ainda era o líder dos magos. A cidade não caíra, nem fora realocada para Nortúndria.

— Onde estão Arthas e Varian?

— Varian governa Ventobravo. Arthas está com ela. São como irmãos. Varian foi padrinho no casamento de Arthas.

— Com Jaina Proudmore — completou o orc.

Taretha confirmou e acrescentou:

— Eles tiveram um filho, um menino. O príncipe Uther.

Não havia peste, nem Lich Rei. Não ainda, pelo menos. Arthas era um homem casado e pai de um filho. Lordaeron não fora transformada na Cidade Baixa, nem povoada por mortos-vivos. Em vez disso, seu trono era ocupado por Pantanegro.

— Só de pensar que ele tem tanto poder neste mundo — murmurou o orc.

— O que torna seu desaparecimento repentino ainda mais estranho — disse Taretha.

— Desaparecimento?

— Sim. Claro que os conselheiros tentaram esconder. Inventaram que o rei havia partido numa missão para dispersar mais os orcs, matar uns dragões ou assinar um tratado de paz, dependendo do que o povo quisesse acreditar. Mas a verdade é que ele sumiu.

— Talvez alguém o tenha matado — ponderou o orc. Então, sorriu de leve e acrescentou: — Não custa ter fé.

— Haveria uma grande fanfarra. O trono seria ocupado por alguém. Por Arthas, que é o herdeiro, ou pelo assassino de Pantanegro. Não, tem algo de estranho acontecendo. Mas não vai durar muito tempo. Tenho certeza de que Arthas e Varian já estão planejando um ataque. Eles devem ter espiões.

Ela estava com a razão. Embora não tivesse sido formalmente educada, Taretha continuava sendo uma mulher muito inteligente. É claro que havia espiões, e Arthas e Varian agiriam o mais rápido possível para se aproveitar daquela misteriosa "ausência".

Thrall parou por alguns instantes para refletir. Tinha que restaurar aquela linha do tempo ou tudo estaria arruinado. Talvez fosse bom Pantanegro ter desaparecido. Talvez isto abrisse caminho para que a linha do tempo se restaurasse por conta própria.

No entanto, a restauração causaria grandes tragédias.

A peste se espalharia por aquelas terras. Milhares morreriam ou sofreriam sinas ainda piores.

Arthas se tornaria o Lich Rei. Então, um pensamento fez o orc suar frio: e se, naquele mundo, Pantanegro tivesse que se tornar o Lich Rei? Kel'Thuzad já sussurrava em seus ouvidos.

Antônidas teria que morrer e Dalaran cairia, assim como Quel'Thalas.

E Taretha...

Ele apoiou a testa na mão por alguns instantes. A missão parecia impossível. Se ao menos pudesse encontrar um dos dragões brônzeos e falar com ele, explicar-lhe o que estava acontecendo. Mesmo um dragão verde ou vermelho já seria de grande ajuda. Eles sabiam qual era o dever dos brônzeos e acreditariam

naquela história de linhas do tempo corrompidas, pelo menos em teoria.

— Você... acha que podemos fazer alguma diferença? — indagou Taretha, baixinho.

Thrall soltou um riso nervoso e respondeu:

— Acho que precisamos encontrar um dragão. Um dragão que daria ouvidos a um orc sem matá-lo primeiro e...

Ele arregalou os olhos.

— E eu sei onde podemos encontrá-lo.

Krasus estava escondido em seu gabinete. Ali era um dos lugares onde se sentia mais feliz. Era um cômodo aconchegante, menor do que poderia ser, dada sua posição no Kirin Tor, mas era confortável. Naquela hora, todas as superfícies, escrivaninha, mesa e estantes, estavam cobertas por livros abertos. Somente ao lado de sua companheira, Alexstrasza, seu coração se enchia de mais alegria do que ali. Não gostava de ficar longe dela, mas sabia que ninguém compreendia as obrigações do "dever" mais do que a Mãe da Vida. Ela sabia que o trabalho dele no Kirin Tor seria de grande ajuda à revoada e, ainda mais importante aos olhos de sua amada, a toda Azeroth. Os humanos, elfos superiores e gnomos com quem trabalhava talvez pensassem que os dragões, vivendo tanto quanto viviam, acabariam se cansando uns dos outros e aproveitando as oportunidades de passar um tempo longe dos seus.

E estariam equivocados.

Um orbe flutuava no gabinete. Seus tons de verde, marrom e azul revelavam se tratar de uma representação fiel e atual de Azeroth. Espalhados aqui e acolá, havia ferramentas, berloques e vários objetos de valor inestimável. No momento, Krasus se ocupava de rabiscar anotações acerca de um tomo muito antigo que, caso manuseado além da conta, corria o risco de se esfarelar todo. Por ora, a encadernação se mantinha por magia, mas Krasus gostava de estar com a mão na massa e achou que seria sábio de sua parte copiar os elementos chave do livro para se prevenir das intempéries do tempo e de feitiços defeituosos. A tarefa poderia ser desempenhada por um aprendiz, mas ele preferia fazê-la por conta

própria. Sentar-se no silêncio e revisitar conhecimentos ancestrais era algo que atraía bastante sua alma mágica e erudita.

Alguém bateu na porta.

— Entre — respondeu Krasus, sem erguer os olhos.

— Senhor Krasus? — Era Devi, uma jovem aprendiz élfica.

— Pois não, o que foi, Devi? — inquiriu ele.

— Tem uma moça querendo falar com você. Com o escravo dela. Ela insistiu que eu lhe entregasse isto. Mas... posso ser franca?

— Você sempre é... e eu admiro muito isso. Diga.

— Tem algo de... estranho nela. Não parece hostil, mas... — Ela balançou os cabelos negros, franzindo o cenho, remoendo o problema. — Ela me disse para lhe entregar isto.

Krasus se pôs em estado de alerta imediatamente. Devi tinha uma intuição boa quanto a desconhecidos. A aprendiz se aproximou e lhe entregou um objeto pequeno, marrom e sem nada de extraordinário: uma simples esfera.

Ele respirou profundamente.

Conhecimento... quanto conhecimento! Eras de conhecimento e de experiência contidas naquela coisinha aparentemente banal. A esfera vibrou na palma da sua mão e ele a fechou, mantendo-a cerrada por alguns instantes.

Devi o observava atentamente. Ela era apenas uma aprendiz. Não sabia que o que Krasus tinha em mãos era uma esfera de um anciente. Era como um sussurro que apenas orelhas atentas, afiadas e treinadas conseguiriam ouvir.

— Obrigado pela observação, Devi. Traga-a aqui — pediu-lhe Krasus, sem lhe revelar nada.

— Devo lhe informar que ela insiste em trazer o orc dela.

— Por que você acha isso?

Devi inclinou a cabeça, pensativa.

— Para dizer a verdade, senhor, não faço ideia. Ele parece bastante intimidado, mas a mulher disse que é muito importante. Não acho que queiram lhe fazer mal, mas não consigo imaginar outro motivo. É uma situação enigmática. — Seu belo rosto de pele negra se contorceu num franzir de cenho.

Devi não gostava de enigmas.

— Então traga o orc também. Acho que dou conta de uma garota e um orc alquebrado.

Seus olhos se encontraram e ela sorriu. Havia quem achasse a língua afiada da elfa bastante impertinente, mas Krasus gostava dela, pois não se intimidava diante dele.

— Imediatamente, senhor — fez ela.

A esfera de um anciente. Krasus abriu os dedos longos e a fitou novamente. Um objeto raro, belo e poderoso. Quem seria a garota que encontrara tal objeto?

A porta se abriu de novo. Devi entrou com a elfa, fez uma mesura e fechou a porta ao se retirar. Krasus se levantou e inspecionou a moça de belas madeixas.

Ela era magra e seria bonita, se não carregasse as marcas inconfundíveis de uma vida muito dura. Suas vestes, um vestido simples e um manto, estavam limpas, mas já haviam sido remendadas várias vezes. Tinha uma aparência bem-cuidada, embora tivesse as mãos cheias de calos e as unhas quebradas. Tinha boa postura, mas deixava transparecer que estava muito nervosa. Então, ela saudou Krasus com uma reverência respeitosa.

— Senhor Krasus — disse —, meu nome é Taretha Volpe. Muito obrigada por nos receber.

O nome não lhe dizia nada, mas a frase era bem curiosa...

— Por *nos* receber? — repetiu Krasus cortesmente, aproximando-se deles, com as mãos às costas. Em verdade, o orc era mais impressionante do que a humana. Era maior do que os outros e muito musculoso, mas só trajava um manto marrom simples. Suas mãos também eram calejadas, mas eram calos de manusear armas, e não de trabalhar no campo. Há uma diferença na maneira como se manuseia uma arma e uma ferramenta, e Krasus, que estava acostumado a ver guerreiros humanos, sabia reconhecer os sinais. Além disso, aquele orc não era tão atarracado quanto os outros, e ele olhava Krasus nos olhos.

E tinha olhos azuis.

— Impressionante — murmurou Krasus. — E quem seria você?

— Meu nome — respondeu o orc — é Thrall.

— “Servo”, numa antiga língua bárbara. É um bom nome para um escravo, mas, francamente, não creio que você o seja. — admitiu Krasus, estendendo a mão para mostrar a esfera. — Foi muito inteligente usar isto para que eu lhes deixasse entrar. Sabiam que eu conseguiria sentir o conhecimento que está guardado aqui. Como encontraram algo tão precioso?

Não ficou surpreso ao ver Taretha se virar para o orc, esperando uma resposta.

— Tenho uma... história para lhe contar, mago — disse Thrall. — Ou talvez eu devesse chamá-lo de... meu senhor dragônico?

Krasus manteve a expressão calma, embora estivesse espantado. Poucos conheciam a verdadeira identidade de Korialstrasz, consorte de Alexstrasza. E, até aquele instante, ele acreditava conhecer todos que sabiam do segredo.

— O dia de hoje — fez Krasus, com uma cortesia forçada —, está ficando cada vez mais interessante. Puxem uma cadeira, vou mandar trazer algo para comer. Imagino que a história que tem para me contar será longa.

O palpite estava certo. Taretha e Thrall se sentaram — este último com maneiras assaz graciosas, em uma cadeira bem grande — e começaram a falar. Fizeram uma pausa para comer. A refeição era simples: chá e bolos, sobre os quais a garota se lançou feito um lobo esfaimado. Depois, a história fluiu com pequenas interrupções, tomando quase a tarde inteira. Krasus interrompia, vez ou outra, para fazer perguntas ou esclarecer alguma coisa, mas passava a maior parte do tempo ouvindo.

A história era maluca, absurda, risível.

Mas fazia sentido.

As histórias falsas, como Korialstrasz aprendera, tendo ouvido muitas delas ao longo dos seus milênios de vida, eram cheias de buracos e detalhes improváveis. Embora o orc falasse de coisas que pareciam impossíveis, o dragão sabia que eram verdadeiras. Assim como ele, Thrall conhecia a natureza de Ysera, a Sonhadora, e de sua revoada. O orc dissera que a esfera fora um presente. Krasus o percebera: ela carregava uma atmosfera de paz que não existiria se tivesse sido colhida aleatoriamente ou pega à força. O orc conhecia o

funcionamento das linhas do tempo. Sabia o nome de dragões brônzeos que eram amigos de Korialstrasz e de sua rainha.

Nenhum escravo órquico conheceria tais coisas.

Quando Thrall terminou, Krasus bebericou do chá, inspecionou a preciosa esfera na sua mão e, então, passou-a para o orc.

— A esfera não é para mim — disse, calmo. — Não é verdade? — Era mais uma afirmação do que uma pergunta.

Thrall o fitou por alguns instantes, balançou a cabeça e botou a esfera no bolso.

— Devo plantá-la no lugar que me parecer correto. Não acho que Dalaran seja o lugar.

Korialstrasz aquiesceu. Ele sentira o mesmo.

— Sinto um desgosto profundo por Aedelas Pantanegro — admitiu o mago dragônico. — Quase todo mundo sente, menos aqueles que recebem dele seu soldo, e ouso dizer que mesmo estes gostam apenas do dinheiro, e não do homem. Confesso que não ficaria de luto se ele fosse partido ao meio, como você disse tê-lo feito. Mas só matá-lo não bastará para consertar as coisas, Thrall. Embora eu entenda a necessidade de restaurar a verdadeira linha do tempo, devo adverti-lo de que você encontrará poucos dispostos a concordar que o seu mundo é superior ao deles. Pestes, um Lich Rei, Dalaran destruída e reconstruída, orcs com as suas próprias terras... será uma batalha dura, meu amigo.

— Mas é a coisa certa a se fazer. Se o tempo não for corrigido, a minha linha do tempo, a linha verdadeira, será destruída! E esta já está arruinada, de toda forma!

— Sei disso. Você sabe. Alguns dos meus colegas do Kirin Tor também sabem. A revoada brônzea com certeza sabe. Mas estamos falando de transtornos imensos que afetarão o mundo inteiro. — Ao dizer isso, indicou com um gesto a esfera flutuante que representava Azeroth.

Thrall se levantou e se aproximou do globo, contemplando as nuvens minúsculas que se deslocavam sobre a sua superfície. Observou o globo

atentamente, mas não fez menção de tocá-lo.

— Este globo... é real, não é? — perguntou.

Curiosa, Taretha também se levantou para observar o globo que girava lentamente.

— De certa forma, sim — respondeu Krasus. — Não se poderia destruir o mundo esmagando este globo com um murro, se esta é a sua dúvida.

— Não... mas isso resolveria o problema, não resolveria? — ironizou Thrall.

— Pode ser que sim — concordou Krasus, esboçando um sorriso.

— E... nós estamos no globo? Há algo que nos represente?

— Sim, estamos aí. Nossa... essência espiritual, por falta de termo melhor, pode ser detectada.

— E você poderia encontrar Arthas ou Varian?

— Ninguém específico. Sei que estamos aqui, porque... bem, porque sei que estamos aqui. Sinto a presença de Arthas no mundo, mas... — ao dizer isso, arregalou os olhos. — Percebo onde quer chegar.

— Os mortos por acaso deixam... algum traço?

— Deixam. Você quer que eu procure Pantanegro?

O orc aquiesceu. Krasus levantou a sobrancelha e, então, ergueu a mão. Estendeu os dedos delicadamente e os manteve alguns centímetros das nuvens brancas, enquanto o globo de Azeroth girava. Com o cenho franzido, circundou o globo devagar, deixando a mão sobre ele e movendo-a sobre sua extensão. Por fim, baixou a mão e se virou para Thrall.

— Seu palpite estava certo. Aedelas Pantanegro não está em nenhum lugar deste mundo.

— O que isso quer dizer? — perguntou Taretha, com a voz baixa.

— Bem, há muitas possibilidades. Ele pode ter encontrado um jeito de ocultar sua essência espiritual. Ou então seu espírito foi roubado. Acontece de vez em quando. Também pode não estar fisicamente neste mundo. Todos sabemos que podem existir portais para outros mundos.

Enquanto falava, Krasus se virou para Thrall e notou que ele estava muito inquieto, fazendo um esforço nítido para se acalmar.

— O que foi, Thrall?

O orc não lhe respondeu. Em vez disso, virou-se para Taretha e pôs sua mão enorme no ombro dela.

— Tari... você disse que Pantanegro derrotou Orgrim Martelo da Perdição num duelo.

— É, ele derrotou — confirmou ela.

— Por acaso, ele... pegou o Martelo da Perdição ou a armadura de Orgrim?

— O martelo se estilhaçou no combate. Pelo menos, é o que dizem. E a armadura era grande demais para ele.

Thrall relaxou um pouco. Parecia aliviado.

— Obviamente. Ele não teria como vesti-la.

— É por isso que ele só pegou algumas placas simbólicas. Mandou as colocar em uma armadura nova, forjada especialmente para ele.

A mão do orc caiu do ombro de Taretha. Ele a olhava nos olhos.

— Thrall? — perguntou ela, preocupada. — O que foi? O que há de errado?

Lentamente, o orc se virou para contemplar a miniatura flutuante de Azeroth. Por um longo momento, não disse nada.

Por fim, declarou num tom grave:

— Sei o que aconteceu a Pantanegro.

Taretha e Krasus trocaram olhares e esperaram Thrall continuar.

— Ele não está aqui, porque não está mais nesta linha do tempo. Fugiu. Livrou-se dela. Não tem mais que obedecer às suas leis. E ele tem um objetivo. Uma meta que lhe dá motivação.

Então, virou-se para olhá-los nos olhos e disse:

— O objetivo dele é me matar.

11



— Faz sentido — concluiu Krasus. — Você é capaz de atravessar as linhas do tempo. Mas precisa ter cuidado. É fácil cair nas armadilhas das ilusões.

— De fato, eu posso atravessar as linhas do tempo — concordou Thrall —, mas não estou completamente fora do meu tempo. Eu sei disso pois o visitei em vários momentos. Mas Pantanegro está completamente fora da linha do tempo dele. E ele conseguiu isso porque teve ajuda. A revoada dragônica infinita tem que estar por trás disso. É a única explicação que faz algum sentido. É por isso que os ancientes estão tão perturbados. Porque o conhecimento deles está tão falho.

Krasus massageou as têmporas. Thrall o observava atentamente, só agora percebendo o quanto ele queria que este mago dragão vermelho lhe desse uma solução.

— O que aconteceria se ele matasse você, Thrall? — perguntou Taretha, direcionando a pergunta aos dois.

— Minha melhor suposição? Um desastre — respondeu Krasus, direto. — Eu acho difícil acreditar que, na linha do tempo verdadeira, Thrall está destinado

a morrer nas mãos de um Pantanegro de uma linha do tempo completamente diferente. Thrall é um componente crucial do futuro da linha do tempo dele. Eliminá-lo significaria que muitas coisas mudariam. Não só a linha do tempo dele se destruiria, mas todas as outras seriam destruídas junto.

— E se fosse ao contrário? — questionou Taretha.

— Considerando que esta linha do tempo francamente nunca deveria ter existido, como se fosse uma ilusão, potencialmente isso poderia restaurar o equilíbrio. — Krasus levantou uma das mãos. — Eu não sou um dragão brônzeo, peço que lembrem-se disso. Só digo o que me parece lógico, baseado no pouco conhecimento que tenho.

— Eu preciso ir até lá — resmungou Thrall. Ele apertou com força as mãos. — Preciso encontrar Nozdormu e dar um fim nisso. Mas não sei como.

Ele se sentou e colocou as mãos na cabeça. Estava completamente perdido e atordoado. Sentia-se fracassando com as revoadas dragônicas e com Ysera, fracassando com Aggra e com a Harmonia Telúrica, fracassando com seu mundo. Quando uma pequena mão tocou seu ombro gentilmente, ele a cobriu com a dele. Estava fracassando com Taretha também. A querida e maltratada Taretha, que não deveria nem estar viva.

Ele pensou no brilho das escamas, seduzindo-o a testar outra linha do tempo, tentar a sorte novamente. Finalmente ele encontrara a resposta. Sabia quem o estava caçando. E esse conhecimento o havia abalado mais do que ele gostaria de admitir.

— A visão de mundo de Ysera é... diferente da maioria — comentou Krasus em voz baixa. — Porém, há uma veracidade mais profunda nela do que no conhecimento do mundo acordado. Eu não acho que ela teria sentido que você é tão essencial para essas tarefas, Thrall, se não pudesse ajudá-la.

Thrall se sentia pesaroso demais para discutir. Nada era real. As escamas brilhantes que o haviam levado de linha do tempo em linha do tempo, um assassino que não deveria existir, algum mistério dragônico profundo... Sua cabeça girava, tentando acompanhar tudo isso. A mão de Taretha em seu ombro não era real. Mas ao mesmo tempo, era. O que era sonho? O que era realidade? O

que era...

Então, de repente, com a suavidade de uma brisa e a força de uma explosão, Thrall compreendeu.

Ele viu novamente o pássaro negro Medivh falando com ele: *Este lugar está cheio de ilusões. Só há um meio de encontrar "o que você realmente procura"... só um meio de encontrar a si mesmo.*

E as palavras de Krasus: *Mas precisa ter cuidado. É fácil cair nas armadilhas das ilusões. Esta linha do tempo francamente nunca deveria ter existido, como se fosse uma ilusão.*

As linhas do tempo não são cheias de ilusões. Esta linha do tempo não é uma ilusão.

O *tempo em si* é a ilusão.

Historiadores e profetas deram muita importância ao passado e ao futuro. Havia tomos incontáveis sobre antigas batalhas, estratégias, eventos históricos e como eles mudaram o mundo. E havia profecias e previsões, esperanças, extrapolações e especulações sobre os próximos quinhentos anos ou os próximos cinco minutos.

Mas a única verdadeira realidade era o agora.

Sábios debateriam calorosamente sobre o que ele concluíra agora, mas em sua mente, era tudo muito simples e óbvio. Só havia realmente um momento.

Esse momento.

Todo momento passado era uma memória. Se fora. Todo momento futuro era uma esperança ou um temor. Não havia se manifestado ainda.

Só havia o agora, *este momento* e até ele escapava rapidamente para o passado e o futuro se tornava *este momento*.

Era um pensamento tão elegante, tão pacífico e tranquilo que Thrall se viu deixando para trás tantas coisas que ele mal compreendia. Elas caíram de seus ombros como uma mochila jogada ao chão. A obsessão sobre suas ações no passado. As preocupações sobre o futuro.

E até a necessidade de planejar, de se arrepender... a sabedoria ditava que mesmo *neste momento* essas coisas eram necessárias. Entender o passado era ser

o melhor que podia ser *neste momento*. Antecipar o futuro podia moldar o *próximo momento*.

Mas tudo se tornou tão mais fácil, leve como uma pena, mágico e inocente, quando ele finalmente compreendeu.

Ele estava preso no tempo, sim. Neste caminho que parecia interminável de revisitas ao passado... ou, mais recentemente, uma visão de um possível futuro.

Mas tudo o que ele precisava fazer era dar um passo para fora do ciclo estando verdadeiramente no momento atual. E Nozdormu...

Thrall piscou e estremeceu pela vastidão da compreensão que recaíra sobre ele. Agora ele entendia o quão cego ele estava nestas linhas do tempo que pareciam tão pessoais, mas ainda assim, via Nozdormu em cada uma delas. Thrall estava preso em um único momento, uma parte vital de seu passado. O poderoso Ser Atemporal estava preso *em todos os momentos do tempo*.

Mas com sua tranquilidade recém-adquirida, Thrall sabia que poderia encontrar o grande leviatã.

Krasus estava sorrindo para ele. Thrall sabia que o dragão vermelho estava morto na linha do tempo real, mas aquilo não era a verdade. Aquilo não era real. Isso é a realidade. E Taretha também era real e estava viva. Ele podia quase sentir o ar passando pelos pulmões dela, cada batida do seu coração como se fosse a única a ter existido.

O que realmente era.

— Você entendeu tudo — deduziu Krasus, com um leve sorriso nos lábios.

— Entendi — confirmou Thrall. Ele se virou para Taretha e sorriu. — Estou feliz de estar com você.

Não de ter estado. De estar.

Ele fechou os olhos.

Ao abri-los, ele sabia que estava em um lugar completamente fora do tempo. Estava flutuando, solto até mesmo da gravidade, a escuridão ao redor de si iluminada pelo brilho suave de um número realmente infinito de portais. E em cada um, Thrall podia enxergar o brilho das escamas douradas.

Era uma imagem assustadora e perturbadora, mas Thrall se sentia completamente em paz no coração, enquanto flutuava no nada, envolto por tudo. A mente dele estava calma e aberta, apegando-se a algo que não deveria segurar por mais do que um momento, mas ele sabia que um momento era tudo do que precisava. Tudo que jamais foi preciso.

Então, seu corpo caiu com um leve estrondo na areia fofa e ele concluiu que estava novamente nas Cavernas do Tempo. Thrall abriu os olhos e viu o Atemporal.

Mas não viu somente um ser, por mais magnífico que fosse. Em cada uma daquelas escamas, daquelas coisas brilhantes que o levaram em uma viagem tão incrível, Thrall viu momentos.

Seus momentos.

Todos os grandes feitos da vida de Thrall estavam passando nas escamas do Atemporal. Em uma, ele vestia a armadura de Orgrim Martelo da Perdição. Em outra, lutava ao lado de Caerne Casco Sangrento, protegendo a grande aldeia tauren. Em mais outra, ele convocava os elementos pela primeira vez; em mais uma, ele estava ao lado de Grom Grito Infernal. Incontáveis momentos que criaram um herói, uma lenda. Momentos que realmente mudaram seu mundo.

— Você vêêê?

A voz era um ronco profundo, mais grave do que qualquer dragão que Thrall ouvira antes. Ela pulsava em seu sangue, cantava em sua alma.

— Eu... vejo — sussurrou ele.

— E *o que* você vê?

— Os momentos mais importantes da minha vida — respondeu Thrall, enquanto seus olhos iam de um para o outro. Era tanto que mal conseguia assimilar. Mas no momento, ele conseguia se segurar e foi o que fez.

— Os feitosssss que mudaram o curssso da história — afirmou Nozdormu. — Sou responsável por todos elesss. Todos os grandes feitosss, todas as criaturas que sobreviveram graças à elesss. Mas isso não é tudo.

Thrall estava envolvido pelas cenas dançando lindamente, e se viu desejando ser levado por elas. Gentilmente, com compaixão por seu desejo, ele se

enraizou na areia — o Thrall de agora observando o Nozdormu de agora.

Virou a cabeça para encarar o dragão. A sabedoria nos olhos brilhantes da criatura era quase impossivelmente ancestral. Porém, estranhamente jovem. Poderoso além da compreensão de Thrall. Deslumbrante.

— Há mais na vida do que momentosss de grandeza, aqueles que o mundo vê — prosseguiu Nozdormu. — Você precisa ver por sssi mesmo.

E foi o que Thrall fez. A descoberta do primeiro bilhete entusiasmado de Taretha, o vislumbre dela acenando para ele quando era apenas uma garota. As tardes calmas nos campos após as batalhas, bebendo, rindo e contando histórias ao redor da fogueira. Correr como um lobo fantasma, trabalhando com os elementos.

— Esta mão forte na minha — murmurou ele, com a lembrança dos dedos de Aggra se entrelaçando nos dele.

— É nesses momentos que somos receptivos e aprendemos. Quando absorvemos o conhecimento. Glória, batalha, momentossss de grandeza... são o que deixamos para o mundo. Mas nós não podemos dar sem receber. Não podemos compartilhar o que não temosss por dentro. É a paz, a pausa entre as respiraçõessss que nos tornam quem realmente somos. Que nos dá a força para nossas jornadasss.

Aggra.

O momento tremeluziu, parou e Thrall já não via nada mais, nada menos do que belas escamas douradas do conhecedor do tempo. Ele percebeu, também, que ele e Nozdormu não estavam sozinhos nas Cavernas. Estavam cercados por vários membros silenciosos e felizes da revoada brônzea que sentaram-se quietamente ao lado deles.

Nozdormu olhou para cada um inclusive seu filho, Anacronos, e de volta para Thrall.

— Eu tenho uma dívida com você que não acredito poder pagar — declarou Nozdormu. —Você me trouxe de volta. Eu estava em todos os lugares e em lugar nenhum ao mesmo tempo. Eu esqueci a Primeira Lição. Eu, o Atemporal. — Ele fez um som retumbante, parte impressionado, parte incomodado. — Seria de se

imaginar que, cercado pelos grãosss das areiasss do tempo, eu lembraria de todas as pequenas coisassss.

Esta mão forte na sua.

— Eu sei por que você veio — prosseguiu Nozdormu. Thrall se sentiu repentinamente inferior. — Ou melhor... todas as razões pelas quais você veio, algumas das quais não são realmente necessárias. Fale, meu amigo.

Thrall o fez, começando pela visita de Ysera e prosseguindo por tudo que aconteceu desde então. As narinas de Nozdormu bufaram e seus olhos se apertaram ao ouvir a descrição dos ancientes.

— Eles também são guardiões do tempo, de certa forma — comentou ele, mas sem explicar.

Thrall prosseguiu, falando do assassino misterioso e de sua experiência com várias manifestações dos caminhos do tempo. — Eu descobri que meu perseguidor era possivelmente meu maior inimigo — prosseguiu ele, calmamente. — Aedelas Pantanegro. Um Aedelas Pantanegro que era forte, esperto e determinado.

— Além disso, um agente da revoada infinita — suspirou Nozdormu.

— Como você...

Nozdormu levantou a pata da frente.

— Em um instante. Eu ouvi a sua hisssstória e sabendo o que eu sei... cheguei a uma conclusão muito perturbadora. — Virou-se para os dragões brônzeos reunidos, além de Thrall. — Será difícil para nós aceitarmossss. Mas é o que precisamos fazer. Meus filhos, tudo essstá conectado.

Os dragões brônzeos trocaram olhares.

— O que você quer dizer, Pai? — indagou Anacronos. — Nós sabemos que interferir com as linhas do tempo pode gerar repercussões terríveis.

— Não, é muito mais do que isso... com um alcance muito maior... quase inconcebível. E esta conexão está ligada a nós. Os dragões. Algum bem, ao menos, veio do fato de eu estar preso em todos os momentos. Eu fui preso por uma ilusão do tempo. E em cativeiro, fui testemunha. Eu vi coisasss germinarem, ganharem força e se manifestarem. E lhes digo, isso não foi acidente. — Ele

respirou fundo e observou a todos. — Todos os eventos que ocorreram para prejudicar os Aspectosss e suas revoadas durante os milênios, não são coincidências ou simplesmente eventosss aleatórios. Esta alteração das linhasss do tempo, a construção de um monssstro a partir de Pantanegro. O Pesadelo Esmeralda, que feriu tantos. Os ataques da revoada do crepúsculo, a loucura de Malygossss e até Neltharion... tudo está interligado. Talvez tenha sido tudo orquessstrado pelas mesmas mãos negrassss.

Por um instante, ninguém falou. Tantos eventos... conectados? Parte de uma ampla conexão tão vasta que teria que levar eras para se manifestar?

Thrall quebrou o silêncio.

— Mas com que fim? — perguntou ele. Alguns desses incidentes ele nem sequer sabia que haviam acontecido. Era quase grande demais para ele compreender.

— Destruir os Aspectos e as revoadas para sempre. Eliminar qualquer chance de ordem e estabilidade.

Ele se virou para Thrall, levando a cabeça enorme ao mesmo nível do orc. Havia tristeza naqueles olhos incríveis ao falar.

— Eu me perdi nas linhas do tempo, Thrall. Fiquei preso em todos os momentos. Você sabe por que eu estive lá, em primeiro lugar?

Thrall balançou a cabeça.

— Eu fui tentar descobrir como algo obssscuro aconteceu. E como impedir que aconteça. Você me perguntou como eu sssabia que a revoada infinita estava atrás da criação e libertação de Pantanegro. — Ele hesitou e olhou para longe, sem encarar os olhos azuis de Thrall. — Eu sei disso porque... eu o enviei atrásss de você.

12



– O quê?

A princípio, Thrall pensou que fosse uma piada, uma imitação dragônica do humor mortal. Mas Nozdormu parecia muito sério. Thrall estava ao mesmo tempo furioso e completamente confuso. Até os outros dragões se afastaram e murmuraram entre si.

Nozdormu suspirou fundo.

— Eu recebi a dádiva de sssaber o momento e o modo exato da minha morte — começou ele. — Eu nunca poderia mudá-los. Mas somente um dos caminhos do tempo para o meu destino pode estar correto. E em um dos futurosss, eu me torno o líder da revoada infinita. Foi por isso que eu me perdi nas linhasss do tempo, Thrall. Eu estava tentando entender como tal coisa poderia acontecer. Como eu, que sssempre lutei para honrar a grande missão que os titãsss me encarregaram, poderia me afastar tanto do caminho.

Thrall assentiu, apesar de ainda estar em choque e mais do que um pouco preocupado.

— Você... descobriu como impedir que isso aconteça? — indagou.

Lentamente, Nozdormu balançou a enorme cabeça.

— Infelizmente ainda não. Eu sssei de uma coisa: todas as revoadasss precisam se unir contra a ameaça atual. Ysera estava certa. Você tem certasss habilidades, modos de pensar, modos de falar, que movem os outrosss. Você já fez tanto... mas ainda assim, devo pedir maisss.

Ajudar o futuro líder da revoada infinita? Thrall hesitou. Mas ainda assim, ele não sentia mal algum emanando de Nozdormu. Pelo menos, ainda não. Ele sentia apenas preocupação e vergonha.

— Por Ysera e especialmente por Desharin, que deu a vida para que eu pudesse encontrá-lo, Atemporal, eu ajudarei. Mas eu preciso saber mais. Temo que tenho agido no escuro durante a maior parte do tempo.

— Considerando que Ysera procurou você, issso não me surpreende. — apontou Nozdormu, seco mas com admiração. — Ela é raramente clara. Thrall, filho de Durotan e de Draka, você tem minha profunda gratidão. Nós compartilharemosss o que pudermos... mas você precisará agir sozinho. Essa teoria, essa condenação... Eu preciso sssaber mais para descobrir o que precisamos fazer. Não se preocupe: não esssquecerei novamente daquilo que você me lembrou. Eu não me perderei pelas linhasss do tempo novamente. É uma tarefa difícil que coloco diante de você, masss é uma tarefa que pode salvar tudo. Você precisa encontrar Alexstrasza, a Mãe da Vida, e acordá-la de seu luto.

— O que aconteceu com ela? — questionou Thrall.

— Eu não essstava presente, mas eu sei — respondeu o dragão.

Thrall assentiu. Se Nozdormu estivera preso em cada momento, é claro que ele saberia.

— Ocorreu um encontro de váriasss revoadas no Templo do Repouso das Serpes pouco tempo atrásss. Foi o primeiro desses desde a morte de Malygossss e do fim da guerra do Nexusss.

"O companheiro de Alexstrasza, Korialstrasz, que você conheceu como Krasusss, permaneceu no Santuário Rubi. Cada revoada possui um santuário, uma espécie de dimensão que existe apenasss para eles. O encontro foi interrompido por um ataque de uma revoada conhecida como revoada do

crepússsculo, que servia Asa da Morte e o culto do Martelo do Crepúsculo.

Thrall franziu o cenho.

— Eu conheço o Culto — comentou.

— Durante a batalha, ocorreu uma explosão terrível. Todos os sssantuários foram destruídos. Com eles, se foi Krasusss... e todos os ovosss em todos os santuários. Ele matou todosss.

Thrall olhou fixo para o dragão brônzeo. Ele pensou no Krasus que havia conhecido: calmo, inteligente, preocupado.

— Ele... assassinou eles? Todos eles?

— É o que parece — rugiu Anacronos. O rabo dele balançava e seus olhos se apertaram.

Thrall balançou a cabeça.

— Não. Não posso acreditar. Deve haver um motivo, uma explicação...

— A Mãe da Vida está arrasada — interrompeu Nozdormu. — Imagine como ela deve se sentir. Pensar que seu amor ou enlouqueceu, ou estava ligado ao Culto... isso a destruiu. Sem seu Assspecto, os vermelhos não ajudarão a lutar contra o Culto do Crepúsculo. E sem os vermelhosss, não há chance de vitória. E tudo ssserá perdido.

Ele virou os grandes olhos para Thrall e disse firmemente:

— Você deve lembrá-la de seu dever, da habilidade de seu coração de cuidar dos outrosss, mesmo quando o coração está ferido. Você pode fazer isso, Thrall?

Ele não fazia ideia. Era uma tarefa enorme. Será que nenhum dragão podia fazer isso? Ele não tinha nenhum contato pessoal com ela. Como poderia convencê-la de colocar de lado um luto tão forte e se juntar a batalha?

— Eu tentarei — foi o que ele pôde responder.

Alexstrasza não se lembrava de onde estivera durante a maior parte dos últimos dias. Nem havia pensado em para onde iria. Ela simplesmente voou, cegada pela dor e pelo desejo de escapar dela, e deixou suas asas levarem-na para onde quisessem.

Ela voou sobre o grande oceano cinzento, sobre terras élficas, florestas

corrompidas e picos gélidos, até chegar a este lugar, que parecia tão solitário e despedaçado quanto ela. Seu destino final, havia decidido, seria em Desolação; um local com um nome apropriado, pensou.

Ela se transformou e caminhou com os dois pés para o sul da Cordilheira das Torres de Pedra. Passou por uma batalha entre a Horda e a Aliança, sem dar a menor atenção. Que as raças mortais se destruam. Não era mais problema dela. Ela passou por um vale cortado, pulsando com lava e temperaturas que só um dragão negro poderia aguentar, e deu só uma olhada desinteressada. Que o mundo se destrua. O amor dela se foi. O amor dela, que talvez a tenha traído e traído tudo pelo que ela havia lutado.

Alexstrasza amaldiçoou a si mesma, sua revoada, as outras revoadas. Amaldiçoou os titãs, que haviam colocado tal fardo sobre ela. Ela não havia pedido por isso e agora percebia que não poderia carregá-lo.

Tirou as botas, a fim de sentir a terra árida e morta sob seus pés, sem se importar com as feridas que se formavam. O caminho à frente não ficou menos rochoso, mas o terreno em volta desistiu de qualquer memória de vegetação e se tornou pálido e cinzento. Era estranhamente arenoso sob seus pés feridos, confortante de uma forma que a pedra não podia ser. Ela sentiu as energias vis do local, mas simplesmente percebeu e seguiu em frente, passo a passo, deixando marcas de sangue pelo chão por onde andava.

Os mortos estavam lá. Ela viu incontáveis ossos de kodos e de outras criaturas, embranquecidos pelo tempo. Os esqueletos permeavam o cenário como as árvores faziam em outros lugares. As únicas criaturas vivas que ela via pareciam se alimentar de morte: hienas e abutres. Alexstrasza olhou desinteressada quando um abutre começou a sobrevoá-la. Ela se perguntou se ele havia provado um dragão antes.

Logo provaria. Este lugar lhe parecia adequado. Ela nunca sairia.

Lentamente, a dragonesa que fora conhecida como Mãe da Vida subiu um pico protuberante para observar a área desolada. Ela não iria comer, beber ou dormir. Ficaria sentada no topo do pico e esperaria que a morte a levasse. Então, o sofrimento do mundo, finalmente, terminaria.

Thrall quase passou direto por ela.

Mesmo de cima de um dos grandes dragões brônzeos, ele não conseguia ver tudo. Procurava um dragão vermelho, presumivelmente fácil de enxergar neste lugar vazio. Não uma elfa magra, encolhida no alto de um pico pedregoso.

— Vou deixá-lo a uma distância dela — avisou Tique. Era uma das dragonesas que protegia as Cavernas do Tempo, e se oferecera para levar Thrall onde ele precisasse ir, começando por aquele lugar desolado. — Acho que minha presença não é bem-vinda aqui...

Ela falou sem hostilidade, mas com grande pesar. Thrall imaginou que todas as revoadas estavam entristecidas pelo que acontecera com a Mãe da Vida. Se tivessem consciência, todos os seres vivos deveriam lamentar também.

— Acredito que seja melhor assim — concordou Thrall.

Ao se aproximar, ele conseguia ver a pequena forma melhor. Ele não conseguia ver o rosto dela, mas o corpo estava encolhido, abraçando as pernas e com a cabeça baixa. Cada linha dela gritava dor e devastação.

O dragão brônzeos pousou um pouco afastado, agachando para que Thrall pudesse desmontar.

— Volte quando estiver pronto para partir — disse ela a Thrall.

— Eu espero partir daqui junto com Alexstrasza — lembrou ele.

Tique olhou para ele com tristeza.

— Volte quando estiver pronto para partir — repetiu ela, decolando.

Thrall suspirou, olhou para o alto do pico e começou a subir.

— Estou ouvindo você, orc — disse ela, antes que ele chegasse na metade do caminho. A voz dela era linda, mas despedaçada. Como uma bela escultura de gelo quebrada por mãos descuidadas: ainda brilhante e delicada, mas em pedaços.

— Eu não tinha intenção de espreitar você — respondeu Thrall.

Ela não disse mais nada. Ele terminou de subir e sentou-se ao seu lado na pedra. Alexstrasza nem sequer olhou para ele, muito menos disse alguma coisa.

Depois de um instante, ele disse:

— Eu sei quem você é, Mãe da Vida. Eu...

Então, ela se virou para ele. O rosto dela, lindo e furioso, com os dentes à mostra.

— Você nunca mais me chamará disso! Nunca! Eu não me importo mais com a vida.

A explosão de raiva dela o assustou, mas não foi surpresa. Ele assentiu.

— Como quiser. Eu sou Thrall, ex-Chefe Guerreiro da Horda, agora membro da Harmonia Telúrica.

— Eu sei quem você é.

Thrall ficou um pouco chocado, mas prosseguiu.

— E qualquer que seja o nome pelo qual deva chamá-la, fui enviado para encontrá-la.

— Por quem? — questionou ela, com a voz e o rosto ficando pálidos novamente, quando ela se virou para olhar a vastidão vazia.

— Por Ysera, em parte, e por Nozdormu.

Um leve brilho de interesse cruzou o rosto dela, como um rápido reflexo na água profunda.

— Ele voltou?

— Eu o busquei e o encontrei, assim como busquei e encontrei você — explicou Thrall. — Ele descobriu muitas coisas, e muitas delas você precisa ouvir.

Ela não respondeu. O ar quente mexia os cachos ruivos do cabelo dela. Thrall não sabia ao certo como prosseguir. Ele estava preparado para luto e raiva, mas não para esse desespero seco e mórbido.

Ele contou a ela tudo o que havia acontecido até ali, tentando fazer soar como uma história. Se conseguisse criar algum interesse, alguma curiosidade, qualquer coisa que não fosse esta horrível máscara de morte pálida, ele teria alguma esperança. Ele falou de Ysera e do elemental do fogo que tentou destruir os ancientes. O vento soprava, quente e cruel, mas Alexstrasza permanecia sentada imóvel, como se fosse feita de pedra.

— Os ancientes falaram — prosseguiu Thrall. — A memória deles está ficando confusa. Alguém está danificando as linhas do tempo.

— Eu sei disso — respondeu ela de forma ríspida. — Eu sei que a revoada

brônzea está preocupada e que eles estão alistando a ajuda de mortais para corrigi-la. Você não disse nada de novo, Thrall, e certamente nada que inspire a minha volta.

As palavras dela eram venenosas. Havia ódio nelas. Mas Thrall sabia que o ódio não estava direcionado a ele. Estava direcionado a própria Alexstrasza.

Ele prosseguiu.

— Nozdormu acredita que várias coisas estão interconectadas. Não são eventos separados. Todos os eventos terríveis pelos quais os Aspectos passaram: os ataques misteriosos da revoada infinita, o Pesadelo Esmeralda, até a loucura de Asa da Morte e Malygos. Nozdormu sente um padrão em tudo isso, um padrão de ataque, que tem como alvo os Aspectos e suas revoadas. Um ataque criado para desgastá-los e derrotá-los. Talvez até fazê-los lutarem entre si.

Um leve murmúrio:

— Quem faria algo assim, ainda que fosse verdade?

Thrall sentiu-se encorajado por esta pequena demonstração de curiosidade.

— Nozdormu precisa de mais tempo para entender tudo — respondeu. — No momento, ele suspeita que a revoada infinita esteja pelo menos envolvida.

Silêncio.

— Entendo.

— Ele pediu que eu encontrasse você. Para... para ajudá-la. A se curar. — Era difícil e humilhante acreditar que ele, um simples xamã orc, seria capaz de curar a Mãe da Vida, que era talvez a maior curandeira que já existiu. Ele esperava algum escárnio pela oferta e que ela a dispensasse, mas a dragonesa ficou em silêncio. Ele prosseguiu. — Se você se recuperar, muitas coisas serão curadas também. Juntos, podemos ir ao Nexus, falar com os dragões azuis e ajudá-los a encontrar a razão. Depois...

— Por quê?

A pergunta foi feita de forma simples e direta, deixando-o sem palavras por um momento.

— Porque... vai ajudá-los.

— Repito a pergunta: por quê?

— Se eles forem ajudados podem se juntar a nós e poderemos descobrir o que está havendo. E quando entendermos isso, poderemos ajeitar as coisas. Poderemos enfrentar os cultistas do Martelo do Crepúsculo e derrotá-los. Descobrir quais são os motivos da revoada infinita. Impedir Asa da Morte de uma vez por todas... e salvar esse mundo, que está sendo despedaçado.

Ela olhou para ele, com um olhar penetrante. Por um instante, não disse nada.

— Você não entende — respondeu ela finalmente.

— O que eu não entendo, Alexstrasza? — rebateu ele, gentilmente.

— Que nada disso importa.

— O que você quer dizer? Nós temos informações. Sabemos que isso é parte de algum plano imenso e complexo que está se desenrolando por mais de mil anos! Talvez possamos impedi-lo!

Alexstrasza balançou a cabeça levemente.

— Não. Isso não importa. Não importa. Nada importa. Não interessa se tudo está interligado. Não importa por quanto tempo isso tem acontecido. Não importa nem mesmo se pudermos impedir.

Ele olhou fixo para ela, sem compreender.

— Os filhotes estão *mortos*. Korialstrasz está *morto*. Eu estou morta em todos os sentidos, menos um, mas isso ocorrerá em breve. Não há esperança. Não há nada. Nada importa.

Thrall se sentiu repentinamente furioso. Ele ainda sentia a perda de Taretha como uma leve dor em seu coração. A perda dela fora necessária para que tudo acontecesse como deveria. Mas ele sentiria falta dela, hoje e sempre. Ele pensou em tudo o que ela passou para fazer a diferença, para ter importância. Ela sabia que não podia fazer muito, mas fez o que pôde. A Mãe da Vida poderia fazer diferença em uma escala que Taretha se quer poderia compreender. Porém, preferia ficar ali insistindo que nada importava.

As coisas importavam. Taretha importava. Azeroth importava. Apesar do que ela passou, Alexstrasza não podia se dar ao luxo de sucumbir à dor.

Ele afastou a raiva de sua voz e se aprumou com a compaixão que realmente

sentia por ela.

— Eu sinto muito pela perda dos ovos. Perder a maior parte de uma geração... eu realmente não consigo imaginar a dor. E sinto muito pela perda de seu companheiro, especialmente da forma como foi. Mas... Eu não posso acreditar que você vai virar as costas para aqueles que precisam de você — disse ele, com a raiva começando a se mostrar. — Você é um Aspecto, pelo amor dos anciãos. Foi pra isso que você foi criada. Você...

Ela se levantou e foi ao ar com uma velocidade que a tornou quase um borrão. Um segundo depois, um dragão vermelho gigante pairava sobre ele. A poeira cinzenta da terra morta se remexia e cobria a pele e o manto de Thrall, fazendo com que seus olhos lacrimejassem. Ele ficou rapidamente de pé e deu dois passos para trás, se perguntado o que aconteceria a seguir.

— Sim, eu fui criada — respondeu Alexstrasza, com a voz mais profunda, mais áspera, cheia de raiva. — Fui transformada na Mãe da Vida sem realmente entender o que eu precisava fazer. E o que eu preciso fazer não é mais possível para mim. Eu me sacrifiquei, me dei, ajudei e lutei. A minha recompensa foi mais dor, mais demandas e a morte de tudo que eu tinha de amado. Eu não desejo matá-lo, orc, mas vou fazê-lo se continuar a me incomodar. Nada importa! Nada! Vá embora!

Ele tentou mais uma vez.

— Por favor, pense nos inocentes que...

— VÁ EMBORA!

Alexstrasza voou para trás, pairando no ar, e abriu a enorme boca afiada. E Thrall fugiu. Uma coberta de chamas laranja cobriu as pedras onde eles estiveram sentados. Ele a ouviu respirando novamente e seguiu correndo e caindo pico abaixo.

Um rugido encheu o ar pesado. Era uma mistura de ódio e agonia. Thrall sentiu uma dor no coração pelo Aspecto em luto. Ele queria ter encontrado uma maneira de alcançá-la. O pensamento dela morrendo ali sozinha, por falta de comida ou água e sobre tudo, de coração partido, lhe doía. Ele imaginou os viajantes um dia passando pelos ossos dela, embranquecidos como os outros

esqueletos que permeavam o local.

Thrall escorregou o resto do caminho. Ferido, com a alma pesada, ele esperou onde Tique disse que o encontraria. A dragonesa pairou sobre ele por um momento e o observou com tristeza.

— Onde devo levá-lo, Thrall? — perguntou ela, calmamente.

— Vamos para o Nexus, como havíamos planejado — declarou Thrall, com a voz rasgada. — Nós vamos convencer os azuis a se unirem às outras revoadas, como Nozdormu pediu.

— E... vamos sozinhos.

Thrall assentiu.

— Sozinhos. — Ele olhou para trás, para a forma do grande dragão vermelho, suas asas batendo energicamente, seu corpo se contorcendo enquanto rugia. Talvez, se ela visse o que os outros estão fazendo, seu coração pudesse ser movido. — Por enquanto.

Porém, enquanto voavam para o norte, por cima do som do bater das asas de Tique, Thrall conseguia ouvir os rosnados amargos da Mãe da Vida alquebrada.

Como uma sombra que se expande pela terra no crepúsculo, algo sombrio se ergueu do buraco no qual havia se ocultado. Longe o suficiente para que não fosse visto, mas próximo o suficiente para observar a pedreira, o rei Aedelas Pantanegro, montado em um dragão do crepúsculo, seguiu.

O vento soprava seus cabelos negros. Seu rosto, apesar de cruel, tinha seu charme. Um cavanhaque cuidadosamente aparado emoldurava seus lábios e seus brilhantes olhos azuis observavam sob sobrancelhas elegantes e negras.

Após a primeira tentativa, Pantanegro decidiu que não seguiria Thrall pelas linhas do tempo. Era muito complicado. As chances de sua presa evadir-se e levá-lo a uma caçada inútil eram altas demais.

Era melhor esperar, dar tempo ao tempo e estar onde ele sabia que Thrall eventualmente estaria.

Thrall. Ele havia ouvido o suficiente sobre o orc para querer desmembrá-lo

com uma faca de cozinha. Thrall, que o havia matado e cuja mera existência havia feito com que Pantanegro se tornasse um covarde bêbado e patético. Thrall, que levou um exército até o Forte do Desterro. Não, era muito bom o que lhe aguardava. A vitória seria ainda mais doce, sabendo o desafio que a criatura verde representava.

Voe para longe, orc, pensou ele, com os lábios finos em um sorriso. *Voe. Mas você não pode fugir.*

Eu vou encontrá-lo e matá-lo. E depois, vou ajudar a destruir o seu mundo.

13



Thrall precisou admitir para si mesmo que estava inquieto sobre a ideia de se aproximar dos dragões azuis em seu próprio lar. A exposição àqueles gigantes alados não diminuiu de forma alguma a majestade deles em seus olhos. De fato, quanto mais ele aprendia sobre os dragões, mais impressionado ele ficava. Verde, bronze, a poderosa e melancólica Mãe da Vida, que era possivelmente o dragão mais poderoso de toda Azeroth... até o mais fraco deles poderia destruí-lo com um simples golpe de cauda ou esmagá-lo sob suas patas enormes.

Eles o haviam impressionado mais do que fisicamente também. As mentes deles não eram como as das raças de "vida curta", como eles diziam. Eles pensam em uma escala maior. Não importa quanto Thrall vivesse, ele poderia apenas compreender uma mínima fração de sua complexidade: o sonho de Ysera, mesmo como a Desperta, vendo coisas que nenhum outro ser viu ou poderia ver; o tecer da vida nas escamas de Nozdormu; a dor lancinante daquela que teve a compaixão do mundo no coração...

Agora, Thrall e Tique estavam indo diretamente na direção da revoada que

recentemente havia causado tantos problemas e cujo Aspecto fora escolhido para ser o guardião da magia arcana no mundo. Malygos ficou louco. Depois, terrivelmente lúcido, ele fez coisas piores do que fizera quando estava insano. Thrall nunca caminhou pelo Sonho Esmeralda, mas havia trocado piadas com Desharin. Ele fez o melhor que pôde para ajudar Alexstrasza, quebrada e perdida. Ele foi capaz de iluminar o Atemporal.

Mas os azuis...

Eles não tinham nenhum apreço pelas "raças inferiores". Essa revoada, mestre da magia arcana, vivia em climas tão azuis, brancos e frios quanto eles próprios.

Ele deu uma pequena risada melancólica ao pensar no encontro.

— Talvez eu devesse ter ficado em casa — comentou ele com Tique.

— Se tivesse feito isso, esta linha do tempo teria se alterado ainda mais e você teria dado mais trabalho para a minha raça — refletiu ela.

Thrall levou alguns segundos para perceber que, por um lado, o dragão brônzeo falava sério, por outro, também era uma tentativa de humor. Thrall gargalhou.

O azul cinzento do oceano gélido sob eles — que era a única paisagem que Thrall enxergava durante a maior parte da viagem — abriu caminho para penhascos brancos e cinzentos. Thrall havia visto muitas coisas impressionantes hoje, mas o Nexus estava perto de bater todas.

Azul. Era todo azul, com alguns tons de prata e branco aqui e ali. Vários discos chatos pairavam no ar, distribuídos em torno do próprio Nexus. Quando Tique se aproximou, Thrall pôde ver que os discos eram plataformas. O chão delas era coberto de símbolos brilhantes entalhados e em algumas delas havia lindas árvores cristalinas, com galhos que pareciam ser feitos do gelo, folhados pela neve.

O Nexus em si parecia ter vários andares, cada um conectado ao seguinte por fios de energia arcana. Afinal, era uma das coisas mais belas que Thrall vira na vida. Vários dragões circulavam lentamente, com seus corpos em vários tons de azul, celeste, marinho ou cobalto.

Thrall e Tique foram vistos quase imediatamente, é claro, e quatro dragões se separaram do grupo e se aproximaram. O desafio deles não foi direcionado ao orc, mas ao poderoso dragão de bronze. Thrall foi, por um momento, completamente ignorado.

— Nós saudamos nossa irmã brônzea — declarou um deles, enquanto voavam de maneira aparentemente casual, mas ainda assim intimidadora, ao redor de Tique. — Mas o Nexus não é uma linha do tempo para você explorar. Por que você veio ao nosso santuário? Ninguém a convidou aqui.

— Não sou eu que venho a vocês, mas este orc que carrego — declarou Tique. — Nem sou eu que o envio a vocês. Ele foi enviado primeiro por Ysera, a Desperta, e depois por Nozdormu, o Atemporal, a este lugar. O nome dele é Thrall.

Os azuis trocaram olhares.

— Para um ser de vida curta, ele vem bem recomendado — apontou um deles.

— Thrall — disse outro, como se tentasse recordar. — O Chefe Guerreiro da Horda.

— Não mais — rebateu Thrall. — Sou apenas um xamã trabalhando com a Harmonia Telúrica agora, em uma tentativa de ajudar a curar um mundo brutalmente ferido por Asa da Morte.

Por um instante, ele se perguntou se teria dito a coisa errada. No mesmo instante, os azuis ficaram furiosos e um deles partiu em disparada e deu um giro antes de retornar, claramente tentando se acalmar.

— Aquele traidor teria destruído todas as nossas revoadas — murmurou um deles, com a voz fria como sua aparência. — Levaremos notícias de sua chegada aos outros. Fiquem aqui até nós os chamarmos ou mandarmos irem embora.

Os azuis voaram para longe contra o céu escuro. Para a surpresa de Thrall, eles não pousaram em um dos andares flutuantes do Nexus, mas voaram para baixo, em direção a neve.

Kalecgos suspirou. *Lá vamos nós de novo*, pensou ele, observando o teto de gelo que se curvava sobre seu salão de conferência cavernoso.

A revoada azul falava muito e mais deles chegavam a cada dia no Nexus para aumentar seus números, mas ele não sentia nenhuma conclusão sólida sendo alcançada.

A maioria concordava que o momento da conjunção das duas luas era auspicioso, pelo menos. Um ou dois desencavaram magias antigas que queriam tentar, mas depois de investigadas, se mostraram inadequadas. Até o momento, parecia que os azuis estavam mais do que contentes em "honrar" um dos seus durante o que seria uma comoção astronômica visível, mas não havia nenhuma emoção real por trás disso, nenhum senso de que esta era a coisa certa a fazer.

Arygos continuava argumentando sobre sua linhagem e sobre como ser o filho de Malygos significava que, levando tudo em consideração, ele ainda era a melhor escolha. Kalec já ouvira isso antes e estava desanimado demais para interromper. Ele observou quando mais dois azuis se aproximaram e franziu o cenho, curioso.

Não eram forasteiros recém-chegados ao Nexus, mas dois dos protetores. Eles pousaram ao lado de Arygos, interrompendo o dragão em sua fala, e sussurraram para ele.

Arygos pareceu furioso.

— De maneira nenhuma! — declarou ele severamente.

— Narygos — chamou Kalec —, o que está acontecendo?

— Fique fora disso — respondeu Arygos rapidamente. Para Narygos, ele disse secamente — Mate-o.

— Matar quem? — questionou Kalec, ignorando o aviso implícito e movendo-se rapidamente para perto de Arygos e dos outros. — Narygos, o que aconteceu?

Narygos olhou de Arygos para Kalec e disse:

— Há um estranho que veio falar conosco. Ele é de uma das raças inferiores. Um orc, que fora Chefe Guerreiro do que é conhecido como a Horda. Thrall. Ele e o dragão brônzeo que o traz insistem que tanto Ysera quanto

Nozdormu o enviaram.

Kalec levantou as orelhas.

— Nozdormu? Ele retornou?

— É o que parece — disse Narygos. Kalec virou o olhar chocado para Arygos.

— Matá-lo? — Kalecgos repetiu em voz alta, sem acreditar. — Alguém enviado por dois Aspectos? Carregado por um dragão de bom grado?

Eles estavam atraindo a atenção dos outros e Arygos rosnou.

— Pois bem, então. Não o machuquem — declarou Arygos. — Mas um membro das raças inferiores não tem propósito aqui. Eu não o verei.

Furioso, Kalec virou-se para Narygos.

— Eu o verei — disse. — Tragam-no.

— Eu não dou a mínima se os próprios titãs o trouxeram até nós. Não permitirei que criaturas de vida curta entrem em nosso refúgio secreto! — Arygos estava furioso. Ele caminhava para frente e para trás, com a enorme cauda balançando e as asas se abrindo na agitação. Os outros que ouviram a discussão entre os dois começaram a se aproximar.

— Mas... Ysera e Nozdormu! — protestou Narygos. — Isso não é um incidente comum. Ysera já viu muita coisa em seus sonhos. E encontrar Nozdormu é algo que nem a própria revoada do Atemporal conseguiu sozinha. Certamente, não há mal algum em ouvi-lo!

— As "raças inferiores", como alguns as chamam, já se mostraram surpreendentes em outros momentos. Elas são mais capazes do que acreditamos. O fato de dois Aspectos terem enviado-o a nós diz tudo o que eu preciso saber — declarou Kalec. — Eu digo que devemos trazê-lo aqui e descobrir o que ele tem a nos dizer.

— É o que você faria — escarneceu Arygos. — Você gosta de brincar na lama com os seres inferiores. Eu nunca entendi isso em você, Kalecgos.

Kalec observou Arygos com tristeza.

— E eu nunca entendi a sua recusa em receber ajuda ou informações de qualquer fonte que não seja a nossa própria revoada — rebateu ele. — Por que

você os repele tanto? Foram as raças de vida curta que libertaram você da prisão de mil anos em Ahn'Qiraj! Eu imaginei que você tivesse alguma gratidão.

Antes que Arygos pudesse cuspir uma resposta furiosa e envergonhada, outro dragão mais velho, Teralygos, disparou:

— Certamente ninguém sabe melhor sobre o que acontece na nossa revoada do que nós!

— De fato! Nós temos os nossos próprios problemas para resolver, Kalecgos, ou você se esqueceu? — prosseguiu Arygos. — A cerimônia de escolha de um novo Aspecto ocorrerá em poucos dias. Deveríamos estar nos preparando para isso, em vez de nos distrairmos com as futilidades de um orc!

— Matem-no e acabem logo com isso — murmurou Teralygos.

Kalec se virou.

— Não. Nós não somos assassinos. Além disso, você quer encarar Ysera e Nozdormu e dizer a eles que matou um enviado deles? Eu não quero. Não importa o quão desnorteada Ysera possa ser.

Houve um murmúrio dentre os dragões e Kalec viu alguns deles assentindo.

— Deixem o orc vir até nós e dizer os motivos pelos quais está aqui — prosseguiu Kalec. — Se não gostarmos do que ele tem a dizer, podemos mandá-lo embora. — Mas ao menos vamos ouvi-lo.

Arygos rosnou, mas também viu que a maioria estava de acordo com Kalecgos.

— Ao que parece, Ysera e Nozdormu têm mais influência nos dragões azuis do que nós — murmurou.

— Você não é um Aspecto ainda, Arygos — apontou Kalec. — Se você for escolhido, terá a palavra final. Até lá, sem um líder, a maioria será seguida neste assunto.

Arygos virou-se para Narygos.

— Tragam-no — ordenou.

Narygos assentiu e disparou para o céu. Quando Arygos se virou, franziu o cenho. Kalecgos assumiu a forma de meio-elfo. Alguns outros dragões também assumiram formas menos ameaçadoras de humanos e elfos, em um esforço

implícito de mostrar cortesia ao convidado. Arygos não os seguiu, mantendo a forma dragônica.

Kalecgos olhou em volta. A câmara não era convidativa para ninguém que não fosse um dragão azul. Ele se concentrou e balançou a varinha.

Em uma área da caverna, dois braseiros apareceram. Uma dúzia de peles agora cobria parte do chão. Uma pele grossa cobria os braços de uma cadeira feita de couro e presas de mamute. Comidas e bebidas estavam postas em uma pequena mesa: nacos de carne, maçãs de cacto, canecos de cerveja. Cabeças de animais e armas, como machados, espadas e adagas sinistras apareceram nas paredes de pedra.

Kalec sorriu. Ele estava mais acostumado a interagir com as raças da Aliança, mas já havia visto muito deste mundo e sabia que tinha recriado um enclave da Horda bem confortável no coração do território dos dragões azuis.

Alguns instantes depois, um dragão brônzeo apareceu, escoltado por quatro azuis. Ela voou baixo, mas os espaços eram enormes ali. Afinal, foram feitos para acomodar dragões. Kalecgos a reconheceu. Era Tique, uma das dragonesas que costumava patrulhar a entrada das Cavernas do Tempo. Era um atestado da importância de Thrall que um dragão brônzeo tão nobre se dispusesse a servir de mero transporte. Os olhos deles se encontraram e Kalec assentiu um cumprimento. Tique pousou graciosamente, abaixando para que o orc montado sobre ela pudesse desmontar.

Kalec observou intensamente o convidado orc. Ele vestia apenas vestes marrons, sem características, e se curvou respeitosamente, mostrando cortesia à revoada reunida. Mesmo assim, ao se levantar, seus ombros estavam tensos e havia uma prontidão tranquila em seus olhos que revelavam seu passado como líder poderoso. Kalec sorriu e abriu a boca para falar.

— Você só foi trazido aqui porque dois Aspectos o enviaram, Thrall — declarou Arygos antes que Kalec pudesse falar. — Sugiro que você fale rapidamente. Não está aqui entre amigos.

O orc sorriu levemente.

— Eu não esperava estar — disse ele. — Mas estou aqui porque acredito na

minha missão. Falarei o mais rápido que puder, mas posso levar mais tempo do que você imagina.

— Então comece — ordenou Arygos.

Thrall respirou fundo e começou a falar, contando aos dragões sobre o pedido de Ysera, os ancientes confusos, perder-se nas linhas do tempo e se encontrar, encontrando Nozdormu também. Apesar do modo rude de Arygos, todos ouviam atentamente. Esses eram dragões da magia e do intelecto. Conhecimento, mesmo quando trazido por um orc, era interessante demais para eles.

— Nozdormu acredita que todos os eventos, as tragédias, que desafiaram as revoadas estão conectadas — terminou Thrall. — Ele suspeita da revoada infinita e ficou para trás para juntar mais informações antes de vir a vocês com o que sabe. Ele me pediu que encontrasse a Mãe da Vida e a trouxesse comigo, mas... ela sofreu uma grave perda e ainda está muito abalada para vir. Então, Tique concordou em me trazer. Isso é tudo o que eu sei, mas se houver algo que desejem perguntar, responderei de bom grado. Estou aqui para ajudar.

Kalec observou o orc, abalado em seu próprio interior.

— Essas notícias são... extraordinárias — disse ele, vendo que suas próprias preocupações e apreensões se refletiam nos rostos de vários outros dragões azuis.

Mas não de todos. Arygos e seu contingente pareciam inabalados.

— Com todo o respeito a Ysera, ela precisa organizar os pensamentos depois de mil anos quase totalmente passados no Sonho Esmeralda. Ela já admitiu estar... confusa. Ela não sabe o que é verdade, o que é sonho e o que pode ser a própria imaginação dela. Quanto a Nozdormu, você disse que ele ficou... preso? Em suas próprias linhas do tempo? E você o ajudou a escapar? Por favor, explique-nos como.

A cor do rosto de Thrall escureceu levemente pelo ceticismo óbvio na voz de Arygos, mas sua expressão não mudou. Quando ele falou, foi em tom calmo.

— Eu entendo a sua dúvida, Arygos. Eu mesmo tive sérias dúvidas. Mas parece que Ysera estava correta. Eu já consegui ser útil a duas revoadas, se não à própria Alexstrasza. Se você quer dizer que Nozdormu foi, de alguma forma,

enganado por suas experiências nas linhas do tempo, peço que fale com Tique e veja o que ela acha. Eu, por minha vez, não acho nada. Você pergunta como eu, um mero orc, fui capaz de libertar o Atemporal? Foi... simples.

Um murmúrio ofendido e nervoso se seguiu a isso, mas Thrall ergueu a mão.

— Eu sei que não diminuo ninguém ao dizer isso. "Simples" não significa "fácil". Eu aprendi que as coisas que parecem ser as mais simples, costumam ser as mais poderosas de todas. São elas que importam, no fim. Quanto a Nozdormu: para libertar alguém preso em todos os momentos no tempo, eu precisei aprender a estar realmente em um momento. *O* momento.

A desaprovação de Arygos se aprofundou.

— Qualquer um pode fazer isso!

E Thrall rebateu:

— Qualquer um pode, mas ninguém o fez. É uma ideia simples, estar no momento, mas eu precisei aprender sozinho. — Ele sorriu, um pouco irônico consigo mesmo, quando alguns dragões começaram a parecer menos perturbados e mais pensativos. — Apesar da lição em si ser simples, o aprendizado certamente não foi. É melhor ensinarmos o que nós mesmos aprendemos. Se eu pude ajudar dois Aspectos... Talvez eu possa ajudar vocês.

— Nós estamos sem um Aspecto na nossa revoada — explicou Arygos. — E de alguma forma, eu acredito que se o problema é novo e confuso para nós, você não poderá nos ajudar.

— Ele é novo e confuso para mim também. Nisso, nós nos igualamos pelo menos.

Risadas se espalharam dentre os azuis reunidos, mesmo dentre aqueles aliados a Arygos.

— Orc, você está aqui como um convidado de nossa revoada — declarou Arygos, com um leve tom de aviso. — Seria prudente não zombar de nós.

Kalec suspirou. Antes da loucura, Malygos era conhecido por seu senso de humor e jovialidade, dois atributos que pareciam faltar completamente em seu filho.

— Arygos, ele não está zombando de nós. Está apontando algo muito sério de uma maneira leve. Esta é uma época de incertezas. Estamos trilhando novos rumos, fazendo história de uma forma que nem mesmo os Aspectos fizeram. Thrall vem com a aprovação de dois Aspectos. Qual é o problema de deixarmos ele escutar e dar sua opinião? — Kalec abriu as mãos. — Ele não é um de nós e sabe bem disso. Portanto, ele não pode ter influência além da que lhe damos. Ele pode perceber coisas que deixamos passar. Acredito que seria um grave erro não o deixarmos ficar, observar e expressar sua opinião.

Arygos se balançou, levantou a cabeça e olhou imperiosamente a pequena forma meio-élfica.

— Você daria a cada membro das raças inferiores uma cama macia e comida à vontade se pudesse — apontou ele, com desdém.

Kalec sorriu, gentilmente.

— E não vejo problema em pensar assim. Ele é apenas um orc. Não posso acreditar que você esteja com medo dele.

Isso atingiu Arygos. Ele bateu com a cauda no chão, e os outros que tendiam a pensar como ele também se ofenderam.

— Com medo? Eu? Nunca de um orc minúsculo que eu poderia esmagar com uma garra!

— Então, não há problema em deixá-lo ficar, certo? — concluiu Kalec, ainda sorrindo.

Arygos congelou por um segundo. Seus olhos se apertaram e ele encarou Kalecgos por um longo tempo.

— Eu não temo nada deste ser inferior. Mas o que fazemos aqui tem um significado profundo para a revoada azul. Não creio que seja apropriado que um ser inferior presencie esses eventos, ainda mais tomar parte neles.

Kalec cruzou os braços e observou o orc por um longo tempo. Algo dentro dele dizia que Thrall precisava estar lá. Algo mais do que o simples respeito que todos os dragões deveriam ter pela opinião de um Aspecto. Se o mundo de fato estava encarando o tipo de perigo que Nozdormu mencionara, os azuis não podiam se dar ao luxo de ignorar qualquer pensamento sábio, independente da

fonte. Mais ainda, eles não podiam se isolar sob a falso senso de superioridade, vindo da ignorância e arrogância. Ele virou seu olhar para Tique, com expressão de dúvida. A dragonesa brônzea encarou Kalec igualmente. Naqueles olhos, Kalec leu uma certeza inabalável que ecoava a dele.

Ele tomou uma decisão. Era uma aposta calculada, mas uma que ele sabia, no interior, que ele precisava fazer.

— Thrall fica — declarou Kalecgos, calmamente —, ou eu vou.

Um murmúrio descontente surgiu. Arygos não disse nada, mas sua cauda balançou.

— Eu honrei e respeitei Malygos. Por ele próprio e pelo Aspecto que ele incorporava. Mas as escolhas dele foram erradas, não só para os outros como para nós. Pode ser que nós também acabemos tomando o rumo errado. Mas enquanto eu tiver vida no meu corpo, eu não seguirei este caminho por vontade própria. Thrall precisa estar aqui. Ele fez quase tanto pelas revoadas quanto a maioria dos dragões fizeram. Repito: se ele for, eu vou também. E outros vão comigo.

Não era uma ameaça vazia. Se Arygos pretendia forçar uma divisão, então que ela acontecesse ali agora. Kalecgos não sairia do Nexus sozinho. E Arygos não podia deixar que isso acontecesse. Havia muita incerteza no momento.

Arygos ficou em silêncio por vários instantes. Então, movendo-se rapidamente, ele foi até Thrall e baixou a cabeça até estar a centímetros do orc.

— Você está aqui como um convidado — rosnou Arygos, repetindo o que disse antes. — Deverá se portar com respeito e cortesia, e obedecer aos nossos desejos.

— Eu sou um embaixador — declarou Thrall. — Eu entendo isso. Já lidei com muitos embaixadores no meu tempo, Arygos. Eu entendo o que é cortesia e respeito.

Ele colocou uma sutil ênfase na palavra "eu". As narinas de Arygos se moveram e ele se voltou para a visitante da revoada brônzea.

— Tique, você não é mais necessária aqui. Thrall agora é nossa responsabilidade.

Tique refugou muito levemente e se abaixou tanto que foi quase imprudente.

— Retornarei para a minha revoada, então. Cuide bem dele, Arygos.

Arygos a viu partir. Então, se virou para os azuis reunidos.

— Eu entendo que possa haver algumas novas informações sobre como este... ritual... funciona — disse o dragão. — Vamos ouvir o que os magos que acabam de retornar têm a dizer.

No fim das contas, muito pouco foi revelado pelos forasteiros. Assim como muitos que se concentravam nas minúcias da arcana, eles estavam empolgados por descobrir pequenos detalhes que trouxeram à luz algumas partes do possível processo de determinação do novo Aspecto, mas não havia nada de muito significativo. Após algumas discussões e várias brigas, inclusive uma que terminou em gritaria e em um quase ataque a um dos colegas de Kalec, chegou-se a um consenso de continuar pesquisando e ver se novas informações apareceriam.

Thrall sentou-se quieto em uma pequena área, participando da contenda apenas ouvindo e assistindo. Ele não disse quase nada, falando apenas para pedir explicações sobre algo. O resto do tempo ele ficou recostado, com os braços cruzados sobre o peito, só observando.

Quando a reunião terminou, ainda houve um pouco de discussão e muitos olhares na direção do orc. Por fim, depois de algum tempo, a maioria dos dragões azuis partiu. Arygos foi o último a partir, parando na entrada da caverna. Ele levantou a cabeça e olhou para trás, com um olhar terrível. O dragão não disse nada, e Thrall não se encolheu após o olhar furioso. Finalmente, apertando os olhos, Arygos virou-se e partiu.

Kalecgos exalou, conjurou uma segunda cadeira rústica e sentou-se. Ele colocou os cotovelos na mesa e esfregou os olhos cansados.

— Eu senti certa tensão na reunião — comentou Thrall.

Kalec riu. Ele balançou a varinha, criou um cálice de vinho e tomou um gole.

— Você tem um dom para observação, meu amigo Thrall. Eu esperava

alguma violência franca em pelo menos três ocasiões separadas só esta tarde. Talvez seja a sua presença que mantenha Arygos civilizado. Após o que aconteceu com o pai dele, ele não quer parecer errático na frente de alguém que tem a confiança de dois Aspectos. Só por causa disso, eu lhe comprarei uma bebida um dia em alguma taverna, quando você menos esperar.

Ele sorriu, seus olhos azuis dançando com humor. Thrall se viu sorrindo novamente. Ele gostou de Kalec. O jovem azul parecia bem confortável na forma de meio-elfo. Thrall concluiu que Kalec o lembrava Desharin, e o prazer se tornou um pouco amargo. Ele sentiu o sorriso sumir de seu rosto.

Kalec não deixou passar a expressão.

— Algo de errado?

— Eu encontrei outro dragão em minhas viagens. Ele era parecido com você. O nome dele era Desharin. Ele era...

— Um dragão verde — terminou Kalec, com os olhos sombrios. — "Era", no passado.

Thrall assentiu.

— Ele me ajudou em minha jornada, levando-me às Cavernas do Tempo. Ele foi morto lá, pelo assassino que nos emboscou enquanto estávamos entrando no estado meditativo.

Ele não conseguiu evitar de expressar a raiva na voz e Kalec assentiu.

— Um modo eficiente... mas covarde de lutar.

Thrall ficou em silêncio por um momento.

— Sim, eu descobri quem ele era na última linha do tempo na qual fiquei preso. Você provavelmente não conhece o nome Aedelas Pantanegro e eu sou grato por isso. Ele conseguiu muito pouco nesta linha do tempo, por sorte. Ele me encontrou quando eu era uma criança e me treinou, me transformando em gladiador. O objetivo dele era me colocar como líder de um exército de orcs para derrubar a Aliança.

— Obviamente, ele não conseguiu — disse Kalec.

— Não nesta linha do tempo. Mas naquela, eu morri quando era criança e Pantanegro liderou o exército pessoalmente.

— Um cenário assustador — observou Kalec —, mas você disse que ele atacou você fora da linha do tempo. Como... — Os olhos dele se arregalaram quando compreendeu. — A revoada infinita deve tê-lo tirado de sua linha do tempo para caçar você — Thrall assentiu. — É... perturbador saber que eles podem fazer isso.

— Tudo o que eu descobri desde o começo desta jornada é perturbador — declarou Thrall. Ele olhou para a caneca em sua mão. — Exceto pelo fato de que cerveja conjurada tem um gosto delicioso. — Ele brindou ao anfitrião, com um leve sorriso.

Kalecgos jogou para trás a cabeça e gargalhou.

As luas estavam quase cheias esta noite, mas isso não podia ser evitado. Arygos não poderia esperar mais uma noite para fazer o que precisava. Assim como todos os azuis, ele não sentia frio e suas asas batiam com firmeza, levando-o pela noite gelada, tão clara que as estrelas pareciam fragmentos de gelo no céu.

Ele tomou todo o cuidado para se certificar que não fora seguido, olhando para trás com frequência. Ele voou para o leste, batendo as asas rapidamente. Os dentes serrados de Gelarra foram substituídos por terrenos mais temperados. Poças de água escaldante, que vinham direto do núcleo de Azeroth, espirravam e chiavam. Gêiseres, fontes quentes, planícies alagadas... ele ignorou tudo, obcecado por seu destino final.

As torres do Templo do Repouso das Serpes pareciam fantasmas na luz da lua. Elas estavam danificadas, mas não vazias. Formas, como sombras, pretas, roxas e índigo, giravam lentamente enquanto outras dormiam nos vários nichos do templo. Duas se espreguiçavam, abertas como lagartos alados gigantes, sobre o mosaico no andar mais alto.

Ele foi visto.

Vários dos dragões do crepúsculo com a missão de guardar o templo saíram de seu circuito regular, indo na direção de Arygos, e uma voz falou, parecendo vir de toda parte e de lugar nenhum.

— Arygos, filho de Malygos — chamou a voz familiar, a mesma voz que

provocou Alexstrasza e o resto dos dragões naquele dia fatídico, havia pouco tempo.

— Sou eu — respondeu Arygos.

Ele pousou no andar mais alto.

E se curvou humildemente diante do Patriarca do Crepúsculo.

14



Kirygosa dormia, aninhada em si mesma, e seus sonhos eram erráticos e alarmantes. Ao ouvir a voz do irmão, ela pensou por um instante que estava presa em outro pesadelo. Desta vez, que não foi a primeira, ela descobriu que a realidade era pior que o mundo dos sonhos.

Escorando-se onde pôde, ela se ergueu o máximo que a corrente que lhe prendia o pescoço ao chão permitia, levantou a cabeça e viu seu irmão Arygos prestar reverência ao desgraçado que atacara todos eles. Ela cerrou os punhos.

Ele ergueu a cabeça e seu olhar a encontrou.

— Kirygosa — disse ele. — Que agradável... surpresa... ainda encontrá-la viva.

— Se eu pudesse assumir minha verdadeira forma, eu arrancaria seus olhos — rosnou sua irmã.

— Acalmem-se — interrompeu o Patriarca do Crepúsculo, com um tom de prazer na voz —, eu odeio tanto ver irmãos brigando!

Kiry rangeu os dentes. Fora Arygos quem a traíra, pondo-a nas garras deste... deste...

Como ela pôde ser tão ingênua? Ela conhecia o irmão desde que nasceram. Ela sabia que ele idolatrava o pai. Mesmo assim, quando, certa noite, ele a abordou em particular para lhe contar que havia mudado de ideia e pedir auxílio, ela se prontificou a ajudar.

— Venha comigo — dissera ele. — Eu e você... sem dúvida, podemos bolar algum plano. Eu amo o nosso pai, Kiry. Não importa o que ele fez. Temos que encontrar uma forma de acabar com esta guerra sem que ele morra.

Naquele ponto, muitos já haviam morrido, inclusive sua mãe, Saragosa, que escolhera ficar do lado de Malygos. Sua morte deixara todos muito abalados, mas Kiry estivera decidida a deter Malygos a qualquer custo.

— Você acha mesmo? — perguntara Kiry. Ela quisera tanto acreditar no irmão.

— Acho. Agora, eu vejo que você estava certa. Vamos ver o que a gente consegue fazer. Se nosso plano for sólido o bastante, talvez a Mãe da Vida nos dê ouvidos.

Então ela foi, de livre e espontânea vontade, com o coração cheio de esperança e amor, carregando o futuro no ventre. E ele a entregou, bem como seus filhos nascituros, ao Patriarca do Crepúsculo como animais premiados.

As palavras borbulhavam em sua garganta, e estavam tão espremidas que não conseguiam sair. *Que tipo de poder ele lhe concedeu? Que mentiras prometeu? Você sabia que ele faria isso comigo? Você chegou a hesitar em algum momento?*

Mas ela não lhe daria esse prazer, então optou por engolir as palavras amargas.

Depois de lidar com ela e de ter certeza que o Patriarca do Crepúsculo ainda estava feliz com a prisioneira, Arygos direcionou toda sua atenção a seu mestre.

— Como vão as discussões? — indagou o Patriarca do Crepúsculo. — Quanto antes você puder determinar o que é necessário, melhor será para todos nós.

— É... estranho — confessou Arygos. — Nenhum de nós tem certeza do que fazer. Isso nunca foi feito antes.

Sua voz transmitia uma insegurança que Kirygosa nunca antes ouvira. *Ele*

precisa de aceitação, percebeu ela. *Ele quer saber que agiu bem e que agradou este monstro*. Esse pensamento lhe causou náuseas, mas ela se manteve em silêncio. O que sabia podia ser importante para Kalecgos; isso se ela conseguisse pensar em uma maneira de escapar.

— Você me garantiu que encontraria um jeito; e que a revoada o escolheria como o novo Aspecto — lembrou-lhe o Patriarca do Crepúsculo. — De que outra forma você vai conseguir trazê-los a mim como prometeu?

— Estou certo de que serei escolhido, independente do que aconteça — respondeu Arygos rapidamente.

É claro, pensou Kirygosa. Quando seu pai morreu, os azuis eram os únicos dentre as revoadas sem um Aspecto. Mas escolher outro? Como isso era possível? Os titãs haviam escolhido os Aspectos. Será que seres inferiores seriam capazes de fazer uma coisa dessas?

— Temos uma tarefa para você. Nosso campeão deve ser despertado, precisará de um exército para derrotar as revoadas.

— Elas serão derrotadas, eu juro! — Podia-se perceber arrebatamento e desejo na voz de Arygos. — Nós os derrotaremos e destruiremos este mundo. Todos morrerão sob o jugo do Martelo do Crepúsculo!

Um exército. Um exército que incluía a revoada de Kirygosa...

Ela fechou os olhos, tentando reter as lágrimas. Arygos estava tão perdido quanto seu pai estivera.

— Eles serão enviados para você. Cromatus deve viver. — Os olhos dele brilhavam na escuridão e seu corpo estava tenso de tanta ansiedade.

O Patriarca do Crepúsculo sorriu.

— A energia deles e a minha serão dedicadas a esta tarefa, Patriarca do Crepúsculo. Mas... eu preciso que eles sejam meus antes de passá-los ao senhor.

— Mas...?

O Patriarca do Crepúsculo captou sua incerteza, assim como Kiry. Um broto de esperança medrou dolorosamente no coração dela. As coisas não iam tão bem.

— O orc sobre o qual o senhor me alertou veio, exatamente como o senhor

temia.

Thrall! Em meio às sombras, com a cabeça voltada para trás, Kirygosa percebeu que não pôde conter um sorriso.

O Patriarca do Crepúsculo esbravejou.

— Nosso mestre não ficará feliz com isso — disse. — Ouvi dizer que Pantanegro o deteria. Que mal ele causou até agora? E por que você mesmo não o matou?

Arygos refreou-se.

— Eu tentei, mas Kalecgos não permitiu. Sem contar que todo mundo poderia ver.

— Mas Thrall não passa de um orc! — vociferou o Patriarca do Crepúsculo. — Você poderia tê-lo matado facilmente antes que alguém pudesse protestar!

— Dois Aspectos o enviaram para nós! Eu não poderia me livrar dele sem levantar suspeitas ou afastar muitos de minha revoada. Eu preciso de cada um deles para me tornar o Aspecto!

— Preciso explicar como se você fosse uma criança, Arygos? — O dragão imponente se encolheu de medo com a reprimenda. — Faça parecer um acidente!

— O senhor está a salvo aqui e não há ninguém querendo descobrir seus defeitos — esbravejou Arygos, furioso. — É fácil falar em acidentes quando você não está no meio de toda a situação! Se alguma coisa acontecer, as suspeitas recairão sobre mim!

— Você acha que eu não sei como esconder minha própria natureza? — O Patriarca do Crepúsculo jogou a cabeça para trás e emitiu uma gargalhada. — Eu ando em meio ao meu povo da mesma forma que você anda em meio ao seu; só que ninguém desconfia do meu verdadeiro plano. É uma habilidade em que você precisa se aprimorar, jovem azul.

— Muitos já estão sendo influenciados por Kalec; eu não posso arriscar que se perguntem por que eu insisti tanto para que um simples orc fosse morto!

— Ele não é um simples orc! — redarguiu o Patriarca do Crepúsculo com um grito. — Você não entende? Thrall o destruirá se você não o destruir

primeiro! Essa é a minha vontade e a do lorde Asa da Morte! Você pretende desafiar nosso mestre só porque teme ser acusado? Acho que você está com medo da coisa errada!

— Kalec o acolheu — murmurou Arygos, abaixando a cabeça. — Não posso fazer nada. Mas, pelo menos, sabemos onde ele está. Podemos observá-lo. E, talvez, haja alguma chance. Logo, nada disso vai importar, porque eu vou me tornar o novo Aspecto. Então, poderei fazer o que quiser.

— Você o viu?

A pergunta do Patriarca do Crepúsculo e sua aparente mudança de assunto causou confusão aos dois dragões azuis — àquele a quem a pergunta fora destinada e à que escutava às escondidas.

— Quem? — perguntou Arygos.

— Levante voo novamente — ordenou o Patriarca do Crepúsculo, cuja voz se acalmara repentinamente. — Voe para noroeste. Procure por ele e volte a mim. Vá.

Arygos assentiu com a cabeça e alçou voo noite adentro. O Patriarca do Crepúsculo transpôs-se até a beirada e o observou, enquanto o frio transformava sua respiração em pequenas nuvens de ar.

Kirygosa engoliu em seco. Ela sabia quem Arygos fora observar.

Cromatus. O dragão das múltiplas cabeças, que nunca deveria ter respirado. Era a esse tipo de coisa grotesca que seu irmão de sangue se aliara. Ela sentiu um formigamento ao ser observada pelo Patriarca do Crepúsculo.

— Ele vai morrer — disse ele em tom de conversa normal. — Eu sei que você sabe disso.

— Arygos? Sem dúvida — retrucou.

— Não estou com vontade de atravessar o aposento para atormentá-la — disse ele. — Kalec morrerá, assim como você. Ninguém é capaz de desafiar Cromatus e Asa da Morte ao mesmo tempo. O próprio mundo chora de dor ao ser torturado por eles.

— Pode ser, realmente, que Kalec morra — concordou Kirygosa. — O mesmo pode acontecer comigo. Mas alguém há de deter Asa da Morte e essa

coisa que o filho dele criou.

Kiry sentia muito orgulho de Kalec. Ela não sabia se ele suspeitava que Arygos os traíra ou se ele simplesmente quis ter certeza de que Thrall estaria a salvo de qualquer um que pudesse lhe desejar mal por algum motivo. Sem dúvida, havia dragões com esse desejo na revoada azul o suficiente para justificar cautela.

Uma das mãos foi até a corrente enganadoramente simples que a mantinha prisioneira. A outra foi ao ventre. Uma onda de lembranças de tormentas e mágoas surgiu dentro dela. Ela permitiu que a onda a banhasse e expeliu o ar dos pulmões em silêncio. Kiry ainda não se deixara vencer sob o domínio de seus captores. E não seria agora que ela o faria, independente de quão aterradora fosse a ideia de lutar, ao mesmo tempo, contra Cromatus e suas várias cabeças e contra o próprio Asa da Morte. Não agora, quando parecia ainda haver alguma esperança.

Ouviu-se o som de asas batendo no ar silencioso da noite e Arygos voltou, completamente derrotado. O Patriarca do Crepúsculo contemplou o dragão detidamente.

— Você fará o que prometeu — disse o Patriarca do Crepúsculo com incrível serenidade.

E o grande dragão azul tremeu diante dele.

— Fale mais sobre esse evento celestial — disse Thrall.

— Azeroth tem duas luas, você sabe — explicou Kalec. — Cada cultura tem nomes diferentes para elas, mas costuma ter a ver com mãe e filho, já que a lua branca é muito maior que a azul.

Thrall consentiu com a cabeça.

— Meu povo as chama de Dama Branca e Criança Azul — explicou.

— Exatamente. O evento é quando as duas se alinham perfeitamente uma com a outra. Frequentemente, ele é chamado de Abraço, pois parece que a lua branca, a Mãe, está abraçando a Criança Azul. É um evento extremamente raro; acontece uma vez a cada 430 anos, aproximadamente. Eu mesmo nunca vi

ocorrer. Adoraria vê-lo em um momento em que o evento não envolvesse mais que a simples apreciação de um fenômeno.

— Então você concorda com os que pensam que é assim que a coisa é feita? — perguntou Thrall. — Que este evento vai invocar o poder do Aspecto?

— A lenda diz que as luas estavam nessa conjunção quando os titãs criaram os primeiros Aspectos — contou Kalecgos. — Se existe algum momento favorável para nossa revoada conceder o título de um Aspecto a um dragão comum, o momento é agora.

— Título? Você não acha que nada de mais emocionante vai acontecer?

Kalec soltou um suspiro e passou a mão pelo cabelo.

— Há muito que ainda não sabemos. Nós vamos precisar de um Aspecto, Thrall, e, se a melhor forma de conseguir um for contando votos e chamando alguém de Aspecto, então isso terá de bastar.

Thrall consentiu com a cabeça.

— Parece... um final meio tranquilo demais para uma sinfonia tão grandiosa — disse, escolhendo as palavras com cuidado. — Um Aspecto é um ente tão poderoso... e vocês, os azuis, são os detentores da magia, e de muitas outras coisas deslumbrantes e cheias de imaginação. E se for só uma questão de haver uma votação por parte da revoada... — Ele não completou o pensamento. Não foi necessário.

Kalec disse em voz baixa:

— Eu não tenho nenhuma ambição especial em ser líder, Thrall, mas vou dizer uma coisa: eu temo por minha revoada, e por este mundo, se Arygos se tornar o Aspecto azul.

Thrall sorriu.

— Nem todos que se tornam líderes desejam o poder que vem com o cargo — disse ele. — Não era o meu desejo, mas eu penei para ajudar o meu povo. Para libertá-lo. Para dar um lar para eles. Para protegê-los e fazer com que nossa cultura prosperasse.

Kalec o mirou com um ar contemplativo.

— Certamente, não há quem seja capaz de negar isso. Até mesmo alguns

membros da Aliança falam bem de você. Pode-se dizer que eles precisam de você mais do que nunca, com o mundo no estado que está. E, mesmo assim, aqui está você, como um humilde xamã.

— Eu recebi outro chamado — disse Thrall. — Como você diz... o mundo estava em apuros, mais ainda que o meu povo. Eu quero ajudar o meu mundo. E, por uma reviravolta muito estranha do destino e dos acontecimentos, eu estou aqui, ajudando o meu mundo, junto de dragões azuis prestes a determinar qual deles se tornará um Aspecto. É uma responsabilidade enorme, Kalec, mas, do pouco que eu vi, acredito que você seja a melhor opção. Eu só espero que o resto da sua revoada concorde comigo.

— Eu não me tornaria o Aspecto se não achasse que devo — disse Kalec. — De certo modo, eu não sei o que desejar: um Aspecto apenas em nome, ou um Aspecto com todos os poderes a que tem direito. Para mim, seria difícil aceitar me tornar algo tão diferente. É uma coisa que eu nunca imaginei que teria de levar em conta. Na verdade, ninguém imaginou. É... um grande fardo.

Thrall observou Kalec com atenção enquanto este falava e acreditou tê-lo compreendido.

Kalec estava... com medo.

— Você acha que isso vai te mudar, se realmente acontecer — constatou Thrall, sem usar um tom de pergunta.

Kalec concordou com a cabeça, em silêncio.

— De acordo com a maioria dos habitantes deste mundo velho, eu já sou um ser muito poderoso. Sempre foi assim, então é fácil lidar com essa responsabilidade. Mas... eu, um Aspecto?

Ele desviou o olhar por um instante, sem prender o foco a coisa alguma.

— Thrall... um Aspecto não é só um dragão com mais poderes. É uma coisa toda nova. É algo... — Ele tentava encontrar as palavras corretas. — Eu vou mudar. Vou ter que mudar. Mas... dois dos cinco Aspectos enlouqueceram. A própria Alexstrasza pode estar indo por esse caminho, e Nozdormu quase se perdeu para sempre em seu próprio reino do tempo. Se eu me tornar um Aspecto, o que vai acontecer comigo?

Ele tinha razão em ter medo. Thrall passara por algo parecido no dia em que Orgrim Martelo da Perdição sucumbira e nomeara Thrall seu sucessor. Ele não pedira aquele fardo, mas o carregou, tornando-se algo maior do que ele mesmo, mais que simplesmente Thrall, filho de Durotan e Draka. Ele se tornara chefe guerreiro. E assumiu essa responsabilidade por anos a fio. Como Aggra dissera à sua maneira honesta, amável e irritante, ele se tornara um verdadeiro escravo da Horda.

Kalec nunca poderia largar o título de Aspecto. E ele viveria muito, mas muito mais que um mero orc.

O título o mudaria para sempre; não haveria como voltar atrás. Ele poderia ser Kalecgos, o Aspecto Dragônico azul, mas nunca mais seria apenas Kalec. O que *realmente* aconteceria com ele?

— Essa é uma pergunta muito importante, meu amigo — disse Thrall em voz baixa. — Você *não* sabe o que vai acontecer com você. Mas sempre haverá coisas que nem mesmo um dragão pode prever. Você só pode agir com base no que você *sabe*. Ouça seu coração, sua cabeça e sua intuição. Há mais perguntas a serem feitas além dessa. Mas você já fez a pergunta certa.

— O que vai acontecer com o meu povo se Arygos se tornar Aspecto? — perguntou Kalec.

Thrall consentiu com a cabeça.

— Viu só? Você já sabe o que deve perguntar. E você também não sabe a resposta específica para essa pergunta. Mas você sabe o bastante para decidir que deve se abrir para a responsabilidade, em vez de se sujeitar ao domínio de Arygos.

Kalec ficou em silêncio.

— Arygos estima muito a própria linhagem — disse, finalmente. — Mas ele não entende que toda nossa revoada, toda nossa *raça* deveria ser uma única família. Deveríamos ficar unidos. A forma de pensar de Arygos não vai nos ajudar mais; se é que já ajudou. E se a revoada o seguir, sim, eles serão azuis independentes, separados em um novo grupo. Mas eles também morrerão... ou sofrerão algo pior. — Kalec esboçou um sorriso. — É isso que me dizem meu

coração, minha cabeça e minha intuição.

— Então a decisão está tomada.

— Mesmo assim, estou com medo. E não consigo deixar de pensar que isso é prova de que sou covarde.

— Não — discordou Thrall. — Isso é prova de que você é sábio.

O momento havia chegado.

Thrall apertou o pesado manto de pele ao redor de si mesmo. Ele estava na plataforma suspensa mais alta do Nexus, de onde ele tinha uma visão perfeita do céu aberto. Alguns dragões de formas humanoides postavam-se ao seu lado, enquanto outros pairavam no ar à espera. A noite estava mais penetrante que de costume, pois não havia nuvens e as estrelas cintilavam contra o plano de fundo cor de ébano. Thrall estava feliz com a visibilidade, embora isso significasse que ele sentiria mais frio. Ele queria ser capaz testemunhar aquele acontecimento extraordinário e raro, embora os azuis lhe tivessem garantido que a força do evento não seria mitigada pela presença de nuvens.

A Dama Branca e a Criança Azul já estavam bem próximas e, logo, o Abraço ocorreria. Os azuis estavam em silêncio absoluto, e Thrall não pôde se lembrar de tê-los visto assim antes. Apesar da afinidade ao frio que lhes era característica, ele os via como uma revoada calorosa e vibrante. Os brônzeos pensavam mais sobre o que falavam e faziam; sem dúvida, em alguma medida, cada palavra e ato lhes pesava ao longo do tempo. Os verdes também pareciam mais calmos, após terem passado milênios sonhando. Mas os azuis pareciam-lhe tão vivazes quanto as faíscas e lampejos da magia que lhes era tão inerente. Sua sagacidade era aguçada e ligeira; o humor, volátil; os movimentos, rápidos e vigorosos. Ver todos eles parados, quietos, ou simplesmente pairando no ar, com os olhos embevecidos no céu... era desconcertante.

Até mesmo Kalecgos estava incomumente sombrio. Ele, como todos os outros, estava na forma de dragão. Embora, de início, Thrall tivesse achado mais fácil abordá-lo e dialogar com ele em sua forma semiélfica, ele passou a se sentir tão à vontade com o jovem azul que Kalec era apenas Kalec para ele,

independente da forma que assumisse. Thrall se aproximou e, a fim de reconfortá-lo, colocou a mão na pata inferior dianteira do poderoso dragão, que era o mais alto que podia alcançar. Era o equivalente a um aperto no ombro. Kalec o mirou com os olhos enrugados pelo sorriso de apreciação. Em seguida, voltou a erguer a enorme cabeça azul a fim de contemplar o fenômeno celestial.

Thrall pensou a respeito do que estava vendo e sobre a metáfora que envolvia tudo aquilo. O Abraço. O amor de uma mãe por seu filho. Também pensou sobre Malygos. Baseado no que vira e ouvira, antes de ser acometido pela loucura, Malygos fora tão alegre e generoso quanto Kalec. O que Asa da Morte fizera com ele — com os azuis, com todas as revoadas e com o mundo... Thrall meneou a cabeça em tristeza pelo destino sinistro que fez daquele evento algo extremamente necessário.

A Criança se movia em direção à Mãe. Thrall esboçou um sorriso, embora tiritasse no frio brutal, porém puro. Um abraço. Um momento para se fazer uma pausa e pensar no amor, na magia, e como ambos não eram tão diferentes.

Era tarde demais para mudar a opinião de qualquer indivíduo para conceber um argumento razoável capaz de explicar por que Arygos era perigoso e, Kalec, a melhor opção. Tudo que podia ser dito fora dito. Cada dragão era um indivíduo. Cada um escolheria conforme a própria vontade. Thrall pensou em Nozdormu, na natureza do tempo, e como essa decisão já fora tomada. Não havia mais motivos para ter esperanças ou medos.

Havia apenas aquele momento. Parado no frio, na companhia dos dragões, contemplando algo belo e raro ocorrer diante dos olhos. Aquele momento passaria, dando sucessão a outro momento, e se tornaria parte do passado, perdido para sempre, salvo na memória. Mas, por enquanto, aquele momento *ainda durava*.

A Criança Azul se movia lentamente; e, depois da longa espera e da observação do que parecia ser lento, o evento estava se sucedendo. A grande lua branca "abraçou" a menor. Thrall sentiu uma alegria tranquila e uma paz absoluta se inflarem e ficou simplesmente observando.

A tranquilidade fria e gélida do momento logo foi estilhaçada quando

Arygos lançou-se aos céus. Suas asas poderosas batiam com força, mantendo-o flutuando no mesmo lugar. Ele ergueu a cabeça e gritou:

— Permita-me guiar o meu povo! Dê-me a bênção do Aspecto! Eu sou filho de meu pai e o título de Aspecto me pertence!

Kalec arfou ao lado de Thrall.

— Não — sussurrou. — Ele destruirá todos nós...

Sem dúvida, a atitude ousada de Arygos chamou a atenção de todos. Os dragões se viraram para vê-lo, quase espantados com sua irrupção, desviando o olhar do evento que se desdobrava nos céus.

Tomado de coragem, Arygos deu prosseguimento à tentativa de reunir sua revoada.

— Sim! Eu represento o que realmente somos: os verdadeiros mestres da magia. Os que deveriam estar comandando as forças arcanas! Vocês conhecem minhas habilidades. Eu ainda não sou um Aspecto, mas sou o verdadeiro filho do meu pai. Eu acredito naquilo pelo que lutamos! Acredito que podemos controlar nossos próprios destinos! Acredito que devemos usar a magia arcana como ferramenta para atingir *nossos* objetivos, e pelo *nosso* próprio bem! Pelos azuis! É para isso que serve a magia!

As luas, Mãe e Criança, não se importaram com o que ocorria no Nexus. Elas continuavam a brilhar suavemente, e seu esplendor branco-azulado refletia de volta para elas na alvura da neve e na superfície lisa das escamas azuis. Era bonito e assombroso. Thrall percebeu que seus olhos não estavam detidos no dragão que gritava e cujas asas batiam no vento, mas na pacífica quietude do momento.

Aos poucos, outras cabeças também se viraram para outra direção, que não a de Arygos e suas promessas de usar a magia como ferramenta. Todos se voltaram para a visão de tirar o fôlego dos corpos celestiais em perfeito alinhamento, todos maravilhados, enquanto suas respirações congelavam no ar frio.

Thrall percebeu que, na escolha entre duas formas de viver — entre Arygos, e o chamado pela glória do passado e a promessa de um futuro, e simplesmente

contemplar o Abraço —, a revoada azul escolhera a calma... a *magia*... do momento.

Arygos continuou a gritar, a fazer alarde e a suplicar. Mas os azuis não pareciam querer ouvi-lo. Como estátuas, com que, de fato, se pareciam sob a luz azul e branca das duas luas, eles continuaram com a atenção focada no Abraço. Eles pareciam... surpresos com tamanha beleza.

Thrall achou que a combinação do azul com o branco do luar parecia lançar algum tipo de feitiço de ilusão nos leviatãs inertes. Eles pareciam iluminados por um brilho primoroso e a ilusão era tão atraente que Thrall redirecionou o olhar das duas luas para os dragões.

De repente, a luz se alterou. Ela parecia se extinguir, passando de Arygos para toda a revoada reunida. Até mesmo Thrall sabia que estava incluído em tal irradiação generosa. E, então, lentamente, ela também deixou de iluminá-los.

Mas não deixou de iluminar Kalecgos.

E foi então que Thrall compreendeu.

O ritual não era um exercício intelectual. Tampouco se tratava de uma votação entre os azuis para decidirem quem seria o melhor candidato. Não tinha nada a ver com o "título" de Aspecto, a ser concedido àquele que o usasse como uma ferramenta apenas para si mesmo e para sua revoada.

O fenômeno celestial se chamava Abraço. Assim, estava vinculado às emoções da revoada azul, não à sua razão. O novo Aspecto nunca receberia poderes somente por suas ideias. Os titãs fizeram o que *sentiram* que era o correto a se fazer. E, naquele exato momento, a revoada azul fizera o mesmo.

Quando Thrall e Kalec conversaram, eles escutaram não apenas com os ouvidos e com o intelecto, mas com seus corações. Eles observaram Thrall os observar e perceberam suas reações. Parecia que eles o haviam realmente ouvido quando ele falara sobre viver o momento, sobre o encantamento com o qual eles deveriam enxergar as próprias vidas, suas próprias habilidades e a si mesmos. Acima de tudo, quando uma coisa realmente bela e mágica se apresentara — algo com uma força que vinha apenas da graça e da raridade e que não oferecia dominação ou poder —, eles se voltaram para ela como uma flor que se vira para

o sol. E seus corações passaram do medo à esperança; do fechamento, à abertura.

O brilho ao redor de Kalecgos se intensificou ao se esvair dos outros dragões e, depois, do céu, conforme a Criança Azul saía do abraço amoroso da mãe.

A respiração de Kalec estava acelerando e seus olhos se arregalaram, maravilhados. De repente, ele se lançou aos céus. Thrall ergueu a mão para se proteger do clarão que emanava do Aspecto recém-nascido. Era praticamente impossível olhar para Kalecgos de tão ofuscante que era seu brilho, como o de uma estrela — não, de um sol —, radiante, belo e terrível. Agora, ele detinha domínio supremo sobre a magia arcana, concedido voluntariamente, com esperança, amor e confiança por sua revoada, pela Mãe e pela Criança, e pelo eco do desejo de outrora dos titãs.

De repente, enquanto suas asas pareciam quase rasgar o céu ao bater, algo inesperado aconteceu.

Kalecgos emitiu uma risada.

O som jubiloso entoado pelo dragão retumbou brilhante e cristalino como a neve, leve como uma pluma, puro como amor materno. Não era uma risada sarcástica de um vitorioso se vangloriando de seu triunfo. Era um prazer que não podia ser contido, algo tão forte, vivaz e realmente *mágico* que tinha de ser compartilhado.

Thrall se deu conta de que ele mesmo também estava rindo de prazer. Ele não conseguia tirar os olhos da figura do dragão azul e branco dançando no céu da noite. A risada de dragão, semelhante a um sino e estranhamente doce, o rodeou por completo. Thrall sentia o coração preenchido de uma forma que não era capaz de explicar. Ao olhar ao redor, sentindo que tinha algum grau de parentesco com os grandes dragões naquele momento encantado, ele viu lágrimas de felicidade reluzirem no rosto de todos eles. Seu coração parecia leve e apaziguado ao mesmo tempo, e ele pensou que, se pulasse, também seria capaz de voar.

— Seus *tolos*!

A fúria, a afronta e a comoção na voz de Arygos estilhaçaram o momento

em mil pedaços.

— Seus *tolos* imbecis! Foram vocês que traíram a revoada, não eu!

Antes que Thrall fosse capaz de digerir suas palavras, Arygos jogou a cabeça para trás e emitiu um urro terrível. Thrall o sentiu atingi-lo quase fisicamente. Havia mais que apenas ar e voz naquele urro; havia, também, magia, e ela tamborilou no sangue e nos ossos de Thrall, levando-o aos joelhos.

Foram vocês que traíram a revoada, não eu...

Ele olhou para cima, onde pairava Kalecgos, o novo Aspecto Dragônico azul, ainda brilhando devido à magia arcana. Agora, Kalecgos era visivelmente maior que seu antigo rival, que se parecia mais com um borrão no céu noturno do que um ser magnífico. Ainda radiante e glorioso, Kalecgos não era mais um ser alegre, mas um deus vingador. Ele dobrou as asas e mergulhou na direção de Arygos.

— Não, Arygos! Não deixarei que nos destrua!

Naquele momento, o ar foi inundado por um som medonho: o som de dezenas de asas batendo poderosamente. Os olhos de Thrall se arregalaram quando os dragões do crepúsculo se aproximaram; embora nunca tivesse visto um, ele sabia que eram eles. Eram como fantasmas da escuridão, sombras vivas na forma de dragões que atacavam a fortaleza dos azuis.

Os azuis não tardaram a agir com uma velocidade surpreendente para criaturas tão colossais. Antes que Thrall pudesse se dar conta, eles se lançaram para o alto, na direção dos inimigos, e o céu noturno brilhava com gavinhas brancas e azul-claras e com erupções de energia arcana. Thrall voltou os olhos para onde Kalec e Arygos lutavam.

— Kalec! — Thrall gritou, crendo ser impossível que o novo Aspecto o escutasse em meio aos ruídos da batalha, mas sabendo que deveria tentar. — Cuidado!

Por um momento angustiante, não parecia que Kalecgos o escutara. Então, no último minuto, ele soltou Arygos e se esquivou para a esquerda. Três dos dragões do crepúsculo voaram direto para Arygos. No último instante, para o espanto de Thrall, todos os três se desmaterializaram, passando por seu aliado

azul sem lhe causar dano, e fizeram a volta para se juntar ao bando.

Thrall mais sentiu que ouviu o dragão atrás dele. Ele girou sobre os pés, sacando o Martelo da Perdição, segurando-o com ambas as mãos, e trincou os dentes. Thrall estava disposto a golpear com toda a sua força a fim de proteger a revoada que ele passara a estimar e respeitar. Ele viera ajudar com sua cura.

E a defenderia com toda sua vida.

O dragão do crepúsculo era uma fêmea bela e aterradora. Ela abriu a boca, revelando dentes quase do tamanho do corpo inteiro de Thrall. As patas dianteiras estavam estendidas e as garras, preparadas para capturar e dilacerar, caso a enorme boca escancarada não fizesse o serviço primeiro.

O grito de guerra de Thrall: *Pela Horda!,* veio aos seus lábios, mas ele não o pronunciou. Ele não lutava mais apenas pela Horda. Ele lutava por muito mais: pela Aliança, pela Harmonia Telúrica, pelo Círculo Cenariano e pelas revoadas, débeis e difusas.

Ele lutava por Azeroth.

Ele ergueu o martelo. O dragão do crepúsculo quase o alcançara.

De repente, Thrall estava a 15 metros do chão e algo forte e implacável o segurava pelo tronco. Ele olhou para baixo e viu garras ao redor de si mesmo. A voz de Kalec chegou até ele.

— Suba nas minhas costas, rápido! É mais seguro!

E Thrall sabia que era. Ao levar o orc até seus gigantescos ombros alados, Kalec abriu as garras. Thrall saltou, voando por alguns segundos pelo ar antes de aterrissar no largo dorso de Kalec.

Apesar da afinidade dos dragões azuis com magias de gelo, Thrall sentiu um calor emanando de Kalecgos. Era mais quente do que sentira quando montara em Desharin ou em Tique. Se o que Thrall sentira ao voar sobre os outros dois dragões fora um sussurro, montar no dorso do Aspecto azul foi um berro de alegria. A energia e o crepitar da magia fluíam através de Thrall e ele se segurou firme enquanto Kalecgos voava e mergulhava rapidamente. Kalec atacou dois dragões do crepúsculo violentamente com uma baforada gélida e mortal. Eles rugiram de dor e se tornaram translúcidos em todas as partes que foram

atingidas pela baforada de Kalec, as quais ficaram congeladas. Kalec se virou, atingindo um com a cauda, estilhaçando sua pata dianteira congelada. A asa do outro fora congelada, o que fez com que o dragão do crepúsculo caísse freneticamente, já que a asa neutralizada não o podia sustentar no ar.

O orc e o Aspecto estavam em perfeita sincronia. Thrall ficou sobre Kalec como se estivessem fundidos um ao outro, sem sentir medo quando o grande dragão mergulhava e girava e se esquivava. Kalec atacava com magia, e suas ilusões atraíram um dragão do crepúsculo para uma direção, enquanto Kalec mergulhava na direção de outro, movendo quase perto o bastante para tocar um terceiro, a fim de que Thrall também pudesse atacar.

— Atrás do crânio! — gritou Kalecgos.

Thrall pulou em sincronia tão perfeita com Kalecgos que não chegou a pensar duas vezes. Ele caiu sobre o pescoço de um dos dragões do crepúsculo e atingiu o Martelo da Perdição com toda a força onde Kalec lhe instruíra. A fera ficou tão surpresa que nem teve chance de se desviar; em vez disso, morreu instantaneamente e despencou em direção ao solo. Lá estava Kalec, movendo-se com agilidade e maestria, e, mais uma vez, Thrall saltou das costas de um dragão para as de outro. As asas do Aspecto batiam e os dois subiam, prontos para dar prosseguimento à batalha. O orc olhou ao redor, quase incansável e com os sentidos totalmente alertas, e se permitiu esboçar um sorriso.

Os azuis estavam vencendo.

15



Os azuis estavam vencendo!

Eles estavam em minoria, mas, inquestionavelmente, venciam a batalha. A chegada de um novo Aspecto aquecera seus corações. O ritual havia funcionado; a bênção dos titãs fora humildemente solicitada e, então, concedida; a ressurgência da alegria e do alívio deram aos dragões energia renovada e força de espírito para lutar e se proteger.

Não era para acontecer assim!

Sangrando, com parte do corpo congelada e uma asa danificada pelo ataque de Kalecgos, Arygos mantinha-se no ar à custa de muito esforço. Ele se sentia enfraquecido, assustado, e não estava habituado a nenhuma dessas sensações.

Como as coisas podiam ter dado tão errado?

Tudo em que Arygos conseguia pensar — como qualquer animal acuado, concluiu ele com um misto de pânico e ojeriza — era em segurança. Um esconderijo. Um lugar para se recuperar, descansar, pensar. Havia um lugar onde poderia se acalmar e refugar o terror que parecia preso em seu cérebro como uma névoa negra.

Seus olhos buscavam Kalecgos freneticamente. Lá estava ele; imenso, luminoso, altivo; radiante com todo o poder que ele, Arygos, deveria ter sido escolhido para incorporar. Para piorar, o amado orc de Kalec o acompanhava em suas costas, agarrado feito um carrapicho, meneando o martelo e rachando os crânios dos dragões do crepúsculo de Arygos.

O Olho. Ele tinha que chegar ao Olho da Eternidade; para pensar, recobrar as forças, planejar algo. O coração do Nexus, local de refúgio e retiro de seu pai, clamava por Arygos neste momento de pânico. O mero pensamento enviou um impulso de equilíbrio por seu corpo. Soluçando, algo deveras inadequado para um dragão, Arygos abriu as asas e voou. Ele se lançou do pináculo do Nexus, onde a batalha aérea transcorria impossivelmente mal, quase como uma rocha. Soltando-se, mais do que voando, Arygos abriu as asas no último instante, planando rumo à entrada do Nexus. As labirínticas passagens foram cruzadas com a velocidade de um raio, seu coração precipitando-se à medida que o pânico enterrava nele suas garras gélidas.

Lá estava: um portal nubloso, rodopiante. Do outro lado, o Olho da Eternidade. Arygos voou rapidamente por ele, emergindo no céu noturno de uma minúscula dimensão completamente isolada de tudo. Antes, havia uma plataforma mágica onde se podia pousar para descansar e, ao mesmo tempo, contemplar os mistérios do passado redemoinhante. Runas mágicas dançavam, surgiam e desapareciam, como flocos de neve flutuando suavemente. O céu noturno, pontilhado de frias estrelas, fora virado e torcido; em uma parte, uma nebulosa azul e branca espiralara-se.

Agora não havia mais plataforma. Ela fora reduzida a fragmentos flutuantes na batalha que ceifara a vida de seu pai; um dos quais continha o orbe mágico encerrado conhecido como Íris Focalizadora. Malygos usara seu próprio sangue para ativar e controlar o orbe, que, por milênios, permanecera dormente. Com a Íris Focalizadora aberta, Malygos conseguira direcionar poderosas agulhas de mana, usando-as para drenar energia arcana das linhas do meridiano e canalizar a magia para o Nexus. Fora a abertura de uma estreita fissura na Íris Focalizadora com uma chave havia muito esquecida que atraíra Malygos para o que, por fim,

fora sua batalha final.

Apesar de lembrá-lo de um momento sombrio de sua vida, este lugar era confortante e familiar; Arygos sentiu-se relaxado. Ele se sentou sobre uma das partes da plataforma, que pairavam lentamente, dobrou as asas junto ao imenso corpo e escancarou a mandíbula para sorver o ar em grandes porções.

— Arygos?

O dragão abriu os olhos e desfraldou as asas, alerta. Quem ousara…?

— Pantanegro! — suspirou ele aliviado. — Estou contente por ser você.

— Eu gostaria de poder dizer o mesmo — disse o humano, adiantando-se. Ele subiu em outro fragmento da plataforma e encarou desafiadoramente o dragão. Ao erguer o elmo, longos cabelos negros escorreram por sobre seus ombros. Seus olhos azuis pestanejavam, fixos em Arygos. — O que houve? Não sei muito sobre essa história de Aspecto, mas… acho que não você não é um.

Arygos estremeceu.

— Não. Eles escolheram… *Kalecgos*. — O dragão sibilou o nome profundamente enraivecido, injustiçado. — Aquele orc estúpido, ele fechou o coração da revoada para mim. Ele era meu por direito!

Pantanegro franziu o cenho.

— Isso não é nada bom — balbuciou ele.

— Acha que eu não sei disso? — Arygos bateu com o rabo furiosamente no fragmento da plataforma, inclinando-a precariamente. — É tudo culpa de Thrall. Se você o tivesse matado como deveria…

O humano espremeu os olhos:

— Sim, e se você tivesse se tornado Aspecto como *você* deveria, nós não estaríamos tendo essa agradável conversa. — Sua voz estalava como um chicote. — Como nenhum de nós tem o que quer agora, acho melhor deixarmos a raiva de lado e pensarmos em como sair por cima.

O humano estava certo. Arygos se acalmou. Ele precisava se concentrar; fora para isso que viera aqui.

— Talvez juntos nós possamos alcançar nossos objetivos — disse Arygos. — E, ao mesmo tempo, agradar ao Patriarca do Crepúsculo e Asa da Morte.

Pantanegro o observava.

— Prossiga.

— Nós dois queremos Thrall morto. E nós dois queremos que eu me torne Aspecto. Volte comigo para a batalha, rei Pantanegro. Vingue-se. Se matar o orc, Kalec verá que nem tudo funciona como ele deseja. Se Kalec hesitar, a fé do restante da revoada, as malditas serpes, ficará abalada. Assim, Kalecgos ficará vulnerável e eu poderei destruí-lo.

Quanto mais falava, mais Arygos se animava, planejando, visualizando cada passo. Ele prosseguiu:

— Com Kalecgos morto, os azuis, desesperados por um líder, recorrerão a mim; eu receberei os poderes do Aspecto como deveria ter acontecido! Tudo será como deveria ter sido.

— Tem certeza disso? — questionou Pantanegro.

— Não… certeza não. Mas quem mais poderia receber o poder? Eu fui o único que desafiou Kalec. Com certeza eles se voltarão para mim quando eu o expuser como o fraco que é.

Pantanegro remexeu o cavanhaque pensativamente com uma das mãos.

— As chances não parecem nada boas. Eu sou apenas um humano. Contra um, quem sabe alguns dragões, talvez… mas uma revoada inteira?

— Confie em mim. Thrall ficará atônito quando vir você novamente — argumentou Arygos. Mesmo não gostando de implorar, ele precisava desse humano. — Quando Thrall estiver morto, os azuis ficarão arrasados. Ainda há muito dragões do crepúsculo no ar. Nós conseguiremos, se fizermos isso juntos!

O humano assentiu.

— Muito bem — disse ele. — Um plano arriscado, mas o que é a vida sem algum risco, não é? — Sorrindo abruptamente, ele exibiu seus dentes brancos, o contentamento de um predador.

— Um risco mínimo — observou Arygos — para uma recompensa grandiosa.

O alívio de Arygos foi maior do que antevira. Ele conhecia a história do humano, sabia de seu ódio por Thrall. Pantanegro queria o orc morto. Da mesma

forma, ele também queria Kalec morto. Voando na direção da plataforma onde estava o humano, o dragão se posicionou de modo que Pantanegro pudesse montá-lo com facilidade.

Eles podiam conseguir. Ele sabia que podiam. Os obstáculos finalmente seriam removidos. Enfim ele se tornaria Aspecto, como sempre cobiçara.

Enquanto fazia a volta para cruzar o portal abaulado, seu coração se animava. Abaixo, os fragmentos da plataforma flutuavam lentamente. Arygos olhou para baixo a tempo de ver um deles girar, revelando a Íris Focalizadora.

A dor irrompeu inesperada, chocante, brutalmente: uma agulha branca e cálida penetrou na base de seu crânio. Enquanto Pantanegro enterrava a espada cada vez mais fundo, Arygos agarrou-se a vida por tempo suficiente para ver uma única gota de seu sangue rubro cair sobre a Íris Focalizadora e, em seguida, ela se abrir num estalo. Tombando rapidamente, observando Pantanegro saltar com destreza de suas costas para um dos fragmentos da plataforma, Arygos, filho de Malygos, compreendeu que morreria traído.

Empunhando o Martelo da Perdição numa das mãos, Thrall ergueu a outra. Trovões retumbaram, desenhando um rastro de morte calcinante que colheu pelo menos quatro dragões do crepúsculo. O ataque atordoou as criaturas momentaneamente, chamuscando seus flancos e cauterizando o couro de suas asas. Emitindo guinchos de dor, elas permaneceram na forma corpórea por tempo suficiente para, uma vez mais, Thrall saltar de Kalec para um dragão do crepúsculo, erguer o Martelo da Perdição e afundá-lo no crânio da criatura. Seu golpe, entretanto, apenas resvalou, e o dragão teve tempo de se tornar incorpóreo. Subitamente o orc caía. Abaixo, a neve se aproximava rapidamente, mas as costas largas, azuis e brilhantes de Kalecgos surgiram logo abaixo dele. Thrall caiu pesadamente, mas com segurança.

Enquanto o orc se preparava para o próximo inimigo, o Nexus estremeceu. Jatos de luz irromperam de todos os lados; até mesmo o poderoso Aspecto girou e se afastou, com Thrall agarrado firmemente às suas costas.

— O que houve? — berrou Thrall.

— Uma explosão de energia arcana! — gritou Kalec em resposta. Seu pescoço longo e sinuoso pendeu enquanto ele observava o Nexus abaixo, que continuava jorrando energia arcana como fogos de artifício. — Não sei o que…

— Os dragões do crepúsculo! — Thrall olhava em volta enquanto Kalec olhava para baixo. — Eles estão recuando para o templo!

— Azuis! A mim! — bradou Kalec com uma voz amplificada e profunda, estremecendo Thrall até os ossos. — O inimigo está fugindo; a vantagem é nossa! Destruam-nos antes que cheguem ao seu mestre!

Se antes Thrall considerava Kalec veloz, agora ele mal podia respirar, tão rápido era o voo do Aspecto Dragônico. Os dragões do crepúsculo davam tudo de si em sua fuga repentina, frenética. Todos assumiram a forma incorpórea, empenhados demais em fugir para lutar. Os azuis responderam lançando exclusivamente ataques mágicos. O ar crepitava e faiscava com energia arcana branca, iluminando o gelo que preenchia o ar e a neve de uma tempestade, súbita e isolada. Muitos deles caíram, mas a maioria escapara.

Os azuis os seguiram impetuosamente.

Kirygosa observava horrorizada, desejando com todo o coração que aquilo a que assistia não obtivesse êxito.

Ela sentira a morte do irmão; sua energia vital, o sangue de um rebento de Malygos, subjugado e canalizado de uma maneira que lhe era perturbadoramente familiar. O Patriarca do Crepúsculo, sem dúvida graças a informações fornecidas por Asa da Morte, parecia saber exatamente o que estava fazendo.

Segundos após a morte de seu irmão, uma tempestade se formou acima do Templo do Repouso das Serpes. Nuvens negras e púrpuras rodopiavam furiosamente, formando um vórtice; então, com um estrondo tão poderoso que arrancou um berro de Kirygosa, forçando-a a cobrir seus frágeis ouvidos humanos, os céus se abriram.

Uma ofuscante luz branca se projetou para cima e para baixo — uma lança rasgando os céus, erguendo-se para além de onde os olhos podiam enxergar, e penetrando profundamente na terra. Ela reconheceu a agulha de mana, uma

ferramenta de energia arcana e seu poder vultoso, transbordante. Certa vez, Malygos usou agulhas iguais para drenar energia arcana das linhas do meridiano de Azeroth e transferi-la para o Nexus.

Desta vez, o processo era o inverso. A agulha de mana drenava poder *do* Nexus.

Sob a agulha, entre a terra e o firmamento, Cromatus.

O obelisco de poder mágico inconcebível agora penetrava no corpo imenso, manchado, inerte da monstruosidade. Enquanto assistia a tudo, Kirygosa estremeceu e se enrolou nos próprios braços, mal se importando com as marcas de agulha e cicatrizes sobre sua pele alva. Nauseada, ela soube que era parte da razão pela qual o medonho fenômeno estava acontecendo; ela fora usada nos experimentos. Eles a mantiveram viva, contudo, por duas razões: sua linhagem e seu gênero.

— Você tem sorte, minha querida — disse o Patriarca do Crepúsculo, logo ao seu lado. — Afortunada é você entre os dragões por testemunhar isso… e por ter feito a sua contribuição.

— Parece que meu irmão contribuiu mais — retorquiu Kiry, enraivecida por sua voz soar debilitada e quebradiça. — Então é assim que o Martelo do Crepúsculo recompensa serviços e lealdade. Arygos traiu sua revoada toda; na verdade, sua raça inteira; em nome de sua causa, e você o matou!

— Eu o matei porque ele falhou, não porque ele serviu — afirmou tranquilamente o Patriarca do Crepúsculo. — E sim, é assim que o Martelo do Crepúsculo retribui falhas.

— Asa da Morte não parecia muito feliz com o progresso que *você* estava obtendo — disse Kirygosa desafiadoramente. — Você pode ser o próximo, agora que meu pobre e iludido irm…

O Patriarca do Crepúsculo puxou a corrente. Com a dor que sentia, as palavras de Kiry converteram-se em gemidos agonizantes.

— Eu escolheria minhas palavras com mais cuidado, minha pequena.

Ela recuperou o fôlego; por um momento desesperador, a morte com que ele a ameaçava pareceu mais doce do que uma existência cujo único propósito

era ser usada contra sua própria revoada. No mesmo instante em que abriu a boca para uma réplica mordaz, os urros animados de uma multidão de cultistas vindos de baixo mataram as palavras em sua garganta.

Cromatus estava se *mexendo*.

Era sutil, difícil de distinguir, mas uma de suas garras abria e fechava. De resto, o monstro jazia inerte como se estivesse morto. A seguir, a cauda fez um movimento mínimo. Uma das cabeças — a negra — estremeceu.

O Patriarca do Crepúsculo correu até a lateral do piso circular.

— Ele está vivo! *Ele está vivo!*

Cerrando as mãos enluvadas, o homem ergueu os dois punhos no ar. Abaixo, a multidão bradou ainda mais.

A agulha de mana pulsava, sua energia penetrando no corpanzil agora animado. A cada instante, a força do monstro parecia crescer na visão de Kirygosa. Os outros membros começaram a se agitar. Uma a uma, todas as horrendas cabeças se levantaram. Como tentáculos de uma imensa criatura dos mares, as cabeças desciam e se moviam sobre os pescoços, observando em volta e escancarando os dentes. Abertos, seus olhos exibiam uma uniformidade que lhe faltava em todo o resto; os dez pares irradiavam, sem exceção, um brilho intenso, púrpuro. Ele podia estar vivo, mover-se, falar, mas Cromatus era aterradoramente incompleto. Em alguns pontos, os ossos estavam expostos. Parte de suas escamas se desprendera, deixando entrever pele saudável e, também, pútrida. Cada uma das cabeças parecia ter algo de errado: uma orelha faltante, um olho purulento…

— Cromatus! — gritou o Patriarca do Crepúsculo. — A mim, meu filho, a quem eu dei vida. Olhe para mim!

Uma das orelhas vermelhas se eriçou. As narinas verdes se dilataram. A cabeça brônzea moveu-se lentamente sobre o pescoço. Uma a uma, desajeitadamente e sem nada de naturalidade, as cabeças fizeram o mesmo até todas estarem fitando o Patriarca do Crepúsculo.

— Nosso… pai — disse a cabeça cor de bronze com uma voz imponente, apesar de dizê-lo de modo estranho.

Os olhos arroxeados da cabeça azul se estreitaram e, então, seu olhar recaiu sobre Kirygosa. Uma gargalhada sombria ecoou da cabeça azul. Enquanto falava, sua voz era estranhamente melíflua, mas as palavras soavam de maneira singular:

— Não tema, pequena azul. Seu irmão vive; em mim. Nós sentimos nossa afinidade. — As outras cabeças se viraram, moderadamente interessadas no que a azul dizia. —Você também irá servir.

— Nunca! — gritou Kirygosa, sua mente prestes a ruir diante dos horrores que se via forçada a testemunhar. — Os azuis jamais servirão a você! Não com Kalecgos à frente deles!

Esperando um puxão na corrente, ela se preparou para a dor aguda, abrasante. Em vez disso, o Patriarca do Crepúsculo gargalhou:

— Você não compreende ainda? Eu pensava que os azuis eram os inteligentes!

Ela não queria ouvir; não queria compreender. Ainda assim, seus lábios se moveram para perguntar:

— Compreender o quê?

— Para que propósito ele foi feito!

Kirygosa se forçou a examinar Cromatus. O que viu foi um horrendo dragão cromático, mais terrível que os outros graças às cinco cabeças, que…

— Não — sussurrou ela, a compreensão acometendo-lhe como um ataque físico. — Não…

— Sim… agora você está vendo — murmurou o Patriarca do Crepúsculo com a voz encharcada de orgulho. — Gloriosa, não, a ruína que se assoma em toda sua inevitabilidade? Não interessa se os azuis agora têm um Aspecto. Não interessa se Ysera está desperta, se Nozdormu foi encontrado, se a Mãe da Vida retornou. — Pressionando os próprios lábios contra o ouvido de Kiry, ele sussurrou como se compartilhasse seu segredo mais íntimo. — Cromatus vive… os Aspectos morrerão.

Kirygosa perdeu qualquer tipo de controle e saltou gritando, arranhando e mordendo o Patriarca do Crepúsculo; seu ataque, entretanto, era simples, humano, incapaz de fazer frente à magia do adversário — ou ao poder da

corrente. Sua voz gritava uma única, fútil palavra, como se apenas ela fosse capaz de impedir a catástrofe que se insinuava.

— Não! … Não! … Não…!

— Silêncio! — berrou o Pai do Crepúsculo, guinando violentamente a corrente prateada.

Kiry desabou, convulsionando em agonia.

— Nã, nã — prosseguiu a cabeça negra de Cromatus. A voz dessa era sedosa, sibilante, fria.

O imenso monstro levantou-se lentamente, mas seus movimentos começavam a se tornar mais e mais naturais à medida que descobria como controlar o corpo massivo.

— Deixe que a pequena azul fale. Isso deixará tudo ainda mais doce. Ela irá…

A cabeça vermelha interrompeu a negra, voltando-se para o Oeste. Ainda desconfortável com o corpo, ele se virou:

— Eles estão vindo — gritou a cabeça vermelha com uma voz clara, poderosa. — Eu não estou plenamente recuperado! O que você fez, Pai?

Kirygosa desatou a gargalhar. Capaz de ouvir a si mesma, sabendo que soava histérica, o riso continuava a emergir incontrolavelmente, jorrando como uma fonte destampada. Ela ergueu um dos dedos trêmulos e apontou para os dragões do crepúsculo voando a toda velocidade na direção do templo, enquanto a brava revoada azul seguia em seu encalço.

— Vocês calcularam errado! — bradou ela. — O grande Patriarca do Crepúsculo e seus planos maravilhosos! Mas seus dragões meteram os rabos entre as pernas cedo demais; agora, minha revoada veio para destruir todos eles, sua abominação e você! Qual é seu plano agora, ó grande sábio?

O Patriarca do Crepúsculo estava tão enfurecido que nem sequer se incomodou em usar a corrente. Um de seus punhos estalou com toda a força contra o rosto de Kirygosa, atirando a cabeça da dragonesa de lado. Nem mesmo isso interrompeu suas gargalhadas.

— Kalecgos! Kalec! — gritava ela.

Lá estava ele!

O coração de Kiry se aqueceu. A sabedoria e a compaixão de Kalecgos prevaleceram. Ele, o Aspecto da Magia, o maior de todos, adejava delineado por uma luz brilhante. Sobre suas costas, uma minúscula silhueta. Depois de muito, muito tempo, todo o poder recaíra não sobre uma mente ensandecida, nem inclinada à vingança e à traição. Com lágrimas nos olhos, ela soluçava de alegria.

Ele não sucumbiria, nem os outros Aspectos. Eles estavam atacando agora, antes que Cromatus atingisse o auge de seu poder devastador.

Abaixo dela, Cromatus atirou as cabeças para trás e bramiu com todas as suas vozes — a sibilante, a profunda, a melódica — fundidas numa única sinfonia de horror. Em seguida, o monstro saltou no ar. Sua dificuldade durou apenas um instante; as batidas de suas asas se tornaram cada vez mais poderosas e ele iniciou seu ataque.

Kirygosa tivera pesadelos, sobretudo nos últimos meses, em que fora mantida prisioneira, atormentada diariamente, presa numa forma humana e convencida de que o único alívio viria com a morte. Sim, ela tivera muitos pesadelos.

Nada, entretanto, se aproximava da tétrica realidade que tinha diante de seus olhos.

O monstro se movia em meio a espasmos — como um fantoche, ou algo de existência impossível. Maior do que todos eles, até mesmo o Aspecto Kalecgos, a estúrdia movimentação de Cromatus de alguma maneira era mais veloz, seus ataques eram mais mortais do que os dos dragões vivos que lutavam ao seu lado e contra ele.

Além disso, ele tinha a seu dispor mais do que força física e agilidade. A cor branca da magia arcana e o púrpura doentio dos ataques dos crepusculares eram ampliados por outras cores — o escarlate das chamas dos vermelhos, o esmeralda da névoa venenosa dos verdes —, enquanto Cromatus lutava com as habilidades de todas as antigas revoadas dragônicas.

Kirygosa podia ouvir os brados triunfantes dos dragões do crepúsculo, que lutavam com ânimo renovado. Eles podiam ter o rabo entre as pernas poucos

instantes antes, mas agora eram apenas determinação mortífera e intento implacável.

A mera visão da obscenidade era perturbadora. Aqui estava ele, algo que não deveria sequer *existir* — cuspindo fogo e criando ilusões, semeando morte com trejeitos estranhos, brutais e letalmente eficientes.

Muitos dragões da revoada de Kirygosa foram mortos por Cromatus. Outros, horrorizados e com os olhos fixos no dragão cromático, descuidaram dos dragões do crepúsculo que ainda apinhavam o ar. Diante dos olhos dela, um azul tentou se aproximar pelas costas de Cromatus, apenas para ter o pescoço quebrado por um único, quase displicente movimento da poderosa cauda do monstro. O azul, morto instantaneamente, caiu e se juntou aos irmãos. Angustiada, Kirygosa virou-se de costas e escondeu o rosto. Uma poderosa mão agarrou as suas e as empurrou. Seus olhos marejados se ergueram na direção do Patriarca do Crepúsculo, quase capazes de distinguir seus traços por baixo do capuz.

— Quem está rindo agora, pequenina azul? — zombou ele. — Sua preciosa revoada… Ele mal foi animado e veja o que está fazendo! Veja!

Ele a arrastou até a beirada da plataforma; uma de suas mãos agarrava o queixo de Kiry, enquanto a outra prendia seus braços.

— *Veja!*

Pelo menos, pensou Kirygosa, sentindo seu coração se partir, *ele não pode me forçar a ficar de olhos abertos.*

Thrall pôde sentir o sentimento de derrota se espalhar entre a revoada azul. Ele mesmo o sentia.

O inimigo era um dragão, mas um dragão que poderia ter sido conjurado dos piores pesadelos de um renegado. Pelo menos cinco cabeças, aparentemente uma de cada cor, projetavam-se de imensos ombros. O dragão parecia ressequido, roto, atacando tropegamente como membros do Flagelo. Contudo, ele era um ser vivo, não um morto-vivo. Vivo, todas as cabeças monstruosas atacando com tanto furor que, mesmo depois de sentir o sabor da vitória, uma

revoada inteira tornara-se agitada e apavorada.

— O que é isso? — gritou ele para Kalec.

O Aspecto não respondeu na hora; ele estava ocupado rechaçando ataques. Quando pôde, Kalec disse:

— Um dragão cromático!

Thrall se lembrou de que Desharin lhe contara sobre tais criaturas — monstruosidades criadas a partir de retalhos; pedaços e partes das outras cinco revoadas. Desharin afirmou que estavam todos mortos.

Este, com toda a certeza, estava bem vivo.

Thrall encarou a fera por um instante, tentando compreender o que era e o que fazia com os azuis — inclusive Kalecgos, o novo Aspecto da revoada.

Um mero instante de desatenção, de choque; foi mais que suficiente.

A coisa investiu contra eles, as cinco cabeças com as bocarras abertas. O odor de carne podre que emanava era quase insuportável. Kalec mergulhou para sair de sua trajetória. Thrall se segurou com todas as forças que tinha. Ele pensou que estava seguro até ser atingido no abdome, voando pelos ares como se não passasse de uma pulga nas costas de um lobo; o orc percebeu, então, que apesar de a manobra de Kalec tê-lo salvado de um ataque frontal do dragão cromático, ela não o salvara do poder contido até mesmo num resvalo quase casual de sua cauda.

Então, enfim, a morte chega, pensou ele, *esmagado pelas rochas pontiagudas depois de cair das costas de um Aspecto.*

Seus olhos se fecharam. Ele agarrou o Martelo da Perdição junto ao peito, contente por morrer empunhando uma arma. Thrall se perguntava se sentiria o impacto que estilhaçaria sua espinha ou esmagaria seu crânio.

16



Thrall não sentiu nada. O que notou foi um impacto mais suave que retardou, porém, não impediu a queda. Pouco depois, quando já estava no chão, percebeu-se envolto pela umidade fria. Não enxergava nada e mal podia respirar. Até que se deu conta: não caíra sobre uma rocha, mas sim na neve, o que amenizara o impacto. Estava em frangalhos, abalado, os pulmões reclamavam de falta de ar… Mas estava vivo.

Fechou os olhos protestando contra a realidade.

Viu a si mesmo, sentado no topo de uma rocha, ao lado de uma bela e estilhaçada sombra. Alexstrasza o encarava com uma expressão que ao mesmo tempo transmitia uma mágoa violenta e um desespero inerte.

Você não vê, disse ela a Thrall.

O que não vejo, Alexstrasza?

Não importa. Nada importa. Não importa se, no fim, tudo está interligado. Não importa há quanto tempo está acontecendo. Não importa nem se podemos dar um fim nisso. Os filhotes morreram. Korialstrasz morreu. Os filhotes estão mortos. *Korialstrasz está* morto. *Eu estou morta em todos os sentidos, menos um,*

mas isso ocorrerá em breve. Não há esperança. Não há nada. Nada importa.

Ele não enxergara naquele momento. Não. Enchera-se de esperança após libertar Nozdormu. Além disso, o coração bom de Kalec, cheio de um otimismo alegre, encorajara Thrall a continuar lutando contra o vil crepúsculo.

No entanto, Alexstrasza estava certa. Nada disso importava.

Kalecgos provavelmente tombara diante da assustadora criatura, que se defendera do ataque dos azuis como se estes fossem meros insetos irados. Os cultistas do Martelo do Crepúsculo sairiam triunfantes. Primeiro, escravizariam; depois, destruiriam.

O que importava, se continuava respirando? O que importava todo o árduo trabalho, os estudos e a dor de cabeça que a Harmonia Telúrica dedicava para descobrir como salvar o mundo? Não adiantava nada.

Exceto se…

O delicado rosto estilhaçado da Mãe da Vida deu lugar a outra expressão. Mais dura, angulosa, marcado por presas e pele escura. O coração de Thrall, porém, respondeu batendo mais rápido, dolorido, como se despertasse naquele momento.

Talvez o culto destruísse o mundo. Talvez os xamãs da Harmonia Telúrica de fato estivessem só se enganando ao procurar formas de curar a terra para depois para testemunhar o apocalipse.

Diante do desespero, da destruição e das trevas, Thrall sabia de uma coisa. *Korialstrasz morreu*, dissera Alexstrasza. Nunca mais seria um companheiro, amigo e herói. Nunca mais tocaria com carinho o rosto de Alexstrasza, nem sorriria para ela.

Mas Aggra não morrera. Nem — por incrível que pareça, após a queda — Thrall.

Ofegou ao redescobrir tais doloridos sentimentos. Mexeu os lábios frios para murmurar o nome dela:

— Aggra…

Ela o encorajara a partir — de modo brusco, com quase uma ordem. Na verdade, porém, havia atrás daquele "comando" um sentimento de amor

profundo que só agora ele entendia. Aggra não desejara a partida de Thrall pelo próprio bem. Agora, o orc se lembrava de como Aggra o irritara com um discurso áspero e sagaz. Falava tudo o que pensava e sentia, de imediato. Recordou do inesperado e carinhoso abrigo que ela ofereceu; além dos conselhos dados durante a jornada espiritual. Pensou nos encontros que tiveram, repletos com a doce mistura de simpatia e impetuosidade única de Aggra.

Queria vê-la de novo. Antes do fim do mundo.

Ao contrário de Alexstrasza, derrotada e solitária em Desolação, abraçando a desesperança como se refletisse o próprio coração estilhaçado sem cores… Thrall ainda podia rever seu amor.

Sentia frio. Rapidamente, o corpo entrava em estado de dormência. No entanto, só de pensar em Aggra — tão cheia de vida, calorosa e real — já se notava saindo do estado de torpor. Thrall forçou os pulmões a trabalhar: respirou o ar gelado tão profundamente quanto podia e tentou recuperar o Espírito da Vida que parecia dormente dentro dele.

Era isso que conectava o xamã aos elementos, aos outros e a si próprio. Todos os seres vivos possuíam o Espírito da Vida; os xamãs, porém, entendiam e sabiam como lidar com isso. Por um momento, Thrall se apavorou com a possibilidade de fracasso. Não conseguira administrar tal situação quando estava na Voragem. Nisso, falhara perante os membros da Harmonia Telúrica: distraíra-se, perdendo a concentração necessária para se mergulhar em si e trazer à tona aquele valioso conhecimento.

Mas, desta vez, não faltava foco, não havia distração. Mantinha o rosto de Aggra na mente, como uma luz na escuridão do futuro incerto. De olhos fechados, via Aggra sorrindo com um ar brincalhão nos olhos brilhando, estendendo a mão.

Esta mão forte é sua…

Ah, como queria isso. Como soava perfeito agora. Uma coisa pequena, que, no entanto, enchia o coração de Thrall como o medo da morte e do fracasso jamais o faria.

Ao abrir o coração para Aggra e para o Espírito da Vida interior, Thrall teve

outra visão.

Desta vez, não era sobre Aggra nem sobre a vida dele. Desenrolava-se na mente de Thrall como uma peça de teatro: o herói, o vilão, a reviravolta chocante, a tragédia e a incompreensão. Sentindo saudades e desejando ver Aggra, Thrall naquele momento se condoía não por dó mas com a empatia de quem compartilha uma experiência...

Saber disso… Alexstrasza…

— Ela precisa saber — murmurou. — Preciso encontrá-la e contar que, no fim, o que há de mais importante são essas ligações. São, no fundo, a única coisa que importa. São fonte inspiradora da música, da arte. Conectam aqueles que estão na linha de batalha ao que inspira a música e a arte. E são o que inspira os que vivem de perto a guerra a continuar lutando: amar o país, a cultura, um ideal ou um indivíduo. Esse sentimento mantém os corações batendo, move montanhas e dá forma ao mundo. Thrall sabia, por suas duas visões, que ele e a outra pessoa em sofrimento eram amados profundamente e de verdade. Amados por sua essência e não pelo que poderiam fazer. Não pelo título ou pelo poder que detinham.

Aggra amava Thrall pelo que ele era, e Thrall a amava da mesma forma.

Alexstrasza era amada da mesma maneira, e precisava ser lembrada disso. Thrall sabia, sentia profundamente, que era o único que poderia lembrá-la disso.

O Espírito da Vida se revelou para Thrall. Agora, pulsava em seu sangue, aquecendo, apaziguando e fortalecendo o xamã. A energia esquentou o corpo de Thrall, e ele começou a fazer força para se erguer de debaixo da neve. Concentrou-se no ritmo da respiração, descansando ao inalar e retirando a neve que o cobria ao exalar. Estava calmo, lúcido, concentrado como nunca. O coração se fortalecera com novas revelações que precisavam ser compartilhadas.

Não era fácil, mas o Espírito da Vida orientava Thrall. A energia era forte, porém, acalmava. Por fim ele conseguiu sair do buraco e se sentar, recuperando o fôlego. Devagar, levantou-se e começou a pensar no que faria em seguida.

Os trajes do xamã estavam ensopados. Precisava de calor, de uma fogueira, talvez; e de retirar aquelas roupas antes que o matassem — o que, naquela

temperatura, ocorreria rapidamente. Olhou para cima procurando um dragão que estivesse a buscá-lo, mas não viu nada além de nuvens e alguns pássaros. Não sabia quanto tempo ficara inconsciente. A batalha obviamente tinha acabado — de uma forma ou de outra.

Primeiro, um abrigo. Depois, uma fogueira. Observou os arredores procurando algum lugar plausível. Adiante parecia haver uma caverna ou, ao menos, uma reentrância na rocha sinalizada pelo borrão escuro que se destacava contra a tonalidade cinza.

E foi o foco e a lucidez, não os sentidos, que no milésimo seguinte salvaram sua vida. Girou com o Martelo da Perdição a postos, a tempo de bloquear o golpe da sombra que o caçava havia tanto tempo.

Pantanegro!

Usando fragmentos da armadura que agora Thrall reconhecia, girando a espada de lâmina larga (que parecia maior do que o homem que a empunhava), Pantanegro se lançou ao ataque com uma força que parecia sobre-humana.

Mas não era.

A primeira vez que o assassino surgira das sombras para atacar e degolar Desharin, inesperadamente, Thrall fora surpreendido. Então quando, Pantanegro o perseguira de volta ao passado, com a ideia brutal de matar Thrall ainda criança, o orc ficara perturbado. Quando descobrira a identidade do misterioso assassino, sentira-se consternado.

O fato de que Pantanegro não só sobreviveu como se tornou ainda mais poderoso abalou a fé de Thrall em tudo que o próprio fizera. Não só isso: lançava dúvidas sobre quem Thrall um dia foi, o que conquistou e em quem se transformou.

No entanto, agora Thrall se recusava a deixar o medo dominá-lo. Cerrando os dentes, sentia o corpo intacto, mas ainda frio, e sabia que seus movimentos não seriam rápidos o suficiente para defendê-lo sem ajuda.

Espírito da Vida, me ajude. Que eu consiga derrotar o adversário, que deve morrer, e que eu possa carregar suas visões para aqueles que devem conhecê-las!

Thrall sentiu seu corpo se aquecer, com serenidade e força, garantindo

vigor e flexibilidade aos membros. Vagamente, percebeu que até seus trajes tinham secado. Uma força ao mesmo tempo intensa e serena o fortalecia. Não pensou a respeito, só aceitou com gratidão. Thrall atacou sem precisar refletir sobre isso, deixando que os anos de experiência em batalha guiassem sua mão, acertando golpe atrás de golpe na armadura roubada que Pantanegro ousava trajar. O homem se surpreendeu e recuou, agachando-se numa postura defensiva, mantendo a espada de mamute a postos.

— Entendo porque queria treiná-lo — debochou Pantanegro, e Thrall reconheceria a voz ainda que o homem estivesse de capacete. — Você é muito bom… Para um pele-verde.

— Sua decisão de me treinar já levou à sua morte, Aedelas Pantanegro, e isso ocorrerá novamente. Você não pode vencer o destino.

Pantanegro gargalhou numa explosão genuína de júbilo.

— Você despencou de uma altura inacreditável, orc. Está ferido e quase morto. Acho que destino é você morrer aqui no frio do Norte e não eu ser morto por você. Embora o seu ânimo seja admirável. Eu adoraria destruí-lo, mas infelizmente tenho outras coisas para resolver. Rasgacarne não mata alguém há algum tempo. Serei rápido.

Ele enfatizou o nome para amedrontar Thrall. Em vez disso, o orc riu. Pantanegro franziu a testa.

— O que lhe faz rir pouco antes de morrer?

— Você — respondeu Thrall. — O nome que você escolheu para a sua espada me faz rir.

— Faz rir? Não deveria. Pois ela de fato dilacerou os cadáveres que eu produzi.

— Ah, sim, claro. Mas é tão bruto… Bruto e nada sofisticado. Assim como você, na essência. Assim como você se esforça tanto em não ser.

Pantanegro franziu ainda mais a testa e rosnou:

— Eu sou um rei, orc. Lembre-se disso.

— De um reino roubado. E você não vai me transformar num cadáver!

Furioso, Pantanegro atacou de novo; e Thrall, apesar dos machucados e da

queda, desviou e assumiu uma postura ofensiva.

No momento em que morreu, Pantanegro dissera que Thrall era o que ele, Pantanegro, havia moldado. Era uma declaração que enojara o orc: pensar que algo sobre este homem fazia parte dele era repugnante. Drek'Thar ajudara a colocar tudo isso em perspectiva, mas, agora, ao som do tinir das espadas em choque, soltando faíscas, Thrall percebeu que nunca libertara sua alma das garras malditas de Pantanegro.

O homem diante dele, girando a espada com braços poderosos e uma determinação fatal, representava seu lado sombrio. Sob aquela influência, Thrall sentira o gosto amargo da impotência. Passara o resto da vida determinado a nunca mais se sentir impotente. Além disso, Thrall percebera — por meio da lucidez e o discernimento que as duas visões lhe trouxeram — que Pantanegro representava tudo o que ele combatia em si próprio.

— Já lhe temi no passado — grunhiu Thrall.

Empunhava o Martelo da Perdição com uma de suas fortes mãos verdes, enquanto mantinha a outra erguida, com os dedos separados. Abriu a boca e soltou um grito de raiva justiceiro que cortou o vento gélido. Um redemoinho atendeu ao seu chamado e, agregando neve nas rotações, tornou-se um ciclone de gelo. Como um golpe ágil e preciso, alcançou as pernas de Pantanegro e o elevou, cada vez mais alto. Thrall puxou o homem para baixo. Ele ficou estirado onde caiu, com um braço sobre o peito, e logo o orc estava diante de Pantanegro.

Encarou aquela forma flácida, que semicerrava os olhos. Ergueu devagar o Martelo da Perdição por sobre a cabeça, preparando-se para último golpe.

— Você representava tudo o que eu odeio… É a fraqueza aliada à sorte de estar em uma posição de poder. Você fez com que eu me enxergasse de um modo que odiava…

Pantanegro conseguiu se levantar até ficar de joelhos, estocando o dorso exposto de Thrall com Rasgacarne. Thrall se jogou para trás. Mesmo assim a ponta da espada o atingiu. O orc uivou ao sentir os cinco centímetros de aço penetrando no abdômen e tombou na neve.

— Diga qualquer bobagem que lhe faça se sentir melhor, orc — zombou

Pantanegro. — Mas você está perto de se juntar aos seus ancestrais.

A voz do inimigo soava mais fraca e o golpe desferido saíra com menos força do que os anteriores. Thrall percebeu ter ferido Pantanegro mais do que pensara a princípio.

Thrall rosnou e girou novamente o Martelo da Perdição, mirando as pernas do adversário. Pantanegro esperava que o orc tentasse se erguer antes de desferir o golpe seguinte e gemeu assim que o martelo o atingiu. A armadura absorveu muito do impacto, mas o ataque fora o suficiente para derrubar Pantanegro.

Aquele não era um grande homem. Taretha mantivera sua essência mesmo na linha do tempo corrupta, e o mesmo ocorria com Pantanegro. Ele não sucumbiu ao álcool nem desperdiçou energia se apoiando em qualidades alheias. Mas continuava sendo Aedelas Pantanegro: um homem de espírito pequeno, um tirano que prosperou apostando em perfídias e manipulações.

E Thrall ainda era o mesmo.

Pantanegro pode ter intimidado o jovem Thrall; pode ter tirado o orc do sério quando ressurgiu parecendo mais forte. Mas, embora Thrall usasse somente um robe, tinha uma nova armadura; embora empunhasse o velho Martelo da Perdição, contava com novas armas. Sentia o amor por Aggra aquecendo a alma. Não era uma distração, e sim como uma chama tranquilizante, constante e verdadeira. Mais real do que o ódio lançado pelo homem que se debatia freneticamente na neve, tentando se levantar com as duas pernas feridas, empunhando a espada com um braço fraco e quase inútil. O amor de Aggra se tornara uma armadura e uma arma, protegendo, defendendo, permitindo que ele desse o melhor de si naquela batalha — que exigia tanto do espírito quanto do corpo.

Thrall entendia como nunca que as vitórias de Pantanegro se deram porque o orc se deixou ser intimidado. O inimigo minara a determinação de Thrall e o fizera se sentir menor do que de fato era. Esses momentos estavam no passado — e agora não ressoavam em Thrall. O orc vivia *neste instante,* e *neste instante* não temia.

Neste instante Pantanegro seria derrotado.

Era hora de dar um fim nisso. Hora de mandar Pantanegro ao encontro de seu destino: a morte pelas mãos de Thrall. Mandar todas as dúvidas, inseguranças e medos para o lugar devido: o passado, de fato, para sempre.

Sangrava muito e o calor do próprio sangue escuro impregnava os robes do orc. Mas a dor o ajudava a se concentrar. Thrall começou a girar o Martelo da Perdição como um verdadeiro mestre faria no momento em que Pantanegro, de alguma forma, enfim conseguira ficar de pé. O martelo derrubou Rasgacarne — o braço já não tinha forças para erguer a espada de duas lâminas. Assim que a arma atingiu o adversário, Thrall tirou a mão do cabo e a estendeu a mão para o céu. De repente, um estrondo retumbou.

Um gigantesco pedaço de gelo se descolou de uma das rochas. Voou, como uma adaga lançada por mãos hábeis, na direção de Pantanegro. Era só água congelada, não perfuraria uma armadura.

Mas poderia — e foi o que fez — derrubar um homem como um punho gigante. Pantanegro deixou escapar um grito de dor e desespero quando caiu de joelhos na neve. Desarmado, quase inconsciente, uniu as mãos pedindo clemência a Thrall.

— Por favor… — a voz falhava, débil, mas Thrall conseguia ouvi-lo no silêncio da paisagem. — Por favor, poupe-me…

Thrall tinha compaixão. No entanto, sentia maior compaixão pela necessidade de equilíbrio e justiça — tanto no túnel do tempo que gestara Aedelas Pantanegro quanto, no próprio túnel de Thrall, onde o homem não tinha espaço.

O orc ergueu a arma sobre a cabeça. Seus olhos foram atraídos não pela súplica, mas pelo brilho da armadura que Orgrim Martelo da Perdição trajara no passado. Armadura que Thrall usara e, com reverência, descartara.

A cobra trocando de pele. O espírito no curso da purificação e do fortalecimento. Parecia que descartar a velha essência era um processo para a vida inteira. Agora, Thrall estava pronto para se livrar dos últimos vestígios do poder que aquele ser humano um dia teve sobre ele.

Balançou a cabeça. Sentia o coração em paz. Não se sentia alegre ou

vingado, pois não havia prazer no ato. Havia sim um sentimento de liberdade e libertação.

— Não — respondeu Thrall. — Você não deveria estar aqui, Pantanegro. Você não deveria estar em lugar algum. Com este golpe, eu corrijo esse erro.

O orc fez o Martelo da Perdição desabar com toda a força sobre o homem. A arma esmagou o capacete de metal e o crânio que protegia. Pantanegro morreu na hora.

Thrall aniquilara sua sombra.

17



Pantanegro morreu em silêncio. Embaixo de seu corpo, a neve tornou-se viscosa e vermelha. Thrall inspirou fundo, exalou o ar e cambaleou de lado, soltando-se pesadamente no chão. As dores da batalha e da queda se fizeram notar, e Thrall sentiu um pequeno sorriso surgir no rosto ao perceber, naquele instante, a gravidade de seus ferimentos. Ele fechou os olhos, rogou por cura e, em resposta, sentiu uma onda de calor invadir seu corpo. Mesmo exausto e ainda ferido, o pior ficara para trás — ele sobreviveria.

E em nenhum momento o pensamento de desistir cruzou sua mente. Depois de uma pausa para se recompor, ele ficou de pé. Ainda era preciso encontrar abrigo. Era preciso acender uma fogueira e encontrar suprimentos. Ele não morreria ali, não quando ainda era preciso retornar a Aggra — e a outro ser que contava com a ajuda de Thrall.

Depois de se arrastar por algum tempo, uma sombra cobriu a neve. Thrall olhou para cima, com os cílios cobertos de gelo, e viu uma imensa silhueta reptiliana pairando sobre ele. Como a figura estava contra o sol, era impossível distinguir sua cor. Seu corpo formigava, quase incapaz de se mover, e mesmo

assim ele ergueu o Martelo da Perdição. Algo tão trivial quanto um dragão do crepúsculo não o separaria de Aggra.

— Calma, amigo orc — disse uma voz suavemente deleitada. — Estou aqui para levar você aonde há calor e comida. Confesso que esperava ter de levá-lo para o seu funeral, mas em vez disso ganharei a gratidão do meu Aspecto.

Um azul! O alívio que percorreu o corpo de Thrall foi tão intenso que suas pernas desabaram. A última coisa que sentiu antes de ser engolido pela inconsciência foi o abraço gentil de poderosas garras.

Uma hora depois, Thrall estava de volta ao agora familiar espaço conjurado no Nexus. Sentado numa cadeira sob um cobertor, suas duas mãos seguravam uma xícara fumegante de uma bebida doce e picante que parecia restaurar mais de sua força a cada gole.

O braseiro reluzia com intensidade, e Thrall estendeu as mãos em sua direção. Naquele dia, por mais de uma vez, ele estivera próximo de morrer — uma morte mais profunda que a morte do corpo. Mas por se recusar a se entregar, ele agora estava ali, vivo e contente, grato pelo calor do fogo e pela amizade dos azuis, que continuaram a procurar por ele mesmo quando já deveriam ter abandonado as esperanças.

— Thrall.

O orc se levantou para cumprimentar o amigo Kalecgos. Um sorriso aliviado estampava o rosto da forma meio-élfica do dragão, que agarrou o orc pelos ombros com ambas as mãos.

— Ver você é um bom augúrio para olhos sofridos — disse Kalecgos. — Foi uma bênção encontrá-lo em um dia cheio de escuridão. Conte-me como foi que o localizamos. Meu coração encheu-se de pesar quando você caiu; e eu fui incapaz de encontrá-lo.

Thrall sorriu, mas seus olhos cobriram-se de sombras.

— A neve amorteceu minha queda, mas também me escondeu de seus olhos. Parece que os ancestrais ainda não estão prontos para me receber entre eles.

— Narygos, que encontrou você, disse que havia um corpo próximo de onde você estava — disse Kalec.

— Pantanegro — respondeu Thrall.

Esperando cuspir a palavra raivosamente, ele ficou deveras surpreso ao descobrir que não havia mais ódio em seu coração ao proferir o nome. Pantanegro fora derrotado de uma vez por todas. Além de ser eliminado daquela linha do tempo, onde jamais deveria ter estado, sua influência também fora extinta. Qualquer poder que tivesse sobre Thrall havia morrido com ele.

Kalec assentiu com a cabeça.

— Foi o que suspeitei quando o corpo foi descrito a mim. Sua vitória me alegra, e surpreende, se me permite dizer. Sofrer uma queda como aquela, submeter-se ao frio e ainda ter que lutar… Bem, parece que vocês orcs são mais fortes do que eu pensava.

— Eu não lutei sozinho — murmurou Thrall. — Mas sei de alguém que luta.

Kalec fitou-o curiosamente. Thrall se explicou:

— Há alguém que deixei para trás a fim de atender ao pedido de Ysera. Eu quero vê-la, a despeito do que aconteça com este mundo.

O dragão azul balançou a cabeça positivamente.

— Eu compreendo — disse. — Espero que você volte, Thrall.

— Eu sei que voltarei. Tenho certeza disso. — Seus olhos buscaram Kalec. — Mas acho que você… você não tem tanta certeza.

Kalec franziu o cenho e, depois de se virar, afastou-se.

— Você caiu no meio da luta, Thrall — balbuciou ele. — Não viu o que houve em seguida.

Quando o dragão se calou, Thrall aguardou pacientemente.

— Este ser… Cromatus, como ouvi o Patriarca do Crepúsculo chamá-lo… você compreende o que ele é? — questionou Kalec.

— Você o chamou de dragão cromático. Desharin me contou sobre essas criaturas. Ele disse que estavam todos mortos.

O dragão balançou a cabeça azulada e brilhante, assentindo.

— Era o que pensávamos. Eles não têm nada de natural, Thrall. São criações. Coisas feitas. E esse… Eu jamais ouvi nada sobre ele, apesar de claramente ser o triunfo de Nefarian, o maior de todos eles. Eu nunca havia visto uma fera de cinco cabeças.

— Cinco cabeças… — ponderou Thrall. — Cada uma da cor de uma revoada.

Era impossível se livrar de uma imagem tão horrenda, independente do quanto tentasse.

— Cinco cabeças — repetiu Kalecgos num crescendo de horror. — Precisamente. Thrall, dragões cromáticos jamais viveram por muito tempo. Talvez esse tenha sido o segredo descoberto por Nefarian: cinco cabeças, cinco cérebros. Talvez seja isso que torna Cromatus tão poderoso… apesar de aparentar fraqueza.

Thrall não conseguiu esconder seu espanto:

— Fraqueza?

Kalec virou-se para encontrar seus olhos.

— Fraqueza — repetiu o dragão. — Ele cambaleava, vacilava. Às vezes suas asas não o sustentavam. Ainda assim, ele e os dragões do crepúsculo foram um desafio grande demais para a minha revoada. Ele me venceu, Thrall. Eu sou um Aspecto agora, e não digo isso por arrogância, mas salvo os outros Aspectos, nenhum dragão deveria ser capaz de me subjugar. E, no entanto, tive que bater em retirada para que ele não dizimasse toda minha revoada. Usamos tudo o que podíamos para enfrentá-lo. E ele era *fraco*.

Agora Thrall sabia que Kalec tentava pensar positivamente. Não era do seu feitio entregar-se com facilidade a emoções negativas, como raiva, desespero. Contudo, o orc notou que sua voz e seu semblante transpareciam resignação, preocupação e também algo de desesperança.

Thrall sabia o porquê:

— Ele não estava no auge de sua força por alguma razão — ponderou. — Quando ele finalmente estiver curado…

Nos olhos azuis de Kalec havia um universo de dor.

— Nada poderá detê-lo — balbuciou ele.

— Não — concordou Thrall, pensativo. — Nada poderá detê-lo *sem ajuda*.

— Estamos espalhados, quando precisamos de unidade — observou Kalec. — O tal Cromatus, o líder da revoada dos dragões do crepúsculo… ele vencerá, *arrasará* minha revoada inteira se nos aproximarmos dele mais uma vez sem reforços.

— Ysera e Nozdormu virão — anunciou Thrall com confiança. — Eles e suas revoadas se juntarão a você.

— Não é suficiente — respondeu Kalec sombriamente. — Precisamos dos vermelhos. Não, melhor ainda… Precisamos da Mãe da Vida. Minha revoada estava amedrontada, Thrall; eu também, admito. Ver aquela coisa, reconhecer a impossibilidade da vitória… — Ele sacudiu a cabeça. — Precisamos da esperança que ela pode nos trazer, mas ela mesma já não tem mais nenhuma. Sem Alexstrasza, realmente acredito que não teremos êxito.

— Falarei com ela novamente — disse Thrall.

— Ela não lhe deu ouvidos da última vez — retrucou Kalec, sua voz agradável maculada pelo veneno da amargura. — Ela não dará ouvidos desta. Estamos perdidos, Thrall, e… eu não sei o que fazer. Eu sou um Aspecto. Eu tenho… outra visão, outras maneiras de compreender as coisas. É difícil explicar. Sou mais do que jamais fui, no entanto sinto de diversas maneiras que não mudei nada. Sinto que sou apenas Kalecgos e não sei o que fazer.

Thrall caminhou até o amigo e pousou uma das enormes mãos verdes sobre o ombro de Kalec.

— Foi justamente essa humildade que abriu os corações de sua revoada para você. Você pode ter todo o poder do Aspecto da Magia, mas ele não mudou sua essência. Eu sei que você tem coragem, Kalec. E sei que isso parece quase impossível. Mas… enquanto estava deitado na neve, a meio caminho entre a vida e morte… — O orc hesitou por um instante. — Eu tive uma visão. Uma que sei em meu coração que é verdadeira, não o último devaneio de esperança de um orc à beira da ruína.

Kalecgos aquiesceu, acreditando piamente nele.

— Como foi a visão?

Thrall sacudiu a cabeça de um lado para o outro.

— Não posso dizer a você, não ainda. Alexstrasza deve ouvir antes de qualquer um. Por isso acho que talvez eu consiga trazê-la em pessoa aqui. Com a Mãe da Vida e os vermelhos ao seu lado, pode ser que Cromatus comece a se sentir um pouco desconfortável.

Os dois sorriram.

Os cultistas do Martelo do Crepúsculo trabalhavam a todo vapor.

Cromatus recebera a centelha da vida, mas seu corpo continuava aberrante e decadente. Ele lutara ferozmente e triunfara, mesmo ainda fraco e habituando-se à nova vida. Agora, deitava-se sobre a neve do lado de fora do templo, faminto e exigente, e eles traziam carne para alimentá-lo; cada uma das bocarras refestelava-se com avidez.

O Patriarca do Crepúsculo estava de pé ao lado dele, aturdido pela vitória. Asa da Morte certamente não tinha nada a reclamar sobre os acontecimentos de hoje. Pantanegro destruíra a decepção que Arygos se revelara, utilizando o sangue raro do dragão para servir à causa de maneira tal que o dragão azul não fizera em vida. Além disso, um dos dragões do crepúsculo relatou que Thrall caíra das costas da Kalecgos, e Pantanegro fora em seu encalço para garantir que estava morto. Os dragões do crepúsculo rechaçaram os azuis e, o mais importante, Cromatus estava vivo. Mesmo nascido havia pouco, ele derrotara os melhores que a revoada azul, liderada por seu novo Aspecto, Kalecgos, lançara contra eles.

Cromatus passara a última hora praticamente em silêncio, devorando as carcaças de cervos nevados trazidas para ele. Com uma pausa, ele ergueu a enorme cabeça negra:

— Preciso de mais — declarou.

— Você terá tudo aquilo de que precisa, Cromatus — assegurou-lhe o Patriarca do Crepúsculo. — Traremos carne até que, ou a menos que, que você prefira caçar.

— Logo — disse a cabeça negra com sua voz cavernosa, mais sentida que ouvida. — Quanto mais próxima da vida estiver a presa quando enterro nela meus dentes, mais doce o gosto.

— Isso é sempre verdade — concordou o Patriarca do Crepúsculo.

Cromatus baixou a cabeça negra para continuar comendo, mas levantou a vermelha. Com a cabeça de lado, ele girou o imenso olho para perscrutar o humano:

— Os dragões ainda não entregaram suas gargantas às minhas garras — disse. — Eles tentarão de novo.

O Patriarca do Crepúsculo não captou totalmente o alerta na voz.

— Eles seriam tolos se o fizessem, e acho que estão alquebrados demais para tal tolice — disse ele. — Ysera está desaparecida, e sua revoada está derrotada. Nozdormu pode ter sido encontrado, mas ainda precisa se preparar e preparar sua revoada para ajudar seus companheiros. Enquanto Alexstrasza chora com o coração tomado de pesar como uma garotinha humana, sua revoada parece incapaz de realizar até mesmo funções básicas sem ela. Você mostrou aos azuis a extensão de seu poder; o Aspecto que os guia tem o coração mole demais para fazê-lo bem. Thrall, o suposto herói, está morto em um banco de neve ou logo será atravessado pela espada de Pantanegro. Acho que você pode se recuperar como quiser, amigo.

A cabeça vermelha do dragão fitou-o com olhos malignos, reluzentes e púrpura.

— Não sou seu amigo, Patriarca do Crepúsculo — disse ele suavemente, mas com uma pungência que fez o coração do humano parar por um instante. — Nem seu filho, nem servo. Ambos servimos ao grandioso Asa da Morte, a quem meu pai me fez servir, e isso é tudo que temos em comum.

O Patriarca do Crepúsculo não demonstrou medo, apesar de suspeitar que o dragão tenha conseguido farejá-lo. Demorando-se a falar, ele garantia que sua voz não soaria trêmula:

— É claro, Cromatus. Ambos servimos com absoluta lealdade.

Os imensos olhos se estreitaram, mas Cromatus não lhe deu atenção.

— Você não é dragão. Não os compreende como eu. Eles podem estar espalhados e desesperados, mas atacarão novamente. Atacarão até que não haja mais nenhum para atacar.

— Isso — acrescentou a cabeça azul, rindo por entre os dentes — pode ser depois da próxima batalha. De qualquer forma, você é que é o tolo se deixar a guarda abaixada. Eu ainda estou recuperando minhas forças. Precisarei de toda força quando ocorrer o próximo ataque.

Com uma pausa, a cabeça se curvou e, escancarando a bocarra, devorou uma corça inteira de uma só vez. E prosseguiu:

— A filha de Malygos ainda vive, não?

O Patriarca do Crepúsculo estava confuso.

— Sim, vive, mas já usamos o sangue de um rebento de Malygos para ativar a agulha.

A cabeça negra lançou para o humano um olhar fulminante.

— É a prole dela, não seu sangue, que interessa agora.

— Ah — disse o Patriarca do Crepúsculo ao enfim compreender o que se passava. — *Ah*, devo trazê-la agora, então?

— O tempo corre — disse a cabeça brônzea. — Eu sou o único êxito das experiências de meu pai. Talvez um método mais estável, mais… *tradicional*, de criar filhotes cromáticos garanta que eles sejam fortes o bastante para sobreviver. Mas, primeiro, eu preciso descansar. Traga-a até mim em algumas horas. Não se preocupe com o colar: eu a libertarei quando tiver terminado. Mesmo na forma de dragonesa, ela não será páreo para mim.

Virando-se para um de seus assistentes, o Patriarca do Crepúsculo ordenou:

— Em três horas, traga a dragonesa azul prisioneira até Cromatus. Eu preciso ter com nosso mestre e informá-lo de nosso êxito.

— Sua ordem é minha vida — disse o assistente, e correu para obedecer. A cabeça verde de Cromatus engoliu outro cervo, triturando os ossos enquanto assistia à partida apressada do assistente. Então, suspirando profundamente e exalando uma lufada misturada com carne crua, ele se deitou sobre a neve e fechou os dez olhos. Mas antes de render-se ao sono profundo, a cabeça negra

ainda tinha algumas palavras:

— E minha ordem — disse, dirigindo-se ao Patriarca do Crepúsculo — é a *sua*.

O Patriarca do Crepúsculo se ajoelhou diante do orbe, repleto de escuridão e perigo.

— Meu senhor Asa da Morte — disse, humildemente.

O orbe se rompeu e liberou a fumaça negra como a noite, formando a imagem monstruosa do dragão, os olhos vermelhos como brasas.

— É melhor que tenha boas novas para mim — trovejou o Aspecto Dragônico negro.

— Eu tenho — respondeu rapidamente o Patriarca do Crepúsculo. — As melhores possíveis. Cromatus está vivo!

Um riso de prazer contido ressoou, e em resposta ou consequência, o Patriarca do Crepúsculo sentiu o chão tremer fracamente.

— São *mesmo* boas novas. Estou satisfeito com seu sucesso! Conte-me mais boas notícias.

O Patriarca do Crepúsculo hesitou. Infelizmente havia más notícias para acompanhar as boas, mas mesmo elas continham um pequeno ponto positivo:

— Arygos falhou conosco, mas ainda pôde ser útil afinal, como você previu que a fêmea seria. Seu sangue ativou a Íris Focalizadora, e com a Íris nós conseguimos nos apoderar de toda a energia arcana do Nexus! Nós criamos uma agulha de mana para transferir todo o glorioso poder diretamente para Cromatus.

O silêncio era quase tão terrível quanto a fúria de Asa da Morte; por um longo momento, ele pareceu durar séculos.

— Então Arygos não foi escolhido como Aspecto. Ele não me entregou os azuis.

A voz de Asa da Morte estava tranquila, quase calma. Mas nada era verdadeiramente calmo no que dizia respeito ao Aspecto ensandecido.

— Não, meu senhor. Eu não sei exatamente como tais coisas operam;

parecia que ninguém sabia, na verdade, mas de alguma forma os poderes do Aspecto foram transferidos para outro.

— Kalecgos — rosnou Asa da Morte, mastigando furiosamente o nome.

— Sim, milorde. Arygos convocou a revoada do crepúsculo assim que percebeu o que havia acontecido. Em seguida, voou para o Olho, onde Pantanegro o matou e se apoderou de seu sangue. A revoada azul, liderada por Kalecgos, atacou imediatamente. Mas, meu senhor, Cromatus, mesmo recém-nascido e fraco, ainda foi capaz de fazê-los fugir! Quando estiver no auge de sua força e poder, nada, nem ninguém poderá se opor a ele. Veja, portanto; não importa que Kalecgos seja o novo Aspecto. Triunfaremos ainda assim!

Com suor pingando sob as axilas, ele esperava pela resposta do mestre. E esperou longamente.

— Estava começando a pensar que devia ter feito o serviço eu mesmo — disse Asa da Morte em tom de alerta.

O Patriarca do Crepúsculo teve que fazer um grande esforço para não perder o controle das pernas, tamanho foi seu alívio.

— Não, Grandioso. Você vê que eu o sirvo bem.

— Isso é… tranquilizador. Cheguei a uma delicada conjuntura em meus atuais planos. Ter que me afastar deles me deixaria deveras nervoso. O que você diz tem mérito. E quanto a Thrall? Está morto?

— Ele caiu das costas de Kalecgos durante a batalha — respondeu o Patriarca do Crepúsculo. — Mesmo que tenha sobrevivido à queda, o que é improvável, Pantanegro foi atrás dele.

— Então você acha que ele está morto?

— Certamente.

— Eu não — retorquiu Asa da Morte. — Quero ver o corpo. Procure o tempo que for necessário para trazê-lo a mim. Preciso vê-lo para saber que estou livre dele.

— A vontade de milorde será feita.

— Cromatus ainda precisa de alguém para observá-lo até estar completamente recuperado. Nada deve ameaçá-lo.

— Nada irá. Na verdade, Cromatus tem um olho para o futuro. Ele ordenou que Kirygosa fosse levada até ele. Com ovos promissores como os que ela gerou no passado, creio que possamos ter resolvido o problema da vida curta dos dragões cromáticos.

— Cromatus é sábio. Bom, bom. Ela deveria se rejubilar por ser a mãe do futuro. — Sua grotesca mandíbula metálica se abriu minimamente, aparentando algo como um sorriso malicioso. — Isso me agrada. Você se saiu bem, apesar dos obstáculos que teve que superar, Patriarca. Continue assim e será recompensado.

A fumaça que compunha a imagem de Asa da Morte transformou-se novamente em fios rodopiantes de névoa negra, espiralando até o chão para coalescer num orbe negro, sólido, reassumindo sua aparência original. O Patriarca do Crepúsculo relaxou e limpou a testa encharcada.

Eles conseguiram trazer um laboratório relativamente completo; Kirygosa tornou-se uma íntima conhecedora dele. Ela conhecia cada proveta borbulhante, cada bico, cada frasco, agulha e "espécime" nos jarros cuidadosamente etiquetados. Ela conhecia o cheiro e o som do lugar, e sabia as ferramentas com as quais os boticários faziam seu trabalho.

Ali ela conhecera a agonia, a humilhação, uma tristeza torturante. Mas sempre soubera que, ainda que por vezes tivesse desejado silenciosamente a morte, ela não queria morrer. E sabia também que eles não a matariam… até que não precisassem mais dela.

Seu coração estava acelerado. Eles a observavam com atenção. No passado ela lutou com dentes e garras, extraindo o que pôde de satisfação ao ameaçá-los antes que o tormento tivesse início. Eles sem dúvida esperavam por uma resistência ainda maior. Em vez disso, ela cobriu sua expressão de tristeza. Exausta como estava, não foi difícil encher os olhos de lágrimas.

— A dragonesa azul se cansou de lutar? — disse um, meio zombeteiro, meio surpreso.

— Que diferença faz? — respondeu Kirygosa desoladamente. — Não me ajudou em nada antes. E antes eu tinha esperança de que fossem me resgatar. —

Seus olhos marejados fitaram os dele. — Mas desta vez eu não vou ser arrastada e esquecida até você precisar de mim de novo, vou?

A outra, uma trolesa chamada Zuuzuu, sacudiu a cabeça e gargalhou selvagemente.

— Acho que ninguém te contou pra onde tu vai agora.

O horror se revirou na barriga de Kirygosa.

— Eu… achei que vocês estivessem me levando para o laboratório de novo.

Os dois cultistas trocaram sorrisos cruéis.

— Não, sua dragonesinha linda — disse Zuuzuu. — Parece que Cromatus gostou de você.

— Q-quê? — tremeu Kiry. Eles não podiam estar dizendo o que ela achava que estavam… Não com aquele monstro horrível de cinco cabeças…

— Ele acha que vocês dois podem produzir filhotes cromáticos estáveis — disse Josah, um homem grande, corpulento, de cabelos louros avermelhados. — Um aviso: não espere um jantar à luz de velas.

Os dois gargalharam, Zuuzuu com sua gargalhada estridente e medonha, e Josah com um bramido soberbo, vivaz.

Kirygosa queria matá-los. Ela queria despedaçá-los, fugir, voar, ser morta pelos dragões do crepúsculo, ser torturada até a morte, suportar qualquer destino, exceto aquele para o qual a levavam.

No mesmo instante, ela percebeu que era uma chance que jamais tivera. Abafando o nó que se formara na garganta, forçando-se a não estremecer de fúria e horror, ela franziu o cenho, pensativa:

— Se produzirmos mesmo filhotes — disse ela —, eu terei valor.

— Ah, isso é certeza — respondeu Zuuzuu. — Com a tua linhagem, tu deve ser a única que pode dar a Cromatus o tipo de bebê que ele quer.

Kiry fez força para não se contorcer com o pensamento de fêmeas das outras revoadas submetidas aos desejos de Cromatus. Em vez disso, ela assentiu com a cabeça:

— Eu poderei me tornar a rainha.

— Por um tempo, talvez — observou Josah, que caminhava um pouco à

frente de Kiry e Zuuzuu. — Mas o fim chegará para todas as coisas. Inclusive você.

Zuuzuu segurava a corrente prateada, mas Kirygosa notara que, ao falar, a trolesa perdera um pouco da firmeza nas mãos. Ela observou as armas que ambos carregavam: duas adagas embainhadas na cintura. Os três se aproximaram da escadaria circular que levava para o nível do solo. E para Cromatus. Josah já havia começado a descer, eles logo teriam que formar um fila.

Agora.

Com a mão direita, Kiry arrancou a corrente das mãos descuidadas da trolesa. Seu braço esquerdo se ergueu para agarrar o pescoço de Zuuzuu. Os dedos da trolesa voaram para segurar a mão que a estrangulava, rasgando sulcos no braço de Kiry. Ignorando a dor, a dragonesa apertou com toda a força, até os olhos da trolesa se revirarem e seu corpo perder a rigidez. Kiry deitou o corpo no chão e tomou a adaga de Zuuzuu nas mãos com um movimento só.

Em seguida, ela permaneceu em silêncio. Sem nada perceber, Josah prosseguia com a conversa, agora um monólogo:

— Eu espero viver o suficiente para poder ver — disse, quase melancolicamente. — O fim, sabe? Mas é nosso destino morrer quando o Patriarca do Crepúsculo ordena. Talvez ele ficasse contente se…

Suas palavras terminaram num confuso gorgolejo; Kirygosa enterrara a adaga de Zuuzuu em sua garganta. Cobrindo a boca do homem para que os sons afogadiços não se espalhassem, ela o deitou no chão da mesma maneira que fizeram com a trolesa.

Ambas as mãos de Kiry estavam cobertas de sangue. Seu coração batia veloz e sua respiração era ofegante. Ela limpou as mãos e a adaga nas vestes de Josah tão bem quanto pôde, os ouvidos atentos para qualquer sinal de que tivesse sido descoberta. Apenas silêncio.

Não havia para onde arrastar os corpos a fim de escondê-los; o templo era amplo e aberto, com poucos recantos e nichos. Muito em breve, quando ela não aparecesse onde deveria, eles viriam procurá-la e encontrariam os corpos na rampa.

Com um pouco de sorte, Kirygosa já estaria longe a essa altura.

Ela se movia com velocidade, mas em silêncio, as botas em seus pés emitindo apenas leves sussurros enquanto ela corria pela rampa. Felizmente, já passava do ocaso; pelo menos era possível se mover nas sombras.

Mesmo depois de escurecer, contudo, o Patriarca do Crepúsculo mantinha seus lacaios ocupados. O brilho vermelho-alaranjado das tochas fincadas na neve rechaçava as sombras púrpuras e azuladas. Kirygosa chegou ao nível inferior e se recostou em uma das paredes sob os arcos, esquadrinhando os arredores.

Se pelo menos ela pudesse voltar para sua verdadeira forma e fugir voando! Mas eles garantiram que ela não o faria; seus dedos percorreram a corrente presa ao pescoço que a mantinha presa nesta forma. Ela precisaria de algum tipo de montaria. Eles usavam diversos tipos aqui, mas a maioria como animais de carga — exatamente como aqueles que, até recentemente, puxavam a carroça que continha o corpo inerte do pesadelo que agora dormia, não muito longe de onde Kirygosa estava escondida.

Havia outros, entretanto, que eram montarias pessoais. Alguns entre os membros do culto que ocupavam os pastos mais altos tinham suas próprias montarias. Eles não foram forçados a se arrastar pela Nortúndria a pé como a maioria durante a brutal jornada rumo ao templo. Lá, vários dos animais foram acorrentados a uma boa distância da luz das tochas. Ela viu lobos, cavalos com pelo grosso, sabres-da-noite; até mesmo alguns cervos e uma ou duas mantícoras. Alguns deles não permitiriam que ninguém além de seus donos os montassem.

Mas outros, sim.

Havia apenas um problema: para chegar até uma das mantícoras, era preciso passar por Cromatus, que dormia.

O horror se reacendeu; ela hesitou… Se ele acordar…

Não seria pior do que se você fosse até ele docilmente. Mas se conseguir passar…

Era a única maneira. Se não conseguisse, a adaga ainda estava com ela. Ela preferia usá-la em si mesma a submeter-se a tamanha abominação.

Kiry prendeu a corrente dependurada na camisa de linho, agarrou a adaga — por mais patética que fosse contra a monstruosa criatura — e caminhou lentamente.

A respiração do monstro soava como uma rajada de vento, entrando e saindo dos enormes pulmões revividos contra os desígnios da natureza. Em sua forma humana, Kirygosa era como um rato junto de um tigre, mas mesmo assim temia que o som de seus passos sobre a neve e as batidas aceleradas de seu coração o despertassem. Ele não estava encolhido; em vez disso, deitara-se com as cabeças estendidas para frente, enquanto seu corpo se movia para cima e para baixo, no ritmo da respiração.

A dragonesa sentiu vontade de correr em disparada, mas não o fez. Pé ante pé, o mais silenciosamente que pôde, ela caminhou rente à imensa forma multicolorida. O cheiro de mofo e pestilência tomava o ar, como se a podridão tivesse ficado tanto tempo sobre ele que a centelha da vida não era suficiente para dispersá-la. Com o ódio ardendo em suas vísceras, ela se sentiu aquecida; suas forças, renovadas.

Era mais que sua vida em jogo. Ela fora mantida prisioneira pelo Patriarca do Crepúsculo por tempo suficiente para inteirar-se de várias coisas — inclusive coisas que ele não sabia que ela descobrira. Se chegasse a Kalec e aos azuis com essas informações, talvez ela pudesse dizer algo para ajudar no ataque.

Afinal de contas, é claro que eles atacariam novamente. Kirygosa conhecia seu povo. E ela queria estar com eles desta vez, não isolada e enfraquecida por uma corrente em volta do pescoço.

Cromatus se mexeu.

Kirygosa parou de se mover e prendeu a respiração. Será que de alguma maneira ele sentira o acesso de ódio que subitamente a tomara? Pelo olfato, quem sabe? Ou ela fora descuidada e pisara em um graveto sob a neve?

Ele se virou, ergueu a imensa cabeça cor de bronze e deitou-se novamente, soltando um pesado suspiro. Sua cauda se levantou e desabou de volta no chão. Cromatus enfim ficou imóvel novamente, e a respiração pesada, que denotava o sono profundo, retornou.

Kirygosa fechou os olhos, aliviada, e prosseguiu com movimentos lentos e cuidadosos junto ao dragão cromático, que dormia, rumo ao local onde as montarias estavam amarradas. Seus olhos saltavam da forma colossal e horrenda de Cromatus para a mantícora que a levaria para a liberdade.

Os lobos e sabres-da-noite eram ligados demais aos donos para serem roubados. Os cervos não eram domados o suficiente para serem usados como montaria, apesar de, por serem nativos da região, poderem levá-la com o máximo de velocidade. Além disso, eles e os outros herbívoros ficavam assustadiços com o cheiro de sangue que a cobria. As mantícoras que a Horda usava como principal montaria de voo permaneceram surpreendentemente calmas, notou ela, e como havia poucas no templo, elas eram treinadas para aceitar qualquer um em suas costas.

Qualquer um que soubesse como lidar com elas, claro. Kirygosa repeliu o medo mais uma vez, dizendo a si mesmo que tinha sorte por ainda haverem duas disponíveis.

Ela se aproximou da escolhida murmurando suavemente. A cabeça leonina virou-se em sua direção. Os olhos da mantícora piscavam com uma curiosidade enfastiada, enquanto suas asas quirópteras se estendiam e flexionavam. Ela não estava selada, mas Kiry não tinha tempo. A qualquer instante o alarme soaria; era preciso abrir o máximo de distância possível entre ela e o templo antes disso.

Kirygosa já havia visto mantícoras serem usadas como montaria, mas nunca havia montado uma. Com cuidado, passou uma das pernas sobre a grande criatura. A mantícora grunhiu, virando-se para observá-la; a criatura percebeu imediatamente que ela não era uma amazona experiente.

Em seguida, Kiry a acariciou para acalmá-la, tomou a rédea nas mãos e virou a cabeça da mantícora na direção dos céus. Obediente e bem-treinada, ela saltou — Kiry engoliu em seco, agarrando-se com toda a força. A criatura se ajeitou rapidamente e pairou, esperando ordens. Com a rédea, a dragonesa apontou para o oeste, na direção de Gelarra e do Nexus, e esperou desesperadamente que Kalec e sua revoada ainda estivessem reunidos lá.

Curvando-se sobre a mantícora, ela se aproximou da orelha da criatura para

evocar qualquer tipo de magia de persuasão que ainda pudesse com a corrente presa ao pescoço; a mantícora se acalmou.

— Nós dois sabemos voar — murmurou ela. — Ensine-me a cavalgar uma mantícora, amiga.

Provavelmente era sua imaginação, mas ela pensou ter ouvido um grunhido positivo.

18



Thrall não imaginava que voltaria para ali, muito menos tão cedo. Enquanto voava nas costas de Narygos, no entanto, o orc sentiu que era uma pessoa totalmente diferente da que era quando estivera pela última vez com a Mãe da Vida.

A imagem de Aggra aquecia seu coração com um calor sereno, eternamente incandescente, que o impulsionava e acalmava. Ele assistira — exercendo, de fato, um papel fundamental — aos azuis redescobrirem verdades profundas acerca de seus próprios corações e espíritos. Eles receberam o Aspecto que mereciam: um de força, compaixão e sabedoria, que trazia os interesses da revoada em primeiro lugar.

— Da última vez que a vi, ela estava lá — disse Thrall, apontando.

O dragão mergulhou suavemente e voou na direção do pico rochoso. Ao se aproximarem, Thrall notou consternado que Alexstrasza continuava lá.

Ela estava sentada exatamente na mesma posição, com as pernas dobradas junto ao peito; a imagem da dor. Ele se questionava se ela fizera algum — qualquer — movimento desde sua última visita.

— Deixe-me a alguma distância — disse Thrall. — Acho que ela não quer ver ninguém agora; se eu estiver sozinho, talvez seja mais fácil.

— Como quiser — respondeu Narygos, pousando graciosamente e abaixando o corpo para que Thrall pudesse descer.

O orc se virou para agradecer:

— Agradeço por me trazer até aqui — disse. — Mas… talvez você não deva esperar por mim.

Narygos inclinou a cabeça.

— Se você não conseguir convencê-la…

— Se eu não conseguir — disse Thrall, com calma e sinceridade —, não há razão para eu retornar.

Compreendendo, o dragão balançou a cabeça.

— Boa sorte, então, em nome de todos nós.

Ele acenou gentil e afetuosamente com a imensa cabeça, tomou impulso e saltou para galgar aos céus. Thrall observou-o desaparecer à distância, então deu meia-volta e caminhou na direção da Mãe da Vida.

Ela o ouviu se aproximar, como ouvira antes. A aspereza de sua voz era um indício de que ela não a usava havia muito:

— Você é o orc mais corajoso ou mais tolo que já vi, atrevendo-se a vir aqui pela segunda vez — disse.

Ele sorriu:

— Outros disseram coisas semelhantes, milady — respondeu.

— Eu — vociferou ela, erguendo a cabeça para trespassá-lo com o olhar — não sou os outros.

Mesmo com tudo o que vira e lutara na vida, Thrall estremeceu diante da ameaça velada naquela voz. Ele sabia que ela estava certa. Se decidisse acabar com ele, ela o faria sem lhe dar a menor chance.

— Veio atrás de mais tormento? — inquiriu a dragonesa, deixando-o sem saber se ele a atormentava ou vice-versa. Provavelmente ambos.

— Quero dar fim, ao menos aplacar, o seu, minha senhora — respondeu ele, calmamente.

A raiva perdurou por mais alguns instantes e, então, ela desviou o olhar, novamente parecendo mais uma criança magoada do que o mais poderoso Aspecto.

— Só a morte fará isso, e talvez nem mesmo ela — disse Alexstrasza, sua voz em pedaços.

— Não sei o suficiente para dizer que sim ou que não, mas eu preciso tentar.

Alexstrasza suspirou profundamente. Ele a observou com atenção. Ela estava mais magra do que da última vez em que estivera aqui. As maçãs do rosto, naturalmente angulosas, pareciam prestes a perfurar sua pele. Seus olhos tinham manchas escuras ao redor, e sua aparência levava a crer que a próxima ventania a levaria embora.

Thrall sabia o que fazer.

Ele veio se sentar ao lado dela no chão de pedra. Ela não se moveu.

— Da última vez que nos falamos — prosseguiu ele — eu pedi que viesse comigo ao Nexus. Para falar com os azuis. Ajudá-los.

— Eu não me esqueci. Também não me esqueci de minha resposta.

Não importa. Nada importa. Não interessa se tudo está interligado. Não interessa por quanto tempo isso tem acontecido. Não interessa nem mesmo se podemos impedir.

Os filhotes estão mortos. *Korialstrasz está* morto. *Eu estou morta em todos os sentidos, menos um, mas isso ocorrerá em breve. Não há esperança. Não há nada. Nada importa.*

— Eu também não me esqueci — acrescentou Thrall. — Mas há outros que não sabem ou não creem que não importa, e insistem teimosamente em continuar. Como os dragões azuis. Eles escolheram seu novo Aspecto, Kalecgos, e agora têm um novo inimigo, um dragão cromático chamado Cromatus.

Um lampejo de surpresa cruzou a expressão de Alexstrasza com a menção a Kalecgos, mas seus olhos se perderam novamente ao som do nome Cromatus.

— Para cada vitória, uma derrota — murmurou ela.

— Eu caí durante a batalha — asseverou Thrall abruptamente. —

Literalmente. Despenquei das costas de Kalec e pousei na neve. Por pouco não me entreguei à morte e ao desespero. Mas algo aconteceu. Algo me incutiu com o desejo de mover meus membros congelados, abrir caminho para fora da neve; e também de sobreviver ao ataque surpresa de um velho, velho inimigo.

Alexstrasza permaneceu imóvel, aparentemente ignorando-o por completo. Ao menos ela não estava tomada de raiva a ponto de tentar matá-lo, como da última vez. Talvez isso significasse que estivesse ouvindo.

Ancestrais, rogo para estar fazendo a coisa certa. Eu ajo com meu coração, e isso é o melhor que posso fazer.

Thrall estendeu uma das mãos. Ela virou levemente a cabeça e observou com pouco interesse. A mão se moveu na direção dela, para que a segurasse. Alexstrasza se virou e voltou a fitar o horizonte.

Gentilmente, Thrall segurou-lhe a mão, sentindo seus dedos letárgicos e indiferentes. Em seguida, tomou-a cuidadosamente entre as suas, verdes e robustas.

— Eu tive uma visão — disse ele com a voz suave, quase como se tentasse não assustar um animal. — Duas, na verdade. É… uma dádiva receber uma. Ser abençoado com duas, especialmente uma para ser compartilhada com alguém… foi uma honra inesperada.

Cada palavra foi dita com genuína modéstia. Apesar de saber que seus poderes aumentavam, seus vínculos com os elementos se aprofundavam, Thrall sentiu-se honrado pela graça que lhe fora concedida.

— Uma era pra mim. Esta… era para ser dividida com você.

O orc fechou os olhos.

O ovo estava prestes a se romper.

Era um ambiente frio para o testemunho de um nascimento, um laboratório improvisado sob uma enorme tenda. Enquanto do lado de fora a tempestade rugia, o filhote lutava para se libertar da casca.

Muitos estavam reunidos para assistir à sua chegada. Um dos espectadores, enrolado num manto encapuzado que ocultava sua face, parecia humano; os

outros usavam vestes que os identificavam prontamente como membros do culto do Martelo do Crepúsculo. Todos observavam com entusiasmo, os olhos voltados para o filhote que emergia do ovo.

De pé, logo ao lado, com uma delicada corrente ligando seu pescoço à mão do homem, havia uma bela mulher de cabelos de um azul profundo. Diferente dos outros, ela assistia a tudo consternada, uma mão sobre o abdome, a outra firmemente cerrada num punho.

— Kirygosa!

Alexstrasza sussurrou o nome dramaticamente. No entanto, apenas Thrall ouviu sua voz. A visão se desenrolava exatamente como da primeira vez. O orc sentiu uma pontada assim que ouviu o nome da dragonesa. Então fora esse o verdadeiro destino da irmã de Arygos, que se pensava estar perdida. Perdida, sim, mas não morta — não ainda. O rosto da jovem disse-lhe tudo o que precisava saber.

A pequena criatura empurrava e arremetia; por fim um pedaço da casca cedeu. Sua boca se abriu em busca de ar.

Ela era horrenda.

Suas escamas eram azuis, negras e púrpuras, com grotescas manchas espalhadas aqui e ali, cor de bronze, vermelhas e verdes. Uma das patas dianteiras terminava num coto. Com apenas um olho, manchado de várias cores e aparentemente ferido, ela observava a plateia.

Kirygosa deixou escapar um pesaroso soluço e virou-se de costas.

— Não, não, minha querida, não desvie os olhos. Contemple o que fizemos de seu filhote azul — disse o humano, regozijando-se. Com uma das mãos, ele pegou o filhote cromático e o acolheu sobre as luvas. A coisa deitou-se flacidamente com o minúsculo peito arfante. Uma de suas asas estava colada ao flanco.

O homem encapuzado deu alguns passos e assentou a pequena criatura sobre a terra.

— Agora, pequenino, vamos ver se consegue se tornar maior do que nós.

Um dos cultistas deu um passo à frente, curvando-se servilmente. O humano estendeu ambas as mãos. Uma segurava um artefato entrevisto com dificuldade, cuja energia irradiava um brilho violeta. Os dedos da outra agitaram-se para conjurar um feitiço. Ao proferir um encantamento, um fio branco de energia arcana emergiu do artefato. Depois de se enrolar no filhote, a corda mágica começou a drenar a energia vital dourada do pequeno dragão. Um guincho de dor.

— Não! — gritou Kirygosa, lançando-se para frente. O homem puxou a corrente com toda a força. A dragonesa caiu de joelhos, sibilando de agonia.

O filhote crescia. Sua boca se escancarou para emitir um grito áspero, curto, enquanto seu corpo se debatia. Thrall podia quase distinguir o som de ossos rangendo e pele se esticando à medida que, drenando sua energia vital, o mago acelerava seu envelhecimento. A certa altura, o guincho tornou-se um crocitar e, por fim, um urro penetrante. Uma das asas batia freneticamente; a outra, ainda fundida ao tórax, apenas tremia.

O filhote cromático colapsou; o homem suspirou.

— Quase chegou ao tamanho de dragão — disse pensativamente. Dando um passo adiante, ele empurrou o corpo com o pé. — Melhor, Gahurg. Melhor. O sangue de Aspecto nela parece deixar seus filhos mais fortes do que a maioria, mais aptos a resistir às modificações. Todavia, não perfeitos. Levem-no. Dissequem-no, aprendam com ele e saiam-se ainda melhor da próxima vez.

— Como deseja, Patriarca do Crepúsculo — disse Gahurg. Quatro outros cultistas se adiantaram e ajudaram a carregar o dragão cromático.

— O que você está fazendo com *meus filhos*?

A princípio fraca, perdida em seu peito, a voz de Kirygosa cresceu até se tornar um rugido tomado pela fúria. Uma vez mais, não obstante a dolorosa punição que sabia que sofreria, ela saltou na direção do homem conhecido como Patriarca do Crepúsculo.

— Oh, minha querida — sussurrou Alexstrasza. Thrall sabia que agora ela também vira as marcas sobre o corpo de Kirygosa, onde ela fora ferida ou cortada para experiências. Estranhamente, a dolorosa empatia na voz de Alexstrasza

encheu Thrall de esperança. Dor e horror são melhores do que o vazio insensível.

— Estou criando a perfeição — retorquiu o Patriarca do Crepúsculo, repuxando a corrente.

Kirygosa estremeceu, angustiada, e ao recuperar o fôlego, disse:

— Estou contente por ter que assistir a apenas uma ninhada dos meus ovos ser sacrificada para a sua obscenidade. — A dragonesa cuspiu. — Meu consorte está morto. Eu não lhe darei mais nada.

— Ah, mas você ainda é filha de Malygos — respondeu o Patriarca do Crepúsculo. — Quem pode dizer se o destino, ou eu, não será capaz de arrumar outro consorte para você, hmm?

A cena se transformou. Os olhos de Thrall ainda estavam fechados; em sua mente, a visão prosseguia. Ele podia sentir a mão de Alexstrasza, os dedos dela cingindo-se aos seus, mas era uma sensação distante, como um som ouvido a uma grande distância. Thrall sabia o que veriam a seguir, e sabia que isto a destruiria ou, talvez, fosse a sua salvação.

De qualquer maneira, ele estaria junto dela.

O lugar era um santuário. Thrall compreendeu instantaneamente o que houvera, apesar de jamais ter contemplado o Santuário Rubi com seus próprios olhos. Estragos obviamente oriundos de um ataque recente eram visíveis, mas a bela floresta, com seus prados luminosos e árvores de suave farfalhar entrecruzadas por sinuosos riachos, já estava em processo de cura. Assim como o verdadeiro lar da rainha Dragonesa, o coração da revoada vermelha também o faria.

Um grande dragão sentava-se sob a sombra de uma árvore. Aparentemente desconfortável em seu descanso, como se não se permitisse a indulgência com frequência, ele continuou a observar os aglomerados de ovos de dragão com os olhos semicerrados.

Seu arfar era puro, feroz, repleto de saudade e desespero.

— Korialstrasz — murmurou a Mãe da Vida. — Oh, meu amor… Thrall, eu tenho mesmo que ver isso?

Ela estava tão perturbada que não ordenou; trêmula, apenas suplicou. Pela razão que fosse — ele não sabia se desespero ou esperança — a grande Mãe da Vida, Alexstrasza, aceitou com confiança as mãos de Thrall.

— Sim, minha senhora — disse ele, esforçando-se para manter sua voz profunda o mais suave possível. — Aguente só mais um pouco e tudo lhe será revelado.

Então, em não mais que um instante, ele estava alerta e de pé, farejando o ar com as orelhas em riste a fim de captar o menor som. Em um piscar de olhos Korialstrasz estava no ar, movendo-se com graça e agilidade ao mesmo tempo em que esquadrinhava o chão abaixo.

Seus olhos se estreitaram, depois se fixaram e, com um rugido de fúria protetora, ele encolheu as asas e mergulhou. Num instante Thrall e Alexstrasza puderam ver o que atraíra Krasus: invasores, de todas as raças; em comum, apenas o fato de que ostentavam as vestes marrons e negras do culto do Martelo do Crepúsculo.

Korialstrasz não cuspiu fogo, nem lançou feitiços. Os violadores do santuário estavam espalhados entre os preciosos ovos. Em vez disso, ele mergulhou com as imensas garras estendidas, arrancando os cultistas do chão para esmagá-los com a mesma rapidez e eficiência com que Thrall esmagaria um inseto. Todavia, eles não gritavam aterrorizados; Thrall assistiu enfurecido e enojado aos cultistas abraçarem a morte sorrindo.

Com a ameaça aparentemente rechaçada, Korialstrasz pousou junto a uma aglomeração de ovos, abaixando a cabeça coberta de escamas escarlates para ajeitá-los com o máximo de delicadeza.

Um deles se rompeu. Uma névoa ocre emanou do ovo; os olhos de Krasus se arregalaram e ele se afastou da forma minúscula de um dragão cromático deformado.

— Não! — gritou Alexstrasza. Thrall sentia por ela. Fora doloroso o suficiente para a Mãe da Vida assistir ao suplício de Kirygosa. Saber que o mesmo

destino terrível se abatera sobre seus próprios filhos…

Horrorizado, Korialstrasz estendeu uma das garras para tocar a pequena criatura. Com um ruído suave, mais e mais dos ovos começaram a se romper. Todos deram origem a dragões cromáticos estridentes e deformados.

Ao ver o que acontecia consigo mesmo, Krasus engoliu seco. A ponta de sua pata anterior estava começando a ficar preta. Lenta, mas implacavelmente, o contágio se espalhava, subindo pela garra rumo ao seu antebraço.

Uma risada débil, enfraquecida, porém triunfante atraiu a atenção do dragão vermelho.

— Então, todos os filhotes são do insano, do grande Asa da Morte — murmurou um dos cultistas, um troll de pele azul-escura. Korialstrasz havia esmagado suas costelas; sangue se acumulava nos cantos de sua boca, ao redor das presas; mesmo assim, ele ainda estava vivo. — Teu povo t-todo… vai ser dele…

Krasus examinou o membro infectado. Em seguida, cerrou o punho com firmeza e o trouxe na direção do peito por um instante. Fechando os olhos, ele abaixou a cabeça:

— Não — disse em voz baixa. — Eu não permitirei tal coisa. Eu destruirei a mim mesmo e… e aos meus filhos, para não ser obrigado a vê-los nesse estado.

O cultista gargalhou outra vez, debilmente. Depois começou a tossir, cuspindo uma golfada de sangue espumoso.

— A gente… a-ainda ganha… — disse com dificuldade.

Krasus o encarou e, então, lembrou-se subitamente das exatas palavras do cultista.

— O que você quis dizer com "todas as crianças"?

Lutando para respirar, o cultista ficou calado, observando-o de soslaio.

— Quantos foram contaminados? *Diga!*

— *Todos!* — grasnou triunfantemente o troll. Seus olhos brilhavam, acompanhados de um imenso sorriso. — *Todos* os ovos! *Todos* os santuários! Tu chegou atrasado! Eles já vão nascer. Tu não pode fazer nada.

Krasus permaneceu imóvel. Pensativo, ele espremeu os olhos e inclinou a

cabeça.

— Sim — disse em voz baixa. — Sim, eu posso.

— Todos os ovos — murmurou Alexstrasza. — Todos… nós…

— Foi uma escolha terrível — disse Thrall serenamente. — Ele sabia que era provável que ninguém jamais soubesse o que realmente aconteceu. Que, sem conhecer a verdade, os outros o considerariam um traidor. Que talvez até mesmo você acreditasse.

Ouvindo que ela arfava e soluçava, o orc apertou sua mão.

— Ele nos salvou. Ele jamais nos traiu; *ele nos salvou*…!

De olhos fechados, ambos permaneceram em silêncio.

Reunindo toda sua energia e toda sua magia, Korialstrasz se curvou. Depois de um único e profundo suspiro, ele sussurrou uma única palavra:

— Amada.

Tudo ficou escuro.

Thrall abriu os olhos. Os de Alexstrasza também estavam abertos. A Mãe da Vida tinha o olhar perdido, e todo o sangue escapara de seu rosto; sua mão apertava a de Thrall com tanta força que doía.

— Ele… ele usou sua energia vital para vincular os portais — balbuciou Alexstrasza. — Para destruir todos os ovos infectados antes que alguém mais se contaminasse. Eu não consegui entender por que havia tanto verde restante. Agora eu sei. De alguma maneira, eu compreendo. Ele trouxe a morte com *vida*… para preservar outras vidas.

— O Espírito da Vida está contando a você coisas que não pode mostrar — disse Thrall calmamente. — Foi por isso que tive que vir. Korialstrasz não era um traidor, mas um herói. Morreu prontamente para salvar não só a sua própria, mas todas as revoadas, com você no coração.

— Ele era o melhor de todos nós — murmurou ela. — Jamais falhou comigo, nem com ninguém. Eu… Eu falhei, eu hesitei, mas não ele. Não meu

Korialstrasz. — A dragonesa ergueu o rosto na direção de Thrall. — Eu estou contente por saber como ele foi bravo. Sinto tanto orgulho. Mas agora… sabendo isso, como posso continuar sem ele? Você, de vida tão breve, consegue compreender o que perdi?

Thrall pensou em Aggra.

— Minha vida pode ser curta, mas sim, eu conheço o amor. Eu sei como me sentiria se tivesse perdido minha amada como você perdeu o seu.

— Então como posso continuar sem esse amor? Que razão há para continuar?

Ele a observou com a mente subitamente esvaziada. Todas as imagens, ideias, palavras de consolo e clichês que se insinuaram em seus lábios pareceram vazios e desprovidos de sentido. Que razão poderia haver, afinal, para um sobrevivente solitário prosseguir depois de experimentar tamanho amor?

Por fim, ele pensou em algo.

Sua mão direita continuava a segurar a de Alexstrasza. Com a esquerda, ele alcançou a bolsa e tirou um objeto minúsculo, de aparência modesta.

Era a esfera que o anciente lhe dera. As palavras de Desharin reemergiram em sua memória: *Cuide bem dela. Esta esfera contém toda a sabedoria de sua árvore mãe, e todo o conhecimento da mãe de sua mãe… e assim por diante, de volta ao início de todas as coisas. Plante-a onde ela possa crescer.*

Krasus sabia que não cabia a ele, não obstante tê-lo desejado. Thrall se perguntava se o dragão vermelho adivinhara que, talvez, tal coisa caberia à sua companheira. Thrall esperava que sim.

O orc virou a mão de Alexstrasza, pôs a esfera na palma de sua mão e fechou gentilmente seus dedos ao redor do objeto.

— Eu contei a você sobre o Repouso do Sonhador, em Feralas — disse Thrall com suavidade. — Sobre os ancientes que estavam em perigo lá. Eu não contei sobre a… presença deles. O poder simples das eras e da sabedoria que emanam. O quanto me senti pequeno e perplexo entre eles.

— Eu… conheci ancientes — disse Alexstrasza com a voz velada. Sua mão permaneceu firmemente fechada em volta da esfera por um instante; então, ela a

abriu.

A bolota se moveu na mão da dragonesa tão sutilmente que Thrall pensou que estivesse apenas rolando nos espaços entre os dedos. Então, uma pequena rachadura surgiu na base amarronzada. A fissura aumentou e, na sequência, um minúsculo broto verde com não mais que alguns centímetros, emergiu na ponta.

Alexstrasza deixou escapar um gemido de surpresa. Sua outra mão pousou sobre o coração, pressionando com força o peito magro que, subitamente, palpitou uma, duas, três vezes em batidas fortes, violentas. Vencendo a dor, ela continuou a pressionar o coração. Por um instante, Thrall temeu que fosse intenso demais — que aquilo a estivesse matando.

Finalmente Thrall compreendeu. O coração da Mãe da Vida estava fechado — fechado para a dor advinda de se importar. Para o tormento de perder alguém que amasse. Para a agonia da compaixão.

Agora, como a casca da esfera, como o gelo derretido na primavera, seu coração se abria.

— Eu sou quem sou — murmurou ela, os olhos ainda fixos na esfera que germinava em sua mão. — Na alegria ou na dor. Eu sou quem sou.

Novamente um soluço agitou seu corpo; em seguida, outro. Lágrimas rolaram de seus olhos em nome do amor perdido; ela finalmente derramava as lágrimas curativas que estavam represadas em seu tolhido coração. Thrall passou um dos braços sobre os ombros de Alexstrasza; ela se recostou em seu peito. Ela, que no passado fora escravizada e torturada por orcs, chorou copiosamente acolhida por ele.

Suas lágrimas pareciam não ter fim, como devem ser as lágrimas da Mãe da Vida. Era mais que a perda de Krasus, Thrall suspeitou. Ele sentia que ela lamentava por todas as coisas que haviam caído; pelos inocentes e pelos culpados; por Malygos, Asa da Morte e por todo o mal que causaram; pelas crianças corrompidas, que jamais tiveram a chance de viver; pelos mortos e pelos vivos; por todos aqueles que sofreram e sentiram o gosto salgado da dor em seus rostos.

Agora, elas rolavam livremente, oriundas de um choro tão puro e natural

quanto respirar. As lágrimas que desciam por seu rosto caíam sobre a esfera que segurava, sobre o chão onde se sentavam.

No exato momento em que a primeira chegou ao solo, uma flor começou a crescer por entre as crostas áridas.

Incrédulo, Thrall olhou em volta. Diante de seus olhos, 10 mil vezes mais rápido do que se esperaria, plantas surgiram: flores de todas as cores; pequenos brotos que se tornaram mudas; uma relva espessa, macia. Era possível até mesmo ouvir a música do crescimento, esforços e estalos alegres, vibrantes.

Ele se lembrou do trabalho árduo dos druidas para trazer este lugar de volta à vida. Seus esforços algumas vezes tiveram êxito, mas apenas temporariamente. No fundo, ele sabia que a vida nova e viçosa que agora contemplava não desapareceria com o tempo. Não quando era fruto das lágrimas da Mãe da Vida, derramadas diante do redespertar da compaixão e do amor.

Alexstrasza se moveu, recuando gentilmente. Thrall levantou os braços para deixá-la ir. Estremecendo, ela respirou profundamente e, um pouco desequilibrada, ajoelhou-se sobre a terra. O orc não a ajudou — ele percebeu que a Mãe da Vida preferia assim. Gentilmente, Alexstrasza afastou uma porção do solo verdejante, depositou a esfera e a cobriu com reverência. Depois de se levantar, ela se virou para o orc e disse:

— Eu estou… purificada. — Sua voz estava repleta de dor, mas havia uma calma que não estava lá antes. — Você me lembrou de coisas que, em minha dor, eu esquecera. Coisas que *ele* desejaria que eu não esquecesse jamais.

Ela sorriu. Apesar de triste e atormentado, era um sorriso doce e sincero. Seus olhos estavam inchados de tanto chorar, mas havia grande clareza em seu foco; Thrall sabia que ela estava certa.

Erguendo os braços na direção dos céus, ele deu um passo atrás; no mesmo instante, o belo rosto de Alexstrasza assumiu uma expressão de fúria justiceira. Havia mais perdas para lamentar, e ele tinha certeza de que ela o faria.

Porém, não agora.

Agora a Mãe da Vida usava a dor para guiar suas ações, não suas lágrimas. Thrall quase sentiu uma pontada de pena por aqueles que sentiriam o fogo de

sua fúria.

Quase.

Assim como testemunhara antes, Thrall a viu novamente saltar no ar, transformando-se de esbelta dama élfica no mais poderoso dos Aspectos — talvez o ser mais poderoso de todo o mundo. Desta vez, no entanto, ele sabia que não havia nada a temer.

Ela o observou com olhos ternos e, em seguida, abaixou-se para o orc subir em suas costas.

— Iremos nos juntar aos meus irmãos e irmãs, se quiser vir comigo — disse ela suavemente.

— Alegra-me poder ajudar — disse Thrall, humilde e aturdido pela magnificência do dragão escarlate à sua frente. Com cuidado e respeito, ele subiu e a montou, acomodando-se na base do imenso pescoço. — Com a derrota sofrida, creio que os azuis tenham recuado para o Nexus.

— Talvez — disse ela. — Nós os encontraremos lá, se Kalec não tiver se juntado às outras revoadas e se reunido a elas junto do Repouso das Serpes.

— Os dragões do crepúsculo os verão — observou Thrall, pensando em voz alta.

— Sim — concordou Alexstrasza, preparando-se e na sequência galgando aos ares. — Eles o verão. O que tem isso?

— O elemento surpreso será comprometido — respondeu Thrall.

— Não precisamos mais dele — afirmou Alexstrasza. Sua voz era forte, mas calma; ouvindo-a, Thrall se tranquilizou. — O êxito ou a falha depende de algo muito mais importante que estratégias militares e vantagens. — Adejando com força e ritmo, ela virou o pescoço para encará-lo. — Chegou a hora das revoadas de Azeroth deixarem suas diferenças de lado e se unirem. Se não for assim, temo que estaremos todos arruinados.

19



Alexstrasza tinha razão. Como era de se esperar, faltando poucos quilômetros para chegarem ao Templo do Repouso das Serpes, ela e Thrall viram dragões azuis e verdes, no ar e no chão. Ela, é claro, foi detectada. Vários voaram em sua direção, dardejando vertiginosamente ao seu redor.

— Mãe da Vida! — gritou alegremente Narygos. — De sombras está tomado o momento e também nossos corações, mas sua presença lança luz sobre ambos. Thrall, obrigado por tudo.

— Amigo Narygos — respondeu Alexstrasza calorosamente — Vejo Ysera, minha irmã; Kalecgos, o novo Aspecto; e também as revoadas de ambos. Meus próprios vermelhos virão assim que souberem que estou aqui.

— Então partirei em busca deles agora mesmo, Mãe da Vida — disse um dos verdes. Thrall se perguntou como o verde sabia onde estavam os vermelhos. Talvez Ysera soubesse e tivesse lhe contado. Havia muito sobre os dragões que ele ainda não compreendia.

— Não temos nenhuma notícia de Nozdormu? — quis saber Alexstrasza.

Narygos e os outros surgiram atrás, acima e abaixo dela, escoltando e

protegendo a Mãe da Vida enquanto voavam na direção do ponto de encontro.

— Ainda não — disse Narygos, lançando um rápido olhar para Thrall. — Não ouvimos nenhuma palavra dele. Você ouviu?

— Não fui contatado — respondeu Thrall. — Tudo leva a crer que ele ainda está investigando, descobrindo coisas.

— Conhecimento é poder — concordou um grande verde —, mas de nada servirá se ele descobrir algo útil quando Cromatus já tiver acabado com todos nós.

— Silêncio, Rothos — repreendeu-o Alexstrasza. — Não é culpa do orc que o Atemporal não esteja presente. Nós… todos fazemos o que é preciso.

A última frase foi dita com doçura e tristeza; Thrall sabia que era em Korialstrasz que ela pensava. Para fazer o que era preciso, ele havia pagado um preço terrível.

Virando-se para ele, Rothos desculpou-se com Thrall:

— Sinto muito, meu amigo, mas você viu contra o que lutamos. Eu gostaria de ter Nozdormu e seus dragões de bronze conosco na próxima tentativa.

— Não é preciso se desculpar, e eu concordo com você — respondeu Thrall com sinceridade.

Eles estavam quase chegando ao destino.

— Por favor, vá na frente e reúna todos — pediu Alexstrasza a Rothos. — Eu tenho… informações que eles precisam saber.

— Informações sobre Cromatus? — indagou Rothos esperançosamente.

Alexstrasza balançou a cabeça negativamente.

— Não. Mas espero que lhes dê coragem e esperanças renovadas; armas de verdade.

Instantes depois, eles pousaram. Vibrantes, os vivas musicais dos dragões apinharam o ar cruelmente gélido. Thrall desmontou sorridente das costas de Alexstrasza e pousou sobre a neve, que se acumulava até a altura de seus joelhos.

— Thrall!

Ao se virar, ele viu Kalecgos radiante. O Grande Aspecto estendeu uma das patas e, gentilmente, pôs Thrall sobre ela. O orc em nenhum momento sentiu

preocupação, apenas uma imensa alegria por rever o amigo.

— Eu preciso parar de subestimar você — disse Kalec, trazendo o orc para junto de si. — Você fez o que disse que faria, trouxe de volta nossa Mãe da Vida, em todos os sentidos — acrescentou ele, observando Alexstrasza acariciar maternalmente os verdes e azuis que se aproximavam dela. — Não sei que magia você usou, mas sou muito grato por ela.

— Apenas a magia do coração — respondeu Thrall. — Ela lhes contará o que eu descobri e dividi com ela. Nós todos saberemos.

Ysera voltou-se na direção da voz de Thrall e caminhou até ele. Num gesto de respeito, ela curvou o longo e sinuoso pescoço para baixar a cabeça.

— Você era parte do meu sonho, uma das melhores partes — disse ela. — Você fez tanto para nos ajudar. Estou triste por Desharin, mas feliz por você ter escapado.

— Saiba que, se pudesse salvá-lo, eu o teria feito.

Ela assentiu:

— A Hora do Crepúsculo nos aguarda — disse.

Erguendo a cabeça, ela olhou em volta; seus olhos das cores do arco-íris rebrilhavam de tanto contentamento:

— Vejo dragões verdes e azuis reunidos, juntos. Está bem, filho de Durotan. Está muito bem. Mas, oh, nossos irmãos e irmãs vermelhos vieram se juntar a nós!

Virando-se para acompanhar o olhar da dragonesa, logo Thrall pôde ver e ouvir a aproximação dos leviatãs. Provavelmente dezenas deles, avizinhando-se para pousar no local de encontro. Thrall, que observava aturdido, olhou ao redor. Três Aspectos Dragônicos e suas revoadas estavam reunidos. Ao lembrar-se da luta contra os dragões do crepúsculo, o orc começou a sentir a esperança crescer dentro de si. Havia agora pelo menos o triplo do número de dragões que participaram da luta, e com a Mãe da Vida à frente…

Alexstrasza saltou no ar. Os vermelhos se reuniram e voaram velozes em sua direção, aproximando-se suavemente para acariciá-la em tom reverencial e, em seguida, afastarem-se com respeito. Havia nela uma alegria que ele jamais

vira, alegria por estar com sua revoada depois de tanta angústia, tanta amargura. Após o balé aéreo para celebrar a bela reunião, Alexstrasza pousou com leveza sobre uma das saliências rochosas, posicionando-se de modo que todos pudessem vê-la. Eles se calaram, aguardando ansiosos pelas palavras da rainha Dragonesa. Ela os observou por um instante, movendo a cabeça lentamente enquanto seus olhos varriam a multidão.

— Irmãos e irmãs — começou ela —, estamos à beira de uma terrível batalha contra um inimigo cujo poder é aterrador. Entretanto, há algo que vocês devem saber antes de começarmos nosso planejamento. Algo que, espero, dará a vocês ainda mais razões para lutar por si, por sua revoada e pelos filhotes que ainda não saíram do ovo.

Suas palavras foram recebidas com silêncio. Alguns se agitaram. Foi como se, subitamente, todos se lembrassem de que fora o consorte de Alexstrasza quem destruíra tantos ovos.

Kalecgos elevou Thrall cuidadosamente até seu ombro. O orc deu o já familiar salto, pousando com segurança sobre o Aspecto Dragônico; Kalec então voou para o lado de Alexstrasza, oferecendo-lhe uma silenciosa solidariedade enquanto ela contava aos outros dragões a respeito da visão que Thrall compartilhara. Ysera também voou e pousou à esquerda de Alexstrasza, apoiando a irmã.

Alguns, provavelmente aqueles que melhor conheciam Korialstrasz, pareciam mais que dispostos a acreditar em Alexstrasza, transparecendo nas próprias faces e com amigáveis olhares sua profunda compaixão. Outros, apesar de não protestarem abertamente — Thrall suspeitava que estivessem felizes demais em ter a Mãe da Vida de volta para contestar sua história — pareciam duvidosos, céticos.

Thrall ficou satisfeito, mas não surpreso, ao ver Kalecgos entre os que acreditaram logo de início. O orc condoeu-se pelo azul, no entanto, quando Alexstrasza descreveu o que ocorrera a Kirygosa. Muitos dos membros da revoada azul balbuciaram furiosamente, mas Kalec resumiu-se a virar o rosto tomado de dor. Quando Alexstrasza concluiu, foi Kalec quem rompeu o silêncio.

— Tudo está claro agora — disse ele. — Nós sabemos que existe um dragão cromático. Apesar de horrorizado por saber que Kirygosa foi… torturada de maneira tão cruel, alegra-me profundamente saber que ela ainda vive. Quando os santuários foram destruídos, nada sabíamos. Em nossas mentes, não havia razão para Korialstrasz agir como ele o fez. Mas agora nós sabemos. Nós compreendemos.

— Se é que tudo aconteceu mesmo como foi relatado — disse um dos azuis mais velhos. Thrall reconheceu Teralygos, um dos que permaneceram firmemente ao lado de Arygos. — Só o que temos é uma suposta visão. Não há prova nenhuma de que isso tenha acontecido.

— Ela é Alexstrasza — afirmou Narygos. — Um Aspecto… a Mãe da Vida!

— É conveniente demais que ela tenha tido uma visão… Não, que um orc tenha aparecido na hora exata para lhe revelar uma visão que exime seu consorte — prosseguiu o azul. — O que você diria se eu tivesse uma visão sugerindo que Alexstrasza está inventando tudo? Ou que ela enlouqueceu? Que talvez a pobre Kirygosa, que…

— Eu posso confirmar tudo o que a Mãe da Vida disse — asseverou um frágil fio de voz.

Um azul pousou trazendo nas costas uma jovem humana.

Thrall a reconheceu de imediato: era Kirygosa, a garota de sua visão.

— Kiry! — exclamou Kalec.

Thrall desceu agilmente e Kalec assumiu sua forma meio-élfica, enquanto Kirygosa desmontava com dificuldade. Depois de correr até ela, Kalecgos a tomou nos braços e a abraçou com toda a força. Ela sorriu para ele e todos os outros que se precipitaram em sua direção. Apesar de exausta e dolorosamente magra, sua felicidade por estar uma vez mais entre sua revoada era visível.

— Você está bem? — indagou Kalec com preocupação. — Depois do que… fizeram a você?

— Agora que estou livre, eu ficarei — respondeu Kirygosa, apoiando-se em Kalecgos. — Como eu disse… o que Thrall contou sobre mim em suas visões é verdade. Creio que a visão com Korialstrasz também seja verdadeira. — Seus

olhos buscaram a grande dragonesa vermelha, que sorria com benevolência em sua direção. — Minha senhora, lamento profundamente por sua perda.

— Obrigada, Kirygosa — disse Alexstrasza. Sua voz estava repleta de pesar, mas não desespero. Não mais. — E eu lamento pela sua.

A expressão de preocupação de Kalec se intensificou:

— Você sabe sobre Arygos? — perguntou ele a Kiry em voz baixa.

Kirygosa fez que sim.

— Ele foi traído pelo Patriarca do Crepúsculo e morto por um assassino humano chamado Pantanegro. Sei que o tal Pantanegro também foi enviado para matar você, Thrall — disse ela, girando na direção do único orc presente. — É um alívio ver que ele não obteve êxito. O Patriarca do Crepúsculo e Asa da Morte, ambos temem você. Estou feliz por ter ficado do nosso lado.

— Venha, sente-se e descanse — convidou Kalecgos. — Coma algo e conte-nos tudo que sabe.

— A corrente… — Com dedos trêmulos, Kiry puxou uma delicada corrente prateada que trazia enrolada no pescoço, um objeto de aparência simples. Kalec compreendeu de imediato do que se tratava. — Eu fiz tudo que podia para rompê-la…

— Eu sei — disse Kalec suavemente. — Uma vez Dar'Khan me fez usar uma coleira com essa. Conheço bem seu medo e frustração, querida irmã. Alguém que eu amava me libertou… agora, eu libertarei você.

Com todo o cuidado, Kalec segurou o colar entre o polegar e o indicador. Com um movimento sutil, o Aspecto Dragônico azul arrebentou a corrente como se não passasse de uma peça ordinária de joalheria. Kirygosa chorou de alegria. Sorridentes, os outros se afastaram, dando-lhe espaço para assumir sua verdadeira forma. Thrall sorriu consigo mesmo enquanto assistia a ela galgar aos céus, voando sem forças, mas com o espírito renovado. Novamente livre.

Kirygosa recebeu toda a atenção. Thrall ajudou a curá-la, e Kalecgos conjurou carne e bebidas para ela. Alexstrasza e Ysera se postaram ao seu lado em suas formas humanoides, oferecendo-lhe todo o conforto que podiam. Thrall se

surpreendeu ao ver a forma preferida de Ysera. Ela aparecera-lhe pela primeira na vez como uma elfa noturna. A pele púrpura e as longas orelhas dos kaldorei ainda estavam lá, mas a coroa de chifres adornando seus cabelos verdes indicava sua real natureza. Vários dragões, alguns na forma humanoide, outros na forma da dragônica, reuniram-se ao redor para ouvir ao desenrolar do brutal relato de Kirygosa.

— Contarei a vocês tudo que sei, e espero que algo do que diga possa ajudar — declarou ela. — Há muitas coisas que… para ser honesta, não me inspiram nenhuma esperança.

— Você escapou, algo que deveria beirar o impossível — disse Kalecgos. — Eu, particularmente, vejo grandes esperanças nesse fato.

Ela tentou sorrir, mas algo inquietava suas entranhas.

— Agradeço a você por isso, mas… bem, você compreenderá o que digo.

— Comece pelo início — sugeriu Alexstrasza. — Como você foi capturada?

— Após a perda de Jarygos… meu consorte… Arygos me convenceu a acompanhá-lo. Ele me entregou ao humano; pelo que sei, ele é humano; conhecido como Patriarca do Crepúsculo. O Patriarca do Crepúsculo e Arygos estavam trabalhando com a revoada do crepúsculo, e também Asa da Morte.

Os três Aspectos trocaram olhares.

— No primeiro ataque — disse Alexstrasza —, aquele que nos provocou. Ele chamava a si mesmo de Patriarca do Crepúsculo.

— Prossiga, minha querida — incentivou Ysera com suavidade.

— Eles me mantiveram aprisionada em minha forma dragônica até que meus ovos pudessem ser tomados com segurança, depois puseram a corrente em mim. — A mera lembrança fez Kiry estremecer.

— É mais simples controlar você na forma humana — disse Kalec. — Eu sei.

Ela concordou com a cabeça.

— Eles começaram com os experimentos; em mim, em meus filhos…

Kirygosa perdeu a voz momentaneamente. Alexstrasza pousou uma das mãos sobre seu ombro para confortá-la. Kiry retribuiu com um sorriso suave e

prosseguiu:

— Isso, Mãe da Vida, foi o mesmo com que Korialstrasz se deparou. Eles aumentaram as chances de criar dragões cromáticos saudáveis realizando experimentos com meus filhos. Aparentemente, por ser filha de Malygos, meus filhos são mais fortes. Korialstrasz causou um grande estrago eliminando seu exército em potencial. Arygos não ter se tornado o Aspecto foi outro grande empecilho. Ele havia prometido entregar toda a revoada azul ao Patriarca do Crepúsculo.

— Nunca saberemos se Arygos estava em sã consciência quando fez aquela barganha — disse Kalec com uma fúria contida. — Mas, em nome de sua memória, é melhor acreditar que a resposta é não.

Kirygosa balançou a cabeça positivamente, recompondo-se com visível esforço.

— Ele certamente era devotado ao culto, mas não posso dizer nada além disso.

— O que ele fez a você…

— Está feito e acabado — retorquiu ela.

Thrall percebeu que ela tentava tranquilizar Kalecgos, mesmo depois de tudo pelo que passara. Sua coragem era inominável.

— Assim, dois estragos foram causados aos planos deles, Mas eles ainda tinham Cromatus. — Com a voz embargada, ela lutou visivelmente para recuperar a compostura. — Eu não sei onde o encontraram. Os cultistas o trouxeram até a Nortúndria sabendo que precisariam de vastas reservas de energia arcana para conceder-lhe a centelha da vida. Para isso, eles precisavam de uma agulha de mana criada do sangue de um dos rebentos de Malygos.

— Perdoe-me — manifestou-se Thrall —, mas por que eles não usaram seu sangue para esse propósito antes?

— Acredito que eles quisessem esperar até Arygos trazer os azuis — respondeu ela. — Pense no impacto que causaria; Cromatus seria contemplado pelos inimigos pela primeira vez no auge de sua força, à frente de um vasto exército dragônico. Não creio que o Patriarca do Crepúsculo tenha planejado

originalmente matar Arygos. Todavia, diante da falha de meu irmão, o Patriarca do Crepúsculo garantiu que ele ainda tivesse uma utilidade; e fez o mesmo comigo. Eu fugi antes que eles tentassem… antes que me forçassem a *cruzar* com aquela *coisa*.

Thrall ficou horrorizado. As duas fêmeas que eram Aspectos pareceram nauseadas, e Thrall percebeu que se o Patriarca do Crepúsculo surgisse de repente, Kalec provavelmente o teria despedaçado com um sorriso de satisfação. Talvez ele mesmo ajudasse com as próprias mãos.

— Poderia ter funcionado — prosseguiu Kiry. — Eu poderia ter sido mãe de uma revoada inteira de abominações. Cromatus era o experimento final de Nefarian, que, como eu descobri, também vive. Em termos. Ele foi reanimado, mas não trazido à vida como Cromatus. Nefarian é, portanto, um morto-vivo, uma atrocidade.

Enquanto Kirygosa falava, outros dragões se aproximaram para ouvir. Um imenso vermelho movera sua massiva silhueta para se posicionar de forma protetora junto de Alexstrasza e Kirygosa — ambas com corações e espíritos terrivelmente feridos, e ainda assim tão fortes. O vermelho prosseguiu:

— Ele também está aqui?

Kiry sacudiu negativamente a cabeça.

— Não, acho que Asa da Morte tem outros planos para ele. Cromatus será suficiente. Kalec, você o surpreendeu da última vez. Ele não passava de um recém-nascido. Ainda assim… — A voz dela se perdeu.

— Ainda assim, minha revoada inteira foi subjugada — completou Kalec.

— Você não está sozinho agora, Kalec — assegurou Alexstrasza. — Há três revoadas inteiras juntas. Ele pode ter derrotado uma revoada, mas três? Há tempos não lutamos dessa forma. Não penso que um único dragão, por mais monstruoso que seja, possa ser páreo para todos nós!

Aparentemente perturbada pelas palavras, Kirygosa agarrou a mão de Alexstrasza.

— Mãe da Vida — disse ela —, ele… ele foi feito… para você. — Seus olhos também buscaram Kalec e Ysera. — Todos vocês. Ele é mais do que um dragão

cromático excepcionalmente poderoso. Ele foi trazido à vida com um propósito específico: destruir os Aspectos!

Thrall abriu automaticamente a boca para negar, mas voltou a fechá-la. Ele vira Cromatus com seus próprios olhos; vira do que o monstro era capaz. Com as forças reunidas e as habilidades de todas as revoadas…

— Então é verdade — disse Ysera, aparentemente arrasada. — Minha visão era verdadeira.

Alexstrasza estendeu a outra mão na direção de Ysera:

— Fale, irmã — suplicou ela.

— Eu esperava… estar errada…

De olhos fechados, Ysera falava com uma voz onírica, melódica. Não era um feitiço, não no sentido estrito, mas a cena que ela descrevia tinha um encantamento próprio. Thrall quase podia ver o que ela descrevia em sua mente: a morte de todas as coisas, exceto a revoada do crepúsculo. Nenhuma planta, nenhuma fera, nenhum ser, nenhuma criatura respirava, exceto eles. Os Aspectos, todos eles, jaziam mortos e rígidos.

Até mesmo o mais sombrio e cruel. O mesmo que ajudara a criar o monstro que trouxera o fim.

Asa da Morte.

Thrall estremeceu e sentiu um suor frio cobrir sua pele. O pânico ameaçava se apoderar de sua garganta. Outros à sua volta elevaram as vozes por medo, por raiva, em sinistra aceitação, mas uma voz irrompeu acima de todas as outras.

— Não é nossa ruína!

Era a Mãe da Vida. De pé, ainda em sua forma humanoide, ela continuava segurando as mãos de sua irmã e da traumatizada Kirygosa. Seu rosto irradiava paixão e resolução:

— Nós já sabemos que frustramos os planos grandiosos de Asa da Morte. A falha de Arygos. A fuga de Kiry. Os azuis atacando Cromatus antes que ele estivesse pronto. Não, isso não acabou. As visões de Ysera sempre têm significado, sim, mas sonhos sempre dependem de interpretação. Irmã, isso pode ser um alerta do que acontecerá se não lutarmos?

Ysera inclinou a cabeça.

— Sim — respondeu ela. — Só Nozdormu sabe o que acontecerá de fato. Estou apenas revelando o que vi.

— Então decidiremos agora — disse Alexstrasza —, que entraremos nesta luta com tudo o que temos. Dragões azuis, verdes e vermelhos, saibam que vocês lutam não só por suas vidas, mas por *toda* a vida. Todas as coisas. Enfrentaremos esse dito matador de Aspectos e mostraremos ao Patriarca do Crepúsculo e a Asa da Morte que não seremos amedrontados. Não importa o que perdemos, nem o que podemos perder; nós *não* perderemos nosso mundo. Cromatus cairá!

A esperança que Thrall sentia crescer em suas entranhas era tão real, tão sincera, que ele era capaz de saboreá-la. Elevando sua voz órquica, ele soltou um grito de determinação e força que ecoou no ar.

20



Apesar de sua provação, Kirygosa estava mais do que ansiosa — e pronta — para ajudar no planejamento do ataque. Thrall notou que até mesmo aqueles que antes apoiavam Arygos agora a gravitavam. O processo de conquistar os corações e almas dos azuis, iniciado por Kalec e sua afortunada ascensão a Aspecto sob a luz de duas luas, sedimentara-se com o testemunho de plácida bravura de Kirygosa.

Os três Aspectos, Thrall, Kyrigosa e alguns representantes de cada revoada, todos em suas formas humanoides, reuniram-se para iniciar o planejamento com determinação. Todos os presentes conheciam a distribuição do Templo do Repouso das Serpes, e Kirygosa conseguiu dizer exatamente onde estava o quê. Aqui era onde Cromatus repousava e se recuperava.

— Mais e mais a cada minuto — alertou ela sombriamente.

Era lá que o Patriarca do Crepúsculo passava a maior parte do tempo. Todas as feras de carga e montarias estavam em outra área, e ela pôde fornecer uma sólida aproximação do número de cultistas e dragões que as três revoadas possivelmente encontrariam.

— Há alguma fraqueza de que possamos nos aproveitar? — indagou a dragonesa vermelha Torastrasza.

— O Patriarca do Crepúsculo é humano — respondeu Kirygosa. — Ele tem idade avançada, o rosto envelhecido e uma barba grisalha, e é extremamente arrogante. Eu sei que seu poder tem mérito próprio, e também que aqueles sob a sua liderança nada sabem sobre sua verdadeira lealdade.

— Ele é o líder? — indagou Thrall. — Talvez um comandante militar?

— Ele tem modos militares — respondeu Kirygosa —, mas admito que meu conhecimento sobre os humanos seja parco. Eu sei de uma coisa: ele teme Asa da Morte.

— É o que todos os seres sãos deveriam fazer — murmurou Ysera, curvando a cabeça pesarosamente.

— Isso pode deixá-lo excessivamente confiante — ponderou Torastrasza. — Ele pode cometer erros tolos.

— Eu não acho que confiança em excesso possa prejudicá-lo com um aliado como Cromatus — disse Thrall. — Você não testemunhou a batalha contra os azuis. Agora nós estamos em maior número e temos diferentes métodos para atacar, mas é melhor que ele não seja subestimado.

— Além disso, os cultistas darão contentemente a vida por ele — acrescentou Kirygosa. — Eles lutarão até a morte.

— O Patriarca do Crepúsculo se apoia somente em Cromatus e nos dragões do crepúsculo ou há outras armas? — perguntou Alexstrasza.

— Eles não têm nenhuma arma verdadeiramente devastadora de combate terrestre ou aéreo — respondeu Kiry. — No entanto, não sei se precisarão de algo assim. Há uma revoada inteira, e Cromatus com todas as suas cabeças… cada uma com um cérebro conhecedor de todas as habilidades de sua revoada.

Todos se calaram diante da simples, mas poderosa observação.

— Aparentemente conhecemos nosso inimigo — disse por fim Alexstrasza. — Kiry, Cromatus está sob o controle do Patriarca do Crepúsculo de alguma maneira?

A dragonesa azul sacudiu a cabeça:

— Não, ele é senhor de si. Asa da Morte o tem em grande estima, orgulha-se muito dele, além de reservar-lhe grandes planos.

— Logo, nós três, os Aspectos, faremos dele nosso alvo primário — disse Alexstrasza. — A despeito do que lancem contra nós, precisamos concentrar toda a nossa força nele. O restante de nossas revoadas deve impedir que nos distraiam com outros ataques. Se ele é tão valioso para Asa da Morte, sua morte será mais do que uma vitória tática. Sempre poderemos recuar e retornar depois para cuidar do Patriarca do Crepúsculo e dos cultistas. Cromatus, contudo, deve morrer.

Todos os dragões da assembleia assentiram; Thrall também o fez.

Cromatus devia, de fato, morrer. Caso contrário, os cultistas alcançariam muito em breve seu objetivo de dar fim a todas as coisas.

O Patriarca do Crepúsculo ordenou que os corpos de Zuuzuu e Josah fossem removidos sem cerimônia e que todos os cultistas fossem chicoteados. Eles se submeteram de modo perfeitamente obediente, claro, e o Patriarca do Crepúsculo encontrou pouco consolo nos gritos de dor.

Como eles puderam deixar isso acontecer? Kirygosa era uma criatura simples, com a força de apenas uma humana naquela forma. Ela não deveria ter sido capaz de sobrepujar nem mesmo um deles, muito menos ambos. E quem fora o estúpido que deixara as mantícoras sem guarda? Ninguém admitira a flagrante falta de observação.

— Perdemos nossa chance de criar o futuro — urrou Cromatus quando o Patriarca do Crepúsculo lhe trouxe as más novas. — Se sobreviver, ela pode revelar informações que poderiam nos ameaçar.

O pensamento já ocorrera ao Patriarca do Crepúsculo. Com uma confiança que não sentia, ele disse:

— O que ela pode contar a eles? Eles sabem que estamos aqui, e já sabem de você. Talvez isso seja uma bênção disfarçada. Ela sabe que você estava enfraquecido no momento em que eles atacaram e, no entanto, você os derrotou. Creio que as novidades que ela pode levar para eles, se sobreviver, apenas os

desencorajarão. Quando vencermos, se ela ainda estiver viva, você poderá ser pai de uma revoada inteira de dragões cromáticos.

Cromatus fitou a pequena figura:

— Isso é possível. Mas qualquer vantagem estratégica dada a eles é vergonhosa. Tenho certeza de que Asa da Morte ficará decepcionado ao ouvir sobre isso.

Para esse comentário, o Patriarca do Crepúsculo não tinha resposta.

Eles vieram com o crepúsculo.

O céu, que já escurecia, enegreceu com sua aproximação, e o som do adejo de centenas de asas vibrava pelo ar à medida que as tolas revoadas dragônicas se aproximavam.

O Patriarca do Crepúsculo estava inquieto. Com certeza o alerta murmurado por Cromatus era excessivamente conservador. Sob os raios do sol agonizante, ele conseguiu distinguir três cores de dragões se abatendo sobre o templo. Portanto, os brônzeos ainda se escondiam, enquanto seu líder continuava desaparecido. Melhor ainda.

Um bater de asas em resposta emergiu quando seu próprio exército de dragões do crepúsculo se lançou aos céus. Atrás deles, voando lentamente, Cromatus.

O Patriarca do Crepúsculo não conseguiu conter um sorriso. Que venham. Que venham para a própria destruição. Cromatus acabaria com eles, e esta noite o Patriarca do Crepúsculo relataria a morte de nada menos que três Aspectos.

Thrall não montava Kalecgos, não desta vez. Torastrasza, que ele descobrira ser a mão — pata? — direita de Alexstrasza para assunto militares, concordara em transportar o orc em suas costas. Os Aspectos tinham que estar livres para concentrar seu ataque em Cromatus. Eles não podiam se distrair com a segurança do orc — a bem da verdade, com a segurança de ninguém.

Thrall compreendeu completamente. Ele contribuiria com o seu melhor,

sem fazer com que nenhum dos Aspectos perdesse um instante que fosse preocupando-se consigo.

Ele ainda estava na linha de frente quando eles desceram novamente no Repouso das Serpes. Eles foram recebidos pela primeira leva de dragões do crepúsculo; belas, porém horrendas criaturas que voaram direto na direção dos três Aspectos. No mesmo instante, contudo, os dragões do crepúsculo foram atacados. Dragões de todas as revoadas investiram, desviando sua atenção dos Aspectos. Os verdes usavam sopro venenoso ou, pior ainda, sua habilidade de dominar pesadelos. Pelo menos foi isso que Thrall presumiu ao ver dois dragões do crepúsculo subitamente guincharem e perderem a direção em pleno voo, como se fossem perseguidos por algo aterrador.

Os vermelhos e azuis trabalhavam em sincronia; os azuis usando suas habilidades com magias gélidas para congelar ou desacelerar os inimigos, os vermelhos atacando os dragões corpóreos com fogo. Desta vez as revoadas combinadas sobrepujavam a revoada do crepúsculo em quatro ou cinco vezes — o que o inimigo previra ser um ataque debilitante, no mínimo uma distração para os poderosos Aspectos, por fim não passou de um incômodo, tal quais insetos.

Cromatus pôde ser ouvido antes mesmo de visto:

— Kalecgos, você veio para mais tormento!

A voz profunda emanava da cabeça negra, retumbando nos ossos e no sangue. Thrall estremeceu e, então, apertou a mandíbula.

— Asa da Morte uma vez tentou erradicar sua revoada — disse a cabeça azul. — Para vir me desafiar uma vez mais, você deve estar mesmo determinado a matá-los. Vejo que trouxe seus pequenos amigos com você.

A cabeça vermelha disse em tom de zombaria:

— Mãe da Vida, terminou seu choro?

Ao mesmo tempo, disse a verde:

— Finalmente acordada, pequena Ysera?

As palavras transbordavam veneno e desdém, mas foram ignoradas. A outrora Sonhadora agora estava totalmente Desperta, suas asas ágeis e confiantes

como as de Kalec ou Alexstrasza. A Mãe da Vida voltara a si e, Thrall sabia, o sacrifício de seu amado só lhe dera forças para esta batalha. O orc queria gritar de volta para Cromatus, avisá-lo de como parecia tolo tentando provocá-los, mas ele não era um dragão; suas palavras se perderiam ao vento.

Os Aspectos estavam tão concentrados que os insultos tinham tanto efeito quanto gotas de chuva escorrendo por suas escamas. Suavemente, mas com determinação, como haviam praticado, eles entraram graciosamente em formação de ataque.

Era como assistir a uma bela coreografia. Kalecgos, Ysera e Alexstrasza se posicionaram à volta de Cromatus. Alexstrasza voou acima dele, mergulhando em sua direção para cuspir chamas avermelhadas. Kalecgos atacou de baixo, fustigando-o com ataques gélidos e mágicos. Ysera atacava inesperadamente onde via oportunidade, com sua natureza vivaz garantindo que Cromatus jamais soubesse onde estaria no instante a seguir.

Thrall assistira de queixo caído ao treinamento para o ataque. Os Aspectos usaram dragões vermelhos, azuis e verdes para simular os ataques, encorajando cada "Cromatus" a "atacar" com as táticas de sua revoada.

Parecia que eles iam vencer.

Após a sombria descrição de Ysera de cada um dos Aspectos sendo morto por sua própria magia particular, eles decidiram que cada um atacaria uma cabeça do dragão cromático. Ysera se concentrou na cabeça cor de bronze, atacando não só com seu sopro verde, corrosivo e empalidecido, mas criando também a ilusão de um imenso dragão brônzeo. Kalec atacava a cabeça vermelha, respondendo aos jatos de fogo com gelo e magia.

Alexstrasza investiu contra, talvez, a mais inteligente de todas: a azul. Em sua fúria, ela era sem dúvida a coisa mais bela e mais mortífera que Thrall já havia visto. A cabeça azul pareceu recuar de início, enquanto ela atacava incessantemente, soprando fogo e manobrando para fora do caminho, desvencilhando-se de grupos de dragões do crepúsculo como se fossem tão somente uma inconveniência. Tudo que lhe era caro neste mundo fora tomado pelos responsáveis pela vida aberrante de Cromatus: o Patriarca do Crepúsculo e,

claro, o próprio Asa da Morte. Ela estava determinada a impedir que o monstro de cinco cabeças continuasse a viver para semear massacre e destruição.

A fluidez com que se coordenavam deixou Cromatus visivelmente atordoado.

Por algum tempo.

Então, como se estivesse apenas brincando até agora, o monstro subitamente começou a atacar de volta com o dobro da velocidade e da determinação. Ele tinha cinco cabeças; os inimigos eram três. As cabeças azul e vermelha continuavam a lutar contra Alexstrasza e Kalecgos; a negra e a verde giraram rapidamente em seus longos pescoços e se juntaram à brônzea no ataque a Ysera.

Despreparada para a repentina mudança de tática, ela viu uma de suas patas dianteiras ser engolfada por chamas sombrias. A cabeça verde fixou-se intensamente nela, e Thrall imaginou que ela estivesse tentando enviar ao Aspecto Dragônico verde um de seus próprios pesadelos. Thrall sabia, no entanto, pelas palavras da própria Ysera, que ela já se deparara com coisas que esta criatura não podia sequer imaginar. Ysera encolheu o membro ferido e mergulhou para se afastar do olhar, sacudindo a cabeça e fechando os olhos para impedir a cabeça verde de tentar usar sua própria magia contra ela.

A cabeça cor de bronze abriu a boca e soprou areia, escoriando-a; ao mesmo tempo, as mandíbulas negras se aproximaram de uma asa, abocanharam ferozmente e a rasgaram. Ysera urrou e se desvencilhou, deixando uma parte da asa na boca da criatura. Ela se curou rapidamente de ambos os ferimentos, mas, nesse precioso instante, as outras duas cabeças interromperam o combate com Alexstrasza e Kalecgos; todas convergiram para o Aspecto verde, que agora lutava pela vida.

Thrall se agarrou a Torastrasza, que girou e mergulhou. Ele continuava a usar o Martelo da Perdição quando podia, mas agora os dragões do crepúsculo estavam preparados para esse tipo de ataque. Quando Torastrasza se aproximava com o orc sobre as costas, os crepusculares abandonavam a forma corpórea, lutando apenas com sua magia horrenda, arroxeada. Thrall, percebendo que

agora era preciso lançar mão de suas habilidades xamânicas, abriu-se para os elementos.

Sua mente se projetou. *Eu luto para salvar todos vocês, todos os elementais. Toda esta terra ferida. Venham em meu auxílio para que eu possa protegê-los!*

A princípio eles agiram de forma errática, mas Thrall incutiu seu clamor com o máximo de urgência. Finalmente, eles obedeceram. Tomando a forma de um ciclone, um elemental do vento erguia imensos pedregulhos e os atirava contra os inimigos de Thrall. Lufadas de vento atenderam ao seu chamado, pequenas rajadas que capturavam asas espraiadas e atiravam seus donos uns contra os outros. Uma neve cegante rodopiava para envolvê-los, transformando-se em água fervente para alvejar olhos abertos.

Juntos, ele e Torastrasza deram cabo de vários dragões do crepúsculo. De repente, a grande dragonesa vermelha se lançou em um mergulho rigidamente calculado. Thrall se perguntou o que ela estava fazendo e, num instante, compreendeu. Voando junto ao solo, buscando os cultistas do Martelo do Crepúsculo, ela abriu as gigantescas mandíbulas para expelir chamas. As vestes dos cultistas se inflamavam rapidamente, e eles gritavam de agonia. Parecia, pensou Thrall sombriamente, que nem todos eles estavam dispostos a se sacrificar quando encaravam a morte na forma de um imenso dragão vermelho tomado pela fúria.

Torastrasza girou e subiu lentamente, rodeando o templo até o outro lado. Voando baixo mais uma vez, ela voltou a cuspir fogo nos cultistas que berravam; em seguida, leve como uma andorinha, embarcou numa corrente para ascender graciosamente e unir-se uma vez mais à batalha no ar.

Thrall virou os olhos na direção da peleja contra Cromatus; seu coração afundou. Ele viu que os três Aspectos estavam feridos – queimados, congelados, aleijados, escoriados. Cromatus parecia mal ter sido tocado. Enquanto o orc assistia, o dragão atirou duas cabeças para trás e gargalhou:

— A vida é doce, oferecendo a mim tanto divertimento! — bramiu ele. — Venham mais uma vez! Vamos nos divertir mais!

Ysera guinou vacilante para longe. Antes de recuar, ela voou perto de Thrall

— tempo suficiente para ele ver o medo e o desespero nos olhos brilhantes da dragonesa.

As palavras de Kirygosa voltaram à sua mente: *Ele foi feito… para você. Todos vocês. Ele foi trazido à vida com um propósito específico: destruir os Aspectos!*

Eles caíam como gotas de chuva: vermelhos, azuis e verdes. A esta altura, o Templo do Repouso das Serpes podia muito bem se chamar Abatedouro do Repouso das Serpes.

Isso não podia estar acontecendo! Três Aspectos e suas revoadas — certamente o número de cultistas e dragões do crepúsculo fora reduzido, mas Cromatus parecia ganhar mais força à medida que a batalha se estendia.

Onde estavam os brônzeos? Nozdormu dissera que viria. Eles precisavam dele desesperadamente. Com outro Aspecto, talvez fosse possível alcançar a vitória. Thrall olhava ao redor freneticamente, querendo acreditar que…

Uma mancha escura surgiu no céu crepuscular. Mais dragões do crepúsculo? Então Thrall percebeu que as escamas que via eram muito, muito mais claras do que as dos crepusculares. Muito mais claras do que as escamas de qualquer revoada.

— Lá! — gritou Thrall. — Os brônzeos! Eles vieram!

Os vermelhos, azuis e verdes também os avistaram, e uma onda de júbilo inundou suas gargantas. Com a revoada brônzea na luta, era possível mudar a maré. Quatro Aspectos — com certeza nem mesmo Cromatus era páreo para eles!

Os brônzeos se espalharam, unindo-se aos irmãos no ataque aos dragões do crepúsculo; Nozdormu mergulhou na direção dos outros Aspectos. Eles interromperam o ataque, recuando para encontrá-lo a meio caminho. Era uma bela visão: quatro Aspectos voando juntos, unidos em batalha.

Nozdormu disse, então, algo que Thrall não esperava ouvir:

— Recuar! — gritou ele. — Recuar! Sigam-me!

Thrall sentiu o coração afundar no peito como algo físico, e sabia que os outros Aspectos se sentiam da mesma maneira. Todos os olhos se voltaram para

a Mãe da Vida. Por um longo instante, ela pairou imóvel. Cromatus, então, tomou a decisão por ela. Certamente confuso pela interrupção abrupta, ele havia recuado e esperado que seguissem com o ataque. Quando não o fizeram, ele avançou, voando direta e decididamente com ímpeto mortal.

— Recuar! — gritou Alexstrasza com a voz partida.

— Recuar, recuar! — Ysera e Kalecgos ecoaram, ordenando que suas revoadas os seguissem.

Aqueles que podiam obedecer prontamente o fizeram. Outros, ainda presos em combate, seguiram quando puderam — os que puderam. Eles voaram com firmeza e agilidade, a toda velocidade, rumo ao Leste. Thrall, empoleirado nas costas fortes de Torastrasza, teve que se agarrar; voando rápido como estavam, a ventania ameaçava derrubá-lo.

Ele virou o pescoço e olhou por sobre os ombros. Cromatus ainda os seguia. O orc o viu escancarar a bocarra vermelha e cuspir uma labareda. Então, desistindo do ataque, o monstro guinou de volta para o templo. Alguns dragões do crepúsculo ainda os seguiam, mas logo esses, também, voltaram.

Por quê? Eles estavam vencendo; por que interromper o ataque?

Depois de alguns instantes de voo forçado, ao se certificarem de que não estavam sendo seguidos pela criatura quimérica, os Aspectos desaceleraram. Depois, pousaram sobre um pico coberto de neve com suas revoadas.

Alexstrasza dirigiu-se a Nozdormu. Aflição e raiva tomavam cada centímetro de sua forma rubra.

— Por quê? Por que você não se juntou a nós no ataque, Nozdormu? — gritou ela. — Nós podíamos ter…

— Não — respondeu o Atemporal com contundência e brutalidade. — Todos teríamos morrido se tivéssemos persistido no ataque.

— Como assim? — cuspiu Torastrasza. Thrall sentia a raiva contida em seu corpo. — Outra revoada inteira, além de você mesmo; quatro Aspectos! Como qualquer coisa poderia enfrentar isso?

Até mesmo Kalec, sempre tão calmo, parecia frustrado, irritado; a suave Ysera agitara-se. Thrall também estava confuso, mas confiava em Nozdormu. Os

outros também deviam confiar, se não o ataque não teria sido interrompido como fora.

— Aprendi muito em minhas viagens pelas linhas temporais — disse Nozdormu. — Pedi a este orc que avisasse que eu ainda estava em busca de respostas. Descobri pelo menos algumas. É impossível derrotar Cromatus sem que haja uma verdadeira união entre nós.

Os outros dragões trocaram olhares.

— Estamos trabalhando juntos como nunca — protestou Kalec. — As quatro revoadas estão unidas nisso! Você viu, nós trabalhamos cooperativamente, nenhum de nós busca glória!

— Talvez fosse isso que a visão estava tentando me dizer — disse a voz suave de Ysera. — Não podemos derrotá-lo apenas lutando juntos. Temos que lutar… juntos.

— Exatamente! — disse Nozdormu.

Os outros se resumiram a fitá-lo; Thrall sabia o que eles estavam pensando. Teriam Nozdormu e Ysera, também, sucumbido à loucura?

Nozdormu se agitou impacientemente:

— Nós somos Aspectos — disse ele. — Não somos simples dragões com habilidades diferentes e mais poderes. Nós fomos transformados quando os titãs nos concederam nossas habilidades. Não podemos derrotar esse monstro com algo tão simples quanto um ataque coordenado. Temos que pensar, agir e lutar como um só. Unidos. Compartilhar a essência do que realmente significa ser cada Aspecto.

— Acho que compreendo — disse Alexstrasza, franzindo levemente a testa. — Temos que nos unir. Combinar nossas habilidades, nosso conhecimento. É isso que está dizendo?

— Sim, é exatamente isso, Mãe da Vida! Você se lembra do que os titãs disseram ao partir?

— Cada um de vocês recebe uma dádiva; cada um de vocês recebe uma responsabilidade — disse Alexstrasza, abrindo os olhos. — Nós… éramos partes de um todo. Nunca devíamos ter nos separado.

— Nós… vamos perder nossas identidades? — perguntou Kalec com a voz velada.

Thrall sabia como a individualidade era importante para Kalec. Mais do que qualquer Aspecto, ele estava acostumado a ser apenas ele mesmo. Ser um Aspecto ainda era algo muito novo, e o pensamento de ter que se perder para sempre não lhe agradava em nada. Contudo, Thrall conhecia seu amigo; ele sabia que se tivesse que "morrer" como indivíduo para impedir Cromatus, Kalec não hesitaria em se sacrificar.

— Não — respondeu Nozdormu. — Não se fizermos adequadamente. Somos partes de um todo e, ao mesmo tempo, plenos. Esse é o grande mistério.

Subitamente, Alexstrasza fechou os olhos, derrotada pela dor.

— Então… é mesmo o nosso fim — disse ela, sua voz esfacelada.

— O quê? — disse Torastrasza. — Mãe da Vida, você sofreu e suportou muitas coisas. Por que desistir agora?

Kalec, então, também percebeu.

— Nós somos apenas quatro — observou ele. — Jamais seremos como deveríamos ser. Neltharion é Asa da Morte agora; não há Aspecto da Terra.

O silêncio era quase insuportável, mas ninguém conseguiu pensar em nada para dizer. Era uma verdade devastadora, mas a verdade. Não era possível nem mesmo tentar evocar um novo Aspecto, pois Asa da Morte ainda vivia.

E Cromatus era seu instrumento.

Thrall se curvou, quase entorpecido pela nova compreensão. Tudo o que lhes restava, portanto, era jogar suas vidas fora lutando contra Cromatus e falhar. O mundo e cada ser nele, salvo os dragões do crepúsculo, sucumbiriam. O culto triunfaria e Asa da Morte, ensandecido e maligno, sairia vitorioso, vivendo tempo suficiente apenas para ser empalado no pináculo do Templo do Repouso das Serpes. Thrall jamais retornaria a Aggra, jamais trabalharia com a Harmonia Telúrica para…

O orc piscou. Seria possível? Será que ele poderia…?

Seu vínculo com os elementos parecia ter apenas se fortalecido com a inesperada jornada que vivenciara. Sua nova conexão com o Espírito da Vida

parecia tornar tudo mais intenso. Saber da importância do momento fez com que ele se sentisse… sólido. Firme. Enquanto se lembrasse disso, nada tiraria seus pés do chão outra vez.

— Mãe da Vida — disse ele, a voz trêmula de esperança. — Eu… acho que tenho uma solução.

21



Os dragões o fitaram com uma expressão de cansaço e expectativa. Em resposta, o orc olhou para todos eles, um de cada vez.

— Pode não funcionar, mas acho que... acho que vale a pena tentar. Pode parecer... bom, só peço que confiem em mim.

— Meu amigo, é claro que confiamos — disse Kalec. — E espero de todo meu ser que você tenha uma alternativa para nós.

— Talvez... eu tenha. Temos quatro Aspectos reunidos, agora: a Mãe da Vida, a Sonhadora Desperta, o Detentor da Magia e o Guardião do Tempo. Só falta um... e, por acaso, o que está faltando é o Guardião da Terra. Eu sou xamã. Trabalho com os elementos. Não poderia fazer nada para ajudá-los se fosse outro de vocês que estivesse faltando. Não sou capaz de desempenhar o papel de nenhum de vocês.

"Mas não lhes faltam a Magia, o Manuseio do Tempo, o Poder da Vida, nem o conhecimento do Sonho da Criação. O que lhes falta é a Terra. E disso... eu entendo muito bem.

O orc esperava que os dragões não se aborrecessem com sua presunção. Ele,

um simples xamã, se oferecendo para ocupar o lugar de um Aspecto Dragônico.

Ysera se alegrou a olhos vistos. Nozdormu o inspecionou, interrogativo, e Alexstrasza olhou para Kalecgos demonstrando incerteza.

— Sabia que você seria importante — disse Ysera, feliz. — Só não sabia como.

— Por favor, não se ofenda, meu amigo — interveio Kalec, — mas... você não é sequer um dragão, quanto mais um Aspecto.

— Sei disso, mas passei anos trabalhando com os elementos. E aprendi muito ao longo da minha jornada — disse Thrall. Então, olhou para Nozdormu. — Você sabe que é verdade.

O Atemporal aquiesceu e disse:

— Você adquiriu bassstante autoconhecimento. O autoconhecimento acalma o essspírito, e não o deixa se inquietar. Podemos tentar, não nós fará mal algum.

— Mas como nos ajudará, Thrall? — perguntou Alexstrasza. — Não pode lutar ao nosso lado.

— Repito o que disse, Mãe da Vida, não se trata de ações individuais na batalha. Trata-se de combinarmos nossas essências. É óbvio que Thrall não pode atacar conosco. Mas é possível que seu essspírito possa nos oferecer tanto quanto um Assspecto. E digo-lhe em verdade que não há outra esperança. Nenhuma outra. Sozinhos, os Assspectos tombaríamos um por um, e seria o fim, primeiro das revoadas, depois de Azeroth. Eu... vi o fim.

Ysera também vira e contara a todos eles. O tom de Nozdormu era grave e causou um calafrio na espinha de Thrall.

No entanto, por mais estranho que fosse, Thrall não pensou duas vezes. Sentia em seu coração, de uma maneira que não saberia descrever, que fazia a coisa certa. Já parecia haver se passado eras desde que, por estar muito desconcentrado e disperso, fracassara em apaziguar os elementos junto da Harmonia Telúrica. Sabia, sem saber como, que agora possuía a paz e a firmeza para cumprir sua tarefa. Seu elo com o Espírito da Vida tornou mais fácil trabalhar com os elementos — e até mais prazeroso. A terra dava vida, nutria

sementes e raízes, das quais os animais, por sua vez, se alimentavam. Agora, o Espírito da Terra e o Espírito da Vida o acolheriam e confiariam nele para cerzir, conduzir e conter o Espírito da Terra, enquanto trabalhava com os quatro Aspectos Dragônicos. Thrall tinha humildade para reconhecer que a terra era imensa e seu espírito, grandioso. Somente assim poderia triunfar.

— Deixem-me ao menos tentar.

— Minha revoada fez algo que se pensava impossível — interveio Kalecgos. — Elegemos um novo Aspecto. Pelo que vi em Thrall, em Cromatus e na minha revoada, acredito que isso possa dar certo. Sou a favor de tentarmos.

— De acordo — fez Ysera. — Thrall ainda tem um papel a cumprir. As peças do quebra-cabeça ainda não se encaixaram perfeitamente na minha cabeça.

Alexstrasza fitou o orc com ternura e disse:

— Você me ajudou a abrir meu coração quando ele estava completamente estilhaçado. Se acha que pode fazer isso, então eu também estou mais que disposta a tentar. Mas, por favor... vamos logo!

— É um ritual antigo — explicou o xamã. Ele desmontou do dorso largo de Torastrasza. — Vou ser o mais breve possível. Seria possível vocês quatro assumirem formas humanoides?

Os dragões se transformaram rapidamente. Thrall contemplou os rostos élficos. Já havia visto três deles naquelas formas, mas não Nozdormu, cuja aparência era bem diferente. Os outros haviam optado por figuras belas e graciosas, alguns haviam mantido seus chifres, outros não. O Atemporal era diferente. Trajava vestes simples de linho branco, mantinha os chifres dourados e os olhos grandes e brilhantes, feito pedras preciosas. De seu corpo, escorria areia, suavemente. Embora possuísse as formas fortes e esguias de um elfo, tinha um rosto de coruja, sábio e calmo.

— Já participei de círculos parecidos — retomou Thrall, concentrando-se no ritual porvir, e não na aparência de Nozdormu, — mas nunca com membros tão poderosos.

— Confiamos em você — assegurou-lhe a Mãe da Vida, sorrindo.

Thrall sentiu-se profundamente comovido. Pensou em Aggra e sorriu para

si mesmo. Naquele instante, ela jamais poderia dizer que lhe faltava humildade no coração.

— Vou desenhar o círculo e convocar os elementos. Parece que nossa tarefa é nos abrirmos uns para os outros. Abrirmos nossos corações e mentes, tudo que faz com que sejamos quem somos e tudo o que faz de vocês Aspectos. Não é hora para segredos, nem para se resguardar. É uma honra ter sua confiança. Mas vocês também devem confiar em si mesmos e uns nos outros. Segure a mão de quem está ao seu lado para fortalecer o elo. Vocês estão prontos?

Eles trocaram olhares entre si e aquiesceram, seguindo as orientações do orc. Thrall respirou fundo, inspirando pelo nariz e soltando pela boca, deixando-se cair num estado de paz profunda. Ele se voltou para o leste, estabelecendo um elo com o elemento do ar.

— Leste abençoado — disse Thrall, num tom firme e forte. — Onde o sol nasce e tudo recomeça. Abrigo do Ar, que inspira e governa a mente e o pensamente. É uma honra...

— *Eles estão vindo*!

O grito angustiado cortou o ar. Thrall abriu os olhos, sua concentração desfeita. Evidentemente, ele também ouvira o bater das asas. Centenas de dragões do crepúsculo vinham buscar sua revanche. E, desta vez, venceriam. Enfraquecidos como estavam os Aspectos, uma vez que Cromatus entrasse na luta, não haveria nada que pudessem fazer para detê-lo.

Thrall sentiu o gosto amargo do desespero. Estava tão convencido de que aquilo funcionaria... tão esperançoso. E estavam tão perto de conseguir. Mas não havia tempo para concluir o ritual.

Uma ideia atravessou sua mente.

Há tempo, lembrou-se ele.

Então, várias imagens se desenharam em sua mente: o nascer do sol, forte e generoso. A alegria das novas ideias, das conversas animadas, descobertas, conquistas e novas empreitadas.

Para sua surpresa, viu que os Aspectos trocavam olhares e sorriam uns para os outros, e percebeu que, de alguma forma, eles também enxergavam aquelas

imagens por meio dele.

Tudo isso transcorreu num piscar de olhos.

Agora, as imagens em sua mente eram de fogueiras e acampamentos, o clima quente da Selva do Espinhaço, as terras abrasadoras de Durotar. Aquele era o Fogo, que dava a todos os seres vivos a paixão para alcançar seus sonhos e objetivos, e cujo lar ficava ao sul.

Thrall ouvia o som abafado da luta dos dragões ao seu redor: gritos de fúria, urros de dor. Sentia cheiro de carne queimada. Mantinha os olhos cerrados. Dentro de pouco tempo, poderiam ajudar na batalha.

Dentro de pouco tempo...

Então, vieram as imagens do Oeste: o reino do Espírito da Água, os oceanos, lágrimas do coração, neste lugar de emoções profundas.

E, por fim, o norte, reino da Terra. Thrall viu montanhas, cavernas e o manto plácido do inverno sobre tudo.

Na ciranda das imagens que compartilhavam em sua visão, não estavam mais sentados numa pedra fria, no topo de uma montanha, no teto do mundo. O orc viu cada um dos Aspectos de mãos dadas, e sua aparência era diferente da que possuíam agora e diferente de suas formas dragônicas.

Thrall pôde ver *quem* eles realmente eram, e a beleza que possuíam era transcendental.

A gentil Ysera era uma bruma reluzente e verde, a essência da criação, dinâmica e pulsante. *Você está ligada ao sonho desperto da criação. A natureza é o seu reino e todas as coisas vislumbram o Sonho Esmeralda ao dormirem. Você vê todas as coisas, Ysera. E elas veem você, embora não saibam. Assim como a Mãe da Vida, você toca todos os seres vivos e canta-lhes as canções da criação e das interconexões.*

Os Aspectos estremeceram e Thrall compreendeu que, de alguma forma, estavam ouvindo o que os titãs disseram a Ysera, havia muito tempo, no momento em que ela recebeu seus poderes. A voz na sua cabeça foi sumindo, mas a sensação sublime que causara permaneceu.

O nobre Kalec era uma rocha de gelo, tão linda quanto uma pedra preciosa,

uma gema na qual reluzia a quintessência da magia arcana, da magia dos feitiços, das runas e até da nascente do sol, a magia do pensamento, da apreciação e da conexão.

Você aprenderá que seu dom é não só um dever importantíssimo, mas também um grande prazer! A magia deve ser regulada, administrada e controlada. Mas também deve ser apreciada e valorizada, e não acumulada. Eis a contradição que enfrentará. Que você seja zeloso... e alegre.

A batalha seguia em frente. Thrall sentia o coração doer, mas ignorava os clamores, ignorava o desejo de bradar seu grito de guerra e se juntar à luta. Haveria tempo para isso quando...

Tempo...

As areias do tempo se moviam para cima e para baixo, para todas as direções: passado, futuro e o instante presente.

Você será incumbido da grande tarefa de manter a pureza do tempo. Saiba que há apenas uma linha do tempo verdadeira, embora alguns queiram fazer parecer o contrário. Você deve protegê-la. Não é possível sequer imaginar tudo o que será perdido, se a verdade do tempo não fluir conforme o esperado. O tecido da realidade será desfeito. É uma tarefa difícil, é a base de todas as coisas do mundo, pois nada pode transcorrer, se não houver o tempo.

E Alexstrasza...

Thrall gostava dela. Como não gostar daquela energia suave e pura, a essência do coração? Ela era o braseiro numa noite fria, a vida contida numa semente, num ovo e em todas as coisas belas que se espalham pelo mundo. Não era surpresa alguma que todas as revoadas de todas as cores a adorassem, nem que tivesse sido a última coisa em que Korialstrasz pensou antes de levar a cabo tamanha destruição, para que outras coisas pudessem ser preservadas.

Eis a minha dádiva: compaixão por todos os seres vivos. A vontade de protegê-los e nutri-los. A habilidade para curar aquilo que ninguém pode curar, dar à luz aquilo que ninguém pode dar e amar aquilo que não pode ser amado, e que, por isso mesmo, precisa do amor mais do que todas as outras almas.

E o orc...

Thrall se sentiu como se possuísse raízes sólidas e uma sabedoria profunda. Sabia que aquele conhecimento não era dele, mas da Terra, onde se embrenhavam as raízes dos ancientes, onde os ossos se tornavam pedras. Ele se sentiu maior do que nunca, abrigando todo o mundo dentro de si.

A bênção que lhe darei parecerá humilde comparada às bênçãos concedidas aos outros: a manutenção do tempo, da vida, dos sonhos e da magia. Ofereço-lhe a terra. O solo, o chão, os recônditos profundos. Mas saiba que a terra é a base de todas as coisas. É onde estão nossas raízes. É de onde viemos e para onde vamos. É de onde vem a verdadeira força. Dos recônditos profundos... do mundo e de si próprio.

Aquela bênção não fora concedida ao orc, originalmente. Mas agora fora. Após vários milênios, os poderes dos cinco Aspectos se reuniam novamente. Foi então que tudo aconteceu.

As imagens que os Aspectos e Thrall haviam assumido no reino espiritual explodiram. Mas não foi uma explosão violenta. Era como se não coubesse mais alegria em nenhuma forma ou estrutura. Como fogos de artifício, a essência de cada Aspecto voou pelos ares.

As essências se encontraram, os tons de bronze, verde, azul, vermelho e preto se entremearam, entrelaçando as cores, como fios num tear.

... Para desfazer parte da peça, basta puxar um fio solto.

Não, pensou Thrall ao se lembrar das palavras que Medivh lhe dissera, quando viajou no tempo. Não podia ser uma tecelagem. Os fios podem ser puxados ou partidos. As essências não deviam se entrelaçar, tinham que se *fundir*...

O orc visualizou sua cor, um tom puro e reconfortante de preto, se mesclando às plumas dançantes dos outros Aspectos. Então, todos compreenderam e baixaram a guarda. As cores começaram a se misturar, se transformando num tom uniforme de...

— *Lá vem ele*!

O grito dos vigias interrompeu o fluxo. Thrall se esforçou para se manter no espaço sagrado e se desprender do exterior, mas a situação era urgente. Antes

que pudesse abrir os olhos, os quatro Aspectos já haviam voltado às suas formas verdadeiras e se lançado aos ares. Por um instante, enquanto os dragões ascendiam ao céu, batendo as asas com ferocidade, o orc achou que seria deixado para trás. Então, foi agarrado por garras gigantescas. Torceu o pescoço e se deparou com Tique, que, logo depois, colocou o orc sobre seu dorso.

Enquanto isso, o dragão cromático avançava a toda contra seus adversários.

— Acharam mesmo que não viríamos acabar com vocês?

A voz não pertencia a Cromatus. Thrall espremeu os olhos, tentando ver na escuridão da noite, e avistou uma pequena figura sobre o gigantesco dragão.

Devia ser o Patriarca do Crepúsculo.

Os poucos cultistas que sobraram, depois de Torastrasza devastar seu exército, também estavam montados nos outros dragões. Empunhavam armas que reluziam à luz da lua e, certamente, alguns dentre eles conheciam feitiços que os tornariam adversários ainda mais perigosos à distância. Aquele seria o confronto final e o Patriarca estava disposto a sacrificar o que fosse necessário para conquistar a vitória.

Thrall gastou minutos preciosos para conseguir se focar no presente instante. Ele não tinha como saber se a cerimônia que conduzira alcançara seu objetivo. Queria ter tido mais tempo para que os Aspectos se fundissem e se integrassem, para que adentrassem plenamente aquele novo jeito de ser, antes de voltar sua atenção para Cromatus e o culto. Mas, conforme aprendera, remoer aqueles pensamentos o atrapalharia a se focar no presente. Fizera o possível no tempo que tinha, e isto trazia paz à sua alma.

Pelo que podia ver, os Aspectos haviam se restabelecido mais rápido do que ele, apesar de nunca terem participado daquele tipo de ritual. Thrall esperava que o motivo disso fosse por terem desempenhado todos os passos corretamente. Os Aspectos avançavam velozes e com propósitos nefastos contra Cromatus, que pairava no ar, batendo suas estranhas asas e escancarando as bocas de todas as suas cinco cabeças. Fogo, gelo, um feixe esverdeado, areia e uma nuvem negra se lançaram sobre os Aspectos simultaneamente. A força dos feitiços lançou os quatro dragões para trás.

— Não! — gritou Thrall, mas antes que o urro irrompesse de seus lábios, os Aspectos já haviam se recuperado. Resistiram ao impacto e, com movimentos graciosos e sincronizados, renovaram o ataque.

O orc demorou para notar que estava os enxergando mais claramente do que o normal. Então, percebeu que, embora as cores permanecessem idênticas, os contornos dos dragões irradiavam uma luz dourada e pulsante. De alguma forma, seus movimentos transmitiam... calma. Eram precisos, sim, mas não urgentes. Perseguiam o mesmo propósito com um senso de unidade absoluta, e não como quatro indivíduos.

Cromatus também pareceu notar isso. Subitamente, ergueu-se no ar e ficou voando em círculos.

— Então — proferiu a cabeça negra —, pretendem se unir para me vencer. Sinto que há uma nova unidade entre vocês. Saibam que isso não será o bastante. É admirável... mas vocês jamais serão plenos! Está lhes faltando alguém, ou vocês se esqueceram? Asa da Morte é meu chefe e ele os destruirá a todos!

Falava alto, num tom aterrorizante. Embora Thrall quisesse ajudar seus amigos na batalha final, não conseguia tirar os olhos do espetáculo. De repente, ele se deu conta de que isso estava acontecendo porque ele também fazia parte daquilo. Era por isso que estava tendo dificuldades de voltar a si: porque parte dele ainda estava ligada aos Aspectos Dragônicos.

Não precisavam de Asa da Morte para o ritual. E apesar das provocações de Cromatus, também não precisariam de Asa da Morte para vencê-lo. Já possuíam a Terra. Já possuíam Thrall e, naquele instante, o Espírito da Vida lhe dera forças para cerzir um poder enorme e profundo, que outrora pertencera aos próprios titãs.

Assim como havia trocado sua armadura por um manto, de modo a lutar outro tipo de batalha — a batalha para apaziguar e curar a terra —, Thrall trocara seu poder de ajudar enquanto indivíduo por algo bem maior. Ele não era e jamais seria um Aspecto. Mas era ele que os unia e lhes dava forças para seguir adiante.

Tique não questionou a ociosidade repentina de Thrall, mas não parou de

lutar por causa disso. Lançou um feitiço que congelou vários dragões do crepúsculo. Para aqueles infelizes, o próprio tempo havia parado. Tique mergulhava e atacava, usando suas garras como lâminas e sua cauda como um açoite. Thrall observava tudo, mas estava concentrado em ajudar os Aspectos a manter sua recém-descoberta união.

De repente, tornou-se difícil manter a concentração. Por quê? Estava tão concentrado agora há pouco. Seus pensamentos se tornavam esquivos e confusos. Então, foi tomado pelo medo. Ele era a âncora que ajudava a... o quê?

Nervoso, Thrall arranhou o próprio braço, usando a dor para se concentrar. Seus pensamentos estavam deturpados, mutilados. Ergueu os olhos e avistou a figura montada em Cromatus estendendo o braço na sua direção. A figura estava em tons de roxo e azul, e uma sombra ondulante pairava sobre ela. Thrall afundou as unhas no próprio braço e grunhiu, tentando se concentrar à força.

Cromatus balançou suas cabeças horrendas. A luz arroxeada que irradiava dos seus dez olhos era um simulacro nefasto da luz que envolvia os Aspectos, que voavam e faziam acrobacias em volta do gigantesco dragão. A iluminação roxa destacava seus traços deformados e mórbidos. Quando ele se aproximou e abriu suas bocas, Thrall sentiu como se estivesse lutando contra algo tão sombrio e maligno quanto a própria Legião Ardente.

Enquanto antes as cinco cabeças daquela monstruosidade atacavam separadamente, agora agiam em uníssono. Inclinavam-se para trás, respiravam profundamente e, então, escancaravam as bocarras para atacar. Desta vez, as chamas que a criatura cuspiu não foram de cinco cores diferentes, mas de um tom violeta escuro que atacou a luz dourada. Alguns dos Aspectos urraram de dor, e Thrall pôde ver Kalecgos e Ysera vacilarem por um instante. Suas cores escureceram e sua luz enfraqueceu, mas logo reacendeu com um brilho intenso.

Os Aspectos mergulharam com movimentos elegantes e coordenados, escancararam as mandíbulas colossais e cuspiram um fogo branco. Não era o tom suave de lavanda da magia arcana, nem se parecia com nenhum feitiço conhecido por Thrall. Era um sopro em forma de fogo com o tom mais puro de branco que o orc já vira. Todos almejaram o mesmo lugar: o peito de Cromatus,

que ele deixara exposto ao inclinar as cinco cabeças para um segundo ataque.

Thrall teve que proteger os olhos do clarão. Quatro feixes de luz branca irromperam dos Aspectos e atingiram Cromatus, lançando-o pelos ares. O enorme dragão urrava de dor. Ele demorou a recuperar o controle do voo, batendo as asas desajeitadamente para se estabilizar no ar. As cabeças, não mais agindo em perfeita harmonia, mas de forma caótica e brusca, cuspiram novamente seu fogo negro, mas erraram o alvo de longe. O dragão se esforçou para reassumir as rédeas da batalha, mas tudo que conseguiu fazer foi expor seu peito já ferido. Mais uma vez, os Aspectos, em perfeita união, cuspiram aquela estranha chama contra o coração do dragão cromático.

Ele se retraiu, convulsivo, com as cabeças se contorcendo e proferindo maldições.

— Eu sou invencível! — gritou a cabeça azul, logo depois pendendo inerte, com os olhos fechados.

— Conheço todos os seus segredos — alertou a vermelha, antes que em seus olhos cessasse o brilho da vida.

A cabeça negra, por sua vez, proferiu, ainda mais aterrorizante:

— Precisou de todos vocês para me destruir! Acham que será fácil vencer Asa da Morte? Ele vai devastar este mundo e esmagar vocês! E eu estarei lá com...

Houve um espasmo derradeiro, um estertor rouco assomou da cabeça negra e, então, Cromatus caiu.

O Patriarca do Crepúsculo se agarrou a Cromatus, que despencava rumo ao chão. O medo entorpecia sua mente. Ele mal tinha condições de lançar um feitiço protetor. Instantes atrás, quando o primeiro sopro de fogo ferira Cromatus, a cabeça do Patriarca se enchera de perguntas. O que acontecera com Aspectos? Onde obtiveram aquela nova habilidade? Que habilidade era aquela? Como podiam ter derrotado Cromatus? Ele era invencível!

Todas essas questões desapareceram diante do terror de estar agarrado a um dragão morto e prestes a se espatifar entre rochas pontiagudas e neve.

Fechou os olhos. O corpo imenso caiu num baque surdo e o Patriarca do

Crepúsculo rolou até um monte de neve. Trêmulo, ergueu-se com custo, sentindo-se grato por ter sobrevivido e aterrorizado pelas consequências de seu fracasso. Tocou Cromatus, tentando sentir algum sinal de vida.

Não havia nenhum. No entanto... o dragão não estava morto, nem morto-vivo. Não respirava, não se movia, o coração não batia, mas não havia ali o vazio de uma carcaça. Estava num estado de transição. Faltava-lhe a centelha da vida, mas ainda era possível reanimar seu corpo, de alguma forma. Se Cromatus tivesse sido destruído de fato, o Patriarca do Crepúsculo também teria morrido. Teria sido uma morte doce e indolor comparada ao que Asa da Morte lhe faria — e talvez ainda fizesse.

Suas roupas estavam encharcadas e grudavam-lhe no corpo, ameaçando uma morte terrível por hipotermia. Abriu caminho em meio à neve e às rochas, cruzou o cadáver do dragão e chegou a uma saliência. O pequeno orbe que usava para se comunicar com Asa da Morte estava intacto. Seria necessário mais do que uma simples queda para danificar aquele artefato. Com os dedos entorpecidos, tirou o orbe de uma bolsa pendurada na cintura e o fitou por alguns instantes. Cogitou fugir... mas como? Estava sozinho, no meio do nada, com dragões vermelhos, verdes, brônzeos e azuis até onde a vista alcançava — isso para não falar nos quatro Aspectos que, de alguma forma, haviam ficado mais poderosos ainda.

Não. Asa da Morte havia investido muito tempo e esforço para erguer o Patriarca do Crepúsculo. Não podia destruir tudo levianamente. Cromatus não estava vivo, mas também não estava morto. Isto lhe bastaria.

Agachado sob o abrigo patético, o Patriarca do Crepúsculo depositou o orbe na neve e se ajoelhou diante dele, tremendo de frio. O interior do globo ficou preto feito nanquim, exceto pelo brilho alaranjado de um olho. Logo depois, ele se abriu no meio. Uma fumaça espessa e escura se ergueu, preenchendo espaço apertado do abrigo. A figura monstruosa do dragão negro estava calma, mas isso não reduzia o terror que inspirava.

— Eles não foram destruídos — disse Asa da Morte, sem preâmbulos. — Se tivessem sido, eu teria sentido.

— Eu sei, meu me... mestre — gaguejou o Patriarca do Crepúsculo. — Eles ficaram... mais fortes e de... de... derrotaram nosso campeão. Ele jaz sem vida, mas não está morto.

Fez-se um silêncio longo e terrível.

— Ou seja, foi uma derrota abissal.

Aquelas palavras frias foram pior do que um grito enfurecido. O Patriarca se encolheu e disse:

— Não, Cromatus jamais morrerá! Ele foi derrotado, mas somente por ora.

Então, ouviu o som das asas sobre si e olhou para cima. Os olhos arregalados, encolheu-se em seu precário abrigo.

— Meu senhor, eu darei seguimento aos seus desígnios para este mundo. Mas não poderei fazê-lo por muito tempo. Eles estão a minha procura e... parece que a revoada do crepúsculo está f... fugindo... — Ele tentou, mas não conseguiu dissimular o pânico na voz.

— Estou muito desapontado com você — resmungou Asa da Morte. — Tínhamos a vitória em mãos. No entanto, os Aspectos vivem; Cromatus está... machucado e o culto sofreu um grande golpe. Por que motivo eu não lhe entregaria aos meus inimigos?

— Eu... sei de muitas coisas que podem lhe ser úteis! — gritou o homem, agarrando o orbe como se agarrasse a mão de seu mestre. — Tenho aliados que confiam em mim, você sabe disso. Deixe-me ir até eles. Eu os levarei a você. O culto está pelo mundo todo. Ainda que as revoadas dragônicas o destruam aqui, ele não será destruído por inteiro! Pense no tempo que perderia procurando alguém para me substituir!

— Os humanos são patéticos, gananciosos e fáceis de manipular — rugiu o dragão. — Mas você tem razão. Já perdemos tempo demais. Não quero mais transtornos. Venha. Entregue-se à fumaça — fez o dragão, deixando sua imagem, formada pela fumaça escura e aveludada do orbe, se dissolver. Tentáculos de sombra acariciaram o Patriarca do Crepúsculo, fazendo-o estremecer. — O portal o levará para casa. Lá, poderá continuar a trair a confiança daqueles que honram seu nome, e a trabalhar para mim quando for requisitado.

O Patriarca do Crepúsculo jogou fora seu capuz e adentrou a fumaça mágica, trajando suas tradicionais vestes sacerdotais.

— Muito obrigado, meu senhor — sussurrou o arcebispo Benedictus. — Muito obrigado!

22



Eles se postavam no nível mais alto do Templo do Repouso da Serpe enquanto a aurora chegava: quatro Aspectos e um orc. Todos cansados, mas triunfantes. As horas passadas entre a queda de Cromatus e aquele instante tinham sido repletas das terríveis necessidades que acompanham o final de uma batalha: contar e identificar os mortos, curar os feridos e procurar possíveis retardatários.

Muitos — até demais — tombaram com cada ataque, e a tarefa solene de coletar e dar destino aos cadáveres começaria quando o sol aparecesse sobre o horizonte. No momento, tinham feito tudo o que havia para ser feito.

Eles não tinham encontrado o Patriarca do Crepúsculo entre os cultistas mortos — embora Thrall observasse que havia muitos corpos calcinados, alguns deles de humanos machos. Kirygosa sacudira a cabeça negra e azul.

— Não — disse ela. — Eu o reconheceria. Eu o reconheceria em qualquer parte.

Kalecgos a encarara com uma expressão preocupada. Apenas o tempo diria se Kirygosa iria se recuperar dos meses de tormento. Mas ela retornara para sua

revoada e era bem quista no coração da Mãe da Vida. Thrall suspeitava que ela ficaria bem.

Os únicos dragões do crepúsculo que tinham encontrado eram cadáveres. O resto fugira, amedrontados e sem um líder. E Cromatus...

Preocupados com a possibilidade de algum outro poder sombrio tentar reviver Cromatus, os dragões tinham tentado destruir o cadáver.

Eles não conseguiram. Algum feitiço poderoso, provavelmente entretecido na união sombria de magia e tecnologia que animara Cromatus, protegia o cadáver das tentativas de obliterá-lo.

— Então ele deve ser vigiado até que possamos encontrar uma maneira de destruí-lo completamente — dissera Alexstrasza. — Representantes de nossas revoadas o vigiarão. Ele não está morto... mas se ficar sem a chama de vida, não prejudicará ninguém outra vez.

— Durante a Guerra do Nexus, Malygos criou prisões arcanas — respondera Kalecgos. — Nós sabemos como elas funcionavam. Podemos construir uma grande e forte o suficiente para segurá-lo.

Agora cinco vultos se postavam ali, quatro dragões e um orc, encarando o leste.

— Logo nos separaremos — disse Nozdormu, sereno. — Mas nunca estaremos separados de verdade. Nunca mais. — ele ergueu a cabeça para encarar os outros. — Thrall… eu falei a você sobre o que descobri.

Thrall aquiesceu e escutou enquanto Nozdormu compartilhava com os outros Aspectos a notícia sinistra que ele lhe transmitira antes.

— Thrall me encontrou porque eu essstava tentando encontrar a ressposssta de uma quessstão. Vocêsss sssabem que eu obtive conhecimento sobre a hora e a maneira de minha morte. Embora eu nunca fosssse sssubverter o que ssei ssser verdadeiro e certo — em minhasss viagensss, em uma linha do tempo —, eu me tornei líder da revoada infinita.

Eles o encararam, horrorizados. Por um bom tempo ninguém conseguiu sequer reunir coragem para falar. Então Alexstrasza disse, bem gentilmente:

— Você disse "uma linha do tempo". É a verdadeira, meu velho amigo?

— Eu não sei — disse ele. — Eu procurava descobrir isso mesmo. Descobrir... descobrir uma maneira de evitar me tornar algo tão contrário àquilo em que acredito. E foi nessa missão que eu descobri aquilo que pedi a Thrall que compartilhasse com vocês: que todo o sofrimento com que tivemos que lidar... a loucura de Malygos e Asa da Morte, o Sonho Esmeralda transformado em pesadelo, o Culto do Crepúsculo... tudo. Tudo está interligado. Isso eu compartilhei com Thrall. E o motivo de eu ter demorado para vir ajudar vocês é que eu estava seguindo outra pista. Eu descobri quem está por trás dessa conspiração vasta e medonha.

Seus olhos brilharam com raiva justa à luz da aurora.

— São... messsmo agora eu mal consigo falar. São... — sua voz poderosa tornou-se um sussurro — os Deuses Antigos!

Os três outros poderosos Aspectos Dragônicos lhe fitaram, e seus olhos expressavam choque e preocupação. Ao ver aquelas expressões, o coração do próprio Thrall acelerou de apreensão. Ele sabia alguma coisa sobre esses personagens antigos e malignos. Dois deles espreitavam em Ulduar e Ahn'Qiraj.

— Eu ouvi falar desse seres — disse Thrall —, mas vocês certamente sabem mais a respeito.

Por um momento ninguém falou, como se falar deles pudesse fazer com que aparecessem. Então:

— Você ouviu antigas histórias, Thrall — disse Alexstrasza, parecendo menos vibrante. — Histórias de sussurros malignos na mente, que persuadem os indivíduos a fazerem coisas sombrias e terríveis. Sussurros sutis que se parecem com nossos próprios pensamentos.

E Thrall percebeu que tinha ouvido.

— Os taurens dizem que a primeira vez que o mal deixou sua marca neles foi quando ouviram a atenderam a sussurros sombrios.

Ysera aquiesceu, parecendo triste.

— Os sussurros penetraram até mesmo no Sonho Esmeralda — disse ela.

— Até mesmo — disse Kalecgos — na mente de Asa da Morte, quando ele ainda era Neltharion, o Guardião da Terra. Foram os Deuses Antigos que o

deixaram louco, Thrall. Que enlouqueceram *todos* os dragões negros.

— Eles sssão antigos, mais antigosss até que nósss — disse Nozdormu. — Elesss já estavam aqui antes dos titãs chegarem, e teriam dessstruído este mundo se nossos crriadoresss não tivessem intervindo. Houve uma batalha como este mundo jamaisss tinha visto. Elesss foram aprisionados, essscondidos nos cantos escuros do mundo, dormindo um sssono encantado.

— Apenas seus susssurros chegavam até nós — disse Alexstrasza. — Pelo menos... até bem recentemente. — Ela ergueu os olhos atônitos para Nozdormu. — Então são eles quem estão por trás de tudo? A corrupção de Neltharion sim, nós já sabíamos, e pelo menos uma fratura na linha do tempo... mas tudo? Por tantos milênios?

— Com que propósito? — perguntou Kalecgos.

— Eles precisam de um? — replicou Ysera. — Quem sabe como os Deuses Antigos pensam, ou sonham? Eles são maus, mesmo dormindo, e o mal emana deles.

— O que sssabemos é que todos esses acontecimentos sssinistros foram causados por eles. Elesss agem assim por ódio, ou há algum plano maior? Talvez jamais saibamosss. Só precisamos sssaber que aconteceram, e que tiveram terríveis consequênciasss.

Ele lançou um olhar intenso ao redor.

— Pensssem em como essses eventos nosss feriram. Nos sssepararam. Fizeram com que dessconfiassémos uns dos outrosss. Lembrem-se do quão rapidamente nosss voltamos contra Korialstrasz, quando ele apenas agia heroicamente, se sssacrificando. Messsmo você teve dúvidas, minha cara — disse ele para Alexstrasza, que abaixou a cabeça rubra.

— Creio que até messsmo o fato de eu me tornar o líder da revoada infinita, se issso tiver que acontecer, pode ssser coisa delesss. Mas hoje... nós aprendemos. Nósss, tão velhosss, parecendo tão sábiosss. — Ele deu uma risada curta. — Descobrimos que precisamossss trabalhar juntos para podermos aguentar o que essstá por vir. — Ele se voltou para Ysera. — Conseguiremos de outra forma?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Sem a união que encontramos... sem a união que temos que continuar a buscar, de novo e de novo e de novo... jamais conseguiremos aguentar a Hora do Crepúsculo e... e a visão que eu tive.

— Eu pensei que esta fosse a Hora... — disse Thrall, confuso.

Ela sacudiu a cabeça novamente.

— Claro que não foi — disse ela, como se ele fosse um simplório.

O único conforto de Thrall foi que os outros dragões pareciam tão confusos como ele. Ysera era poderosa e benevolente, mas realmente existia um pouco à parte das outras criaturas.

— Você nos ajudou, como eu vi que faria — continuou o Aspecto verde. — Eu não sabia direito como... mas você ajudou. O mosaico já não é apenas um monte de pedrinhas coloridas. Agora ele começa a tomar forma. As visões e sonhos que eu venho tendo... eles irão se manifestar. Foi preciso alguém que não fosse um de nós para nos unir. E por estarmos juntos... quando a Hora verdadeira chegar... nós não falharemos.

— Eu vim aqui esperando encontrar união entre as revoadas — disse Alexstrasza. — E depois de tanta dor e perda e luta... isso aconteceu, de um jeito que eu jamais imaginaria. Os meus vermelhos sempre o receberão bem, Thrall, filho de Durotan e Draka. Aceite isto como símbolo deste juramento.

Delicadamente ela passou a garra dianteira na altura do coração. Uma pequena escama caiu, brilhando rubra. Thrall a apanhou e a pôs respeitosamente na bolsa — a mesma que guardara a esfera de um anciente e ainda guardava o colar dado a ele por uma jovem humana.

— Assim como meus dragões brônzeos, amigo das linhas do tempo — disse Nozdormu.

Também ele presenteou Thrall com uma preciosa escama faiscante.

— O Sonho Esmeralda não é o seu reino, xamã, mas saiba que de tempos em tempos eu lhe mandarei sonhos curativos. Você também terá minha escama. Eu agradeço de todo coração por acatar meu pedido — disse Ysera.

Kalec abaixou a grande cabeça, e aos primeiros indícios da luz tépida e rosada da manhã, Thrall teve certeza de ter visto uma única lágrima brilhando

nos olhos coruscantes do Aspecto azul enquanto ele também oferecia uma escama do lado esquerdo do peito.

— Sem exagero algum, você salvou a revoada azul. Tudo o que você pedir de mim, você terá.

Thrall mal cabia em si. Ele demorou um pouco a falar, lutando por manter-se composto.

— Eu fico muito grato por receber uma escama de cada revoada, mas de fato, tudo o que peço é a sua amizade — disse. — E... — Ele sorriu um pouco. — Um modo de retornar à minha amada.

Thrall pensou que estava se acostumando a viajar de dragão. Particularmente aquele dragão. Ele e Tique tinham acabado ficando amigos ao longo das últimas semanas e viagem e luta, e Thrall sabia que sentiria a falta dela. Thrall ficara curioso quando Tique se oferecera para levá-lo de volta, considerando que a viagem dos continentes até a Voragem seria muito longa para um dragão comum. Tique apenas rira.

— Nós temos a habilidade de desacelerar ou acelerar o tempo, lembra? — disse ela. — Eu vou acelerar o tempo para nós, e vamos viajar muito mais rápido e mais longe.

Thrall mais uma vez se via atônito e humilhado pelas habilidades especiais de "meros" dragões. E assim foi: depois do que pareceram apenas alguns instantes, eles estavam sobrevoando a Voragem. Thrall sentiu o dragão brônzeo inalando forte ao contemplar o turbilhão enfurecido.

— Então foi por aqui que Asa da Morte entrou em nosso mundo — murmurou Tique. — Não admira que o mundo ainda esteja em tamanha agonia.

— Você parece um dos meus amigos taurens lamentando pela Mãe Terra.

A grande criatura virou o pescoço para encarar Thrall mais de perto.

— Quem pode dizer que estão errados?

Thrall riu.

— Eu, não — disse ele. — Eu, nunca.

Havia um ponto de aparência estável a alguma distância do agrupamento

principal. Com cuidado, lembrando-se de que a Terra estava zangada, Tique pousou suavemente. Thrall deslizou do pescoço do dragão brônzeo e a encarou por um longo momento.

— Você conquistou a gratidão de nossas revoadas — disse Tique, séria. — Você tem as escamas. Use-as se precisar de nossa ajuda, e você a terá. Eu só espero que esta Azeroth ferida possa se beneficiar tanto quanto nós de seus cuidados e sua determinação.

— Você me deixa sem jeito, amiga. Eu fiz o que eu pude.

Uma expressão irônica e divertida passou pelo rosto escamoso.

— Você se surpreenderia com quão pouca gente tenta sequer fazer isso. Você está em casa, Thrall. Eu devo retornar. A Hora do Crepúsculo ainda virá, e eu devo estar ao lado do meu senhor, Nozdormu, quando ela chegar. Obrigada novamente... por nos ajudar a nos encontrarmos mutuamente.

Ela desceu a cabeça a apenas alguns centímetros do chão em uma profunda mesura para Thrall. Ele sentiu o rosto corar e acenou. Então observou enquanto Tique se aprumava e saltava para o céu. Apertando os olhos contra a claridade do sol, Thrall observou enquanto o vulto do poderoso dragão diminuía até o tamanho de um pássaro, depois de um inseto, e então desaparecia.

Então, agora solitário, ele fechou os olhos e enviou um sussurro ao vento, chamando uma mantícora até ele. Thrall deu tapinhas no pescoço da criatura quando ela chegou, então montou nela e partiu para o acampamento.

Os guardas o viram, e quando Thrall chegou ao acampamento da Harmonia Telúrica, muitos xamãs já se haviam reunido ali.

— Bem-vindo de volta — ribombou Muln Fúria da Terra, avançando e agarrando Thrall pelos ombros. — Faz tempo que você se foi, mas finalmente retornou para nós.

Thrall sorriu para o tauren.

— Há lições que demoramos a aprender — disse ele, calmo. — Creio que você notará que eu aquietei meus... demônios, e retorno portando conhecimentos e informações que ajudarão nosso trabalho e nosso mundo.

— Fico ainda mais feliz de ouvir isso — respondeu Muln. — Não somente pelos benefícios que isso trará a nós, mas porque... eu posso sentir em você, meu amigo. Você parece... — ele inclinou a cabeça de lado, procurando as palavras certas. — Ajustado. Mais calmo.

Thrall aquiesceu.

— Eu de fato estou.

— Você voltou!

Era Nobambo, que se aproximou e apertou o ombro de Thrall com afeto. O Degredado sorriu, e seu rosto desengonçado parecia brilhar de felicidade.

— Bem-vindo de volta — disse Nobambo. — Eu ouvi parte do que você disse a Muln. E fico muito feliz de ouvir isso. Você está com fome? Sua jornada deve ter sido árdua, e temos carne assando agora mesmo.

— Obrigado a todos — disse Thrall. — É bom ver todos vocês, mas preciso ver alguém. Com licença, eu preciso encontrá-la.

Ele se curvou para os colegas.

Aggra não estava ali. Se estivesse, teria ido ao encontro dele. Ele suspeitava que sabia onde ela estava.

Havia um pequeno aclive que parecia menos prejudicado que o resto da área. Várias plantas cresciam ali, sobrevivendo em meio à aridez. Aggra costumava ir ali para colher ervas e, como Thrall sabia, simplesmente ficar sentada meditando.

Ela estava lá, sentada calmamente no aclive, de pernas cruzadas e olhos fechados.

Por um instante Thrall permitiu-se ficar olhando sem ser visto. Por muito tempo ele sonhara com aquele momento: retornar àquela orquisa impressionante, inspiradora, que enchia seu coração e alma com um amor tão brilhante que ele mal conseguia conter. Aquele era o rosto — castanho, de ossos fortes e presas — que impedira que ele se rendesse ao frio. Aquele era o corpo, forte, sinuoso e poderoso, que ele queria estreitar nos braços pelo resto dos seus dias. O riso dela era a música do universo para ele. Seu sorriso era o sol, as luas e as estrelas.

— Aggra — disse ele, e sua voz se embargou. Ele não sentiu vergonha.

Ela abriu os olhos e eles se estreitaram quando ela sorriu.

— Você voltou — disse serena, embora houvesse alegria nas palavras. — Bem-vindo ao lar.

Thrall venceu o espaço entre eles com dois passos enormes e antes que ela pudesse falar outra coisa ele a agarrou nos braços e a apertou forte contra o peito.

Ela sorriu, surpresa e feliz, e seus braços o envolveram. Sua cabeça se aninhou no pescoço de Thrall, encaixando-se perfeitamente. Ele sentia o coração dela batendo colado ao seu peito, rápido, cheio de excitação e prazer.

Por muito, muito tempo ele a manteve assim. Não queria soltá-la nunca mais. Ela também se agarrava a ele e não protestou enquanto o momento durou.

Finalmente ele se afastou um pouco e tomou o rosto dela entre suas grandes mãos verdes.

— Você estava certa — disse ele, sem preâmbulos.

Ela ergueu uma sobrancelha, indicando que ele deveria continuar.

— Eu estava me escondendo atrás do manto de Chefe guerreiro. Eu era um escravo da Horda, preso ao que eu achava ser meu dever. E isso me impedia de olhar melhor para mim mesmo... de ver coisas que eu não gostava. E se eu não fizesse isso, eu não poderia mudá-las. Não poderia melhorar.

Ele se afastou e pegou a mão castanha de Aggra. Ele trançou seus dedos aos dela, presente no momento, vendo como se fosse pela primeira vez as marcas na pele das mãos verde e castanha, sentindo as texturas ásperas roçando. Então ele ergueu a mão dela e a fez tocar em sua testa. Depois abaixou a mão de Aggra e olhou fundo em seus olhos.

— Eu não conseguia apreciar de verdade as coisas, grandes ou pequenas. Como essa mão forte na minha.

Os olhos dela eram brilhantes. Estariam brilhando de lágrimas?

Mas ela sorria abertamente, lembrando-se do momento, assim como ele.

— Agora eu aprecio essas coisas, Aggra. Cada gota de chuva, cada raio do sol, cada fôlego enchendo meus pulmões, cada batida do coração. Existe perigo e dor, mas também existe a alegria constante e serena, se nós nos permitirmos

lembrar e saber que ela existe.

"Eu não sabia quem eu era, ou quem Thrall iria se tornar, depois de abandonar tudo o que construí. Mas agora eu sei. Eu sei quem eu sou. Eu sei o que eu devo fazer. Eu sei... quem eu quero."

O sorriso de Aggra se abriu mais, mas ela continuou em silêncio, escutando.

— E em meu coração eu sei que, quando a hora chegar, eu vou conseguir fazer o que é necessário.

— Me conte — disse ela, baixinho.

E ele o fez, enquanto ficavam ali envolvidos em um abraço. Ele falou dos ancientes, de Desharin. Do assassino que se revelou como um inimigo antigo, muito antigo renovado, e arremessado na linha do tempo certa. Da dor de escolher não interferir com o assassinato dos pais, misturado à alegria de dizer a Durotan que o filho dele viveria.

Ele chorou ao falar sobre isso, relembrando de tudo o que vira, sentira e fizera, e todos os horrores e bondades que cruzaram seu caminho. A mão castanha e forte de Aggra enxugou as lágrimas do rosto esverdeado.

Ele falou de Taretha e Krasus, de Nozdormu, de Alexstrasza e Kalecgos e Ysera e Kirygosa. De suas próprias experiências compreendendo, apreciando, vivendo no presente. Das experiências que ele, um simples orc mortal, tinha vivido, e das lições que ele pudera ensinar a seres tão poderosos quanto os Aspectos Dragônicos.

— Você recebeu uma dádiva — disse Aggra. — Você teve a chance de se ver como é realmente, de aprender com seus erros, de mudar e crescer. Poucos recebem essa dádiva, meu amor.

Ele ainda apertava a mão dela, e a apertou forte.

— Foi você quem me fez superar o momento mais difícil — disse ele. — E me permitiu fazer com que a Mãe da Vida voltasse a si.

Sussurrando suavemente ele disse a Aggra o quanto precisava vê-la, encarar seu rosto. Os olhos dela se encheram de lágrimas enquanto ouvia, e Thrall percebeu que era possível mesmo ver um coração amoroso refletido em um rosto amado.

— E assim eu voltei pra casa — disse ele. — Mais humilde, porém orgulhoso daquilo em que pude participar. Pronto para fazer mais. Para ser melhor, mais altivo, sempre. Para honrar você, meus amigos e meu mundo. Eu estou pronto.

Por um longo momento Aggra não falou. Então, finalmente, com uma voz repleta de emoção e de orgulho e alegria, ela disse:

— Aí está. *Esse* é o meu Go'el.

Os lábios de Thrall se curvaram sobre as presas em um sorriso.

— Go'el — disse ele, e a palavra pareceu estranhamente à vontade em seus lábios — Meu nome de batismo.

Ele a encarou por um instante e começou a falar. Mas foi interrompido por uma voz alegre às suas costas.

— Thrall! Eu acabei de saber. Então você voltou vivo!

Era Rehgar, que ou não notara o momento íntimo que estava interrompendo ou, mais provavelmente, não se importava. Ele correu até Thrall, sorrindo, e bateu no ombro do orc.

— Aposto que você tem muita história pra contar!

Thrall se afastou de Aggra um pouco, voltando-se para encarar o amigo. Ele estendeu o braço e bateu no ombro de Rehgar.

— Rehgar, meu velho amigo... o Thrall que você conheceu não existe mais. Eu sou Go'el, filho de Durotan e Draka. Agora sirvo apenas a mim. — Ele se voltou para Aggra, apertando sua cintura e sorrindo. — E ao meu amor.

Rehgar atirou a cabeça para trás e riu.

— Falou bonito, meu amigo. Falou bonito. Vou deixar você contar aos outros, mas seja rápido. A carne assada está quase no ponto, e estamos famintos. Nós esperaremos, mas não para sempre!

Com uma última piscadela, Rehgar se virou e voltou para o acampamento. Go'el o observou, sorrindo, e então se voltou para Aggra. Ele ficou sério e, tomando as mãos dela nas suas, disse:

— Eu estava falando sério. Eu servirei apenas a mim e ao meu amor... se ela me quiser. Pelo resto das nossas vidas.

Um sorriso se abriu no rosto de Aggra. Ela apertou suas mãos com tanta força que ele quase fez uma careta.

— Eu estava disposta a seguir Thrall até o fim do mundo, este ou qualquer outro — disse ela. — O quanto mais não estaria disposta a unir minha vida à de Go'el?

Ele não conseguia parar de sorrir. Achava que jamais tinha sido tão feliz. Encostou sua testa à dela, grato por finalmente ter aprendido a apreciar cada momento, pois aquele certamente era doce. Finalmente ele se afastou, deixando o momento fluir, e dando boas-vindas ao presente. Pois também o presente era feliz.

— Vamos voltar ao acampamento e contar aos outros. Temos desafios e deveres sombrios pela frente. Triunfaremos sobre alguns, lutaremos contra outros. Mas sempre faremos isso... juntos.

De mãos dadas com sua futura companheira, Go'el retornou para onde estavam os outros membros da Harmonia Telúrica. Haveria risadas e banquetes aquela noite, celebrando seu retorno e seus planos futuros. No dia seguinte recomeçaria o trabalho solene de curar um mundo ferido.

E Go'el estaria pronto.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

WORLD OF WARCRAFT
CREPÚSCULO DOS ASPECTOS

Site da autora
http://www.christiegolden.com/

Twitter da autora
https://twitter.com/christiegolden

Wikipedia da autora
http://en.wikipedia.org/wiki/Christie_Golden

Good reads da autora
http://www.goodreads.com/author/show/7710.Christie_Golden

Sobre o livro
http://livrosemserie.com.br/2014/10/30/conheca-crepusculo-dos-aspectos/

SUMÁRIO

CAPA
OUTRAS OBRAS DA BLIZZARD ENTERTAINMENT
ROSTO
CRÉDITOS
DEDICATÓRIA
A JORNADA DE THRALL
REVOADA DOS ASPECTOS | AZUL
REVOADA DOS ASPECTOS | VERMELHA
REVOADA DOS ASPECTOS | VERDE
REVOADA DOS ASPECTOS | BRONZE
REVOADA DOS ASPECTOS | NEGRA
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13

14
15
16
17
18
19
20
21
22
COLOFON
SAIBA MAIS